

Abgar Renault – Agostinho de Britto – Adolpho Gomes – Afonso d'Escagnolle
Taunay – Afrâncio da Silva Garcia – Afrâncio Peixoto – Aires da Mata Machado Filho –
Alberto Faria – Alcides da Cunha – Almeida Braga – Almirante – Almécia Pereira – Alvacyr Pedrinha –
Álvaro Alfredo Bragança Júnior – Amaro Coelho – Amaro Coêlho da Silva – Antenor de
Veras Nascentes – Antônio de Moraes Silva – Antônio de Pádua da Costa e Cunha –
Antônio Geraldo da Cunha – Antônio Gonçalves Dias – Antônio Houaiss – Antônio
Joaquim de Macedo Soares – Antônio José Chedid – Antônio Martins de Araújo – Antônio
Nunes Malveira – Arthur de Almeida Torres – Augusto Meyer – Aurélio Buarque de
Holanda – Basílio de Magalhães – Batista Caetano de Almeida Nogueira – Beni Carvalho –
Cândido Jucá – Cândido Jucá Filho – Carlos Alberto Sepúlveda Alves – Carlos Alberto
Teixeira Martins Short Nunes – Carlos Eduardo da Rocha Lima – Carlos Eduardo Falcão
Uchoa – Carlos Maximiano Pimenta de Laet – Carlos Porto Carreiro – Carly Silva –
Castelar de Carvalho – Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins – Celso Ferreira da
Cunha – Charles Fredsen – Cilene Cunha Pereira – Claudio Cezar Henriques – Clemílido de
Arruda Filho – Cleonice Berardinelli Seroa da Mota – Clóvis do Rego Monteiro – David
José Perez – Deônisio da Silva – Domicio Proença Filho – Edila Vianna da Silva – Eduardo
Carlos Pereira – Eduardo José Carlos Henrique Pinheiro Domingues – Eduardo Tuffani
Monteiro – Eustáquio da Paixão Filho – Eustáquio da Paixão – Ernesto
Carneiro Ribeiro – Eustáquio Faria – Estevão Cruz – Evânio Cavalcanti Decolata – Fausto
Carlos Barreto – Fernando Osório Rodrigues – Francisco Adolfo de Varnhagen – Francíscico
Agenor Ribeiro da Silva – Francisco M. de Melo – Francisco Sotero dos Reis –
Francisco Venceslau dos Santos – Franco de Sá – Franklin Ramiz Galvão – Gilberto
M. de Melo – Gólio de Oliveira – Henrique de Oliveira – Henrique Henrique de Oliveira
e Oliveira – Henrique José dos Santos – Henrique Ladgen – Heráclito de Alencastre Pereira
da Graça – Hilma Ranrauro – Horácio França Rolim de Freitas – Humberto Galiano de Melo
Nóbrega – Ismael de Lima Coutinho – Jacques Raimundo – Jairo Dias de Carvalho – Jarbas
Cavalcanti de Aragão – Jayr de Vasconcellos Calhau – Jesus Belo Galvão – João Capistrano
de Abreu – João Fernandes Ribeiro – João Guimarães – Joaquim Brás Ribeiro – Joaquim
Luís Mendes de Aguiar – Joaquim Mattoso Câmara Júnior – Jonas de Moraes Correa – José
Albano – José Carlos de Macedo Soares – José Carlos Lisboa – José de Anchieta – José de
Sá Nunes – José Geraldo Paredes – José Júlio da Silva Ramos – José Luís de Campos – José
Mario Botelho – José Pereira da Silva – José Ricardo da Silva Rosa – José Rodrigues Leite
e Oiticica – José Venícius Marinho Frias – José Ventura Bôscoli – José Vieira Couto de
Magalhães – Júlio de Matos Ibiapina – Júlio Nogueira – Júlio Ribeiro – Júntio de Sousa
Brandão – Laudelino de Oliveira Freire – Leodegário Amarante de Azevedo Filho –
Lindolfo Gomes – Luís Felipe Vieira Souto – Luís Martins Monteiro de Barros – Luiz César
Saraiva Feijó – Luiza Leite Bruno Lobo – Manoel Pinto Ribeiro – Manuel Cavalcanti
Proença – Manuel Said Ali Ida – Maria Antonia da Costa Lobo – Maria Emilia Barcelos da
Silva – Marina Machado Rodrigues – Mário Castelo Branco Barreto – Mário Pena da Rocha
– Matilde Matarazzo Gargiulo – Mauro de Salles Villar – Maximiano de Carvalho e Silva –
Maximino de Araújo Maciel – Miguel Daltro Santos – Mirian Therezinha da Matta
Machado – Modesto de Abreu – Nélson Romero – Newton Perissé Duarte – Nilda Santos
Cabral – Olmar Guterres da Silveira – Orlando da Fonseca Pires – Oswaldo Serpa – Otelo
de Sousa Reis – Othon Moacyr Garcia – Pacheco da Silva Júnior – Padberg-Drenkpol –
Paulino de Almeida Brito – Paulo Lantelme – Paulo Silva de Araújo – Pe. Antônio Vieira –
Pe. Augusto Magne – Petrónio Mota – Quintino do Vale – Ragy Basile – Raimundo
Barbadinho Neto – Renato Almeida – Ricardo Stavola Cavaliere – Rodolfo Augusto de
Amorim Garcia – Rosalvo do Vale – Ruy Faria – Mansur Guérios – Rui Barbosa – Rui
da Cruz Almeida – Saul Borges Carrasco – Sérgio da Fonseca Passos – Silviano da
Silveira Ramos Romero – Silviano da Fonseca Passos – Silviano da Fonseca Passos
Solidônio Ático Leite – Teodoro Fernandes da Fonseca Passos – Teresinha Maria da Fonseca Passos
Bittencourt – Vandick Londres da Fonseca Passos – Vitorio Emanuelle Bergo – Walmirio
Eronides Macedo



DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

**José Pereira da Silva
Leodegário A. de Azevedo Filho
(Organizadores)**

**DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA**

[Versão preliminar, sem revisão dos autores]

**Rio de Janeiro
ABRAFIL
2012**

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

SUMÁRIO

1. Apresentação – Leodegário A. de Azevedo Filho
2. Abgar Renault
3. Adauto Fernandes.....
4. Adriano da Gama Kury.....
5. Afonso d’Escagnolle Taunay.....
6. Afrânio da Silva Garcia
7. Afrânio Peixoto
8. Aires da Mata Machado Filho.....
9. Alberto Faria
10. Alcides da Fonseca.....
11. Altamirano Nunes Pereira.....
12. Alvacyr Pedrinha.....
13. Álvaro Alfredo Bragança Júnior
14. Álvaro de Sá.....
15. Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

16. Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado
17. Amós Coêlho da Silva
18. Antenor de Veras Nascentes
19. Antônio de Moraes Silva
20. Antônio de Pádua da Costa e Cunha
21. Antônio Geraldo da Cunha
22. Antônio Gonçalves Dias
23. Antônio Houaiss.....
24. Antônio Joaquim de Macedo Soares
25. Antônio José Chediak.....
26. Antônio Martins de Araújo
27. Antônio Nunes Malveira
28. Arthur de Almeida Torres.....
29. Augusto Meyer.....
30. Aurélio Buarque de Holanda
31. Basílio de Magalhães.....
32. Batista Caetano de Almeida Nogueira.....
33. Beni Carvalho
34. Cândido Jucá

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

35. Cândido Jucá Filho
36. Carlos Alberto Sepúlveda Alves
37. Carlos Alberto Teixeira Martins Short Nunes
38. Carlos Eduardo da Rocha Lima
39. Carlos Eduardo Falcão Uchoa
40. Carlos Maximiano Pimenta de Laet
41. Carlos Porto Carreiro
42. Carly Silva
43. Castelar de Carvalho
44. Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins
45. Celso Ferreira da Cunha
46. Charles Fredsen
47. Cilene Cunha Pereira
48. Claudio Cezar Henriques
49. Clemíldo de Arruda Filho
50. Cleonice Berardinelli Seroa da Mota
51. Clóvis do Rego Monteiro
52. David José Perez
53. Deonísio da Silva

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

54. Domício Proença Filho
55. Edila Vianna da Silva
56. Eduardo Carlos Pereira
57. Eduardo José Carlos Henrique Pinheiro Domingues
58. Eduardo Tuffani Monteiro
59. Emmanuel Pereira Filho
60. Eneida do Rego Monteiro Bomfim
61. Ernesto Carneiro Ribeiro
62. Ernesto Faria
63. Estêvão Cruz
64. Evanildo Cavalcante Bechara
65. Fausto Carlos Barreto
66. Fernando Osório Rodrigues
67. Francisco Adolfo de Varnhagen
68. Francisco Agenor Ribeiro da Silva
69. Francisco Manuel de Melo
70. Francisco Sotero dos Reis
71. Francisco Venceslau dos Santos
72. Franco de Sá

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

73. Franklin Ramiz Galvão
74. Gilberto Mendonça Teles
75. Gladstone Chaves de Melo
76. Hamilton Elia
77. Helênio Fonseca de Oliveira
78. Hemetério José dos Santos
79. Henrique Ladgen
80. Heráclito de Alencastre Pereira da Graça
81. Hilma Ranauro
82. Horácio França Rolim de Freitas
83. Humberto Galiano de Melo Nóbrega
84. Ismael de Lima Coutinho
85. Jacques Raimundo
86. Jairo Dias de Carvalho
87. Jarbas Cavalcanti de Aragão
88. Jayr de Vasconcellos Calhau
89. Jesus Belo Galvão
90. João Capistrano de Abreu
91. João Fernandes Ribeiro

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

92. João Guimarães
93. Joaquim Brás Ribeiro
94. Joaquim Luís Mendes de Aguiar.....
95. Joaquim Mattoso Câmara Júnior.....
96. Jonas de Moraes Correa.....
97. José Albano.....
98. José Carlos de Macedo Soares
99. José Carlos Lisboa.....
100. José de Anchieta.....
101. José de Sá Nunes.....
102. José Geraldo Paredes
103. José Júlio da Silva Ramos.....
104. José Luís de Campos
105. José Mario Botelho.....
106. José Pereira da Silva.....
107. José Ricardo da Silva Rosa
108. José Rodrigues Leite e Oiticica.....
109. José Venicius Marinho Frias.....
110. José Ventura Bôscoli

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

111. José Vieira Couto de Magalhães
112. Júlio de Matos Ibiapina.....
113. Júlio Nogueira
114. Júlio Ribeiro.....
115. Junito de Sousa Brandão.....
116. Laudelino de Oliveira Freire.....
117. Leodegário Amarante de Azevedo Filho
118. Lindolfo Gomes
119. Luís Felipe Vieira Souto
120. Luís Martins Monteiro de Barros
121. Luiz César Saraiva Feijó.....
122. Luiza Leite Bruno Lobo
123. Manoel Pinto Ribeiro
124. Manuel Cavalcanti Proença
125. Manuel Said Ali Ida
126. Maria Antonia da Costa Lobo
127. Maria Emilia Barcelos da Silva.....
128. Marina Machado Rodrigues.....
129. Mário Castelo Branco Barreto

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

130. Mário Pena da Rocha
131. Matilde Matarazzo Gargiulo
132. Mauro de Salles Villar
133. Maximiano de Carvalho e Silva
134. Maximino de Araújo Maciel
135. Miguel Daltro Santos
136. Mirian Therezinha da Matta Machado
137. Modesto de Abreu
138. Nélson Romero
139. Newton Perissé Duarte
140. Nilda Santos Cabral
141. Olmar Guterres da Silveira
142. Orlando da Fonseca Pires
143. Oswaldo Serpa
144. Otelo de Sousa Reis
145. Othon Moacyr Garcia
146. Pacheco da Silva Júnior
147. Padgerg-Drenkpol
148. Paulino de Almeida Brito

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

149. Paulo Lantelme
150. Paulo Silva de Araújo
151. Pe. Antônio Vieira.....
152. Pe. Augusto Magne
153. Petrônio Mota.....
154. Quintino do Vale
155. Ragy Basile
156. Raimundo Barbadinho Neto
157. Renato Almeida.....
158. Ricardo Stavola Cavaliere
159. Rodolfo Augusto de Amorim Garcia
160. Rosalvo do Vale
161. Rosário Farâni Mansur Guérios
162. Rui Barbosa
163. Rui da Cruz Almeida
164. Saul Borges Carneiro.....
165. Serafim da Silva Neto.....
166. Sílvio Edmundo Elia
167. Sílvio Júlio de Albuquerque Lima

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

168. Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero
169. Solidônio Ático Leite
170. Teodoro Fernandes Sampaio
171. Teresinha Maria da Fonseca Passos Bittencourt
172. Vandick Londres da Nóbrega
173. Vittorio Emanuelle Bergo
174. Walmírio Eronides de Macedo

APRESENTAÇÃO¹

Fazia falta, na bibliografia geral de cultura brasileira, um dicionário específico de linguistas e filólogos brasileiros. A Academia Brasileira de Filologia, com o presente volume, procura preencher essa grave lacuna, resumindo aqui verbetes sobre os patronos das suas 40 cadeiras e sobre todos os seus ocupantes, desde a sua fundação ao presente momento. Sem dúvida, trata-se do primeiro grande plano no sentido da elaboração de uma enciclopédia com todos os linguistas e filólogos brasileiros, tenham ou não pertencido, por eleição livre e democrática, à Academia Brasileira de Filologia.

Os verbetes de todos os integrantes de cada cadeira, a partir do patrono, foram elaborados, sem qualquer remuneração, pelos atuais ocupantes. Quando isso não foi possível, por qualquer motivo, a Comissão Editorial assumiu a tarefa. A recomendação dada a todos foi a de elaborar os verbetes de forma objetiva e impressonal, com os dados sobre a vida e sobre a obra de cada um. Naturalmen-

¹ O Prof. Leodegálio me entregou esta *Apresentação*, juntamente com o conjunto dos verbetes até então reunidos, no segundo semestre de 2010, quando já estava doente, pedindo-me que providenciasse a sua publicação.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

te, cada verbete termina com a indicação bibliográfica do autor e sobre o autor.

Em seguida, apresentamos o quadro geral das cadeiras e de seus ocupantes, a partir dos patronos:

CADEIRAS/ PATRONOS	TITULARES
1 – José de Anchieta	+ Pe. Augusto Magne + Humberto Galiano de Melo Nóbrega Maximiano de Carvalho e Silva
2 – Pe. Antônio Vieira	+ Afrânio Peixoto + José Carlos de Macedo Soares + Aires da Mata Machado Filho + Alvacyr Pedrinha Fernando Osório Rodrigues
3 – Antônio de Moraes Silva	+ Antenor de Veras Nascentes + Abgar Renault Cilene Cunha Pereira
4 – Francisco Sotero dos Reis	+ Ernesto Faria + Petrônio Mota + Newton Perissé Duarte Castelar de Carvalho (QE) Eduardo Tuffani Monteiro
5 – Francisco Adolfo de Varnhagen	+ Rodolfo Augusto de Amorim Garcia + Mário Pena da Rocha + Manuel Cavalcanti Proença + Emmanuel Pereira Filho + Rosário Faráni Mansur Guérios + Clemilda de Arruda Filho Antônio Nunes Malveira
6 – Antônio Gonçalves Dias	+ Renato Almeida Rosalvo do Vale
7 – Batista Caetano de Almeida Nogueira	+ Basílio de Magalhães + Vittorio Emanuelle Bergo + Francisco Agenor Ribeiro da Silva Nilda Santos Cabral
8 – José Vieira Couto de Magalhães	+ Charles Fredsen + Adauto Fernandes Claudio Cesar Henriques
9 – Heráclito de Alencastre Pereira	+ Júlio Nogueira Walmírio Eronides de Macedo

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

da Graça	
10 – Francisco Manuel de Melo	+ Eduardo José Carlos Henrique Pinheiro Domingues + Carlos Eduardo da Rocha Lima José Ricardo da Silva Rosa
11 – Antônio Joaquim de Macedo Soares	+ Jonas de Moraes Correa Marina Machado Rodrigues
12 – Ernesto Carneiro Ribeiro	+ João Guimarães + Hamilton Elia Carlos Eduardo Falcão Uchoa
13 – Franco de Sá	+ Joaquim Mattoso Câmara Júnior + Antônio de Pádua da Costa e Cunha + Álvaro de Sá Carlos Alberto Sepúlveda Alves
14 – Afonso d’Escagnolle Tau-nay	+ Beni Carvalho + Antônio Houaiss Mauro de Salles Villar
15 – Júlio Ribeiro	+ Ismael de Lima Coutinho + Matilde Matarazzo Gargiulo + Raimundo Barbadiño Neto José Mario Botelho
16 – Pacheco da Silva Júnior	+ Serafim da Silva Neto Evanildo Cavalcante Bechara
17 – Franklin Ramiz Galvão	+ Padgberg-Drenkpol + Gladstone Chaves de Melo Teresinha Maria da Fonseca Passos Bittencourt
18 – Carlos Maximiano Pimenta de Laet	+ Ragy Basile + Orlando da Fonseca Pires Manoel Pinto Ribeiro
19 – Rui Barbosa	+ José de Sá Nunes + Luís Felipe Vieira Souto Paulo Silva de Araújo (QE) Afrânio da Silva Garcia
20 – Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero	+ Nélson Romero Adriano da Gama Kury
21 – José Júlio da Silva Ramos	+ Álvaro Ferdinando Sousa da Silveira + Othon Moacyr Garcia Francisco Venceslau dos Santos
22 – João Capistrano de Abreu	+ Manuel Said Ali Ida + Jesus Belo Galvão + José Venicius Marinho Frias Luiza Leite Bruno Lobo
23 – Fausto Carlos Barreto	+ Miguel Daltro Santos

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

	+Antônio José Chediak Ceila Maria Ferreira Batista Rodrigues Martins
24 – Teodoro Fernandes Sampaio	+ Otelo de Sousa Reis + Vandick Londres da Nóbrega Horácio França Rolim de Freitas
25 – Hemetério José dos Santos	+ Modesto de Abreu + Carlos Alberto Teixeira Martins Short Nunes José Pereira da Silva
26 – Maximino de Araújo Maciel	+ Jarbas Cavalcanti de Aragão Eneida do Rego Monteiro Bomfim (QE) Mirian Therezinha da Matta Machado
27 – Paulino de Almeida Brito	+ José Rodrigues Leite e Oiticica + Rui da Cruz Almeida + Aurélio Buarque de Holanda Antônio Martins de Araújo
28 – José Ventura Bôscoli	+ David José Perez + José Carlos Lisboa Luiz César Saraiva Feijó
29 – João Fernandes Ribeiro	+ Quintino do Vale + Junito de Sousa Brandão Ricardo Stavola Cavaliere
30 – Cândido Jucá	+ Cândido Jucá Filho + Jayr de Vasconcellos Calhau Maria Antonia da Costa Lobo
31 – Carlos Porto Carreiro	+ Oswaldo Serpa Carly Silva (QE) Álvaro Alfredo Bragança Júnior
32 – Solidônio Ático Leite	+ Saul Borges Carneiro + Celso Ferreira da Cunha Cleonice Berardinelli Seroa da Mota (QE) Luís Martins Monteiro de Barros
33 – Eduardo Carlos Pereira	+ José Luís de Campos + Lindolfo Gomes + Joaquim Brás Ribeiro +Leodegário Amarante de Azevedo Filho Deonísio da Silva
34 – Alberto Faria	+ Sílvio Edmundo Elia Hilma Ranauro
35 – Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado	+ Clóvis do Rego Monteiro + Olmar Guterres da Silveira Amós Coêlho da Silva

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

36 – Laudelino de Oliveira Freire	+ Arthur de Almeida Torres + Antônio Geraldo da Cunha Maria Emilia Barcelos da Silva
37 – Joaquim Luís Mendes de Aguiar	+ Alcides da Fonseca Gilberto Mendonça Teles (QE) Edila Vianna da Silva
38 – Mário Castelo Branco Barreto	+ Jacques Raimundo + Augusto Meyer + Jairo Dias de Carvalho Helênio Fonseca de Oliveira
39 – José Albano	+ Júlio de Matos Ibiapina + Henrique Ladgen + Sílvio Júlio de Albuquerque Lima + Paulo Lantelme José Geraldo Paredes
40 – Estêvão Cruz	+ Altamirano Nunes Pereira Domício Proença Filho

Na certeza de que a obra mostrará relevante serviço à cultura filológica e linguística no Brasil, fornecendo aos que a consultem, brasileiros ou estrangeiros, dados precisos sobre a vida e sobre a obra de cada filólogo ou de cada linguista brasileiro conforme o interesse do consulente, desde logo nos predisponemos a preencher, em futura edição, as lacunas aqui existentes, agradecendo muito as contribuições de nossos leitores para a complementação de qualquer verbete.

Leodegário A. de Azevedo Filho
Rio de Janeiro, setembro de 2010

ABGAR DE CASTRO ARAÚJO RENAULT²

Abgar Renault nasceu em Barbacena, Minas Gerais, a 15 de abril de 1901, e morreu em Belo Horizonte, a 31 de dezembro de 1995. Cursou o primário e o secundário no tradicional Colégio Arnaldo, de Belo Horizonte.

Formado pela Faculdade de Direito de Minas Gerais, 1924, foi o orador da turma que contava apenas 15 bacharelados. Dentre seus colegas, destacaram-se no panorama cultural e político do país Francisco Negrão de Lima, Mário Casassanta, Gabriel Passos e Gustavo Capanema.

Sobre o estudante Abgar Renault, depõe seu colega, Mário Casassanta:

Lia muito com admirável curiosidade e, se não lia tudo, é porque desde cedo soube selecionar os seus modelos e guias, com singular discernimento. Amava seus autores, degustando-os com o vagar dos entendidos. Já na Faculdade estudava não menos o inglês que veio a constituir, dentro em pouco, uma paixão. Meteu-se fundo na gramática e dicionário, estudou os mestres da literatura inglesa, rabiscou à margem das obras com infinitas apostilas. Conseguiu reunir uma opu-

² Verbete redigido por *Cilene da Cunha Pereira*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

lenta biblioteca de filologia inglesa, que resolve e esquadrinha, com a paciência de um beneditino.

Considerado um homem voltado por inteiro ao cultivo da nossa língua, austero, probo, discreto, esguio; severo com os outros e consigo próprio; uma de suas características era a exigência no bom uso do vernáculo.

Educador, pedagogo, servidor público, político e jurista, ocupou relevantes cargos na administração escolar e no magistério, tanto em Minas Gerais quanto no plano federal, chegando, por duas vezes, a Secretário Estadual de Educação e Ministro da Educação e Saúde, além de membro do Conselho Federal de Educação, do Conselho Federal de Cultura e da Academia Brasileira de Letras.

Esse devotado educador, empenhado em reformas, criou, em Minas, o Serviço de Orientação e Seleção Profissional (SOSP), a Campanha de Reparos e Restauração dos Prédios Escolares (Carpes) e promoveu convênios de que resultou o Programa de Assistência Brasileiro-Americanoo Ensino Elementar (Pabae) e apoio aos programas de educação rural.

Abgar Renault teve também intensa participação internacional nos programas de educação, como delegado em várias Assembleias Gerais da UNESCO, eleito várias vezes membro da Comissão de Redação Final dos Documentos dessas reuniões. Representou o Brasil em numerosas conferências sobre educação, promovi-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

das pela UNESCO, em Londres, Paris, Santiago do Chile, Teerã, Belgrado e Genebra.

Profundo conhecedor do inglês, traduziu deste para o português alguns dos mais belos poemas, vertendo para o inglês castiço alguns poetas brasileiros. Dominava igualmente o francês e o alemão. A esse propósito, comenta Carlos Drummond de Andrade: “Rigorosamente Abgar não traduziu os poemas; fê-los de novo”. Merecem referência as seguintes traduções: *Poemas Ingleses de Guerra* (1942), *A Lua Crescente*, de Tagore (1942), *Colheita de Frutos*, de Tagore (1945), *Pássaros Perdidos*, de Tagore (1947), *O Boi e o Jumento no Presépio*, de Jules Supervielle (1964).

Foi da geração modernista mineira da década de 20, a qual não adotou o radicalismo de seus fundadores paulistas. Companheiro dileto de Drummond, Emílio Moura, João Alphonsus, Aníbal Machado, Cyro dos Anjos, Pedro Nava e muitos outros, que desde cedo alcançaram notoriedade nacional. Esse grupo de poetas que nascia costumava reunir-se àquela época, no Café Estrela, situado na Rua da Bahia, em Belo Horizonte, onde, segundo testemunho do próprio Abgar:

nos encontrávamos todas as noites e ficávamos entregues aos chopes, cafés e versos até alta madrugada, quando voltávamos para casa, a pé; havia poucos táxis, nem eles eram necessários, pois naqueles dias longínquos tudo era perto e ninguém corria o risco de ser assaltado e trucidado.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Seus primeiros versos se afeiçoam mais ao gosto parnasiiano. Reagiu, com moderação, ao movimento modernista que irrompia.

Como poeta, buscou a inspiração no interior da alma, relegando a um segundo plano a paisagem de que se serve apenas como elemento de fundo ou contraste.

A poesia revela seus sentimentos mais profundos, seus medos e ansiedades, seus desejos, suas paixões, suas buscas ardentes, suas alegrias e esperanças, as fontes da vida presente e as de certa eternidade.

Solange Ribeiro de Oliveira, sua melhor crítica, aponta como denominador comum da poesia renaultiana as ideias de ausência, perda, desintegração, desprendimento, morte, privação, carência e, ainda, a fugacidade e o fragmentário do tempo, o doloroso sentimento de perda e morte.

No sentir de Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault foi um pessimista.

Sua bibliografia se constitui de textos produzidos pela exigência das suas funções públicas e de textos poéticos que atingem níveis imprevistos de musicalidade. Merecem referência: *Missão da Universidade* (1952), *História e Psicologia da Língua Inglesa*, *A Palavra e a Ação* (1952), *A Crise no Ensino Secundário. Aspectos da Crise Geral no Brasil* (1953), *A Lápide Sobre a Lua* (poe-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

mas) (1968). Em 1990, é publicada a *Obra Poética*, reunindo seus trabalhos mais significativos.

Pode-se afirmar que Abgar Renault foi reconhecido não pela extensão da sua obra, mas por sua alta qualidade.

Veja mais informações sobre [Abgar Renault na Internet](#).

ADAUTO DE ALENCAR FERNANDES

(* 22/08/1899 – † ?/?/199?)

Nascido na cidade de Floriano Peixoto, no Acre, Adauto Fernandes cedo se mudou para o Ceará, onde cursou as humanidades no Liceu do Ceará e se diplomou pela Faculdade de Direito do Ceará.

Foi um incansável pesquisador do linguajar dos índios brasileiros, tendo publicado trabalhos referenciais na área da investigação das línguas indígenas, entre os quais *O Índio do Brasil* (1922) e *Gramática Tupi* (1924) e *Muirakitã* (s.d.). Seu artigo “Elementos da Fonologia Tupi” foi publicado no número 1 (março de 1955) da *Revista Filológica*. São também de sua autoria: *Terra Verde* (1925), *O Amazonas* (1927), *A Melancolia na Poesia Brasileira* (1930) e os romances *Iara* (1928), *Demônio* (1929) e *Arapixi* (1963). Publicou mais de duas dezenas de obras na área jurídica, entre as quais se destacam os seis volumes de *Das Obrigações no Direito Brasileiro* e os quatro volumes de *Direito Comercial Brasileiro*. A data e o local de seu falecimento não foram localizados. Romancista, indianista, ensaísta, teatrólogo, jornalista e advogado, Adauto Fernandes mudou-se para o Rio de Janeiro na metade do

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

século XX e foi professor catedrático da Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, onde exerceu o magistério até se aposentar. Lecionou também na Universidade de Valença (RJ). Foi membro da Academia Cearense de Letras, da Academia Fluminense de Letras e da Sociedade de Geografia do Brasil.

Veja mais sobre [Adauto de Alencar Fernandes na Internet](#).

ADRIANO DA GAMA KURY

Nascido em Sena Madureira, no Acre, em 25 de abril de 1924, foi chefe do Setor de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa desde agosto de 1976, professor de filologia romântica na Universidade Santa Úrsula desde setembro de 1976, foi membro do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro até a sua extinção e é membro da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Brasileira da Língua Portuguesa.

Foi professor de língua portuguesa na Universidade de Brasília, de 1964 e 1970 e na Universidade Federal Fluminense, de 1972 a 1976.

Licenciado em Letras Neolatinas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia, em 1953, fez aperfeiçoamento em linguística com o Prof. Matoso Câmara Jr. (1954) e livre-docência em língua portuguesa pela Universidade Federal Fluminense, em 1974.

Foi também assessor pedagógico da TVE (hoje TV Brasil), responsável pela parte de língua portuguesa das novelas educativas *João da Silva* e *A Conquista* (1973-77).

Livros publicados:

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Pequena Gramática para a Explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira (1^a ed. 1959; teve 12 edições).

Português Básico (Gramática, antologia, exercícios). 16^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1961. (A 1^a ed. é de 1960 e tem edição de 2008 pela Lexikon).

Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa. FTD, 2008.

Lições de Análise Sintática, 6^a ed., SP, LISA, 1972. (1^a ed.: 1961; há edição de 2000 pela Ática).

Manual Prático de Ortografia, Rio, Livr. Agir Ed., 1968.

Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, 2^a ed., SP, ed. Lisa, 1991.

Meu Livro de Português (4 vols.), SP, Ed. Lisa, 1991. (A 1^a ed. é de 1971).

Curso Supletivo “João da Silva”, (5 vols.), Rio, MEC, 1974.

Gramática Objetiva (em colaboração), (2 vols.), 6^a ed., SP, Ed. Atlas, 1986.

Ortografia, Pontuação, Crase, 3^a ed., Rio, FAE-MEC, 1990.

Novas Lições de Análise Sintática, 9^a ed., SP, Ed. Ática, 2000.

Para Falar e Escrever Melhor o Português, 3^a ed., Rio, Nova Fronteira, 1991. Há edição de 2008 pela Lexikon.

Veja mais sobre Adriano da Gama Kury na Internet.

AFRÂNIO PEIXOTO

(* 14/12/1876, Lençóis, BA; † 12/01/1947, Rio de Janeiro.)

Filho de Francisco Afrânio Peixoto e Virgínia de Moraes Peixoto, Júlio Afrânio Peixoto formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1897, como aluno laureado, com a tese inaugural *Eplepsia e Crime*. Em 1902 veio para o Rio de Janeiro, onde foi inspetor de saúde pública e diretor do Hospital Nacional de Alienados. Em 1907, submeteu-se a concurso público e foi nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Em 1910 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira nº 7, na sucessão de Euclides da Cunha. Em suas muitas atividades de mérito, foi diretor da Escola Normal do Rio de Janeiro (1915), diretor da Instrução Pública do Distrito Federal (1916), Deputado Federal pela Bahia (1924-1930), professor de História da Educação do Instituto de Educação do Rio de Janeiro (1932) e reitor da Universidade do Distrito Federal (1935).

Sua estreia na literatura se deu em 1900, com a publicação de *Rosa Mística*, série de poemas em prosa, à maneira simbolista. Em 1911 publicou o romance *A Esfinge*, obra que o consagrou

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

como escritor. Publicou ainda vários outros romances, poesia, inúmeras obras e artigos científicos sobre medicina legal, higiene, história e educação, e obras de crítica literária. Nesta última especialidade, revelou-se, sobretudo, como grande conhecedor da obra de Luís de Camões. Dotado de personalidade fascinante e animadora, além de ser um primoroso conferencista, Afrânio Peixoto conquistava pessoas e auditório pela palavra inteligente e encantadora, tendo gozado de prestígio popular incomum.

BIBLIOGRAFIA

Poemas: *Rosa Mística*, Leipzig, 1900; *Trovas Brasileiras*, Rio de Janeiro, 1919.

Romances: *A Esfinge*, Rio de Janeiro, 1911; *Maria Bonita*, Rio de Janeiro, 1914; *Fruta do Mato*, Rio de Janeiro, 1920; *Bugrinha*, Rio de Janeiro, 1922; *As Razões do Coração*, Rio de Janeiro, 1925; *Uma Mulher como as Outras*, Rio de Janeiro, 1928; *Sinhazinha*, Rio de Janeiro, 1929.

Crítica e História Literária: *Poeira de Estrada*, Rio de Janeiro, 1918; *Dicionário de “os Lusíadas*, Rio de Janeiro”, 1924; *Ensaios Camonianos*, Coimbra, 1932; *Noções de História da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro 1931; *Panorama da Literatura Brasileira*, São Paulo, 1940.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Biografias: *José Bonifácio, o velho e o moço*, Rio de Janeiro, 1920. *Castro Alves, o poeta e o poema*, Rio de Janeiro, 1922.

Medicina: *Elementos de Medicina Legal*, Rio de Janeiro, 1910; *Elementos de Higiene*, Rio de Janeiro, 1913.

História: *Minha Terra e Minha Gente*, Rio de Janeiro, 1915.

Obras Completas, Rio de Janeiro, 1942;

Obras literárias, 25 vols., Rio de Janeiro, Editora Jackson, 1944;

Romances Completos, Rio de Janeiro, 1962.

REFERÊNCIAS:

Leonídio Ribeiro: *Afrânio Peixoto*, Rio de Janeiro, 1950; Lúcia Miguel Pereira: *Prosa de Ficção* (de 1870 a 1920), Rio de Janeiro, 1950; Liberato Bittencourt: *Afrânio Peixoto*, Rio de Janeiro, 1938, e *Afrânio Peixoto: Homenagem à sua Memória*, separata do volume 110, de “O Instituto”, Coimbra, 1948.

Veja mais sobre [Afrânio Peixoto na Internet](#).

AIRES DA MATA MACHADO FILHO

(* 24/02/1909, Diamantina, MG; † 23/08/1985, Belo Horizonte)

Filho de Augusto Aires da Matta Machado e Maria Flora de Godoy da Matta Machado, Aires da Mata Machado Filho fez seus estudos primários com a professora Eponina da Mata Machado, que escrevia em letras graúdas para minorar o problema de visão de seu aluno. Os estudos secundários de humanidades, fê-los no Instituto Benjamim Constant, no Rio de Janeiro, onde se diplomou em 1927. Com o título de Doutor em Letras e Bibliografia Filológica e Literária, lecionou Filologia Romântica na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, da qual se tornou Professor Emérito, em 1979. Lecionou também língua portuguesa na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Católica de Minas Gerais e língua portuguesa e linguística na Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, da qual foi também diretor.

Na administração pública de Minas Gerais, exerceu os cargos de chefe de Redação no Conselho Administrativo do Estado, chefe de Gabinete na Secretaria de Interior e Justiça, colaborador do Centro de Pesquisas Educacionais, chefe do Serviço de Oriente-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tação Técnica do Ensino da Língua Portuguesa, assessor da Secretaria de Educação, membro do Conselho Estadual de Cultura e membro do Conselho Universitário da Universidade Federal de Minas Gerais.

Exerceu a profissão de jornalista desde 1928, tendo trabalhado para os jornais *Diário da Manhã* e *Minas Gerais*, onde se aposentou como editor. Colaborou ainda com artigos e reportagens em vários outros jornais e periódicos de Minas, do Rio e de São Paulo, entre eles a *Revista de Estudos Brasileiros*, o *Diário de Notícias*, o *Jornal do Comércio*, o *Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*. Em 1933, passou a publicar no jornal *Estado de Minas* a coluna de jornalismo gramatical denominada *Escrever Certo*, com a qual procurava tirar as dúvidas dos consulentes sobre o uso exemplar da língua. Excelente editorialista, desenvolveu esta atividade no jornal *Estado de Minas* até o seu falecimento. Como homem de cultura, foi membro da Academia Brasileira de Filologia, da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Carioca de Letras, da Sociedade Brasileira de Folclore e da Academia Mineira de Letras. Em 1981, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra, constituída de textos jornalísticos e textos sobre literatura, linguística, história e educação de cegos, além de traduções de várias obras estrangeiras para o português. Faleceu tragicamen-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

te num acidente automobilístico, quando se dirigia de sua propriedade rural para Belo Horizonte.

BIBLIOGRAFIA

Educação dos Cegos no Brasil. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1931;

Escrever Certo, 1^a série. Belo Horizonte: Os Amigos do Livro, 1935;

Ortografia Oficial. Belo Horizonte: Mensagem, 1938;

O Negro e o Garimpo em Minas Gerais. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943;

Arraial do Tijuco, Cidade de Diamantina. Rio de Janeiro: Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1945;

Em Busca do Termo Próprio. Rio de Janeiro: Agir, 1947;

História de Castro Alves. Belo Horizonte: Edições Rocha, 1947;

Tiradentes, Herói Humano. Belo Horizonte: Edições Siderosiana, 1948;

Curso de Folclore. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1951;

A Correção na Frase. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1951;

Crítica de Estilos. Rio de Janeiro: Agir, 1956;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Falar, Ler e Escrever. Rio de Janeiro: INL/MEC, 1956;

O Fazendeiro Formado. Rio de Janeiro: CNEA/MEC, 1957;

Camões Épico. Rio de Janeiro: Agir, 1957;

Pequena História da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: CNEA/MEC, 1961;

Português fora das Gramáticas. Belo Horizonte: Edições Sideriana, 1964;

Aventuras de um Caçador de Palavras. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965;

Dicionário Didático e Popular da Língua Portuguesa. São Paulo: Brasiliense, 1968;

Coleção Escrever Certo. São Paulo: Boa Leitura, 1966;

Dicionário Ilustrado Urupês. São Paulo: Urupês-Edinal, 1969;

Grande Coleção da Língua Portuguesa. São Paulo: Urupês-Edinal, 1969;

Estudos de Literatura. São Paulo: Umpês-Edinal, 1969;

Nova Ortografia. Belo Horizonte: Vega, 1972;

Camões Lírico. Rio de Janeiro: Agir, 1976;

Linguística e Humanismo. Petrópolis: Vozes, 1974;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O Enigma do Aleijadinho e outros Estudos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975;

Novíssimo Dicionário Ilustrado Urupês. São Paulo: Age, 1976;

A Palavra É de Ouro. Belo Horizonte: Vega, 1979;

O Caso de Helena Keller. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

REFERÊNCIAS

Reinaldo Carleial: *Aires da Mata Machado Filho, Apóstolo do Idioma Nacional.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 1986;

Exercício de Jornalismo. Revista publicada pela FUMARC/UCMG, Belo Horizonte, 1983;

Memória do Jornalismo Mineiro. Revista publicada pela UCMG, Belo Horizonte, s/d;

Virgílio Almeida: *Nossa Gente, Genealogia Mineira, Brasileira e de seus Antepassados,* site na Internet: <http://fisurflub.eom.br/genealoalaf>, com seis páginas sobre A. da M. Machado Filho; C. E. Almeida & A. H. da Cunha Bueno;

Dicionário das Famílias Brasileiras. Editora Ibero América, vol. II, 2000;

Jornal Estado de Minas. Belo Horizonte, edições de 24, 25, 27, 28, 29 e 30 de agosto de 1985.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Veja mais sobre Aires da Mata Machado Filho na Internet.

AIRES DA MATA MACHADO FILHO³

Aires da Mata Machado Filho nasceu em Diamantina, Minas Gerais, no dia 24 de fevereiro de 1909. Filólogo, crítico literário, biógrafo, historiador, folclorista, tradutor, jornalista e professor de língua portuguesa. Foi membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, cadeira nº 02, da Academia Mineira de Letras, Academia Municipal de Letras de Minas Gerais, Instituto Histórico de Minas Gerais, Academia Carioca de Letras, entre outras entidades culturais. Intelectual de intensa produção, em várias áreas de conhecimento linguístico, recebeu vários prêmios, entre os quais mencionamos: Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras (1943); Prêmio Cidade de Belo Horizonte (1956 e 1974); e Prêmio Machado de Assis pelo conjunto de obras (1981), da Academia Brasileira de Letras.

A sua bibliografia é intensa e variada, mencionando-se aqui alguns títulos: *Educação dos cegos no Brasil* (1931); *Escrever certo* (1935); *Escrever certo – 2ª série* (1938); *Problemas de Lin-*

³ Verbete preparado por Leodegário A. de Azevedo Filho.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

gua (1941); *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (1943); *Arraial do Tijuco, cidade Diamantina* (1945); *Araxá* (com Sebastião de Affonseca e Silva, 1946); *Em busca do termo próprio* (1947); *Tiradentes, Herói Humano* (1948); *Curso de Folclore* (1951); *A correção da frase* (1953); *Português e Literatura* (1950); *Crítica de estilos* (1956); *Falar, ler e escrever* (1956); *O fazendeiro formado* (1957); *Camões, Os Lusiadas*, da coleção Honos Clássicos da Agir (1957); *Ideias e poesia* (1960); *Pequena história da língua portuguesa* (1961); *Dicionário didático e popular da língua portuguesa* (1965); *Mário de Andrade, folclorista* (1965); *Estudos de literatura* (1969); *Recepção de João Etiene Filho* (1970); *Camões lírico* (1974); *O enigma do Aleijadinho e outros estudos mineiros* (1975); *Função da literatura infantil* (1980); *O caso de Helena Keller* (1980); *Luís de Camões, lírica* (1981); e *Inquietação e Rebeldia* (1983). Colaborou em vários jornais, sobretudo com artigos sobre língua portuguesa, reunindo um conjunto deles no livro *Português fora das gramáticas*, publicado em 1964. Traduziu vários autores para o português, entre os quais mencionamos: Claparède, Eugene Lyons, A. H. Whitehead, Fr. W. Frester e Frederick Bodmer. Faleceu em agosto de 1985.

ALBERTO FARIA⁴

Alberto Faria (pseudônimos: Adélio, Adelino, Marcos Tuim), filho de José Lopes Faria e de Leocádia Lopes Faria, nasceu no Rio de Janeiro (19/10/1869). Viveu em Campinas (SP), só retornando ao Rio de Janeiro pouco antes de sua morte (08/09/1925).

Ainda estudante, redigiu pequenos jornais: *O Arauto*, aos 12 anos, e *A Alvorada*, que fundou, aos 14 anos, em São Carlos (SP). Escreveu na *Gazeta de Campinas* e no *Correio de Campinas* (coluna “Moscas no Teto”), do qual veio a tornar-se Diretor. Sob o pseudônimo *Adélio* (COSTA, 1935) ou *Adelino* (MENEZES, 1978), manteve no jornal *Cidade de Campinas*, uma seção intitulada “Ferros Velhos”. Fundou (1894) *O Dia*. Lançou (1897) *Cidade de Campinas*, que dirigiu até 1904. Colaborou na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, de grande importância à época, da qual chegou a ser redator. Em concurso para o Ginásio de Campinas (1901), classificou-se em 1º lugar.

⁴ Verbete preparado por *Hilma Ranauro*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Colaborou em jornais e revistas do Rio de Janeiro e São Paulo: *Estado de São Paulo*, *Jornal do Comércio*, *Revista do Brasil*, *Almanaque Garnier*, *Revista de Língua Portuguesa* e *Revista Americana*, dentre outros.

Filólogo, folclorista, jornalista, tradutor, professor, historiador e crítico, era membro da Academia Brasileira de Letras.

Merecem destaque seus trabalhos em literatura comparada. Foi dos mais respeitados em questões de linguística e de folclore. “Poesia Popular Brasileira” (*Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*, nº 23/24, fasc. 3-4, 1910) é considerada, por Câmara Cascudo, “uma das mais interessantes exposições do tema, com os cotejos e informações preciosas”.

Era um crítico severo e temido. Foi um exegeta, na crítica de obras, na análise de temas e formas, no estabelecimento de textos, fontes, influências, autoria e datas. Juntamente com João Ribeiro, Lindolfo Gomes e Afonso Pena Júnior, foi, segundo Afrânio Coutinho (*Encyclopédia da Literatura Brasileira*), “o crítico e historiador de cunho erudito que mais se destacou no lançar mão dos processos de investigação e análise (*scholarship*) aplicados à lit.(sic) na decifração de problemas intrincados de autoria ou datação de obras”.

Sua monografia sobre os criptônimos das *Cartas Chilenas*, que vieram a constituir o primeiro capítulo de *Acendalhas*, é con-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

siderado o mais completo sobre o assunto. É patrono da cadeira 34 da Academia Brasileira de Filologia.

BIBLIOGRAFIA

Cartas Chilenas, 1913;

Árcades sem arcádia, 1918;

Páginas analíticas 1918;

Aérides (literatura e folclore), 1918;

Recepção do Sr. Alberto Faria na Academia Brasileira, 1919;

Acendalhas (literatura e folclore), 1920.

Trabalhos publicados na *Revista da Academia Brasileira*: “Discurso de recepção”, nº 18 e 19; “Discurso de saudação a Gustavo Barros”, nº 25 e 26; “Parecer”, nº 29; “Nariz e narizes”, nº 39; “Fagundes Varela”, nº 41; “Os signos”, nº 44; “Luís Gama”, nº 67; “Coisas do arco da velha”, nº 68; “Discurso de recepção”, nº 85; “Andorinha”, nº 57; “O galo através dos séculos”, nº 140; “Brasileirismos”, nº 141.

Publicações no *Almanaque Garnier*: “Jogos infantis”, “Cucularia”, “O poeta dos beijos”, 1909, “Modelo Pagão”, 1910, “Camoneana”, 1912, “Versos brasileiros”, 1914;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Publicações no *Almanaque Alves* (1917): “Poesia popular”, “Perder as estribeiras”, “De onde vem o pescar”; na *Revista Brasil*: “Magia simpática”, nº 31, “Poema da Cava”, nº 32, “Patriarca do adesismo”, nº 43;

Na *Revista de Língua Portuguesa*: “Discurso de recepção”, nº 1, set./1919;

Na *Revista do Arquivo Público Mineiro*: “Uma lira de Gonzaga”;

Na *Revista Americana*: “Um soneto de Raimundo Correia”, nº 1, “Romance medieval”, nº 4, “Soneto”, nº 5 e 6, “Tradução de um soneto”, nº 8, “A incasta Dido”, nº 10;

Na *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*: “Crítica ligeira”, nº 21, “Poesia popular no Brasil”, nº. 23 e 24, “Documento precioso”, nº 31, “Arcades” sem “Arcádias”, nº 34, “Páginas Analíticas, nº 35 e 36, “Brasileirismos”, nº 38, “Lendas campineiras” -I – O macaco branco, nº 39 (30/06/1915), p. 27-29; “L’homme du sonnet”, nº 40, “Amor descoberto”, nº 42, “Os sinos”, nº 43, “Imprensa de Campinas”, nº 44. Às suas obras como filólogo acrescenta Othom Costa “Restituição de um verso”.

FONTES:

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 5^a ed., rev. e aum. São Paulo, Melhoramentos, 1979, p. 25-26;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

COSTA, Othom. *Alberto Faria*, Separata das *Publicações da Academia Carioca de Letras*, nº 2, Rio de Janeiro, J.R. de Oliveira & C., 1935, p. 1-20;

COUTINHO, Afrânio; GALANTE, J. de Sousa. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, FAE, 1989, vol. 1, p. 577;

FARIA, Alberto. Discurso de Recepção do Sr. Alberto Faria, 6/08/1919. *Revista da Academia Brasileira*, nº 25 (exemplar da Biblioteca Nacional – cópia eletrostática).

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 255-256.

RANAURO, Hilma. Discurso de Posse na Academia Brasileira de Filologia, 1/10/1999, p. 1-3. (inédito).

Catálogo dos Periódicos da Coleção Plínio Doyle, por Beatriz de Salles Coelho *et alli*, apresentação de Homero Senna. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Ministério da Cultura; Arquivo; Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998, p. 220.

Veja mais sobre [Alberto Faria na Internet](#).

ALVACYR PEDRINHA

Alvacyr (Delvo) Pedrinha, (*09/09/1919, Ibiraçu, ES; † 09/11/1998, Rio de Janeiro.), filho de Joaquim Pedrinha e Noêmia Martins Pedrinha, Alvacyr Pedrinha, cujo prenome na intimidade da família era Delvo, fez seus estudos primários em sua terra natal.

Tendo perdido o pai aos quatro anos de idade, sua família passou a residir com os avós maternos. Em 1931 veio com a família para o Rio de Janeiro e dois anos mais tarde ingressou no Colégio Pedro II, onde fez o curso ginásial e o secundário. Licenciou-se em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia, em 1946, e bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito, em 1951, ambas da Universidade do Brasil.

No magistério do ensino fundamental e médio, lecionou no Colégio Pedro II, em escolas públicas do antigo Distrito Federal, depois Estado da Guanabara, no Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia e na MABE. No magistério superior, lecionou na Universidade do Estado da Guanabara, na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal Fluminense. Nesta última obteve o título de livre docente em Língua Portuguesa.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

guesa, com a tese *Estudo de Variantes em Poemas de Murilo Mendes – Tentativa de Explicação Semântica e Estilística* (Niterói, 1975). Na docência, buscou sempre a excelência do trabalho, desenvolvendo suas aulas com método e objetividade e passando as informações com segurança e simplicidade. Revelou-se um incansável estudioso de textos, na perspectiva da análise semântico-estilística, enriquecendo as atividades filológicas no Brasil com trabalhos de incontestável valor acadêmico.

BIBLIOGRAFIA

- Murilo Mendes e Poesia. Jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 1945;
- Um gramático de Vanguarda. *Revista Contacto* nº 13, Fundação Cesgranrio, 03/1977;
- O mar de Casimiro de Abreu*, 1979;
- Casimiro de Abreu e a Barra de São João*, 1980;
- A letra do Hino Nacional Brasileiro, *Studia*, Revista do Colégio Pedro II, Ano XI, nº 11, 12/1981;
- Os Barões da Candeia, de Ana Elisa Gregori*: um Romance Questionador. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985;
- Conexão lusofônica Angola-Brasil*, Rio de Janeiro, 1995.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

REFERÊNCIAS

Maximiano de Carvalho e Silva: *Da Atualidade de um Discurso*, Boletim da ASPI/UFF, ano V, nº 5, 07/1997;

Homenagem a Pedrinha – Nossa Amigo Alvacyr, Boletim ASPI/UFF, ano VI, nº 10, 12/1998;

Rosalvo do Vale: Discurso em Homenagem Póstuma ao Acadêmico Alvacyr Pedrinha na ABRAFIL, Rio de Janeiro, 03/1999;

Fernando Ozório Rodrigues: Discurso na Sessão de Posse na Cadeira nº 2 da ABRAFIL, Niterói, 10/ 1999.

Veja mais sobre [Alvacyr Pedrinha na Internet](#).

ÁLVARO ALFREDO BRAGANÇA JÚNIOR

O professor e acadêmico Álvaro Alfredo Bragança Júnior, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 01 de dezembro de 1964. Aos dezessete anos ingressou no curso de letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e concluiu em 1986 o bacharelado e a licenciatura em letras (português-alemão). Logo em seguida, por cultuar a língua de Roma, bacharelou-se e completou a licenciatura em letras (português-latim) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Desde a graduação, o labor linguístico chamava sua atenção, razão pela qual ingressou no mestrado em linguística e filologia românica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 1992 com o tema *A morfologia Sufixal Indígena e a Formação de Topônimos no Estado do Rio de Janeiro*. Em seguida candidatou-se ao doutorado em letras clássicas pela mesma Universidade e doutorou-se com a tese *A Fraseologia Medieval Latina como Reflexo de uma Sociedade*. Em nível de pós-doutoramento estagiou na Ruhr-Universität em Bochum, Alemanha, entre 2001 e 2002, na área de História Medieval. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor permanente do

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Programa de Pós-Graduação em História Comparada do IFCS – PPGHC -, UFRJ, nos cursos de mestrado e doutorado, membro da Comissão Acadêmica do PPGHC, membro da Academia Brasileira de Filologia e membro-fundador do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Tem experiência na área de letras, com ênfase em literatura medieval alemã, e em história medieval, atuando principalmente nos seguintes temas: história comparada, literatura alemã medieval, baixa idade média alemã, baixa idade média, literatura medieval inglesa e paremiologia latina medieval.

Foi durante muitos anos membro da direção do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e da Associação de Professores de Alemão do Rio de Janeiro, APA-RIO, Brasil.

Como docente, exerceu o magistério público de língua portuguesa entre 1987/1989 junto à Secretaria de Estado de Educação e em 1989 tornou-se professor de língua alemã na Academia Militar das Agulhas Negras, Resende.

Ao longo de sua curta trajetória acadêmica, o acadêmico já aquinhooou prêmios e títulos em sua carreira universitária, tendo sido seis vezes paraninfo de formaturas do Curso de Português-Alemão pela UFRJ e agraciado com bolsas de estudo do Governo da Áustria, além de possuir a dignidade acadêmica *Magna cum laude* pelo término dos bacharelados de português-alemão e português-latim pela UFRJ. Foi agraciado com duas bolsas de estudo

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

para a Alemanha no ano de 1990, uma proveniente do Instituto Cultural Brasil-Alemanha/Goethe Institut e a outra de Especialização para jovens germanistas, DAAD, na Albert-Ludwigs-Universität em Freiburg.

Sua produção bibliográfica é expressiva. No tocante aos seus artigos completos publicados em periódicos, que somam em 2009 mais de 25 (vinte e cinco), podemos mencionar como os mais importantes:

Reflexões sobre a utilização de animais em provérbios na latinidade medieval. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, v. IV, p. 19-30, 2007;

A paremiologia medieval latina e o mundo clássico: um estudo de caso. *Phoénix*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 17-32, 2005;

Literatura e história enquanto discursos sobre o real no baixo medieval germanófono: algumas palavras. *Forum Deutsch Revista Brasileira de Estudos Germânicos*, Rio de Janeiro, v. VIII, p. 116-140, 2005;

Deutschsprachige Literatur im Mittelalter – eine Universitätserfahrung. *Projekt Revista dos Professores de Alemão no Brasil*, Curitiba, v. 33, p. 18-26, 2004;

O bobo e o pícaro na literatura alemã dos séculos XV e XVI – (des)caminhos de uma sociedade. *Cadernos de Letras*, Rio de Janeiro, v. 11, p. 108-114, 1995.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

É também autor de duas obras voltadas para o ensino de língua alemã em organizações militares:

SEBOLD, W. & BRAGANÇA JR., Álvaro A. *Telensino. Alemão.* Intermediário I, vol. 1. Rio de Janeiro: Ministério do Exército / DEP / DEE / Centro de Estudos de Pessoal, 1992, 336 p.

SEBOLD, W. & BRAGANÇA JR., Álvaro A. *Telensino. Alemão.* Intermediário I, vol. 2. Rio de Janeiro: Ministério do Exército / DEP / DEE / Centro de Estudos de Pessoal, 1992, 194 p.

A produção multifacetada do Acadêmico pode ser aquilatada através de numerosos capítulos de livros publicados, que perpassam as mais variadas áreas do conhecimento. Segue-se uma pequena amostra:

JOTHA, C. & BRAGANÇA JR., Álvaro A. Os deuses entre os homens: aspectos do paganismo germânico na literatura medieval em alemão. In: Maria Regina Cândido. (Org.). *Mitologia germano-escandinava – do Chaos ao Apocalipse.* Rio de Janeiro: NEA/UERJ, 2008, v. 1, p. 41-54;

Educação e cultura através dos provérbios na Idade Média latina. In: Terezinha Oliveira; Angelita Marques Visalli. (Org.). *Cultura e educação – ética e ação política na Antiguidade e Idade Média.* Vitória da Conquista: Edições Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2007, v. 1, p. 75-90;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Literatura e História na Idade Média em alemão – inflexões e reflexões. In: Izabela Maria Furtado Kestler; Sílvia Boger de Melo; Roberto Ferreira da Rocha. (Org.). *Cânone e Dissidências*. Rio de Janeiro: Serviço de Publicações-Faculdade de Letras-Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007, v. 1, p. 282-294;

A palavra literária como fonte histórica - as Spruchdichtungen de Walther von der Vogelweide como microrretrato social do século XIII: uma proposta de análise. In: João Lúpi; Arno Dal Rí Júnior. (Org.). *Humanismo medieval – caminhos e descaminhos*. Ijuí: Editora Unijuí, 2005, v. 1, p. 43-54;

Medievalidade: ponte da Filologia para a Pós-Modernidade. In: José Pereira da Silva. (Org.). *Livro da VII SENFIL*. Rio de Janeiro: Reprografia do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2004, v. 1, p. 67-82;

A morte clássica e os provérbios medievais em latim: um pequeno estudo. In: Rodolfo P. Buzón; Pablo A. Cavallero; Albo Romano; María Eugenia Steinberg. (Org.). *Los estudios clásicos ante el cambio de milenio*. Buenos Aires: Impresiones Dunken, 2003, v. I, p. 135-142;

Iniciação à Filologia Germânica: breve história comparada do inglês e do alemão. In: José Pereira da Silva. (Org.). *Minicursos - Livro-Texto*. Rio de Janeiro: CiFEfIL, 2002, v. 2, p. 07-35.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Significativa também é a participação do Acadêmico em eventos científicos, dos quais resultaram algumas contribuições de peso para a Filologia, Crítica Textual e Medievística Germanística:

Filologia e Medievística germânicas - considerações metodológicas e copráticas. In: *Anais da I Semana de Filologia na USP*. São Paulo: Serviço de Divulgação e Informação, FFLCH, 2007. v. 1. p. 11-27.

Sucintos comentários histórico-literários acerca das fórmulas mágicas e orações em antigo-alto-alemão. In: *Anais do VI Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Londrina: ABREM/UEL/UEM, 2007. v. II. p. 75-85;

O estudo da literatura medieval no Brasil à luz da Medievística Germanística – algumas palavras. In: *V Encontro Internacional de Estudos Medievais - Anais*. Salvador: Quarteto, 2005. v. 1. p. 258-268;

Geschichte und Literatur als Diskurspraxis des Reals - Walther von der Vogelweide und das Heilige Römische Reich im XII. und XIII. Jahrhundert: ein kulturwissenschaftlicher Ansatz. In: *V Brasiliander Deutschlehrerkongress - II Deutschlehrerkongress des Mercosul - Tagungsband-Anais*. São Leopoldo: Gráfica UNISINOS, 2004. v. 1. p. 402-414;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Sprachstufen des Deutschen und deutschsprachige Literatur - Beispiele mittelhochdeutscher Texte und ihr Einsatz im Literaturunterricht. In: *IV Congresso Argentino de Professores de Alemão*, 2002, Buenos Aires, em CD-Rom;

Deutschsprachige Literatur des Mittelalters. Beispiel einer methodischen Perspektive zur Behandlung von älteren Texten im Literaturunterricht. In: *Akten des X. Internationalen Germanistenkongresses Wien 2000*. Bern: Peter Lang Verlag, 2002. v. 5. p. 203-212;

A Prosopopeia – estudos de Crítica Textual. In: *III Seminário da Pós-Graduação em Letras da UFRJ*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras / Serviço de Fotocópias, 1988. v. 1. p. 89-96.

Álvaro Bragaña possui 16 (dezesseis) traduções publicadas, de obras e manuscritos em alemão para o português, com textos dos séculos XVII a XX e 11 (onze) resenhas críticas de obras em alemão. O referido acadêmico apresentou até a presente data mais de cento e quarenta trabalhos de variada ordem como conferências, palestras e simpósios em instituições de ensino brasileiras e estrangeiras. Ministra regularmente cursos de extensão sobre cultura, língua e literatura latinas na Antiguidade e na Idade Média, mundo germânico da Antiguidade e da Idade Média e Filologia Germânica. É consultor técnico na área de cavalaria medieval para publicações infanto-juvenis e membro de diversas Comissões Editoriais, Comissões Científicas e similares.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Foi membro de Bancas Examinadoras de Língua Instrumental – Alemão, na UFRJ e atuou como membro da banca do concurso público para seleção de estagiários intérpretes para a ECO92 - exame de língua latina.

Participou o docente de inúmeras bancas examinadoras de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, dentre as quais salientam-se as de:

Sílvia Barreiros dos Reis. Amor cortês e amor na corte – análise comparativa da Corte Japonesa (Era Heian, 794+-1192) e da Corte Portuguesa (1139-1325) através do discurso lírico das cantigas de amor, cantigas de amigo e waka. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio Janeiro;

Carlos Manoel de Hollanda Cavalcanti. Entre luzes e trevas: o Príncipe Valente e as representações políticas e civilizacionais nos quadrinhos (1936-1946). 2007. Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Diogo dos Santos Silva. Rex quondam, rexque futurus: sobre a essência divina dos heróis. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras (Ciência da Literatura)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Ana Cristina Silva dos Reis. As estratégias empregadas pelos aprendizes-leitores de uma turma de Alemão Instrumental. 2007. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Ivanise de Souza Santos. Membro da Banca de Mestrado em Literatura Portuguesa. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro;

Ana Gabriela Antunes Ribeiro. O mito dos gigantes na Escandinávia, da Idade Média às narrativas populares do século XIX. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;

Valéria Sabrina Pereira. Die kuneinne rîch - o mundo feminino em *A Canção dos Nibelungos* e *A Saga dos Völsung*. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)) - Universidade de São Paulo;

Daniele Gallindo Gonçalves e Souza. Wîp unde man ze rehte prueven - a construção do feminino e do masculino em *Parzival* de Wolfram von Eschenbach: Gahmuret e suas esposas . 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Claudia Regina Bovo. Filiação, vassalagem e matrimônio no *Tristan* de Béroul (séc. XII). 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;

Thaís Lima Benedetti. O reinado de Aethelred II (978-1016) e os seres monstruosos em *Beowulf*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Christiane Baima Tolomei Montenegro. Construindo horizontes - o ciclo da Bildung no *Wilhelm Meister* de Goethe. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras (Ciência da Literatura)) - Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Carlos Alberto Della Paschoa. Introdução à obra visionária *Scivias* de Hildegard von Bingen - aspectos gerais. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras (Língua e Literatura Alemã)) - Universidade de São Paulo;

Jandyra Gonçalves Figueiredo. A cristianização da "fides" romana no Sermão XII de São Cesário de Arles: do crer ao fazer latino-português. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal Fluminense;

Josenir Alcântara de Oliveira. Membro de Banca de Doutorado na área de Filologia e Língua Portuguesa na USP do trabalho intitulado A produtividade fonético-semântica e cultural da raiz indo-europeia *pel-, 'dobrar'. 2002. Tese (Doutorado em Letras (Letras Clássicas)) - Universidade de São Paulo;

Maria do Carmo Fleury Malheiros. Membro da Banca de Doutorado na área de Língua e Literatura Alemã intitulada O político e o teológico em Grimmelshausen. 2002. Tese (Doutorado em Letras (Língua e Literatura Alemã)) - Universidade de São Paulo.

Por trabalhar em áreas interdisciplinares é docente cadastrado para orientar monografias de final de curso do Curso de Gradu-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ação em História - IFCS – UFRJ, Parecerista *ad hoc* da Fundação de Amparo à Pesquisa do estado do Rio de Janeiro – 2008 e Avaliador do Sistema Nacional de Avaliação dos Cursos de Graduação em Letras.

O referido acadêmico orientou 10 (dez) monografias de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização do Curso de Especialização em Literatura Infantil da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pertencendo à jovem geração de acadêmicos, Álvaro Alfredo Bragança Júnior afigura-se como um digno continuador dos seleitos nomes daqueles que demonstram e demonstraram prazer e competência no trabalho linguístico-filológico com a língua.

Outros detalhes, veja seu currículo na Plataforma Lattes, página <http://lattes.cnpq.br/4860346626134975> ou procure Álvaro Alfredo Bragança Júnior na Internet.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ALVARO DE SÁ⁵

*31/10/1935 – †14/09/2001

Carioca, seu último endereço residencial foi: Rua Pacheco Leão, No. 536 - C/ 131. Bairro: Jardim Botânico - Rio de Janeiro. Telefone e Fax: (021) 294-9427 / Fax (021) 239-5080

1. Formação escolar

Engenheiro Químico, pela Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil (atual UFRJ), Rio de Janeiro - 1954/1958.

2. Resumo das atividades como poeta, crítico e pesquisador

2.1. Participação no movimento do Poema/Processo

⁵ A base dessas informações foi fornecida pelo próprio Álvaro de Sá e podem ser complementadas com outras informações disponibilizadas na [Wikipédia](#), na site de [Antônio Miranda](#), [Orfeu Spam Apostila](#) e [Tributo a Álvaro de Sá e/ou Foi Preciso Espantar pela Radicalidade](#), de Antônio Sérgio Mendonça. Foram feitas algumas adaptações ou atualizações pelo editor.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Foi um dos fundadores do movimento do Poema-Processo, no ano de 1967, sendo coautor do texto do manifesto. De 1967 até o encerramento do movimento em 1972, trabalhou ativamente: na sua divulgação; na edição, produção e distribuição das publicações; na realização de exposições de poemas; e no contato com poetas nacionais e internacionais de vanguarda.

2.2. Livros e plaquetas

Investidura, edição do autor, poesias, 1960. Cópia “termofax” (plaqueta).

Terra Deserta, edição do autor, poesias, 1962. Cópia em “termofax” (plaqueta).

Diversos existenciais, edição do autor, poesias, 1963. Cópia “termofax” (plaqueta).

Antobruc, edição do autor, poemas verbais-visuais, 1963. Cópia “termofax” (plaqueta). Menção Honrosa no concurso do Instituto Nacional do Mate (Comissão Julgadora composta por: Manuel Bandeira, Fausto Cunha, Carlos Drummond de Andrade e Antonio Olinto).

Alfabetos, parcialmente inédito, poemas visuais, 1964/65. O capítulo *Alfabismo* foi publicado na revista *PONTO 1*, órgão do movimento do Poema-Processo, off-set, 1967.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

12 x 9, edição do autor, poemas em linguagem de história em quadrinhos, 1963. Impressão tipográfica.

Reflexões de Graúna e Orellana, inédito, poemas verbais e visuais, 1977.

Aventuras semióticas, inédito, poemas verbais e visuais, 1977.

Vanguarda: Produto de comunicação, Petrópolis, Vozes, 1977.

Livro de ensaios sobre a vanguarda e seus movimentos.

Metacrítica de Augusto de Campos, Rio, Edição dos Autores (co-autor, juntamente com Neide Dias de Sá), 1979.

Comício, inédito, poemas verbais e visuais, 1979.

Letras de Cantigas, inédito, poemas verbais e visuais, 1979.

Sonoremas e anagramas, inédito, poemas verbais e visuais, 1979.

Cantigas de Paixão, edição do autor, plaqueta, poemas, 1980. Edição xerográfica.

Dois berros (não de meu conhecido Oduvaldo Viana Filho), inédito, poemas, 1980.

Cantigas de dor, inédito, poemas, 1981.

Poesias tituladas, inédito, poemas, 1982.

Poesia de Vanguarda no Brasil, Rio de Janeiro, Antares, 1983. (coautoria com Antônio Sérgio Lima Mendonça). Ensaios e críticas de poemas visuais.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Saber e melancolia, Porto Alegre, Edições CEL, 1989 (coautoria com Antônio Sérgio Lima Mendonça). Ensaios sobre a Escola de Frankfurt.

Poemics, edição do autor, poemas em linguagem de história em quadrinhos, 1991.

Alquimia do desejo, inédito, poema, 1968 / 1998.

A pressão do signo, inédito, poemas verbais e visuais, 1983/1998.

2.3. Publicações esparsas

Tem publicado poemas, ensaios e críticas em diversas revistas e jornais especializados, nacionais e internacionais, desde 1967 até a presente data.

2.4. Referências

PINO, Wlademir Dias. *Processo. Linguagem e comunicação*, Pe- trópolis, Vozes, 1971 (2^a ed. 1973).

AZEVEDO F°, Leodegálio A. de. *Poetas do modernismo*. Rio de Janeiro: INL / Brasília: ME, 1975, Vol. VI.

OLAC (Oficina Literária Afrânio Coutinho). *Encyclopédia de Li- teratura Brasileira*. Rio de Janeiro: ME / FAE, 1990.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

2.5. Participação em exposições

1ª Exposição Nacional do Poema-Processo. Rio de Janeiro: Escola de Desenho Industrial, 1967.

Poemas Comestíveis, criando uma codificação da linguagem verbal para o paladar. Foi publicada uma folha volante com a proposta do poema comestível apresentado na Exposição.

Guilhotina, poema de participação para ser “grafitado” pelo público.

Tempo, ampulheta cujo fluxo de areia, marcador do tempo, pode ser interrompido pelo público criando uma dialética da duração.

Lixo, poema consistindo de um dispositivo para oferecer poesias ao público e outro dispositivo para recolher o poema, como lixo, logo após a leitura.

Exposición Internacional de Poesia de Vanguardia, Instituto Torquato di Tella, Buenos Aires, 1969.

Chaos, poema de participação do público.

Viet-Play, jogo político com dados.

Ruído, poema de participação do público.

XIX Bienal de São Paulo, 1978.

Poemas em linguagem de história-em-quadrinhos.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Pelo movimento do Poema-Processo participou das diversas exposições nacionais e internacionais deste em universidades, galerias e espaços públicos com poemas diversos.

Participou em diversas exposições nacionais e internacionais de Poesia Visual.

2.6. Poemas-Processos em filmes

POÉTICA DO ALFABETO, com Anselmo Santos, 3 min. (1968)

ROFIL, com Neide Dias de Sá, 4 min. (1972)

AMA-3-LUZ com Neide Dias de Sá, 5 min. (1972)

LUZIR-LUZIR com Neide Dias de Sá, 8 min. (1972)

VERMELUZ com Neide Dias de Sé, 16 min. (1972)

2.7. Pesquisas e Trabalhos de Crítica Textual

Desde 1989 está engajado como pesquisador no grupo que estuda as líricas camoniana e quinhentista, sob a orientação do Prof. Leodegário A. de Azevedo Filho. Como decorrência desta atividade elaborou os seguintes trabalhos:

Limites Quantitativos do Cânone Lírico de Camões. In: *Estudos Universitários de Língua Portuguesa. Homenagem ao Prof. Dr.*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993, p. 61 a 84.

As três dimensões do *corpus lírico* de Camões. In: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1997, p. 72 a 79.

Sobre a constituição do *Corpus Possibile na lírica de Camões*. (com a colaboração da Prof.^a Cláudia Amorim), In: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1997, p. 93 a 103.

Acerca do texto reconstituído da Ode IX de Camões. *Confluência*. Rio de Janeiro, Liceu Literário Português. N° 13. 1º semestre 1997.

Apresentação. In: AZEVEDO Filho, Leodegário A. *Lírica de Camões. Elegias em Tercetos*. Vol. 4. Tomo I. Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1998, pp. 11 a 21.

Os anagramas na Poesia de Camões. In: *Atas do I Congresso Internacional de Estudos Camonianos*, Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, no prelo.

2.8. Condecorações

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Agraciado em 1996 com a medalha Oscar Nobling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, pelas pesquisas realizadas sobre a lírica de Camões e por seu percurso poético.

2.9. Colaborações em jornais e revistas

Coeditor da Revista *PONTO*, em 1967 e 1968, órgão de divulgação do movimento do Poema-Processo.

Colaborador, com diversos poemas, das revistas e “envelopes” do movimento do Poema-Processo e de algumas das revistas de vanguarda que existiram na década de 60 e 70.

Secretário da Revista *VOZES*, em 1970/71, contribuindo para transformá-la em um órgão cultural livre e de crítica. A partir daí, e por toda a década de 70, a Revista Vozes viria a ser a tribuna para uma parte da “intelligentzia” defender pontos de vista culturais e controversos.

Membro do Conselho Editorial da Revista Petro & Gás desde a sua fundação (1981 a 1995).

Articulista semanal de *O Estado de São Paulo* de 1989 a 1991 para assuntos políticos e conjunturais.

Colaborador do *Jornal da Tarde*, na seção “Arte pela Arte” (desde 1999).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

**2.10. Participações em Associações, Entidades e Ór-
gãos**

MEMBRO da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura desde 1988.

MEMBRO FUNDADOR do CEL - Centro de Estudos Lacanianos (RGS) – 1989.

MEMBRO da UBE — União Brasileira de Escritores (desde 1975).

MEMBRO da “The New York Academy of Sciences” – a partir de 1994.

MEMBRO CONSELHEIRO do Conselho Universitário da UFRJ - 1985/1989.

2.11. Atividade didática

PROFESSOR CONVIDADO, juntamente com Wlademir Dias Pino para ministrar o curso sobre POESIA CONCRETA no Centro Brasileiro de Estudos Internacionais (entidade patrocinada pela embaixada Italiana), Ipanema, por dois anos consecutivos, 1967 e 1968.

PROFESSOR CONVIDADO, Colégio Freudiano do Rio de Janeiro — RJ. “Fundamentos termodinâmicos no pensamento da psicanálise (Freud e Lacan)” - 1987/1988 (4 semestres).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

PROFESSOR CONFERENCISTA. Curso livre: *Formação do pensamento moderno, as fronteiras atuais do conhecimento e as condicionantes para o futuro do conhecimento* — 1993 (3 meses).

PROFERIU diversas palestras e conferências relativas a: poesia em geral; poesia concreta; vanguarda; poema-processo, poesia modernista, e lírica de Camões. Sobre esses assuntos participou também de debates e de mesas redondas, em várias universidades e associações.

3. Resumo da atividade profissional de engenheiro

- 3.1.** Apresentou diversos trabalhos em Congressos, Simpósios e Seminários principalmente relativos aos setores de química, de petróleo e de álcool. Estas participações tiveram como objeto as atividades de tecnologia, engenharia e garantia de qualidade aplicadas a cada uma das indústrias.
- 3.2.** Participou da direção de diversas entidades de classe como Dirigente ou Conselheiro.
- 3.3.** Nas atividades didáticas ligadas à área técnica, de 1960 a 1975, iniciou como PROF. AUXILIAR DE ENSINO chegando, por concurso de títulos, a PROFESSOR TITULAR de Eng. Química, incluída nesta a disciplina de Termodinâmica. Exerceu esta função de 1970 a 75 na

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto de Tecnologia – Itaguaí (RJ), quando ocupou o cargo de CHEFE DO DEPARTAMENTO de Tecnologia (1973/1974) na mesma universidade. Foi ainda professor convidado *ad hoc* da Fundação Getúlio Vargas e do Núcleo de Treinamento Tecnológico da Escola de Engenharia da UFRJ.

- 3.4.** Foi engenheiro de projetos e calculista de equipamentos e instalações químicas e industriais, de petróleo e de saneamento. Coordenou e administrou importantes trabalhos técnicos e grandes obras nestes setores, tendo nos últimos anos, até 1994, ocupado a Direção de diversas empresas industriais e de engenharia.

4. Conhecimento de idiomas estrangeiros

Expressa-se nos idiomas inglês e espanhol, e lê francês.

Veja mais sobre Álvaro de Sá na Internet.

AMADEU AMARAL⁶

Amadeu Ataliba Arruda Amaral Leite Penteado pertence a um período em que os estudos filológicos e linguísticos apresentam características científicas que recusam abordagens acomodadas em dogmatismo gramatical e vernaculismo; ao contrário, retiram de suas pesquisas fatos gramaticais dos textos de bons autores, de modo imparcial. Patrono da cadeira trinta e cinco, consagrou-se pela edição em 1920 do seu trabalho filológico *O Dialeto Caipira*. A sua obra foi inventariada sob a direção do Professor Paulo Duarte em 1) Volumes publicados: *I – Tradições Populares* e *II – O Dialeto Caipira* 2) Em preparo: *III – Poesias Completas*, *IV - Política Humana*, *V – Letras Floridas*, *VI – Bilac*, *VII – Arredores da Crítica*, *VIII – Memorial*, *IX – Elogio da Mediocridade*, *X – Crônicas e Estudos* e *IX – Correspondência*. Na orelha da edição *O Dialeto Caipira* de 1955, Editora Anhembi, São Paulo, o Diretor Paulo Duarte lamenta a perda de grande parte da sua publicação, porque foi *esquecida num fundo de garage*, daí terminou deteriorada pela umidade e devorada por insetos. No prefácio, de-

⁶ Verbete organizado por Amós Coêlho da Silva

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

monstra as condições difíceis de trabalho científico do filólogo e pesquisador, numa época em que ainda vigia uma ideologia nacionalista exacerbada em paralelo com pleno conhecimento no Brasil do método histórico-comparativo, pretendendo, equivocadamente, desvincular do latim a origem do português falado no Brasil e proclamar a existência de uma língua brasileira.

Contando apenas com seu talento e sensibilidade auditiva, pois não havia no seu tempo recursos de serviços técnicos de laboratório de fonética, Amadeu Amaral deixa claro, em seus estudos dialetológicos, que o termo evolução, proveniente do século XIX e aplicado às mudanças da linguagem, não deve ser adotado com o mesmo significado das ciências naturais, como se a língua fosse um organismo vivo. Compreendeu, portanto, que devia abolir o equívoco da noção de crescimento ou progresso na evolução da linguagem e, em seu lugar, a adoção de um conjunto de mudanças como processo de história interna da linguagem. Preocupou-se em nos legar uma pesquisa linguística de um *corpus*, cujos falantes, sujeitos à influência migratória e à diluição devido à expansão da comunicação social, não tinham nenhuma garantia de longevidade. Daí, a necessidade de se estudar a sua contribuição aos brasileirismos, sob a ótica da fonologia, morfologia, sintaxe e lexicologia, em *O Dialeto Caipira*.

O seu sucessor, professor Clóvis do Rego Monteiro, tem o seu reconhecimento numa sala da Universidade do Estado do Rio

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de Janeiro, denominada *Centro Filológico Clóvis Monteiro*, uma homenagem do professor Leodegário Amarante de Azevedo Filho, onde estudantes universitários se reúnem para ler e investigar. Também o professor Olmar Guterres da Silveira, que ocupou o lugar do Professor Clóvis Monteiro, encontrou *amicus verus, rara avis, um amigo verdadeiro é como rara ave*, pois o Professor Doutor Horácio Rolim de Freitas foi o organizador de sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina. Rendo meu preito à Doutora Renée Amaral da Silveira.

E eu, que tenho me dedicado com esforço ao ensino e à pesquisa das línguas portuguesa e latina, privilegiando o estudo de textos e sua base linguística, sinto-me amparado por tudo quanto representa a nossa Academia, uma trincheira que suplanta as difíceis condições impostas pela sociedade, que nem sempre reconhece a seriedade da necessidade da Educação. Espero cumprir essa promessa.

Veja mais sobre [Amadeu Amaral na Internet](#).

AMÓS COÊLHO DA SILVA

(*22/12/43-)

Amós Coêlho da Silva tomou posse da cadeira 35 da Academia Brasileira de Filologia, cujo patrono é Amadeu Amaral, aos 12 de abril de 2000. A culminação deste evento é resultante de sua dedicação a pesquisas e atuações na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como professor adjunto na área de letras clássicas e na Sociedade Universitária Gama Filho, como professor titular, lecionando latim, literatura greco-romana e expressão oral e escrita. É conhecida a sua preocupação com o destino dos estudos das línguas clássicas, sobretudo o latim, envidando esforços para que o Curso de Especialização em Língua Latina se imponha em excelência acadêmica no cenário nacional. Com várias gestões de Chefia de Departamento de Letras Clássicas e Orientais, apoiado por colegas pesquisadores, foi criada a publicação do periódico *Principia*, com temas de estudos filológicos, como *Lucrecio: Materialismo ou Desolação?; A Importância dos Estudos Linguísticos na Antiguidade e Narrationes Itineris*, dentre outros artigos. São inúmeras as suas participações com trabalhos em con-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

gressos e eventos intelectuais, nacionais e estrangeiros. O seu livro *Origem do Português – Tradição Grega*, prefaciado pelo saudoso Prof. Dr. Olmar Guterres da Silveira em 1998, contendo rubricas que atendem a reais necessidades de quantos se interessem pela herança greco-romana, se desdobrou, em 2002, em *Origem do Português, Tradição Latina*, além da obra *Português em Estilo Brasileiro*, onde examina longamente Castro Alves, Aloísio Azevedo e Machado de Assis, em suas respectivas obras: *O Navio Negreiro – Tragédia no Mar e Vozes d’África; O Cortiço; O Alienista*, além de alguns pontos gramaticais, com os seus colegas de departamento, no ano de 2005. Publicou um dicionário de latim, intitulado *Dicionário Latino-Português*, em parceria com Airto Ceolin Montagner, prefaciado pelo Professor Evanildo Bechara.

Conheça melhor Amós Coêlho da Silva, acessando o seu currículo na Plataforma Lattes ou busque Amós Coêlho da Silva na Internet.

ANTENOR NASCENTES⁷

(*19/06/1886 – †06/09/1972)

Antenor de Veras Nascentes é um dos intelectuais, na sua área, mais admirados do Brasil no século XX. Homem de origem humilde, faz parte de um grupo excepcional de mulatos como Aleijadinho, José Maurício, Machado de Assis e Mário de Andrade, a confirmarem a tese de Gilberto Freire sobre o luso-tropicalismo brasileiro.

Filólogo e linguista, que escreveu obras de repercussão internacional, profundo conhecedor da língua portuguesa, poliglota, músico, mestre de várias gerações, nasceu em 17 de junho de 1886, no Rio de Janeiro, e morreu a 6 de setembro de 1972 nesta cidade. Aí iniciou Nascentes sua trajetória nunca fácil, mas sempre brilhante, investindo, qual novo Quixote, contra os disfarçados preconceitos, armado de uma ânsia de saber e vontade inquebrantável de superar obstáculos que a vida colocou em seu caminho.

⁷ Verbete redigido por *Cilene da Cunha Pereira*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Bacharelou-se em ciências e letras, 1902, pelo Colégio Pedro II, o maior centro de humanidades do Brasil, antes da criação das faculdades de letras, concluindo o curso com honras, o que lhe valeu o Prêmio Benjamim Constant e o retrato no Panteon dos alunos notáveis do Colégio, sendo colega de turma de Manuel Bandeira e Sousa da Silveira. Em 1908, graduou-se em direito na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

Conquistou por concurso público, em 1919, a cátedra de espanhol do Colégio Pedro II, com a tese *Um Ensaio de Fonética Diferencial Luso-Castelhana*; dos elementos gregos que se encontram no espanhol. Em 1927, transferiu-se para a cadeira de português do mesmo colégio, na qual se aposentou em 1945.

Lecionou filologia românica na antiga Universidade do Distrito Federal, foi professor da Faculdade de Filosofia do Estado da Guanabara e também da Faculdade de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro e pertenceu aos quadros da Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, nos primeiros anos que seguiram à sua instalação.

A solidez da formação científica de Antenor Nascentes é comprovada pelo primeiro lugar que, invariavelmente, obteve desde os tempos de aluno do Colégio Pedro II, nos concursos aos quais se submeteu e na obra de natureza didática e filológica que deixou; resultado de suas pesquisas do idioma, que vão das suas origens a manifestações regionais.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Do ponto de vista dialetológico, sua primeira obra foi o *Linguajar Carioca*, 1922, publicado quando da comemoração do centenário da nossa Independência e dedicado ao fundador da dialetologia brasileira, Amadeu Amaral.

Carioca, filho de pais cariocas e consciente da tipicidade linguística do espaço em que nascera, resolveu o mestre elegê-lo para objeto de estudo, contrariando um dos princípios da dialetologia, qual seja, a não adequação do usuário de um falar como seu informante e analista.

Não obstante os inegáveis avanços dos estudos dialetológicos brasileiros mais recentes, apoiados em minuciosas pesquisas de campo, as conclusões de Nascentes pouco ou quase nada têm sido alteradas, o que comprova a profundidade do seu saber e a aguda percepção dos fatos da língua oral. Passados mais de 80 anos, *O Linguajar Carioca* continua a ser uma referência obrigatória na área da dialetologia brasileira.

No Congresso de Língua Nacional Cantada, organizado por Mário de Andrade em 1937, Nascentes desempenhou papel significativo no estabelecimento e na fundamentação das normas de pronúncia aprovadas.

A sua preocupação com a língua falada levou-o a publicar, em 1953, *A Gíria Brasileira*, que abrange, como ele próprio afirma no prefácio, tanto a terminologia dos marginais, como a de cer-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

tos grupos de atividades lícitas que chegaram a criar uma linguagem própria. O maior mérito dessa obra reside em haver congregado elementos dispersos e de difícil acesso, pondo-os à disposição dos estudiosos das linguagens especiais.

As suas ideias sobre os estudos dialetológicos o levaram ao campo da geografia linguística. Pela Casa de Rui Barbosa editou, em dois volumes, as *Bases para a Elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958 e 1962), obra por que se orientou Nelson Rossi para fixar o número de localidades que seriam objeto de estudo no *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, publicado em 1963. Esse trabalho de Nascentes também foi ponto de partida para a realização de *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, organizado por José Ribeiro, Mário Roberto Zágari, José Passini e Antônio Pereira Gaio, professores da Universidade Federal de Juiz de Fora, e cujo primeiro volume foi editado pela Casa de Rui Barbosa em 1977.

Projetou-se, também, Antenor Nascentes, na área da didática do ensino da língua portuguesa, inovando e orientando várias gerações de estudantes que tiveram, nas múltiplas edições de *O Idioma Nacional* (1926-1937), quatro volumes, uma fonte de consulta segura e eficaz, e cujo título reflete o nacionalismo da época.

O pioneirismo e a erudição de Nascentes revelaram-se mais uma vez ao publicar por conta própria o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (1932), fruto de vinte anos de laboriosa

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

pesquisa e cujo valor foi avalizado pelo prefácio do eminente linguista alemão W. Meyer-Lübke, no primeiro volume. Em 1952, edita o segundo, dedicado exclusivamente à etimologia dos nomes próprios, prefaciado por Serafim da Silva Neto. Em 1966, sai a lume o *Dicionário Etimológico Resumido*, com prefácio de Celso Cunha.

Ainda no âmbito lexicográfico, merecem referência o *Dicionário de Sinônimos* (1957), o *Dicionário da Língua Portuguesa* (Academia Brasileira de Letras, 1961-1967, 4 v.) e o ensaio *A Gíria Brasileira* (1953). Portanto, foi ao léxico da língua portuguesa, no seu aspecto formal, semântico e histórico, que Nascentes se entregou com mais afinco.

Estendeu ainda suas preocupações aos campos da ortografia, da sintaxe, da fraseologia. Preparou uma edição escolar de *Os Lusíadas* (1930), para ser utilizada no estudo da análise sintática; e, para o Instituto Nacional do Livro, elaborou uma edição anotada das *Poesias Completas*, de Laurindo Rabelo (1963), e outra da *Música do Parnaso*, de Manoel Botelho de Oliveira (1953). Pela sua excepcional contribuição aos estudos da língua portuguesa, coube-lhe a presidência da comissão que elaborou a Nomenclatura Gramatical Brasileira.

Antenor Nascentes soube conjugar com mestria e erudição três faces da sua personalidade: o cientista da língua, o professor e o homem.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Foi amigo dos maiores filólogos e linguistas do mundo na sua época. Sua fala era amena, rica e variada. Havia humor e desembaraço em tudo que dizia. Os que dele se aproximavam tinham sempre algo a aprender. Esse homem admirável esteve sempre em sintonia com a ciência e as ideias do seu tempo. Numa entrevista afirmou certa vez a propósito desse seu modo de ser: “Tenho [...] uma infinita capacidade de adaptação a tudo que é novo. Gosto do moderno, até do avião a jato, apesar do desastre que sofri em 37.”

Foi um homem arrojado e destemido. Morreu aos 87 anos, depois de uma viagem ao Himalaia em companhia de seu filho dileto, Olavo Nascente.

Veja mais detalhes sobre [Antenor Nascentes na Internet](#).

ANTÔNIO DE MORAES SILVA⁸

Antônio de Moraes Silva, lexicógrafo, gramático, tradutor, nasceu no Rio de Janeiro, a 1º de agosto de 1755, e morreu em Recife, a 11 de abril de 1824. Estudou direito na Universidade de Coimbra, mas não chegou a colar grau devido à ordem de prisão dada pelo Santo Ofício da Inquisição que o obrigou a fugir para a Inglaterra, onde aprofundou seus conhecimentos da língua portuguesa e estudou as literaturas inglesa, francesa e alemã. Escreveu nesse país a obra que o imortalizou: o *Dicionário da Língua Portuguesa*, em dois volumes, publicado em Lisboa (1789), e que alcançou sucessivas edições, com merecida aceitação tanto no Brasil quanto em Portugal.

Em 1806, saiu, em Lisboa, *Epítome da Gramática da Língua Portuguesa*, que figura em todas as edições do *Dicionário* a partir da segunda, de 1813, considerada a produção definitiva do lexicógrafo brasileiro, muito enriquecida em relação à primeira. As edições posteriores tiveram colaborações diversas, com acréscimos,

⁸ Verbete redigido por Cilene da Cunha Pereira

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

alterações e exclusões sem motivos plausíveis, por isso tidas por menos autorizadas, apesar de a terceira (1823) haver sido dirigida por ele e a quarta (1831), publicada após seu falecimento, ter-se beneficiado de suas anotações. Outras edições continuaram a sair mesmo após a sua morte, que, no dizer de João Ribeiro, “pareciam apostar-se em destruir a obra original, aleijando-a com ineptas emendas e despropositados acréscimos”. A oitava, comemorativa do primeiro centenário da Independência do Brasil, é uma edição fac-similar da segunda, publicada pela *Revista de Língua Portuguesa*, sob a orientação de Laudelino Freire, no Rio de Janeiro, 1922.

A propósito, cabe aqui o lúcido depoimento de Francisco Adolfo de Varnhagen:

No fim de quase trinta anos, no meio de tantos especuladores e compiladores de Dicionários, que se tem apresentado a vituperar Moraes (depois de haverem dele aproveitado até as últimas migalhas) ainda ninguém foi capaz de lhe disputar a palma.

No mesmo sentido podemos acrescentar a declaração de Pinheiro Chagas: “Enquanto viver a língua portuguesa, há de viver também, guardado em todas as bibliotecas, consultado por todos os estudiosos, o Dicionário de Moraes”.

Traduziu a obra de Baculard d’Arnaud, *Recreações do Homem Sensível, ou Coleção de Exemplos Verdadeiros e Patéticos, nos quais se dá um curso de moral prática, conforme as máximas da sã filosofia*, em 5 volumes, entre 1788 e 1792. Deve-se a

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ele, também, a tradução de uma *História de Portugal*, 3 volumes, acrescida de anotações suas, publicada originalmente em inglês (1788), a segunda edição com aditamentos, em 4 volumes, sai em Lisboa, 1802. Com o pseudônimo de Elpino Duriense, publica em Lisboa, 1812, um livro de poesias, e, em 1824, *Gramática Portuguesa*.

Antônio de Moraes Silva foi um dos grandes intelectuais do Iluminismo brasileiro, na segunda metade do século XVIII, ao lado de figuras exponenciais, como o fundador da imprensa no Brasil, Hipólito da Costa, e o Patriarca da Independência, José Bonifácio de Andrada e Silva. Esses três intelectuais, saídos do circuito da Universidade de Coimbra para importantes centros europeus de cultura, ajudaram a preparar, cada um na sua área, a maioridade intelectual do Brasil no alvorecer do século XIX.

O dicionário de Moraes é herdeiro da renovação mental que estava a percorrer as diferentes áreas do conhecimento, por meio do espírito inovador do Iluminismo europeu, que, de um lado, retomava os ideais experimentalistas da Renascença e, de outro, combatia o tradicionalismo, bem como o fanatismo do saber mumificado pela inquisição ibérica.

Veja mais sobre [Antônio de Moraes Silva na Internet](#).

ANTÔNIO DE PÁDUA DA COSTA E CUNHA

(* 25/06/1912; † 12/09/1998)

Formou-se no início da década de 40 em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia (Universidade do Brasil).

Era uma pessoa tranquila, simples, que tinha uma modéstia muito grande, a despeito de sua alta competência profissional e poderosa capacidade intelectual. A par disso, era dotado de um belo sentimento de solidariedade humana, do qual deu diversos exemplos no curso da vida.

Em 1944 prestou concurso para catedrático de língua portuguesa para o Liceu Nilo Peçanha, então o colégio padrão de Niterói, equivalente ao que era o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. A banca, constituída por Ismael de Lima Coutinho, Baltasar Xavier, e outros, classificou-o em primeiro lugar com o direito de escolha de uma das quatro vagas a serem preenchidas: duas para o Liceu Nilo Peçanha, e duas para o Liceu de Humanidades em Campos. Por duro altruísmo, cedeu o direito de escolha da vaga para a segunda colocada, Prof.^a Maria Jacinta, impossibilitada de trabalhar fora de Niterói. A professora lecionou no Nilo Peçanha, en-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

quanto o Prof. Pádua assumiu a vaga do Liceu de Humanidades, de Campos.

Trabalhou como professor assistente de Mattoso Câmara na Faculdade Nacional de Filosofia. Em 1971, Antônio de Pádua aposentou-se compulsoriamente.

Concomitantemente com a docência universitária, lecionou nos colégios São Bento, Franco Brasileiro, Regina Coeli, Fundação Osório, na Escola Técnica Nacional, no Andrews, no São Fernando (por dezoito anos seguidos), no Rio, e no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói.

Após a aposentadoria, dando vazão aos seus impulsos de solidariedade, dedicou-se voluntariamente à leitura para cegos, no Instituto Benjamim Constant (RJ).

Antônio de Pádua foi sócio titular da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura e membro da Academia Brasileira de Filologia durante 28 anos, em substituição a Mattoso Câmara, tendo ocupado a cadeira número 13, cujo patrono é Franco de Sá.

Era poeta bissexto. Apresentou um soneto à nona sinfonia de Beethoven no concurso de poesia na Rádio Mayrink Veiga, na década de 1950. Entre vários poetas conhecidos, recebeu o voto do filólogo Almir Câmara Peixoto.

Seus estudos filológicos ganharam importância principalmente em estilística, da qual foi um dos maiores investigadores

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

brasileiros. Está citado em vários tratados europeus de estilística, e sua obra é fonte de consulta obrigatória para realização de trabalhos na área de estilística.

Sua obra consiste de:

À margem do estilo da Cruz e Souza, Serviço de Documentação do MEC, Rio, 1956 (tese republicada).

À margem da poesia satírica e humorística, *Revista Brasileira de Filologia*, Rio, 1958.

Notas estilísticas à margem de Fagundes Varela, *Revista Brasileira de Filologia*, Rio, 1958.

Notas estilísticas, Organizações Simões, Rio, 1960.

Aspectos do estilo cômico de França Jr. Rio/Brasília: Serviço de Documentação do MEC, 1963.

Imagens de Álvares de Azevedo. In: *Miscelânea Filológica* (edição do professor), Rio, 1965.

Expressividade rítmica e fônica na poesia romântica brasileira. Revista *Littera*, Rio, 1971.

Aspectos estilísticos da poesia de Castro Alves. Rio: Livraria São José, 1973.

Deixou inédito o trabalho *Aspectos Estilístico-Verbais nas Comédias de Joaquim Manuel de Macedo*, de 1995.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Mattoso Câmara admirava-lhe o trabalho. Cita-o algumas vezes no livro *Contribuição à Estilística Portuguesa*. Comentando aspectos estilísticos de Cruz e Sousa, Mattoso remete ao trabalho de Antônio de Pádua:

[...] Fora do âmbito das onomatopeias, é igualmente possível por meio do acúmulo de palavras com um dado som expressivo, na técnica de que nos fala Grammont, atingirmos efeitos imitativos em alta escala. Neste sentido estão muitos versos de Cruz e Sousa, já ressaltados por Antônio de Pádua no seu estudo sobre a linguagem do poeta.

Mas Cruz e Sousa não é um bom exemplo neste particular. A sua motivação sonora é em grande parte cerebral e não resulta de uma integração espontânea no mundo das coisas. Daí, sentir-se-lhe aquele sistema “perigoso” de certos teoristas da escola francesa do simbolismo, muito bem criticado por Svend Johansen: “dá preponderância aos sons das letras e lhes estabelece a significação sem atender à tonalidade que se ache nos vocábulos a que eles pertencem”. É o que “sonne creux” na famosa estrofe, cuja interpretação nos deixa a todos, como a Antônio de Pádua, um tanto perplexos:

“Vozes veladas, veludas vozes, / volúpias de violões, vozes veladas, / vagam nos velhos vórtices velozes / dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas”.

É que aí se atribuiu ao /v/, como elemento sônico isolado, a função estilística que devia assentar, antes de tudo, na motivação implícita da palavra nozes, com o /ð/ aberto brilhante e as consoantes /v/ e /z/ coordenando-se pelas suas qualidades de sonora, labial, dental e sibilante; o som do violão claro, langoroso, ou de um assobio argentino, esvaiu-se diante dessa insistência descabida de um só fonema, que, parcela apenas do efeito total, açambarca o texto em afrontoso relevo. (CÂMARA JR., 1977, p. 43)

De outra feita, comentando o aproveitamento estilístico de sufixos, destaca-lhe a intervenção da subjetividade que – no seu entender – nem sempre afinava com a do poeta. Diz ele:

Uma curiosa consequência [da exploração estilística dos sufixos] é a cunhagem de novas palavras de força expressiva. Encontramo-la na linguagem literária e na linguagem popular.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Quanto à primeira dá-nos bons exemplos um artigo de Antônio de Pádua. Às vezes atua a tonalidade afetiva de um radical ou uma motivação sonora, como ele agudamente assinala: mas a importância estilística do sufixo raramente deixa de se fazer sentir: é ela, por exemplo, a responsável pelos adjetivos *virential* em Gilka Machado, *alvorral* em Sousa Andrade, *silencial* e *misterial* em Alphonsus de Guimaraes, *cromal* em Hermes Fontes, *ciprestal* em Mário Pedemeiras, *açucenal* em B. Lopes, *juncal* e *hostial* em Cruz e Sousa, os quais Pádua aprova ou condena, levado por um sentimento subjetivo que nem sempre afina pelo do poeta, sem atentar objetivamente que o impulso para o neologismo partiu da tonalidade do sufixo *-al*, já aqui há pouco depreendida a propósito de *angelical* e *eternal*. (CAMARA JR., 1977, p. 62)

Bibliografia:

CÂMARA JR., Joaquim Matoso (1904-1970). *Contribuição à estilística portuguesa*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico / Brasília, Instituto Nacional do Livro (MEC). 1977.

SHORT NUNES, Carlos Alberto. Palestra realizada na Sessão Solene da Academia Brasileira de Filologia, em memória do Prof. Antônio de Pádua em 28.11.1998. (registrada em ata)

Veja mais sobre [Antônio de Pádua da Costa e Cunha na Internet](#).

ANTÔNIO HOUAISS⁹

Antônio Houaiss (Rio de Janeiro RJ, 15 de outubro de 1915 – Rio de Janeiro RJ, 7 de março de 1999), diplomata, filólogo, crítico literário, enciclopedista e lexicógrafo brasileiro. Filho de imigrantes libaneses, seu primário foi cumprido em escolas públicas. A seguir, fez um curso de contador. Estudava pela manhã e à tarde trabalhava na rua da Alfândega, no Rio de Janeiro, numa casa de tecidos por atacado. Depois, foi para uma empresa de distribuição de filmes franceses. Seu professor, por essa época, e uma das grandes influências que teve na vida, era Ernesto Faria Júnior. Nos estudos de português por ele dirigidos e que Houaiss avidamente absorvia, tinha no pequeno grupo de colegas Celso Cunha, Othon Moacyr Garcia e Rocha Lima. Foi a convite desse professor e etimologista que Antônio começou a lecionar. Tinha 16 anos e, embora suas aulas tivessem de ser assinadas por um professor formado, o seu conhecimento acumulado sobre a língua já o possibilitava a desempenhar tal obrigação com eficiência. Seu curso superior foi feito na antiga Universidade do Distrito Federal; ba-

⁹ Verbete produzido por Mauro de Salles Vilar

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

charelou-se em 1940. Movido desde cedo por preocupações políticas, combateu, no movimento estudantil, o Estado Novo, regime autoritário implantado por Getúlio Vargas em novembro de 1937. Licenciou-se em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil em 1942. Entre 1936 e 1946 lecionou latim, português e literatura no magistério secundário oficial do então Distrito Federal. De 1941 a 1943, foi examinador de português de diversos concursos promovidos pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), órgão especializado no preenchimento de cargos públicos. Em 1942, fez-se colaborador permanente desse departamento, trabalhando na elaboração de provas de português até 1945. Com 28 anos, foi professor de português contratado pela Divisão Cultural do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, trabalhando nessa qualidade, de 1943 a 1945, no Uruguai, no Instituto de Cultura Uruguaio-Brasileiro de Montevidéu. Em 1945 ingressou por concurso na carreira diplomática. Em Genebra (1947 a 1949), foi vice-cônsul do Consulado Geral do Brasil, servindo, no mesmo período, como secretário permanente do Brasil junto à seção europeia da ONU. Integraria mais tarde representações brasileiras a assembleias gerais das Nações Unidas, da Organização Internacional do Trabalho e da Organização Mundial da Saúde. Indicado para servir em Washington e Florença, arguições de filocomunismo conduziram-no à República Dominicana, em plena ditadura de Trujillo, como terceiro secretário da embaixada do Brasil (1949-1951). Serviu, a seguir, em

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Atenas (1951-1953), onde teria a sua carreira diplomática interrompida pela primeira vez, acusado, com o poeta João Cabral de Mello Neto e outros diplomatas, de organizar uma célula comunista no Itamarati. O Supremo Tribunal Federal julgou por decisão unânime improcedente a ação. Nessa década de 1950, foi ainda secretário-geral do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro, realizado em 1956 em Salvador, Bahia, no qual apresentou a tese tornada base das conclusões sobre as normas da língua culta falada no Brasil. A elaboração dos respectivos anais ficou sob o seu encargo (Rio de Janeiro e Salvador, 1958). Secretário-geral do Primeiro Congresso Brasileiro de Dialetologia e Etnografia, realizado em Porto Alegre naquele mesmo ano, redigiu igualmente os seus anais, publicados em 1970 pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. De 1956 a 1958, trabalhou na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, como colaborador e pesquisador. Também na década de 1950, trabalhou na imprensa do Rio de Janeiro. Foi membro da Comissão Machado de Assis desde a sua criação, em 1958. Em 1960, elegeu-se membro da Academia Brasileira de Filologia. De volta ao Itamarati, chegou a primeiro secretário e depois a ministro de segunda classe, trabalhando na delegação permanente do Brasil junto à Organização das Nações Unidas (1960-1964). Membro da Comissão de Anistia de Presos Políticos de Ruanda-Urundi, examinou, em 1963, os processos de 1.220 presos políticos, todos depois anistiados pela Assembleia Geral das Nações Unidas por proposta da referida comissão. No

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ano seguinte, tornou-se o relator da IV Comissão da Assembleia Geral das Nações Unidas, cuja atribuição era conduzir o processo de descolonização de países africanos e asiáticos. Foi dos principais agentes da importante Resolução 1541 da XV Assembleia Geral intitulada Declaração de Outorga de Independência a Países e Povos Coloniais, instrumento fundamental do processo de descolonização que daí por diante desencadeado, levando a ONU a passar de pouco mais de 50 membros a uma centena. Trabalhou sob a chefia de Ciro de Freitas-Valle e de Afonso Arinos de Melo Franco, que dele diria mais tarde, no discurso de recepção à Academia Brasileira de Letras que lhe dirigiu:

Meu depoimento sobre vossa atuação é simplesmente o de que nunca encontrei, no exercício das funções, colaborador mais competente, mais devotado e mais dedicado aos interesses do Brasil e do nosso povo.

Representou o Brasil no Comitê sobre o Sudoeste Africano, que depois atingiria sua independência como a atual Namíbia. Foi ainda representante alterno do Brasil no Conselho de Segurança e trabalhou no Comitê para Usos Pacíficos do Espaço Exterior. Nesse mesmo ano de 1964, porém, teve os seus direitos políticos cassados e foi aposentado da carreira diplomática por ato discretionaryário do então presidente da República, o general Humberto de Alencar Castelo Branco. Convidado a permanecer fora do país e lecionar em universidades estrangeiras, decidiu retornar ao Brasil e enfrentar a situação. Empregou-se como redator do *Correio da Manhã* (1964-1965), trincheira de resistência ideológica naquele

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

momento, e uniu-se a Énio da Silveira na revista *Civilização Brasileira*. Em momento algum deixou de apoiar ou mesmo de liderar movimentos de artistas e intelectuais de repúdio à situação política vigente. Traduziria, ainda durante o ano de 1964, o *Ulisses* de James Joyce para a editora de Énio da Silveira, façanha em que empenhou 11 meses de trabalho, num período em que sua mãe definhava, falecendo após longa doença. Em 1965, deu início ao projeto de adaptação do *Larousse Trois Volumes*. Eliminou deste o que dizia respeito à gramática francesa, traduziu e adaptou, com grande grupo de intelectuais brasileiros, a informação constante de seus verbetes e incluiu extensa parte sobre o Brasil e Portugal. Criou com isso um dicionário encyclopédico de cerca de 165 mil verbetes, lançado em 1970 pela Editora Delta com o nome de *Grande Encyclopédia Delta-Larousse*, primeiramente em dez volumes e em edições posteriores em 15. Em 1971, eleger-se membro da Academia Brasileira de Letras. Por essa época, trabalhando para a Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., mergulhou no projeto de uma encyclopédia a realizar totalmente no Brasil, de que resultaria a *Encyclopédia Mirador Internacional*, em 20 volumes, vinda a lume em 1975. Foi presidente do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro (1978-1981) e do Conselho de Administração da Associação Brasileira de Imprensa (1983-1986). Organizou para a Academia Brasileira de Letras o seu *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* com cerca de 360 mil registros, lançado em 1981. Entre março e julho de 1984, funcionou

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

como membro da comissão constituída pelo Ministério de Justiça para estudar a legislação censória e suas práticas no Brasil e para propor medidas anticensórias. Foi membro da Comissão Nacional para o Estabelecimento de Diretrizes Capazes de Promover o Aperfeiçoamento do Ensino/Aprendizagem da Língua Portuguesa, instituída em junho de 1985 pelo decreto número 91.372 e cujo relatório conclusivo saiu em 20 de dezembro de 1985. Nesse mesmo ano, assumiu a presidência da comissão organizadora do Partido Socialista Brasileiro, do qual foi seu primeiro presidente. Foi membro da delegação brasileira ao Encontro para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, realizada no Rio de Janeiro, de 6 a 12 de maio de 1986, do qual foi secretário-geral e delegado porta-voz brasileiro. Na política, foi um dos construtores da Frente Brasil Popular, responsável pela campanha eleitoral de 1989. Em fevereiro de 1986 deu início aos trabalhos de um grande dicionário de português de matiz lusofônico, interrompidos em 1992 por carência de financiamentos. Em 1990, recebeu o Prêmio Moinho Santista de Língua. Entre 1992 e 1993, tornou-se ministro da Cultura no governo Itamar Franco. Foi membro do Conselho Nacional de Política Cultural do Ministério da Cultura no mandato de 1994-1995. Chegou à vice-presidência desse Conselho, renunciando em abril de 1995, ano em que se elegia presidente da Academia Brasileira de Letras. No mês de março de 1997, em associação com Mauro de Salles Villar, lexicógrafo e colaborador seu há mais de 30 anos, e o engenheiro e administrador Francisco Manuel de Mel-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

lo Franco, que dirigira, durante a sua ministrança, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, fundou o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, no Rio de Janeiro, com o fito primeiro de retomar a feitura de seu dicionário, interrompida há cinco anos. Em dezembro de 2000, o grupo de intelectuais e colaboradores que à sua volta se havia reunido para levar a cabo o trabalho deu por finda a missão. Houaiss, porém, fragilizado por problemas de saúde que o perseguiam desde 1996, falecera cerca de um ano e meio antes, sem ver realizado o sonho que tanto acalentara em vida.

Bibliografia cronológica (algumas obras):

Silva Alvarenga, poesias (antologia, introdução e notas). Rio de Janeiro: Agir, 1958 (Coleção Nossos Clássicos)

Tentativa de Descrição do Sistema Vocálico do Português Culto na Área Dita Carioca. Rio de Janeiro, 1959.

Sugestões de uma Política da Língua. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960 (Biblioteca de Divulgação, série A – XXV)

Crítica Avulsa. Bahia: Publicações da Universidade Federal da Bahia, 1960 (série II, n.23)

Seis Poetas e um Problema. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960. (Os Cadernos de Cultura, n. 125); 2^a ed. Rio de Janeiro, Edições de 1967 (reunião de estudos de crítica literária,

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

estilística eecdótica, relativos aos poetas Silva Alvarenga, Gonçalves Dias, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade, Joaquim Cardoso, João Cabral de Melo Neto – e à poesia concreta).

Augusto dos Anjos, poesias (antologia, introdução e notas). Rio de Janeiro: Agir, 1960. (Coleção Nossos Clássicos)

Introdução Filológica às Memórias Póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Comissão Machado de Assis, 1961

Ulisses, de James Joyce. Tradução. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.

Elementos de Bibliologia. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 2 vol., 1967

Introdução. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesias.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

Crítica Literária e Estruturalismo. In: *II Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa.* Rio de Janeiro: Gernasa, 1969.

Drummond. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. (Org.). *Poetas e Modernismo;* Antologia Crítica, v. 3. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972. (Segunda versão, substancialmente alterada na parte final, do estudo introdutório já referido em *Seis Poetas e um Problema*).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Cinquentenário da Morte de Augusto dos Anjos e O Texto de Augusto dos Anjos. In: COUTINHO, Afrânio; BRAYNER, Sônia (Orgs.). *Augusto dos Anjos, textos críticos*. Brasília: INL, 1973. (Coleção Literatura Brasileira, 10)¹⁰.

Drummond Mais Seis Poetas e um Problema. Rio de Janeiro, Imago, 1976. (Série Logoteca)¹¹.

Homenagem a Joaquim Cardoso. Conferência proferida em 12 de dezembro de 1977, no CREA, Rio de Janeiro, 1978.

Estudos Vários sobre Palavras, Livros e Autores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (Coleção Literatura e teoria literária, v. 33).

Magia da Cozinha Brasileira. Rio de Janeiro: Editora Primor, 1979.

Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1981.

A Crise de Nossa Língua de Cultura. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Universitário 13, Tempo Brasileiro, 1983.

Receitas Rápidas, 81 receitas de (até) 18 minutos. São Paulo: Art, 1983;

¹⁰ O segundo dos trabalhos indicados é, originalmente, o estudo “Texto e nota”, que acompanha a 30^a edição do livro *Eu, outras poesias, poemas esquecidos*, de Augusto dos Anjos.

¹¹ Reunião dos estudos precedentemente destacados em *Seis Poetas e um Problema*; Reportagem – cinquentenário da morte de Augusto dos Anjos e Qual prefaceio.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

103 Receitas de (até) 18 Minutos. São Paulo: Art, 1987 com duas edições em 1988.

Pequena Encyclopédia da Cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Unibrad – Centro de Cultura, 1985

O Português no Brasil. Rio de Janeiro: Unibrad-UNESCO, 1985.

Brasil: O Fracasso do Conservadorismo, em colaboração com Pedro do Couto. São Paulo: Ática, 1985

A Cerveja e seus Mistérios. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986, 2. ed. 1987

A Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Ática, 1991.

Socialismo – Vida, Morte, Ressurreição, com Roberto Amaral. Petrópolis: Vozes, 1993.

A Modernidade no Brasil – Conciliação ou Ruptura?, com Roberto Amaral. Petrópolis: Vozes, 1995.

Dicionário Antônio Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva (a lançar no final do ano 2001 com cerca de 228.500 verbetes)

Veja mais em [Antônio Houaiss na Internet](#).

ANTÔNIO JOAQUIM DE MACEDO SOARES

(Maricá, *14/01/1838 – Rio de Janeiro, †14/08/1905)

Além de filólogo especialmente dedicado à lexicografia, foi poeta, romancista e crítico literário. Bacharel em direito em 1861, chegou a ocupar os cargos de juiz de direito e de ministro do Supremo Tribunal Federal. Pertenceu a várias entidades culturais, recebendo a condecoração de Cavaleiro da Ordem da Rosa.

Publicou: *Harmonias Brasileiras, Cantos Nacionais*, 1^a série, 1859 (poesia); *Nininha*, 1859 (romance); *Lamartiniana*, 1869 (poesia); dicionário – colaborador. Obras jurídicas, colaborador periódico.

Referências: Blake, dicionário, 1, 197; Cândido Formação, II, 389; Inocêncio dic., VIII, 184 e XX, 362; Lago Supremo, 154; Meneses dic., 647; Sousa Teatro, 2, 518.

Veja mais sobre [Antônio Joaquim de Macedo Soares na Internet](#).

ANTÔNIO JOSÉ CHEDIAK

Antônio José Chediak nasceu em Três Corações, MG, fez o curso primário no Grupo Escolar Bueno Brandão, de sua terra natal, o curso secundário no seminário da cidade da Campanha e filosofia no Seminário Maior de Mariana. Doutor em letras e livre-docente pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, professor de português, latim e francês do Instituto Cruzeiro (Diretor prof. Álvaro Moitinho Neiva); de português do Colégio Sílvio Leite, do Colégio Americano, do Colégio Piedade; de português e francês da Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes; de português e latim do Ginásio Pio-Americano. No Estado do Rio de Janeiro, lecionou português na Escola Princesa Isabel, no Instituto de Educação e no Colégio Estadual Sousa Aguiar, de que foi diretor. Foi professor, por concurso, do Colégio Pedro II, do qual foi Diretor Geral, professor do curso de ecdótica do Instituto Nacional do Livro e do curso de pós-graduação da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, professor de língua portuguesa dos cursos de letras neolatinas, letras clássicas e jornalismo da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, professor ti-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tular de estilística da Universidade Santa Úrsula. Membro de várias bancas examinadoras para doutorado na Universidade do Brasil e na Universidade Fluminense. Professor, por concurso, do SENAC. Examinador de português, de 1951 a 1963, na Faculdade Nacional de Odontologia da Universidade do Brasil. Vice-reitor acadêmico da Universidade Santa Úrsula. Diretor da Faculdade de Humanidades Pedro II. É o autor da Ata de Fundação de Brasília. Foi diretor da Divisão de Obras Raras, Publicações, Iconografia e Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, diretor do Departamento de Educação, da Secretaria Estadual de Educação, secretário de educação e secretário de administração do Estado da Guanabara. Membro do Conselho Estadual de Educação. Membro do Conselho Estadual de Cultura. Representante do governo no IAPB (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários). Comendador da Ordem do Infante D. Henrique. Signatário do Manifesto à Nação em prol do restabelecimento da ordem democrática. Responsável pelo texto crítico de *Quincas Borba, Papéis Avulsos* e *Memorial de Aires*, na Comissão Machado de Assis, que funcionou na Academia Brasileira de Letras, da qual foi secretário. Redator-chefe da revista *Euclides*, (1939-1945), secretário da *Revista Filológica*, redator-chefe da revista *O Congresso* (1948-1964), redator-chefe do magazine *Notícias Gráficas*. Foi Presidente da Academia Brasileira de Filologia. Integrante, com Geraldo França de Lima e Francisco Sousa, do gabinete do primeiro ministro Tancredo Neves no Rio de Janeiro. Membro do Conselho Estadual de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Tombamento. Diretor da Companhia Central de Abastecimento do Estado da Guanabara – COCCEA. Presidente da COHAB. Título de Cidadão Carioca concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Título de Cidadão Benemérito do Estado da Guanabara, conferido pela Assembleia Legislativa do Estado. Título de Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique, conferido pelo Governo Português. Medalha do Pacificador. Oficial da Ordem do Mérito Militar. Contemplado com a Medalha Tiradentes pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Proferiu várias conferências sobre a língua portuguesa (gramática e estilo). Autor de numerosas obras sobre língua portuguesa.

Veja mais sobre [Antônio José Chediak na Internet](#).

ANTÔNIO NUNES MALVEIRA

Antônio Nunes Malveira nasceu no Limoeiro do Norte, Ceará, filho de Antônio Vidal Malveira e Maria Erundina Nunes Malveira. Estudou o curso primário na Escola Pública Padre Ace-lino Viana Arraes, no Olho d'Água da Bica, lugarejo, ao sopé da chapada do Apodi, onde seu pai exercia as funções de guarda-fiscal, tendo como professora, Sofia Rebouça da Costa.

Cursou humanidades no Ginásio Diocesano Padre Anchieta, do Limoeiro do Norte – 4 anos, e parte no Seminário da Prainha, em Fortaleza; não terminando o curso de formação e o fez no Colégio Piedade no Rio de Janeiro. Estudou letras clássicas e direito na antiga Universidade do Estado da Guanabara. Em 1963 casou-se com Luíza Azevedo Malveira, carioca. Professor de português na prefeitura do Rio de Janeiro, e de latim no Colégio Pedro II, ambos os cargos, exercidos através de concurso de provas e títulos.

No Pedro II, participou da banca examinadora de latim, na gestão do ilustre mestre, Antônio José Chediak; cooperou na revis-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ta *Studia* e na publicação dos *Cadernos de Cultura*, onde publicou dois trabalhos, sobre os professores David Perez e Fausto Barreto, e, atualmente, participa do grupo de estudos, encarregado de escrever a *Memória Histórica do Colégio*, cujo primeiro volume já foi publicado; foi coordenador do Colégio Comercial Irajá e organizador dos exames de seleção; professor do Colégio Metalúrgico, na rua Ana Nery e responsável pelos exames de admissão; diretor substituto do Colégio Irajá de 1961 a 1963 (Colégio Elpídio dos Santos); fez parte da correção de português nos exames no Colégio Rivadávia Correia – artigo 99 (Madureza) 1968; lecionou latim no curso pré-jurídico na Faculdade de Direito Cândido Mendes e latim no curso clássico do Colégio Pedro II; Curso de extensão universitária – *A Obra Cultural de João Ribeiro* na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (antiga Guanabara), curso de extensão universitária “Dante e Beatriz”, sob a responsabilidade do professor Júlio de Carvalho Barata, revisor dos trabalhos apresentados ao Seminário de Educação para o desenvolvimento no Clube de Engenharia; sócio do Centro de Estudos de Letras (da antiga UEG); professor do Ensino Técnico Comercial, registro nº 5905 (MEC); membro da Sociedade Brasileira dos Romanistas; membro do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro; cooperador da revista *Studia* do Colégio Pedro II; revisor dos livros do Dr. Celso Brant; assessor do diretor do Colégio Pedro II; direção, Professor Walter Maranhão, Engenho Novo; diretor substituto da mesma instituição.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Principais trabalhos publicados:

- 1) *O Velho Sertão da Bica*, 1986;
- 2) *Os Valentões*, Editora Cátedra, 1990;
- 3) *Coronéis, Ascensão e Queda*, Prod. Graf. e Pub. Ltda, 1998;
- 4) *Os Povoadores da Bica*, Prod. Graf. e Pub. Ltda., 1998;
- 5) *O Limoeiro de Dom Aureliano Matos*, Prod. Graf e Pub. Ltda., 1997;
- 6) 3 *Olhos D'Água*, 1986, RJ;
- 7) *Achegas para uma biografia do Professor David Perez*, Cadernos Avulsos da Biblioteca do Professor do Colégio Pedro II, caderno nº três;
- 8) *Arcaísmo e Neologismos* (1979);
- 9) *Temas e Raízes* (1883), Teses de Concurso, Comentários e anotações, caderno nº 4, RJH, 1984;
- 10) Formação de um Historiador (Capistrano de Abreu, revista *Studia*, nº 10 separata, Pedro II), 1980;
- 11) *Lampião em Limoeiro do Norte* (Ceará) inédito, pronto para publicação;
- 12) *Notas sobre secas*, também inédito, concluído;
- 13) Colaborador de *Anuário da ACCLARJ*. Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, da qual sou membro;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- 14) Orelha do livro do escritor Lauro de Oliveira Lima, *Na ribeira do rio das onças*, Fortaleza, 1996.
- 15) Educação na República de Platão, *Revista Brasileira dos Romanistas* (1981) n° 14 a 20;

Veja mais sobre [Antônio Nunes Malveira na Internet](#).

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

(*06/02/1608, Lisboa; † 18/07/1697, Salvador, BA)

Filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo, com seis anos veio com os pais para Salvador onde, no Colégio dos Jesuítas, fez todos os seus estudos.

Em 1623 iniciou o noviciado na Companhia de Jesus, dedicando-se à tarefa de doutrinação de povo indígena nos arredores de Salvador.

Em 1627 regeu em Pernambuco, no Colégio de Olinda, a cátedra de Retórica, tendo sido encarregado de redigir a *Carta Anua*, relativa a 1624 e 1625, enviada ao Geral da Companhia de Jesus, em razão de seu exímio conhecimento de latim.

Foi ordenado em 1635, mas desde 1633 vinha pregando na Bahia os seus primeiros sermões, um dos quais perante uma Irmandade de Pretos de Engenho, tendo-se revelado um defensor de ideias abolicionistas, pelas suas considerações a respeito do sofrimento dos escravos e desumanidade dos senhores (*Sermão XIV*, da Série *Maria, Rosa Mística*). Em 1640, por ocasião da campanha de resistência contra a invasão holandesa, pregou um dos sermões

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

mais veementes que produziu, o *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda*.

Em 1641, com trinta e três anos, Vieira retornou a Portugal, onde foi recebido por D. João IV e junto ao qual passou a exercer ação política de grande influência.

A partir de 1642 impôs-se como o maior orador da corte, impressionando a todos pela clareza na exposição do pensamento e pela escolha dos temas que abordava, fossem políticos ou religiosos.

Preocupado com o empobrecimento do reino, após o difícil período da Restauração, chegou a sugerir ao rei medidas a favor da reintegração dos judeus, abolição do confisco dos bens e a liberdade de culto para estes.

No plano econômico, propôs a criação de duas companhias de comércio, uma Ocidental e outra Oriental, para concorrer com o poderio holandês nos mares. Era assim uma personalidade de grande importância no reino, pois além das qualidades de orador, participava da cúpula que, junto ao rei, tomava as decisões balizadoras do destino de Portugal.

Sua voz nunca se calou diante das injustiças, da opressão e da corrupção, tendo proferido o *Sermão do bom ladrão* no púlpito da Igreja da Misericórdia, diante do rei e dos maiores dignitários do reino, e fazendo de sua pregação um respiradouro da opinião

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

pública, num tempo em que não havia imprensa ou tribuna política.

A partir de 1646 passou a atuar como embaixador de Portugal, tendo participado de importantes missões diplomáticas na Holanda, na França e em Roma.

Em 1653, voltou ao Brasil para trabalhar em atividades missionárias no Maranhão, Amazonas, Pará e Ceará, destacando-se na defesa da liberdade dos índios, vítimas da escravidão que lhes era imposta pelos colonizadores.

Numa missão na ilha de Marajó, conseguiu pacificar os índios nheengaíbas, garantindo aos portugueses a posse do norte do Brasil. Nestas ações missionárias sacrificou a saúde e pôs em risco a própria vida, na medida em que teve de enfrentar forte oposição dos colonos, interessados na escravização dos índios.

É dessa época o *Sermão da Sexagésima* e o *Sermão de Santo Antônio*, dois dos mais famosos que proferiu, e ainda as duas obras de profecia que escreveu: *História do Futuro* e *Clavis Prophetarum*.

Em 1661, retorna a Portugal, expulso pelos colonos maranhenses. Dois anos mais tarde, fragilizado politicamente em virtude da morte de D. João IV, seu amigo e protetor, foi processado pelo Tribunal do Santo Ofício, em Coimbra, por crime de heresia

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

profetista (defesa do culto do sebastianismo), tendo ficado preso, incomunicável, durante mais de dois anos.

Em 1668 foi perdoado, alcançou a liberdade e pôde viver uma fase de intenso prestígio. Em Roma, para onde se deslocou em 1669, a fama de seus sermões, o carisma de incansável defensor da liberdade dos índios, bem como o reconhecimento pelo fato de ser considerado um grande confessor, permitiram-lhe compensações para todos os reveses que sofrera até então.

De volta a Portugal, em 1675, iniciou a edição de seus *Sermões*, obra que, depois de completa, chegou a dezesseis volumes. Em 1681, veio definitivamente para Salvador, onde faleceu, em 1697, aos 89 anos de idade.

Vieira não foi apenas um dos mestres da língua, um dos maiores oradores e epistológrafos da literatura portuguesa e brasileira; foi, sobretudo, uma das grandes personalidades da cultura do século XVII, em razão de sua atuação nos grandes acontecimentos políticos, sociais e religiosos de sua época, além da inteligência e profundidade com que, como escritor, discutiu esses problemas.

Na verdade, não é possível compreender o século XVII, na Europa e no Brasil, sem a leitura da obra de Vieira. Não há dúvida de que coube a Antônio Vieira definir a língua portuguesa clássica no plano da expressão da prosa.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

BIBLIOGRAFIA

Sermoens. Lisboa: Oficina de Joan da Costa, 1679;

História do Futuro. Lisboa: Oficina de Antônio Pedroso Galram, 1718;

Cartas Seletas. Paris: J. J. Roquette & J. P. Aillaud, 1838;

Obras do Pe. Antônio Vieira. Lisboa: J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, 1854-1858 (25 vols.);

Cartas, edição ilustrada para Portugal e Brasil. Rio de Janeiro: Empresa Literária Fluminense, 1885 (2 vols.);

Sermões. Lisboa: Livraria Chardron, 1907 (15 vols.);

Cartas, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1925 (3 vols.);

Sermões, reprodução fac-similada da edição de 1679. São Paulo: Editora Anchieta, 1944-1945 (16 vols.);

Obras escolhidas do Pe. Antônio Vieira: Cartas, Obras várias e Sermões, edição coordenada por Antônio Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1951 (10 vols.);

Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício, coordenada por Hernâni Cidade. Salvador: Universidade da Bahia, 1957 (2 vols.);

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Sermões, edição preparada por F. O. Pessoa de Barros, Pe. A. Charbel e Luiz Felipe Baêta Neves. Erechim: Edelbra, 1998 (12 vols.);

Padre Antônio Vieira: Sermões, volume organizado por Alcir Pécora, São Paulo, Hedra, 2000;

Padre Antônio Vieira: Clavis Prophetarum, Livro III, edição crítica, fixação de texto, tradução e glossário de Arnaldo do Espírito Santo. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000;

Antônio Vieira: História do Futuro (Livro Anteprimeiro), edição crítica, prefaciada e anotada por J. van der Besselaar, 2 vols. Munster: Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1972;

Editio minor: Livro Anteprimeiro da História do Futuro, edição crítica. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1983.

REFERÊNCIAS

Antônio Soares Amora: *Vieira: Introdução, Seleção e Notas*. São Paulo: Editora Assunção, 1946;

Ernest Carel: *Vieira, as Vie et sés Oeuvres*. Paris: Gaume e Cie, 1879;

Hernâni Cidade: *Padre Antônio Vieira*. Lisboa: Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colônias, 1940 (4 vols.);

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Ivan Lins: *Aspectos do Pe. Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956,

Ivan Lins: *Para conhecer melhor Antônio Vieira*. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974;

João Lúcio de Azevedo: *História de Antônio Vieira*. Lisboa: Livraria Clássica, 1921, 1^a edição, e 1931, 2^a edição (2 vols.);

Raymond Cantel: *Les Sermons de Vieira – Études sur son Estyle*. Paris: Ediciones Hispano-Americanas, 1959.

Raymond Cantel: *Prophetisme et Messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira*. Paris, 1960;

J. van der Besselar: *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*, Biblioteca Breve (vol. 58). Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesas, 1981;

Antônio Vieira, Catálogo do Acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Biblioteca Nacional / Eduerj, 1999.

Veja mais sobre o [Padre Antônio Vieira na Internet](#).

ARTHUR DE ALMEIDA TORRES

Nascido em Resende (RJ), a 2 de janeiro de 1903, o filho do Desembargador César Nogueira Torres e de Dona Luísa Maia de Almeida Torres, cursou as primeiras letras na sua cidade de origem.

Em 1920, Arthur de Almeida Torres se mudou para Niterói (RJ), onde iniciou e concluiu o curso secundário no Colégio Salesiano. Dotado de grande curiosidade intelectual, permeou os seus estudos com o aprendizado particular de grego e de latim, disciplinas que veio a lecionar. Em Niterói, formou-se advogado, aos 33 anos de idade, pela Faculdade de Direito de Niterói. Exerceu por algum tempo a advocacia juntamente com o magistério.

Com o tempo, a paixão pelo magistério sobrepujou os demais afazeres profissionais, sendo inconteste o interesse, cultivado e demonstrado, pelos estudos do idioma nacional e pelas literaturas portuguesa e brasileira, fato que o levou a participar de diversos congressos nacionais e internacionais, oportunidades em que deu provas do amplo e abalizado conhecimento que detinha nessas

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

áreas do saber, tal como mais tarde foi comprovado com a concessão do prêmio “Machado de Assis”, conferido ao professor em 1948, pela Academia Brasileira de Letras, em reconhecimento à qualidade superior do seu trabalho intitulado *Textos Antigos e Comentados*.

Em 1934, Arthur de Almeida Torres ingressou, por concurso de títulos, no Colégio Pedro II, para lecionar língua portuguesa; lá permaneceu até 1970, quando foi transferido para a Faculdade de Humanidades Pedro II.

A par da docência, Almeida Torres exerceu cargos públicos e foi membro de agremiações culturais.

O acervo das publicações do insigne professor, listado cronologicamente a seguir, dá conta da sua dedicada inserção tanto nos assuntos do seu tempo quanto nos meandros da sua área de especulação intelectual:

Em 1931, *Regência verbal*.

Em 1941, *O português falado no Brasil; Um caso de concordância*.

Em 1942, *Polêmica com o Prof. Sousa da Silveira*.

Em 1943, *Questões filológicas*.

Em 1945, *Manual de língua portuguesa para a 1ª série dos cursos clássico e científico*.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Em 1948, *Textos antigos comentados* (prêmio “Machado de Assis”, da Academia Brasileira de Letras).

Em 1948, *Poetas de Resende* (palestra proferida na Academia Fluminense de Letras).

Em 1950, *Literatura e gramática*.

Em 1951, *A linguagem de Rui Barbosa e Machado de Assis*, tese apresentada na Federação das Academias de Letras do Brasil.

Em 1954, *Manual da língua portuguesa: programa completo do curso colegial* (clássico e científico – 1º, 2º, 3º ano, cf. a Portaria 966, de outubro de 1951 e 1045, de dezembro de 1951; Regência verbal – novos verbos).

Em 1958, *Estudos de filologia; Estudos de português*.

Em 1959, *Compêndio de língua portuguesa* (em cinco volumes); *Manual da língua portuguesa* (em três volumes); *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa* (atualmente na 23ª ed.); *Comentários à polêmica entre Rui Barbosa e Carneiro Ribeiro*; Regência verbal (2 volumes); *Literatura e gramática para os exames vestibulares nas Faculdades de Direito e Filosofia*.

Em 1960, *Gramática elementar da língua portuguesa*.

Em 1961, *Dicionário ortográfico de nomes próprios*, em coautoria com Zélio dos Santos Jota.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em 1967, *Modos e tempos e aspectos verbais no português* (tese apresentada no Congresso Internacional de Filologia e Linguística da Romênia); *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa e regência verbal*.

Em 1968, *Português para o curso ginásial; Raul Pompeia* (estudo psicoestilístico).

Em 1969, *Novos aspectos estilísticos de Raul Pompeia*.

Em 1971, *Miséria e grandeza de Nero*.

Veja mais sobre [Arthur de Almeida Torres na Internet](#).

AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA

Cadeira nº 20; 2º Ocupante: Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
(Passo de Camarajibe, AL, 03.03.1919 – Rio de Janeiro, RJ, 1982)

1. Breve notícia biográfica

Embora nascido em local próximo, Mestre Aurélio viveu seus primeiros anos na cidade alagoana de Porto das Pedras, mas fez sua iniciação primária já na capital, em cujo Liceu Alagoano fez seus exames preparatórios, correspondentes ao atual ensino médio. Desde cedo afeito às lides literárias e ao estudo da língua, aos vinte anos já integrava o grupo do Nordeste, que, dentre outros, marcou presença entre nós na ficção dos anos 30, ao lado de José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Valdemar Cavalcânti e Graciliano Ramos. Após exercer a função de diretor da Biblioteca Municipal de Maceió, à altura da entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial (1938) mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro. Aqui logo se empenhou em colaborar intensamente com artigos e contos

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

na imprensa, começando a lecionar português no Colégio Pedro II em 1940, e, mais, tarde, a mesma disciplina, no Itamarati. Pela variedade e pelo grande número de reedições de seus dicionários, ainda hoje é tido como um dos mais produtivos lexicógrafos brasileiros e o próprio nome *Aurélio* já se tornou referência nacional e internacional.

2. Bibliografia ativa

1. *Dois mundos* (contos). Capa de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942. 264 p. 2^a ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1956. 264 p. 3^a ed. rev. e reduz., intitulada *O chapéu de meu pai*. Brasília: Ed. Brasília, 1974. 83 p.
2. *Contos alemães* (10 autores). Sel., trad. e notas introd. de A. B. H. e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. 254 p.
3. *Contos americanos*. Sel., trad. e notas introd. de A. B. J. e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967. 269 p.
4. *Contos franceses* (8 autores). Sel., trad. e notas introd. de A. B. H. e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966. 258 p. ilustr. por Mário de Murtas.
5. *Contos ingleses* (10 autores). Sel., trad. e notas de A. B. H. e Paulo Rónai. Ilustr. por Mário de Murtas. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1866.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

6. *Contos norte-americanos* (15 autores) Sel. Trad. e notas introd. de A. B. JH. e Paulo Rónai. Ilustr. por Mário de Murtas, Rio de Janeiro: Tecnoprint s/d.
7. *Contos russos* (9 autores) Sel, trad. e notas introd. de A. B. H. e Paulo Rónai. Ilustr. por Mário de Murtas. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s/d.
8. *Discurso de posse na Academia* [Brasileira de Letras], seguido do discurso de recepção pelo acadêmico Rodrigo Octávio Filho. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, s/d.
9. *Enriqueça o seu vocabulário*. São Paulo: Cultrix, 1950. 319 p. ilustr. 2^a ed. rev. e aum. [1750 palavras a 50 locuções]. RJ, Civilização Brasileira, 1965. 286 p. 3^a ed. São Paulo: Didática Irradiante, 1969. 286 p.
10. *Mar de histórias / Antologia do conto mundial*. Por A. B. H. e Paulo Rónai. Ilustrado. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.
11. *Médio dicionário da língua portuguesa*. De A. B. H. et alii. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 1782 p.
12. *Minidicionário da língua portuguesa*. A. B. H. assistido por Margarida dos Anjos, Elza Tavares Ferreira e Marina Baird Ferreira. 1^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1979. 506 p. Várias impressões.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

13. *Novo dicionário da língua portuguesa* A. B. H. et alii. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 1518 p. (Atualmente sua versão 2001 já conta com cd para consulta em microcomputador).
14. *Novo vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Por A. B. H. e Manuel da Cunha Pereira. Listagem de 50.000 vocábulos. 802 p. Rio de Janeiro: O Cruzeiro. 1961. 2^a e 3^a ed. com a colab. de Luiz Peixoto Gomes Filho. Rio de Janeiro: O Livro Vermelho dos Telefones, respectivamente 1953 e 1954. 690 p.
15. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. Por A. B. H. et alii. A 11^a ed. ilustr., supervisionada e consideravelmente aumentada, foi supervisionada por José Baptista da Luz. São Paulo: Cia. Edit. Nacional, 1969. 1302 p.
16. *O romance brasileiro / de 1572 a 1930*. Por A. B. H., Tristão de Athayde, Astrogildo Pereira et alii. Coord., notas e rev. de Octávio Tarquínio de Sousa. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1952.
17. *Seleta em prosa e verso de Aurélio Buarque de Holanda*. Org., estudo e notas de Paulo Rónai. Rio de Janeiro: José Olympio / Brasília, INL, 1979. 250 p. ilustr.
18. *Território lírico / Ensaios*. Pref. De Augusto Meyer. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.
19. *Amor e psiquê* (assinado com o pseudônimo de Lúcio Apuleio) Pref. e notas de A. B. H. e Paulo Rónai. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956. 88 p.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

20. *Antologia de poetas brasileiros da fase parnasiana*, por Manuel Bandeira. 3^a ed. rev. crít. de A. B. H. em consulta com o autor. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951. 312 p.
21. *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica*. 3^a ed. Rev. crít. em consulta com o autor. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949. 390 p.
22. *Prefeitura Municipal de Maceió*, de João Craveiro Costa (1874-1934). Ed. cuidada por A. B. H., com apênd. e anot. de Manuel Diegues Junior e vinhetas de Santa Rosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1939.
23. *Roteiro literário de Brasil e Portugal / Antologia da língua portuguesa*. Em colab. com Álvaro Lins. 2 vol. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
24. *Contos gauchescos e lendas do sul, de João Simões Lopes Neto* (1866-1916). Ed. crítica, com variantes, notas e glossário por A. B. H. Pref. e nota de Augusto Meyer. Rio de Janeiro: O Globo, 1949. 438 p. ilustr. 2^a ed. em 1950.
25. *Os meninos da rua Paulo, de Ferenc Molnár* (1878) Trad. direta do húngaro por Paulo Rónai, rev. por A. B. H. São Paulo: Saraiva, 1952. 190 p.
26. *Floresta de exemplos, de João Ribeiro* (1860-1934). Rev. crít. e notas finais por A. B. H. 2^a ed. Rio de Janeiro: São José, 1959. 244 p.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

27. *Antologia do conto húngaro*. Sel., trad. introd. e notas de Paulo Rónai. Rev. De A. B. H. e pref. de João Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.
28. *Não perca o seu latim*, de Paulo Rónai, com a colab. de A. B. H. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 262 p.
29. *Linguagem e estilo de Eça de Queirós. Ensaio*. Rio de Janeiro, 1995.

REFERÊNCIA:

PERES, Renard. *Escritores brasileiros contemporâneos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1960.

Veja mais sobre Aurélio Buarque de Holanda Ferreira na Internet.

BASILIO DE MAGALHÃES

BASILIO DE MAGALHÃES nasceu em Barroso, Estado de Minas Gerais, em 14 de junho de 1874. Filho de pais pobres, fez seus primeiros estudos na Escola João dos Santos, premiado com medalha de ouro. Prestou exames perante a Princesa Isabel, que lhe presenteou uma pequena biblioteca. Para pagar seus estudos trabalhou na *Gazeta Mineira* de São João del Rei. À noite fazia o curso de Humanidades, sob a direção do professor Sebastião Rodrigues Sete Câmara. Deixou a *Gazeta Mineira* por revelar tendências republicanas, e passou a trabalhar no jornal *Pátria Mineira*. Mudou-se para São Paulo para poder estudar direito, embora se lhe tornasse impossível por questão financeira. Fez concurso para a cadeira de História do Brasil, em Campinas (São Paulo), no ginásio local ao lado de Coelho Neto e Raul Soares Moura. Com extraordinária memória, voltou-se para os estudos de línguas, tendo aprendido francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, árabe, sueco, romeno, húngaro, holandês, além do latim e do grego, que conhecia profundamente. Estudou o tupi-guarani, deixando um dicionário dessas línguas.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Ingressou na política e foi eleito deputado estadual, federal e senador estadual, quando lutou pela nacionalização do clero, como nacionalista extremado.

Defendeu a participação da mulher na vida pública com direitos iguais aos homens, bem como o direito dos índios. Proferiu várias conferências sobre o tema: *O Grande Doente da América do Sul*. Seis vezes candidato à Academia Brasileira de Letras com o apoio de Rui Barbosa, Pedro Lesa, Conde de Afonso Celso e outros, mas eleito, tendo apenas recebido o prêmio dela em 1927. Pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais. Foi diretor da Biblioteca Nacional e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, onde lecionou por muitos anos. Membro das academias de letras Mineira, Paulista e Fluminense, Faleceu em 14.12.1957 em Lambari.

OBRAS:

Íris, 1889; *Versos Antigos*, lírica de Stecchetti; *Dicionário Tupi Guarani*; *Alma Viúva* (contos); Estudo a respeito de Bernardo de Guimarães (ensaio); *O Suplício de Caneca ou a Revolução de 1824*; *O Bandeirismo no Brasil*; *Expansão Geográfica no Brasil até fins do século XVII*; *Estudos da História do Brasil*; *História do Brasil* (2 vol.); *O Jornalista da Independência, Lições de História do Brasil*; *A Guerra do Paraguai*; *Lições de Geografia de São*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Paulo; Os Bororos; Tratamento das Crianças Anormais de Inteligência, e Pela República Civil.

Veja mais sobre Basílio de Magalhães na Internet.

BATISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEIRA

BATISTA CAETANO DE ALMEIDA NOGUEJRA, pseudônimos – Macambúzio e Bendrac, nasceu em 5 de dezembro de 1826, em Jaguari, MG. Filho do coronel Felisberto Antônio Nogueira. Quando cursava o 1º ano da Faculdade de Direito de São Paulo, foi recrutado para servir ao exército. Foi reconhecido como cadete e cursou engenharia, bacharelando-se em matemática pela Escola Militar, como alferes do Estado-Maior de 1ª classe. Demitiu-se, passando ao exercício da engenharia. De 1857 a 1858 foi professor de francês e matemática no Colégio de Pedro II. Por 16 anos até sua morte, a partir de 1866 foi vice-diretor dos Telégrafos. Foi sempre um estudioso de nossa língua e, dedicado aos estudos linguísticos, deixou obras no gênero. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, do Instituto Politécnico, e fundador da instituição Previdência de Amparo aos Necessitados Inválidos. Faleceu em 21 de dezembro de 1882 no Rio de Janeiro.

OBRAS:

Um Livro – Macambúzio. Rio. 1856; *Ecos da Alma* (poesias), 1856. *Trovas, Sonetos e Consonetos* – Bendrac, Rio – s/d. De Lin-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

guística: *Introdução à Arte de Gramática da Língua Brasileira da Nação Kiriri*, do Padre Luís Vicêncio, Rio, 1877. *Apontamentos sobre o Abaneenga*, Rio, 1876. *Esboço Gramatical do Abaneenga*, Rio, 1879. *Rascunho sobre a Gramática da Língua Portuguesa*, Rio, 1882. *Páginas do Dicionário da Língua Brasileira*, inacabado. Tradução para o Abaneenga da Estâncie CXL do Canto 10º. dos Lusíadas, “Gazeta de Notícias”, Rio, 1880.

Veja mais sobre Batista Caetano de Almeida Nogueira na Internet.

BENI CARVALHO¹²

Beni Carvalho (nome filológico e literário de Benedito Augusto Carvalho dos Santos). Nasceu no dia 3 de janeiro de 1886, na cidade de Aracati, Ceará. Faleceu no Rio de Janeiro, no dia 22 de janeiro de 1959. Além de filólogo (autor da tese *Morfologia e sintaxe do substantivo*, em 1920), escreveu ensaios e artigos literários que andam dispersos em periódicos do Ceará e do Rio de Janeiro. Foi professor, poeta, crítico e sociólogo. Diplomou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela tradicional Faculdade de Direito do Recife, em 1911. Foi deputado federal e interventor no Ceará. Além da Academia Brasileira de Filologia, pertenceu à Academia Cearense de Letras. Publicou, além da obra filológica acima referida: *De florete e luvas*, ensaio, 1935; e *Chama extinta*, poesia, 1947. Foi diretor de *Panóplia*, Fortaleza, Ceará, de 1913-1914. Antônio Houaiss o sucedeu na Academia Brasileira de Filologia, cadeira patrocinada por Visconde de Taunay, atualmente ocupada pelo filólogo Mauro Villar.

Veja mais sobre [Beni Carvalho](#) na Internet.

¹² Verbete preparado por Leodegário A. de Azevedo Filho.

**CARLOS ALBERTO DE ARAÚJO
MARTINS TEIXEIRA SHORT NUNES¹³**

Filho de Rubem Martins Teixeira Short Nunes e Dona Elvira Egger Lemgruber de Araújo Short Nunes, Carlos nasceu em 16 de maio de 1941, na cidade de Niterói, deixou nosso convívio no dia 14 de maio de 1999, tendo ocupado por menos de um ano a cadeira 25 da Academia Brasileira de Filologia, em que tomou assento no dia 06 de junho de 1998.

Desde cedo demonstrou pendor para as letras, cultivando, com dedicação, os textos clássicos dos mestres de nossa literatura. Cursando a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil.

Sua dedicação às letras levou-o a aprimorar a formação acadêmica, fazendo inúmeros cursos de especialização em filologia portuguesa, filologia românica, língua latina, literatura brasileira, linguística, língua e literatura medievais.

¹³ Verbete produzido por José Pereira da Silva

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Exerceu o magistério nos educandários Colégio Bittencourt da Silva, British School, Instituto Americano, dentre outros, e na rede pública no Colégio Municipal Cardeal Leme, em Niterói. No ensino universitário, trabalhou na Faculdade Niteroiense de Letras, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Judas Tadeu, na Faculdade de Ciências e Letras de Volta Redonda, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde ingressou por concurso público, além de ter ministrado aulas em cursos de atualização e aperfeiçoamento em diversos Estados, através dos Cursos da CADES do Ministério da Educação e Cultura (1966 a 1994) e participado da elaboração e aplicação de diversas provas de diversos concursos.

Participou de vários congressos, e simpósios de filologia, linguística, língua e literatura inglesa, de reforma do ensino, de etnolinguística, de língua portuguesa, dentre os quais se podem destacar o Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, criado e dirigido por nosso operoso e erudito presidente, Prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho.

Como homem de letras, deixou apreciável obra em publicações sobre língua portuguesa, literatura portuguesa, prefácios, artigos em inúmeros periódicos, como *O Fluminense*, *Folha Regional*, *Letras Fluminenses*, *Correio da Manha Jornal de Cultura*, *O Correio*, este em uma coluna dedicada à nossa Academia, denominada *História das Palavras* e, depois, *Filologia*. Os três últimos

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

artigos foram de sua autoria, sendo que os dois últimos, Short, já hospitalizado, não os viu impressos. O último artigo, datado de 30 de abril, 14 dias antes de seu falecimento, versou sobre gramáticos renascentistas, abordando a obra de Duarte Nunes de Leão, sobre o qual Short destacou o interesse pela diacronia. Colaborou como verbetista no *Dicionário de Linguística* de Zélio Jota, publicado pela Editora Presença. Também a revista *Idioma*, do Instituto de Letras da UERJ, teve a colaboração de Short. Inédita ficou sua dissertação, com que obteve o título de Mestre na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada: *Barroco: A “Agonia” de um Estilo e o “Êxtase” da Língua à Luz da Filologia*. Além desses trabalhos, escreveu diversos livros didáticos como *Português para o Vestibular do curso P. A. Vestibulares*, em cinco volumes; *Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Coleção Vetor*, em seis volumes; *Latim para o vestibular do Curso P. A. Vestibulares.* e *Português em linguagem viva*, em coautoria com a Profª. Terezinha Pinto Lisboa.

Short foi exemplo de camaradagem, cultivando a amizade como joia inestimável.

O professor e acadêmico Carlos Alberto Short nasceu em Niterói, no dia 16 de maio de 1941, onde viveu até à morte, em 14 de maio 1999, dois dias antes de completar 58 anos.

Bacharelou-se e licenciou-se em letras clássicas e em literaturas de língua portuguesa, pela Universidade Federal do Rio de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Janeiro, tendo feito nove cursos de especialização nas áreas de Linguística e Letras, apresentando sua dissertação de mestrado no Instituto de Letras da UERJ em 1997, cujo título é *Barroco: a “agonia” de um estilo e o “êxtase” da língua, à luz da Filologia*.

Incansável, chegou a atuar em dez atividades simultaneamente, quando trabalhava em nove estabelecimentos de ensino e ainda fazia um curso de especialização, por volta do ano de 1980.

Como conferencista, teve uma intensa atuação em academias e órgãos públicos, além de ser conferencista permanente da Administração Regional do Estado do Rio de Janeiro do SESC.

Além de diversos títulos e menções honrosas que recebeu, foi eleito para a Academia Brasileira de Filologia, assumindo a cadeira número 25, cujo patrono é Hemetério dos Santos e cujo primeiro ocupante foi Modesto de Abreu, na qual tomou posse no dia 06 de junho de 1998, não chegando a comemorar nela o seu primeiro aniversário, pois faleceu no dia 14 de maio de 1999.

Veja mais sobre Carlos Alberto de Araújo Martins Teixeira Short Nunes na Internet.

CARLOS DE LAET

Para conhecer a obra de Carlos de Laet devemos consultar os três volumes editados pela Fundação Casa de Rui Barbosa e pela Livraria Agir. Uma equipe de alto nível preparou a edição. Homero Senna selecionou e organizou os dados biobibliográficos. O Padre Francisco Leme Lopes, que estudou Laet a vida inteira, não pôde cumprir a tarefa em virtude de seu estado de saúde. O acadêmico Adriano da Gama Kury fez a seleção cuidadosa dos textos.

Volume 1: *Crônicas*. Preparação do texto por Adriano da Gama Kury; índice onomástico por Ivette Maria Savelli Sanches do Couto; revisão por Ivette Maria, Júlio César Castañon Guimarães e Rachel Teixeira Valença, 1983.

Volume 2: *Polêmicas*. Índice onomástico por Helena Christina Rigueira C. de Lyra; revisão final por Adriano da Gama Kury e Rachel Teixeira Valença, 1984.

Volume 3: *Discursos e conferências*. Índice onomástico por Ivette Maria S. Sanches do Couto; revisão final: Ivette Maria S. Sanches do Couto e Júlio César Guimarães, 1984.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Num dos prefácios, o Prof. Antônio José Chediak nos mostra que as primeiras produções literárias de Carlos de Laet aconteceram aos vinte anos, quando aluno da última série do Colégio Pedro II. Começava a despontar a vocação de escritor em prosa e verso. Aos 29 anos, entrou de rijo no jornalismo, escrevendo no *Diário do Rio de Janeiro*, surgindo nele a figura de um dos maiores polemistas do país. Dali passou para *O Cruzeiro*, delineando-se os traços de vigoroso jornalista futuro: cuidadoso no uso do idioma, fervente na fé católica e ardoroso monarquista.

A seguir, redigiu para o *Jornal do Comércio* o folhetim semanal chamado de *Microcosmo*. Ali ele registrava variados assuntos. Ferino, destemido, provocante, em linguagem tão cristalinamente pura e estilo tão atraente e original, que, segundo contemporâneos, passaria ele à posteridade como um dos vultos exponenciais das nossas letras.

Pelo *Jornal do Comércio*, Laet travou uma polêmica famosa com Camilo Castelo Branco, quando o novelista português organizou, a seu modo, uma coletânea de excertos de escritores portugueses e brasileiros e publicou-a com o título de “Cancioneiro Alegre”. Em cada texto, criticava os mais ilustres escritores da época, não escapando Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias, Moniz Barreto e Fagundes Varela, a quem chamava simplesmente “Sr. Fagundes” ou “como dizia Fagundes”.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Camilo censurou Fagundes Varela por ter empregado no plural o verbo haver na frase – “Haviam brisas e passarinhos, ilusões e devaneios” – bem como por ter usado o *Ihe* em vez do *o* em – As musas lhe favoreçam – sintaxe coloquial brasileira.

Laet retribuiu esta última acusaçāo com um “esvoaçaram-se”, usado pelo próprio Camilo como se o verbo fosse reflexivo. E, além de outras infrações à pureza da língua, apontou de Camilo, no “Romance de um rapaz pobre”, um *houveram* coisas terríveis. Vários filólogos, como Cândido Jucá e Arthur de Almeida Torres demonstraram ser usual a concordância, desde o século XIV: Queirós, Euclides da Cunha, João Ribeiro e, sobretudo, Camilo Castelo Branco, utilizaram a construção. Como se vê, Camilo excedeu-se no uso de uma concordância que repelia e dela se serviu, mesmo depois de a rejeitar.

No aspecto filológico, interessa-nos a polêmica travada com João Ribeiro, a partir de 1913. Antes, no final do século passado tinha havido entre ambos uma leve escaramuça. Deve-se dizer que João Ribeiro foi o precursor da direção filológica em nossos estudos e autor da vastíssima obra. A Academia Brasileira de Letras, com o escritor Múcio Leão, planejou publicar seus trabalhos em 59 volumes, tendo editado sete.

João Ribeiro escrevia uma coluna no jornal *O Comércio de São Paulo*. Ali, ele não poupava nem os seus colegas gramáticos, particularmente Fausto Barreto, a quem chamava de especialista

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

em teratologia gramatical, pois para tudo quanto fugia à norma era teratológico, monstruoso.

Barreto e Laet, professores do Colégio Pedro II, escreveram a *Antologia Nacional*, com dezenas de edições pela Livraria Francisco Alves, livro que serviu e serve até hoje para quem quiser conhecer parte da história da filologia brasileira, descrita exemplarmente por Sílvio Elia em *Ensaios de Filologia e Linguística*.

Em suas críticas, João Ribeiro abria uma exceção: “Reservo-me apenas o direito de salvar o Laet que é mau sujeito, mas é um escritor”. Laet, que havia elogiado a gramática de João Ribeiro, protestou contra o “mau sujeito” e disse que foi examinador de João Ribeiro num concurso para professor do Colégio Pedro II e, apesar de deploráveis incorreções da tese, dera-lhe o voto.

Numa das críticas a Laet, João diz que aquele escritor não o tinha em boa conta e acrescenta: “A explicação que dou a este é que ele efetivamente é o chefe dos gramáticos. Ele pensa que desconheço aquele seu merecido generalato gramatical e por isso exige a continência e a vassalagem”. Afirmava, ainda, que os leitores de Laet estavam no Cais do Porto e na Cidade Nova.

Laet, imediatamente, no jornal *O País*, deu a resposta:

João Fernandes Ribeiro é um mestiço sergipano, e quando põe em dúvida se em Goiás se fala português, ou se os leitores da Cidade Nova valham tanto quanto os da avenida, não o faz por ser fidalgo, mas por amor da chalaça que também cultiva nas horas vagas.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

A seguir, Laet critica a gramática portuguesa de João Ribeiro, para o curso primário, e afirma:

Você, na dita gramática, encaminhada a desasnar a puerícia, e querendo apurar-lhe a pronúncia em português, inclui os vocábulos *Fiat Lux* (faça-se a luz, em latim) entre os da nossa língua que os pequerruchos devem proferir nitidamente. Um sujeito, amigo meu, traz sempre ao pescoço uma dessas mantas que (diz ele) em bom português se chama *cache-nez*. Então o pobre homem só por isso tem de ser uma besta, e você com seu *Fiat Lux* havia de ficar como sábio?

Logicamente, a polêmica não parou nesse ponto e persistiu por algum tempo, cada um apresentando suas queixas e suas razões.

Após a morte de Laet em 1927, Gilberto Amado e Alceu Amoroso Lima enalteceram a obra do jornalista, escritor e professor.

Alceu aproximou Laet do inglês Chesterton. Gilberto o aproxima do francês Léon Bloy: humorista, o seu espírito era de boa veia, fácil, rico, espontâneo, cruel, como o grande polemista católico a que tanto se assemelhava – Léon Bloy.

Jornalista, escreveu só o que sentia, o que pensava, o que queria. Dos grandes escritores brasileiros, era o que possuía sintaxe mais simples e mais segura. Quando discutia, não perdia tempo com fraseologias supérfluas, ia diretamente ao adversário. Restam poucos dessa estirpe, depois da morte de Capistrano. Resta João Ribeiro, cuja existência modesta de verdadeiro sábio esperemos Deus dilate e preserve ainda por muito tempo, dizia Gilberto Amado.

Sim, a velha cepa nacional do Brasil dos brasileiros. O Brasil dos humanistas, sabedor dos antigos, dos gregos e dos latinos, insistia Gilberto.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em 24 de novembro de 1947, a Academia Brasileira de Filologia comemorou o centenário de Carlos de Laet. O discurso oficial foi proferido por Ragy Basile. Usaram também da palavra o acadêmico Jacques Raimundo, que se reportou à atuação de Laet como professor e diretor do Colégio Pedro II. Encerrando a sessão, falou o Prof. Júlio Nogueira, que realçou a retidão de caráter e o espírito de justiça do homenageado.

Veja mais sobre Carlos de Laet na Internet.

CARLOS EDUARDO FALCÃO UCHÔA

(Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1936).

Licenciado e bacharel em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da então Universidade do Brasil (1959), professor de português do Colégio Pedro II e de latim e de português do Colégio de Aplicação da FNFI, foi também professor de latim (1961) e de linguística (1965-1967) da FNFI, por indicação dos professores Ernesto Faria e Mattoso Câmara, respectivamente. Professor da Universidade Federal Fluminense desde 1961, ano de sua criação, onde fez sua carreira como iniciador do ensino de linguística (1963), livre-docente em linguística (1974) e professor titular (1987). Após sua aposentadoria, professor emérito em 2004. Exerceu na UFF funções de relevo, como as de chefe de departamento, coordenador de pós-graduação e membro dos conselhos superiores. Como professor do Programa de Pós-graduação em Letras (a partir de 1976), criou a linha de pesquisa Linguística e Ensino de Português, tendo orientado cerca de 30 dissertações e teses. Em 2004, passou a lecionar linguística no curso de especialização em língua portuguesa do Liceu Literário Português. Consultor do CNPq, da CAPES e da FAPERJ, foi também bolsista do

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

CNPq (1981-1983) e da CAPES (1991-1995; 1996-2001). Membro fundador (1969) da Associação Brasileira de Linguística e membro titular da Academia Brasileira de Filologia (desde 1980) é um dos membros propositores do Grupo de Trabalho sobre Historiografia da Linguística Brasileira (1995) da ANPOLL (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística). Participante de inúmeros congressos no Brasil, com apresentação de trabalhos, tem intensa participação em bancas examinadoras de livre-docência, doutorado e mestrado, além das concursos públicos para o magistério em várias universidades brasileiras. Foi coordenador de português da Fundação Cesgranrio (1976-1989) e autor de inúmeros artigos, em vários periódicos e em miscelâneas, direcionados, em sua maioria, para dois centros de interesse: linguística e ensino de português e historiografia da linguística brasileira. Autor de artigos para a Encyclopédia Cultural Luso-Brasileira (Lisboa), coordenador da coleção Linguística e Filologia de Ao Livro Técnico, com 20 obras publicadas, tendo escrito uma apresentação crítica para quase todas. Em 2006, foi homenageado com um livro, *Entre as Fronteiras da Linguagem*, organizado por Marina Cezar, Terezinha Bittencourt e Luiz Martins Monteiro de Barros, no qual colaboraram importantes nomes do meio acadêmico brasileiro.

BIBLIOGRAFIA:

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Dispersos de J. Mattoso Câmara JR. Seleção e introdução. Rio de Janeiro: FGV, 1972¹⁴.

A linguística e o ensino de Português. Niterói: UFF, 1991;

O ensino de gramática: caminhos e descaminhos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, com que alcançou o Prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras, em 2008,

A linguagem: teoria, ensino e historiografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2008.

REFERÊNCIAS:

Rosalvo do Valle, Apresentação de *A linguística e o ensino de Português*;

Marina Cezar, Terezinha Bittencourt e Luiz Martins Monteiro de Barros. Apresentação de *Entre as fronteiras da linguagem*;

Evanildo Bechara. Apresentação de *O ensino de gramática: caminhos e descaminhos*

Leonor Lopes Fávero. Prefácio de *A linguagem: teoria, ensino e historiografia*.

Veja mais sobre Carlos Eduardo Falcão Uchôa na Internet.

¹⁴ Em 2004, foi o organizador de nova edição revista e ampliada desta obra, com seis novos ensaios de Mattoso Câmara e um terceiro texto do organizador, além da atualização da bibliografia do linguista brasileiro.

CARLOS HENRIQUE DA ROCHA LIMA

Carlos Henrique da Rocha Lima nasceu na cidade do Rio de Janeiro, antiga capital da República, aos 22 de outubro de 1915. Filho de Marcellino Pitta da Rocha Lima e Evangelina Ramos da Rocha Lima. Viúvo de Maria de Lourdes da Rocha Lima, teve três filhas e cinco netos.

Curso primário no Externato do Sagrado Coração de Jesus, em São Cristóvão, escola particular de grande prestígio à época. Estudos secundários, durante cinco anos, no (extinto) Internato do Colégio Pedro II, em cujo Externato completou o sexto ano, a fim de diplomar-se Bacharel em Ciências e Letras (turma de 1935). No ensino universitário, graduou-se Doutor em Letras, ao conquistar, na Universidade Federal Fluminense, o título de livre-docente em língua portuguesa.

Iniciou sua escalada em 1936, ao disputar com 23 candidatos, em concurso de provas, um lugar ao sol no magistério público da então Prefeitura do Distrito Federal. Classificado em segundo lugar – em chave com Antônio Houaiss (o primeiro lugar coube a outro amigo, Sílvio Elia) -, foi nomeado professor de português, latim e literatura do Ensino Técnico Secundário, com exercício na

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Escola Visconde de Cairu (1938), e, depois, na Escola Paulo de Frontin (1941), para finalmente, ser alçado por merecimento, ao Instituto de Educação (1947), onde contribuiu, por estirados anos, para a formação de numerosas turmas de normalistas.

Nesse mesmo ano de 1947, a convite de Guimarães Rosa (a quem só então conheceu pessoalmente), passou a reger a cadeira de português do Instituto Rio Branco, do Ministério das Relações Exteriores. Aí, também, deixou um pouco de si numa geração de diplomatas.

Ainda por essa época, integrou a Missão Cultural ao Uruguai, em cumprimento de Convênio Internacional. Anos mais tarde (1962-64), caber-lhe-ia, mais uma vez, divulgar a cultura brasileira em terras estrangeiras, quando exerceu em Londres a função de diretor da Casa do Brasil na Grã-Bretanha.

Em 1956, tornou-se catedrático de português do Colégio Pedro II, depois de concurso de provas e títulos, no qual se classificou em primeiro lugar, entre oito concorrentes de alto nível. Nessa sesquicentenária instituição de ensino humanístico (da qual foi professor emérito), respondeu, interinamente, por duas cátedras de literatura – vagas pelo falecimento de Álvaro Lins e pela aposentadoria de Afrânio Coutinho; integrou o Conselho de Curadores e o Conselho Departamental; chefiou, durante longo tempo, o Departamento de Português e Literatura; e, por coroamento, ascendeu ao posto de diretor do velho internato e à alta hierarquia de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

presidente da Congregação de Catedráticos, muitos dos quais haviam sido professores seus.

Dentro das salas de aula, no ensino secundário e no superior; em cargos de administração escolar, no país e fora dele; em vastíssima atividade do magistério da pena (livros didáticos, teses de concurso, ensaios doutrinários etc.), desempenhou ininterrupta e fecunda atividade. Foi professor titular da Faculdade de Humanidades Pedro II; ensinou na Escola de Aeronáutica dos Afonsos; nos cursos de aperfeiçoamento de professores do Instituto de Educação; na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; na Universidade Santa Úrsula. Serviu os cargos de diretor do Colégio Pedro II – Internato; diretor da Casa do Brasil na Grã-Bretanha; diretor do Departamento de Educação Técnico-Secundário; diretor do Instituto de Pesquisas Educacionais; diretor da Escola Técnica Sousa Aguiar. Pertenceu a órgãos colegiados federais, como a Comissão Nacional do Livro Didático, o Conselho Nacional do Serviço Social e o Conselho Consultivo da Fundação Casa de Rui Barbosa. Atuou, como examinador, em concursos para titular e livre-docente, em várias universidades federais.

Membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia; da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura; do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro; da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo; do PEN Clube do Brasil; da Associação Brasileira de Educação. Membro

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

temporário (1962-1964) do *Portuguese Language Committee*, da Inglaterra; membro honorário da Academia Cearense da Língua Portuguesa.

Quando se aposentou, em 1982, a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro conferiu-lhe, por unanimidade, em sessão solene, a láurea de Cidadão Benemérito, por serviços relevantes à educação e à cultura. E, em 1985, a Câmara dos Vereadores de sua cidade natal outorgou-lhe, também por unanimidade, a Medalha Pedro Ernesto, a mais importante distinção concedida a um carioca.

Possuiu, além dessas, as seguintes condecorações: Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, conferida pelo Tribunal Superior do Trabalho, na área de educação; Medalha Oscar Nobiling (de Mérito Linguístico e Filológico); Medalha Anchieta, Medalha Rui Barbosa; Medalha Pedro II; Medalha Tamandaré; Medalha José de Alencar.

Autor de numerosos estudos linguísticos e literários, e de obras didáticas – estas últimas de larga influência nos rumos do ensino de português no país.

Morreu aos 22 de junho de 1991, na Casa de Rui Barbosa, entre seus pares do Círculo Linguístico. Fazia conferência sobre poema de Manuel Bandeira. Só a morte súbita interrompeu-lhe a palavra: morreu vivo.

OBRAS

I) Trabalhos filológicos

Através da “Oração aos moços”: tentativa de interpretação estilística de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, 1949. Reeditada em SILVA, José Pereira da; LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Estudos de Rocha Lima: “Rui”, “a” e “e”*. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, CD-ROM. Disponível em:

<http://www.filologia.org.br/rocha_lima/>.

Oração aos moços, de Rui Barbosa (com estabelecimentos do texto, prefácio e breves notas explicativas). Edição nacional promovida pelo Congresso Brasileiro de Língua Vernácula na comemoração do centenário de Rui Barbosa, por proposta do mestre Sousa da Silveira, aprovada pela ABL. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

O ritmo na prosa oratória de Rui, (em *O Globo*, de 7.11.1949).

Discurso no Colégio Anchieta, de Rui Barbosa (com estabelecimento do texto, prefácio e breves notas explicativas). Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1981.

Contribuição para o estudo da língua de Castro Alves: explicação gramatical e literária do poema “Vozes d’África”. In: _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 11-39. Monografia laureada com o prêmio Centenário de Castro Alves, da Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal, em 1946.

Uma preposição portuguesa: aspectos do uso da preposição a na língua literária moderna. Tese de concurso para a cátedra de português do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, 1954. Reeditada em SILVA, José Pereira da; LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Estudos de Rocha Lima: “Rui”, “a” e “e”*. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, CD-ROM. Disponível em:
http://www.filologia.org.br/rocha_lima/.

O problema da análise literária: teoria e aplicação – Monografia inédita, laureada com o prêmio Carlos de Laet de 1956 (Prêmios municipais de literatura, instituídos pela lei nº 793, de 28 de abril de 1954).

Sistema gramatical da língua portuguesa, na *Encyclopédia Delta-Larousse*. Rio de Janeiro, tomo VI, 1960.

Sobre o sincretismo de *a* e *em* no exprimir direção. *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro: Simões, 1969. Reeditada em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 111-117.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Pontos nos is: o estilo de Guimarães Rosa. *Boletim UEG*, nº 40, agosto de 1969, Rio de Janeiro.

Uma elegância idiomática em declínio: o objeto direto preposicional. *Informativo da Fundação Getúlio Vargas*, nº 6, ano II, Rio de Janeiro, 1970. Reeditada em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 118-123.

Subsídios para o estudo da partícula “e” em algumas construções da língua portuguesa. Tese apresentada à Universidade Federal Fluminense, em prova de habilitação a Livre-docência. Rio de Janeiro, 1975. Reeditada em SILVA, José Pereira da; LIMA, Valentina da Rocha (Orgs.). *Estudos de Rocha Lima: “Rui”, “a” e “e”*. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, CD-ROM. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/rocha_lima/>.

Um cultismo sintático herdado do latim medieval. *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, nº 5, 3º trimestre de 1980. Rio de Janeiro, p. 30-35. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 124-137.

Otávio Mangabeira e o idioma nacional. *Jornal do Brasil*, 25 jun. 1986. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 70-75.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Gramática normativa da língua portuguesa. 48^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. [1^a ed., 1957.]

Ouro-Velho da língua na literatura brasileira do século XX, em *Estudos universitários de linguística, filologia e literatura*. Homenagem ao professor Sílvio Elia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1990. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 175-189.

Dois momentos da poesia de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 81-110.

2) Conferências Literárias

*Rui Barbosa artista*¹⁵. Montevidéu, 1948. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 197-208.

¹⁵ Palestra recitada no famoso recinto de “El Ateneo” de Montevidéu (Uruguai), como membro de Missão Cultural Brasileira enviada pelo Itamaraty ao país vizinho, em cumprimento a tratado internacional.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

*Juca Mulato, o poema da terra*¹⁶. Montevidéu, 1948. Reeditado em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 40-50.

*Um clássico moderno: João Ribeiro*¹⁷. In: _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 51-55.

Ode (em prosa) a um triunfador – em honra do professor Antenor Nascentes. *Jornal do Commercio*, 19 jun. 1966). Reeditada em _____. *Dispersos*. Org. por Valentina da Rocha Lima, Marcelo da Rocha Lima Diego e José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Botelho, 2010, p. 56-58.

Sobre o estilo de Guimarães Rosa. Proferida no Teatro José de Alencar, em Fortaleza, durante o I Simpósio Norte-Nordeste de Estudos da Língua Portuguesa, em 1976.

O Colégio Pedro II e a tradição dos estudos linguísticos e literários. Aula Magna, ministrada à abertura dos cursos em 1981.

Rui e o culto da língua portuguesa. Palestra no Liceu Literário Português, em 1982.

¹⁶ *Idem*.

¹⁷ Proferida em sessão pública da Congregação do Colégio Pedro II, por ocasião do centenário do escritor. Rio de Janeiro, 1960.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Antenor Nascentes: o homem e o mestre. Palestra realizada na Associação Brasileira de Educação [ABE] em 1986.

3) Livros Didáticos

Anotações a textos errados. 4. ed. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944.

Teoria da análise sintática: introdução ao estudo da estrutura da frase portuguesa. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1958.

Antologia: 3^a e 4^a séries ginaciais. In: Rocha Lima e J. Matoso Câmara Jr. *Curso da língua pátria.* 8. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1960.

Antologia: 3^a e 4^a séries ginaciais. In: Rocha Lima e J. Mattoso Câmara JR. *Curso da língua pátria.* 7. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1960.

Português no colégio: 1^a série dos cursos clássicos e científico. 16. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1969.

Português, em *O exame de admissão ao curso ginásial.* 4. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1959.

O programa de português no segundo ciclo, em colaboração com Mário Pena da Rocha e Raul Léllis. 3. ed., 2 vols.. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1951.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

O programa de português no curso comercial, em colaboração com Raul Léllis. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1947.

Leitura integral, I – para a 1. série do ciclo ginásial. 2^a ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1966.

Leitura integral, II – para a 2. série do ciclo ginásial. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1967.

Base de português – para o curso de admissão ao curso ginásial e 5^a e 6^a séries primárias. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1969.

Ciclo ginásial do português. 2. ed., 2 vols. Rio de Janeiro: Reper, 1970.

Manual de redação, em colaboração com Raimundo Barbadinho Neto. 4. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1987.

4) Direção e consultoria

Coleção "Estante da Língua Portuguesa" da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1971-72. Volumes publicados:

Fonética sintática, de Sousa da Silveira;

Meios de expressão e alterações semânticas, de Said Ali;

Textos quinhentistas, de Sousa da Silveira;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O fator psicológico na evolução sintática, de Cândido Jucá (filho);

Ensaios de linguística e de filologia, de Leodegário A. de Azevedo Filho;

A língua do Brasil, de Gladstone Chaves de Melo;

Dispersos de J. Matoso Câmara Jr. (Direção).

Dicionário encyclopédico Koogan Larouse Seleções. 2 vols. Em cores.

Nouveau Petit Larouse em couleurs. Tradução e adaptação à língua portuguesa. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1978 (coautoria).

Veja mais sobre Carlos Henrique da Rocha Lima na Internet.

CARLOS DA COSTA FERREIRA PORTO CARREIRO

Carlos da Costa Ferreira Porto Carreiro, professor e acadêmico, nasceu na cidade de Recife, em 1865, vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1932.

Com uma vasta atuação na área de cultura, pois foi poeta, tradutor, diplomado em direito, professor de economia política e finanças na Faculdade de Direito do Recife, jornalista, filósofo e membro-fundador da *Academia Pernambucana de Letras*, ocupando a cadeira de número 04, cujo patrono é Vigário Barreto, o professor Carlos Porto Carreiro legou à posteridade uma vida de dedicação às letras.

Em sua cidade natal, Recife, tornou-se proprietário e diretor de um ginásio. Posteriormente, a família transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde o professor Porto Carreiro prosseguiu suas atividades ligadas à transmissão do saber.

Sua bibliografia inclui os livros de poemas *As Crianças*, de 1883 e *Ritmos*, em 1893. A produção filológica do autor pode ser aquilatada em sua ainda excelente *Grammatica da Lingua Nacional*, publicada em 1918 pela Casa J.R. dos Santos na cidade do

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Rio de Janeiro, enquanto as *Lições de Economia Política e Noções de Finanças*, de 1931, podem ser citadas como seu *opus magnum* relacionado à economia.

Contudo, é sua primorosa tradução da peça *Cirano de Bergerac*, de Edmond Rostand, feita em 1907 e publicada no Rio de Janeiro também pela Casa J. Ribeiro dos Santos, que eleva o acadêmico recifense às alturas no mundo das letras. Em seu tempo, a língua francesa tinha grande internacionalidade e para ela Carlos Porto Carreiro vertia primores da literatura brasileira. Entretanto, seu trabalho com a obra de Rostand merece os mais retumbantes elogios como os que transcrevemos abaixo, de Ivo Barroso:

A leitura comparada dos textos – original e tradução – permite ao leitor verificar a extrema fidelidade de Porto Carreiro à estrutura e ao estilo da peça. As falas são rigorosamente respeitadas, sem cortes ou acréscimos, cada verso traduzido vis-à-vis do verso original. A beleza e a sonoridade das frases encontram sua exata correspondência em língua portuguesa, conservando-se aqui o timbre e a gama das inflexões. Vez por outra, o efeito, conseguido em francês pela utilização de uma rima rara ou preciosa, se não é correspondido *sur place*, vai aparecer em outro trecho, onde melhor se ajusta. Mas o tradutor jamais foge às dificuldades estilísticas do original; utiliza recursos semelhantes, imagens reverberadas, rimas esdrúxulas, alusões consentâneas num surpreendente equilíbrio de isotopias.

Com base em sua vida de dedicação às letras foi eleito como Patrono da cadeira de número 31 da Academia Brasileira de Filologia.

Veja mais sobre [Carlos da Costa Ferreira Porto Carreiro](#) na Internet.

CARLY SILVA

Um dos mais lídimos representantes dos estudos de língua e literatura inglesa, assim como de gramática transformacional, o professor e linguista Carly Silva nasceu em 21 de fevereiro de 1928 na cidade do Rio de Janeiro, onde reside até hoje.

Antes do trabalho com as letras, Carly Silva bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil em 1953, mesmo já possuindo em 1949 e 1950 o “Lower Certificate in English” e o “Certificate of Proficiency in English”, ambos emitidos pela Universidade Cambridge. Em 1955 obteria o “Diploma of English Studies”, também exarado pela mesma universidade. Em 1958 bacharelou-se em letras anglo-germânicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro, concluindo no ano seguinte a licenciatura pela mesma faculdade. Doutorou-se em letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Estado da Guanabara, em 1963.

Em 1964 foi-lhe concedido o primeiro prêmio no “Concurso Shakespeare”, instituído pela Secretaria de Educação do Estado da

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Guanabara em colaboração com o Conselho Britânico, Fundação Casa do Brasil na Grã-Bretanha e a Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa.

No exterior, o acadêmico Carly Silva realizou três cursos de aperfeiçoamento, sendo um em Stratford-upon-Avon, berço de Shakespeare, outro em Hull, ambos na Inglaterra, sendo o terceiro na Universidade de Edimburgo, Escócia.

Exerceu entre 1955 e 1971 o magistério de língua inglesa dos antigos 1º e 2º graus na prefeitura do então Distrito Federal, no Estado da Guanabara e em escolas da rede particular de ensino. No ano de 1960 tornou-se professor do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde encerrou suas atividades acadêmicas em 1991.

Foi professor titular efetivo de literatura inglesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor titular de língua inglesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e professor da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuou de 1969 a 1980 como professor orientador na disciplina língua inglesa do Curso de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal do Rio de Janeiro e de 1969 a 1980 no Curso de Mestrado em Letras na Universidade Federal Fluminense.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

O trabalho do professor Carly Silva ultrapassou os limites regionais, ao ser ele constantemente requerido para ministrar cursos e disciplinas em nível de Pós-Graduação em outros estados, como, por exemplo, Santa Catarina e Minas Gerais. Como professor credenciado de mestrado e doutorado estiveram sob sua orientação, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, quinze dissertações de mestrado e uma tese de doutorado, enquanto no Curso de Mestrado do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, foram vinte cinco as dissertações orientadas. Mesmo após sua aposentadoria, continuou a ser convocado para tomar parte em duas bancas de mestrado e duas de doutorado, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade Federal Fluminense e na Universidade de São Paulo.

Como docente de cursos de atualização e extensão universitárias, Carly Silva se dedicou especialmente ao ensino e aprendizagem da língua inglesa, fonologia e gramática. No campo da gramática transformacional, foi um de seus pioneiros no Rio de Janeiro e, inclusive, ministrou em 1973 o seminário “A Evolução da Teoria Transformacional” no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense e na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Durante suas atividades acadêmicas, o professor Carly Silva proferiu várias conferências e integrou diversas mesas-redondas em instituições brasileiras. Participou e foi presidente de inúmeras

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

comissões examinadoras de concursos e provas de habilitação para o magistério superior, em instituições de ensino superior do Rio de Janeiro e em outros estados da Federação. Foi membro da comissão coordenadora dos concursos vestibulares da área de letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1970, da comissão examinadora de inglês do concurso vestibular da CESGRANRIO em 1972 e 1973 e do vestibular unificado em 1974 e 1975, sendo assessor técnico da fundação CESGRANRIO de 1974 a 1987. Atualmente é membro do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro.

Foi diretor do Instituto de Filosofia e Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro de 1980 a 1984 e exerceu duas vezes a chefia do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da mesma instituição.

A bibliografia do acadêmico Carly Silva reflete bem sua vida acadêmica dedicada ao magistério:

a) Livros: *Gramática Transformacional: uma visão global*, publicada pelo Ao Livro Técnico, em 1978; *English grammar: essentials of English grammatical structure*, saída ao lume em 1982 no Rio de Janeiro; o indispensável *Dicionário de Linguística Transformacional*, publicado pela UERJ em 1988; *A basic reference grammar of English*, obra de 1989, editada na cidade do Rio de Janeiro.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A lista de monografias, teses e trabalhos de pesquisa de Carly Silva traz preciosas contribuições ao estudo da língua inglesa de William Shakespeare e de vários outros temas acerca da gramática do inglês.

Dentre os quarenta e um artigos que pudemos arrolar, oriundos da pena do linguista fluminense, encontram-se os seguintes: Limitações da gramática transformacional. In: *Anais do I Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura*, publicada em 1976 pela revista *Littera*, às páginas 91-102; A atribulada carreira do conceito de estrutura profunda, in: *Anais do II Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura*, de 1977 e publicado pela editora Três A Ltda., no Rio de Janeiro; Novo capítulo na história da Linguística Transformacional, in: *Anais do V Congresso Nacional de Estudos de Linguística e Literatura*, às páginas 357-382; A propósito das tentativas de formalização de correlações sintático-semânticas na Gramática Transformacional, in: *Cultura linguística*, volume I, 1982; Modelos transformacionais, in: *Anais do I Simpósio Fluminense de Lógica, Filosofia e Teoria da Ciência*, de 1983 e publicado em Niterói; An example of how to make use of papers in descriptive linguistics for teaching purposes, in: *Anais do V Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua Inglesa*, volume 2, 1984, saindo à luz em São Paulo; Implications of the use of *must* in questions about obligation, in: *Anais do VI Encontro Nacional de Professores Universitários*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de Língua Inglesa, Recife, 1985; A evolução do conceito de Linguística Aplicada, in: *Confluência*, nº1, 1991, Rio de Janeiro. Além de todos os artigos *supra* elencados, expôs suas reflexões acerca da língua inglesa em vários números da revista *Contacto*.

Uma vida em prol da língua inglesa e sua literatura, da gramática e da fonologia. Estas são apenas algumas poucas áreas de conhecimento das quais Carly Silva se ocupou enquanto docente, pesquisador e acadêmico da Academia Brasileira de Filologia.

Veja mais sobre [Carly Silva](#) na Internet.

CASTELAR DE CARVALHO

(RJ, 25/8/1941).

Professor de língua portuguesa, licenciado pela UERJ, doutorou-se pela UFRJ com a tese *O pronome SE: uma palavra oblíqua e dissimulada* (1990), que recebeu conceito “Excelente” da banca examinadora. No início de sua carreira, exerceu o magistério no ensino médio, tendo posteriormente concentrado suas atividades no ensino superior, lecionou na Universidade Santa Úrsula (USU) e na Faculdade de Humanidades Pedro II (FAHUCE), onde foi assistente do renomado Prof. Dr. Sílvio Elia, membro ilustre da Academia Brasileira de Filologia. Em 1981, ingressou, por concurso, na Faculdade de Letras – UFRJ, onde atuou nos cursos de graduação, pós-graduação e extensão, como professor, examinador e orientador de dissertações e teses. Nessa faculdade, coordenou o Projeto de Pesquisa *Língua Portuguesa e Música Popular Brasileira*, do qual resultaram cursos, conferências e um livro de ensaios sobre a obra do compositor carioca Noel Rosa, o Poeta da Vila. Pesquisador, tem ministrado cursos livres de língua portuguesa e participado de congressos e seminários, proferindo conferências e comunicações. Autor de artigos e livros, dentre os quais se destaca-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

cam os relacionados a seguir. Membro da Academia Brasileira de Filologia, ocupa a cadeira nº 4, cujo patrono e filólogo maranhense Francisco Sotero dos Reis, passando para o quadro especial em 2011.

Bibliografia

Artigos: O falar gaúcho da Grande Porto Alegre, in: *Enfoque*, FA-PERJ, nº 1, 1981; “Processos de indeterminação do sujeito no português do Brasil”, in: *Letras em processo*, USU, nº 1, 1985; “Comicidade e sátira no cancioneiro de Noel Rosa”, in: *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*, UERJ, 1996; “Uma teoria do amor em Noel Rosa”, in: *Idioma* nº 19, UERJ, 1997; “A voz medial: do latim ao português”, in: *Anais do VII Encontro das Associações das Universidades de Língua Portuguesa*, UFRJ, 1997; “A retórica da paixão em Noel Rosa”, in: *Idioma* nº 20, UERJ, 1997; “A voz medial: do latim ao português”, in: *Confluência* nº 16, Inst. De Língua Portuguesa / Liceu Literário Português, 1998; Resenha crítica de *Na ponta da língua* nº 1, ILP/Liceu Literário Português, 1998; “Neologismos semânticos”, in: *O mundo Português* de 06/8/1999; “O Renascimento e as línguas vernáculas”, in: *Confluência* nº 19, ILP/Liceu Literário Português, 2000. Livros: *Ensaios gracilianos* (sua Dissertação de Mestrado), Ed. Rio, 1978; *Noel Rosa, língua e estilo* (em coautoria com o Prof. Dr. Antônio Martins de Araújo, da ABRAFIL), Thex

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Ed./Univ. Estácio de Sá, 1999; *Para compreender Saussure*, 9^a ed.
reformulada. Petrópolis: Vozes, 2000.

Referências:

“Apresentação”, de Sílvio Elia, in: *Para compreender Saussure*; “Apresentação”, de Walmírio Macedo, in: *Ensaios gracilianos*; “Para compreender duas revoluções da linguística”, Muniz Sodré, in: *Jornal do Brasil*, 17/10/76; “Graciliano, a subversão do estilo burocrático”, Adriano da Gama Kury, in: *Jornal do Brasil*, 02/12/78; *Morfologia portuguesa*, de José Lemos Monteiro, Fortaleza, EDUFC, 1987; *Para compreender Labov*, de José L. Monteiro, Vozes, 2000.

Veja mais sobre Castelar de Carvalho na Internet.

CELSO FERREIRA DA CUNHA

Nasceu em Teófilo Otoni, Minas Gerais, em 10-5-1917, e faleceu no Rio de Janeiro, em 14-4-1989. Bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito (hoje Faculdade de Direito da UFRJ). Licenciado e doutor em letras pela Faculdade Nacional de Filosofia e doutor *honoris causa* pela Universidade de Granada. Professor emérito da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, de onde foi professor titular e decano do Centro de Letras e Artes. Por dez anos foi diretor da Faculdade de Humanidades Pedro II. Professor emérito do Colégio Pedro II, em que exerceu o magistério desde os 17 anos de idade. Lecionou a sua especialidade na Sorbonne de 1952 a 1955, de 1970 a 1972 e em 1983. *Gastprofessor* na Universidade de Colônia em 1966. Durante quatro anos dirigiu a Biblioteca Nacional (1956-1959), foi Secretário-Geral de Educação e Cultura do Governo Provisório do Estado da Guanabara (1960). Membro do Conselho Federal de Educação, em que cumpriu dois mandatos (1962-1966), e Membro do Conselho Federal de Cultura (1986-1989).

Pertenceu à Academia Brasileira de Filologia, à Academia Brasileira de Letras, ao PEN Club, ao Círculo Linguístico do Rio

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

de Janeiro, à Academia Mineira de Letras, à Academia das Ciências de Lisboa, à Société de Linguistique Romane, à Association Internationale de Sémiotique, à Hispanic Society of America, à Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina, à Oficina Internacional de Información y Observación del Español, ao PILEI, à Association des Études Tsiganes.

Detentor de várias láureas entre as quais o Prêmio José Veríssimo de Ensaio e Erudição, conferido pela Academia Brasileira de Letras, pela obra *O Cancioneiro de Martin Codax* (1956) e o Prêmio Moinho Santista de Filologia (1983).

Convidado pelo Congresso Constituinte foi o revisor do texto da Constituição do Brasil, promulgada em 1988.

Sua obra apresenta três nítidas vertentes.

A primeira consagrada à lírica trovadoresca, a problemas de crítica textual e de versificação, tornando-se nesta área uma das maiores autoridades no assunto, como evidenciam as edições críticas do *Cancioneiro de Paay Gómez Charinho* (1945), *Cancioneiro de Joan Zorro* (1949), *Cancioneiro de Martin Codax* (1956), consideradas modelares pelo seu aparato linguístico-filológico. Os três cancioneiros foram republicados em conjunto, com o título *Cancioneiros dos Trovadores do Mar* (1999), em edição cuidadosamente preparada pela filóloga portuguesa Elsa Gonçalves, a partir do projeto idealizado por Celso Cunha e das anotações encon-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

tradas nos seus exemplares. Os estudos filológicos publicados como artigos e comunicações a congressos estão reunidos em *Estudos de Poética Trovadoresca, Versificação e Ecdótica* (1961), *Língua e Verso* (1963-1984), *Estudos de Versificação Portuguesa (séculos XIII a XVI)* (1982), *Significância e Movência na Poesia Trovadoresca* (1985).

Nessas edições, examina entre outros: “Hiato, sinalefa e elisão na poesia trovadoresca”; “A rima de vogal oral com vogal nasal”; “O dobre e o seu emprego nas cantigas de Paay Gómez Charinho”; “As findas das cantigas de Paay Gómez Charinho”; “Branca e Vermelha: sobre um passo da *Cantiga da Garvaya*”; “Sobre o e paragógico na épica e na lírica”; “Regularidade e irregularidade na versificação do *Auto das Barcas* de Gil Vicente”; “Sobre o de-cassílabo de Camilo Pessanha”.

Celso Cunha sentia urna inclinação, uma sensível preferência para o estudo de fases remotas de nossa língua e sua literatura. Suas investigações consistem na atenção que concedeu à poesia medieval. Aluno de Sousa da Silveira e Antenor Nascentes era natural que os seus primeiros trabalhos fossem consagrados à língua dos trovadores galego-portugueses e aos estudos diacrônicos.

Dedicou-se também à linguagem quinhentista e ao estudo da modalidade americana do português sempre dentro da superior unidade da língua portuguesa, com vista à elaboração de uma história da língua portuguesa no Brasil. São marcos dessa vertente:

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Camões e a Unidade da Língua (1957), *Uma Política do Idioma* (1964), *Língua Portuguesa e Realidade Brasileira* (1968), *Língua, Nação e Alienação* (1981), *A Questão da Norma Culta Brasileira* (1985), *Conservação e Inovação no Português do Brasil* (1986), *Que é um Brasileirismo?* (1987). Nessas obras aborda, numa visão atualíssima, a questão da norma culta, dos crioulos e discute os destinos da língua portuguesa no mundo entre os choques de culturas e os anseios de nacionalidades.

Esses trabalhos na área da crítica textual e do português do Brasil mereceram dos especialistas nacionais e internacionais os maiores elogios.

Com os títulos idealizados pelo próprio Celso Cunha – *Sob a Pele das Palavras*, e *Para uma História da Língua Portuguesa no Brasil* – encontram- se, no prelo, duas coletâneas de ensaios, organizadas por Cilene da Cunha Pereira, com o propósito de reunir em volume as comunicações e conferências apresentadas por ele em congressos, realizados no Brasil e no exterior; os estudos estampados em miscelâneas em honra de filólogos e linguistas brasileiros e estrangeiros; os artigos saídos em revistas especializadas de rara circulação entre nós, bem como as conferências proferidas em solenidades marcantes de sua vida.

Entretanto a vertente da sua obra de maior divulgação, a que o popularizou entre brasileiros e portugueses, é a que integra a *Gramática do Português Contemporâneo* (1970), *Gramática da*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Língua Portuguesa (1972) e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984-1985), esta última escrita em colaboração com Luís Filipe Lindley Cintra, da Universidade de Lisboa.

Todas elas são o resultado dos estudos importantíssimos realizados por Celso Cunha nos *Manuais de Português*, e em *Português Através de Textos: Estilística e História*, este, em coautoria com Wilton Cardoso.

A bibliografia de que se utilizou na elaboração dos seus textos, manejada com mestria, revela o bibliófilo que foi possuidor de uma das mais belas e importantes bibliotecas particulares do Brasil na área da filologia, linguística, língua e literatura e que agora faz parte do acervo da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Embora a filologia tenha sido a sua primeira e grande paixão, foi a dialetologia que se deixou ficar mais fortemente nas preocupações acadêmicas de seus discípulos. Hoje dois grupos de professores de língua portuguesa mantêm viva a voz do insigne mestre. Um deles dedica-se ao estudo da norma urbana culta do Rio de Janeiro (Projeto NURC) e o outro, à linguagem popular no Estado do Rio de Janeiro (Projeto APERJ), dos quais foi o coordenador até a sua morte.

Celso Cunha, profundo conhecedor dos trovadores galego-portugueses, era também um grande cultor da música popular bra-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

sileira. Sabia letras inteiras dos sambas de Ataulfo Alves, Billy Blanco, Ismael Silva, Noel Rosa, tanto que, nas suas aulas eruditas e atualizadas, era capaz de citar um exemplo linguístico apoiado nos sambas desses compositores.

Celso Cunha foi um intelectual que, através do magistério, dos seus livros e do diálogo com as mais diferentes expressões da cultura de nosso país, soube contribuir, pelas inúmeras funções que exerceu, para a renovação dos estudos das letras no Brasil.

Veja mais sobre Celso Ferreira da Cunha na Internet.

CHARLES ERNEST FREDSEN

(* 26/07/1868 - † 13/12/1953)

Oriundo de uma família do norte da França, Charles Fredsen nasceu na cidade de Montpellier, tendo vivido a primeira metade de sua existência na Europa e na África. Mudou-se para Portugal em 1910 e aí ficou até 1913, quando se transferiu para terras brasileiras, onde permaneceu até o fim de sua vida. Tendo convivido com grandes sábios de sua época e sendo um humanista respeitado, possuía profundos conhecimentos de filosofia, filologia, literatura e história. Suas especialidades eram a Antiguidade Clássica e o mundo franco-germânico, mas sua cultura linguística impressionava pela amplitude de conhecimentos. Dominava o alemão, que falava desde os quatro anos de idade, o italiano, o russo, o grego, o latim, o norueguês e o árabe, além do provençal, idioma em que chegou a escrever vários poemas, entre os quais Peire de Castelnòu. No Rio de Janeiro, foi professor de línguas e literaturas clássicas da primeira Universidade do Distrito Federal, idealizada por Anísio Teixeira em 1935 e fechada pelo governo em janeiro de 1939. Charles Fredsen escreveu um vultoso estudo intitulado “Do Indo-europeu ao Latim”, incluído por Cândido Jucá

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

(filho) em sua *Gramática Histórica* (1945). Faleceu no Rio de Janeiro, aos 85 anos de idade.

Veja mais sobre Charles Ernest Fredsen na Internet.

CILENE DA CUNHA PEREIRA

Nasceu no Rio de Janeiro. Fez seu curso primário no Colégio Sacré Coeur de Marie e o secundário no Colégio Pedro II (1962). Bacharel e licenciada em letras (português-francês) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1966), onde fez o mestrado, com a dissertação *Um Método Quantitativo para Análise Lexical: Aplicação a Três Poetas Simbolistas* (1975), e o doutorado, com a tese *Os Pescadores da Lagoa de Araruama: Etnografia e Linguagem* (1988). A dissertação foi publicada pela editora Tempo Brasileiro/INL, em 1979. Pela mesma editora saiu, em 1978, *A Obra Poética de Edgard Mata*.

Foi professora de português do Colégio Pedro II (1967-1969), do Departamento de Ensino Médio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro (1968-1971), do Colégio de Aplicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1969-1976) e da Faculdade de Humanidades Pedro II (1973-1984) e professora de prática de ensino de língua portuguesa e literatura brasileira da Faculdade de Educação da UERJ (1974 e 1975).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Professora adjunta de língua portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1976 a 1993), onde ministrou aulas tanto nos cursos de graduação quanto nos de pós-graduação.

Na condição de professor convidado, tem ministrado cursos sobre dialetologia, lexicologia e lexicografia, português do Brasil e morfologia, em nível de pós-graduação, em várias universidades brasileiras. Orientou dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Consultora do Centro de Estudos Dialectológicos da Universidade Federal do Acre, de 1991 a 1995.

Membro da Academia Brasileira de Filologia (ABRAFIL), Associação Brasileira de Linguística (Abralin), Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro (ASSEL-RIO), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL/GT Lexicografia e Lexicologia).

Ao longo de sua vida intelectual vem-se dedicando ao estudo da Língua Portuguesa, em especial da modalidade americana, e da Lexicografia, sobretudo na preparação de dicionários e glossários. Integrou a equipe de Lexicografia da Academia Brasileira de Letras encarregada da elaboração, revisão e atualização do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* (1998, 1999), *Pequeno*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Vocabulário Ortográfico da Língua portuguesa (1999), *Vocabulário Onomástico da Língua Portuguesa* (1999) e do *Dicionário da Língua Portuguesa*, em via de publicação.

Organizadora e Coordenadora, juntamente com Paulo Roberto Pereira, da *Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. Organizadora da *Minigramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. Coautora do *Caderno de Atividades* que acompanha a *Minigramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996. Membro da equipe organizadora da Gramática Eletrônica. Rio de Janeiro: Lexicon, 1997. Revisora, para a 3^a edição, da *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra. Organizou, a convite da Editora Nova Fronteira, dois livros inéditos de Celso Cunha: *Sob a pele das palavras* e *Para uma história da língua portuguesa no Brasil*.

Atualmente é Professora dos Cursos de Pós-Graduação de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Fundação Educacional Rosemar Pimentel (Volta Redonda/RJ), Professora Titular de Língua Portuguesa e Diretora do Curso de Letras da Universidade Santa Úrsula.

Veja mais sobre [Cilene da Cunha Pereira](#) na Internet.

CLAUDIO CEZAR HENRIQUES

N. 25/02/1951

Nascido na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Claudio Cezar Henriques atua no magistério desde o ano de 1972, tendo trabalhado em colégios particulares e da rede pública municipal, estadual e federal, entre os quais o Colégio Pedro II, onde se aposentou. Atualmente é professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, instituição em que ocupou os cargos de coordenador de língua portuguesa dos cursos de graduação e pós-graduação, vice-diretor e diretor do Instituto de Letras. Professor, romancista e poeta, seus livros mais importantes são: *Literatura: Esse Objeto do Desejo* (1997), *Atas da Academia Brasileira de Letras: Presidência Machado de Assis: 1896-1908* (2001), *Fonética, Fonologia e Ortografia: Estudos Fono-ortográficos do Português* (2007), *Morfologia: Estudos Lexicais em Perspectiva Sincrônica* (2007), *Sintaxe: Estudos Descritivos da Frase ao Texto* (2008), *A Nova Ortografia* (2008) e o romance *Nictóbata Infesto* (1999), vencedor do Prêmio Cidade do Recife de 1998. Sua participação como membro de sociedades científicas inclui a Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), a Associação Brasileira de Literatura Com-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

parada (ABRALIC), a Associação de Leitura do Brasil (ALB), a Associação Internacional de Lusitanistas e a Sociedade Brasileira de Língua e Literatura. É membro do GT de Lexicografia, Lexicologia e Terminologia da Associação Nacional de Pós-Graduações em Letras e Linguística (ANPOLL) e líder de Grupo de Pesquisa do CNPq. Bacharel e licenciado em letras pela UFRJ (1973-74), mestre em língua portuguesa pela UFF (1982), doutor em literatura comparada pela UERJ (1995) e pós-doutor em lexicografia pela USP (2005), Claudio Cezar Henriques é professor titular de língua portuguesa da UERJ, aprovado em concurso público de provas e títulos.

Veja mais sobre Claudio Cezar Henriques na Internet.

CLEMILDO LYRA DE ARRUDA

Clemildo Lyra de Arruda, filho de Manuel Trajano de Arruda e de Deolinda Lyra de Arruda, nasceu a 14 de maio de 1916, no Pernambuco que durante o século XIX, e grande parte do século XX, foi o principal centro cultural do Nordeste, e, sem, dúvida, um dos mais importantes do país. Destacavam-se ali três instituições modelares de ensino: o Seminário de Azevedo Coutinho, em Olinda, onde se plasmaram célebres pensantes que se distinguiram nas revoluções de 1817 e 1814, tais como: Frei Caneca, Padre Mororó, Senador Alencar, e, tantos outros. Foi uma escola de heróis e de líderes.

O Ginásio Pernambucano foi fundado em 1825, fonte de estudos humanísticos, sérios e eficientes, donde saíram muitos jovens, já preparados, e à altura dos ensinamentos universitários da época. E a Faculdade de Direito que, sem ferir as instituições citadas, ocupou a supremacia nos debates acadêmicos. E por aquele ambiente de reflexões abstratas, passaram homens como Augusto Teixeira de Freitas, figura ímpar em seu mundo jurídico e queplainou o caminho para Clóvis Beviláqua elaborar seu monumento jurídico – o nosso Código Civil que até hoje mantém conceitos

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

e princípios científicos inalteráveis. Clóvis, o sistematizador do nosso direito, foi aluno e professor de direito comparado no Recife. Paula Batista, o maior processualista de seu tempo, respeitado e admirado pelos juristas alemães; Tobias Barreto, o polemista, Pontes de Miranda, Nabuco, Rui, e, muitos outros que compõem a galeria dos nossos homens ilustres.

Esta era a Recife da época, a *civitas* das pesquisas jurídicas e filosóficas, onde se proferiam a cultura do espírito às ganâncias do lucro. Neste estado de sólida formação humanística, nasceu o professor Clemíldo Lyra de Arruda, na cidade de Caruaru, a terra dos irmãos Condé que deram grande contribuição ao Brasil no setor das letras e da ciência. Clemíldo transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde continuou seus estudos. Formou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito da Universidade do Brasil e licenciou-se em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia na mesma universidade. Percebendo que não sentia vocação para advogar, enveredou pelo caminho do magistério, dedicando-se à formação cultural da mocidade brasileira. Era um homem de estudos permanentes, filólogo, conhecedor do vernáculo, latinista e helenista, dominava o latim e o grego. Católico fervoroso, estudioso da Bíblia, cujos textos lia na língua de Horácio e de Homero, cotejando-os com paciência filológica; e, por último, estudava o hebraico para melhor compreender a mensagem cristã. Era apaixonado pela cultura greco-latina e pelos poetas romanos. Ele ad-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

mirava Horácio e Catulo, e na Grécia preferia a Píndaro que, segundo o professor Nascentes, era um dos esteios da Grécia. Amava a verdade e abominava os improvisos. Talvez, em virtude de seu ideal de perfeição; não escreveu uma obra à altura do seu talento. Mas nem sempre os escritores são os mais eficientes. Sócrates nunca escreveu, e, no entanto, é um dos maiores vultos da cultura helênica.

Clemildo, além das letras, fez incursões no mundo da filosofia, assistindo a aulas específicas no Mosteiro de São Bento, onde era oblato e lecionou grego aos futuros monges, latim, no Pedro II, durante 30 anos, e grego no Liceu Literário Português, e língua vernácula nos colégios do Estado e em muitos outros estabelecimentos de renome no Rio de Janeiro. Era admirador do Padre Leonel Franca, cujas obras comentava, destacando a *Psicologia da Fé*, livro que muito contribuiu para seu aprimoramento espiritual. Foi aluno do curso de doutorado na Faculdade Nacional sob a orientação do ilustre mestre, professor Souza da Silveira, analisando *I – Juca Pirama* de G. Dias. E ainda frequentou vários cursos de extensão Universitária. Clemildo, além de sua vasta cultura foi um homem de Deus, profundamente religioso e nunca comentava os defeitos dos colegas. Era um homem dedicado exclusivamente às letras, andava sempre com um livro de latim ou de grego na sua pasta de trabalho, a fim de estudá-los nos momentos disponíveis. Os livros estavam inseridos na sua alma de professor. Só cometeu

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

um pecado na sua vida profissional, não escreveu o que sabia, tanto era seu ideal de perfeição. Faleceu com cheiro de santidade em 19/04/1997.

Veja mais sobre Clemildo Lyra de Arruda na Internet.

CLEONICE SERÔA DA MOTTA BERARDINELLI

Professora brasileira, nasceu Rio de Janeiro, 28.08.1916. Licenciada em letras neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, doutorou-se em letras clássicas e vernáculas pela Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde também defendeu tese de livre-docência, e exerce, desde 1944, o magistério de literatura portuguesa, tendo recebido, em 1987, o título de professora emérita. Desde 1963 exerce também o cargo de professora titular de literatura portuguesa da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em ambas, orientou mais de oitenta dissertações de mestrado e teses de doutorado. Em 1970, obteve, por concurso, a vaga de professora titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal Fluminense. Exerceu o magistério da mesma matéria nessa Universidade, na Universidade Santa Úrsula e na Universidade Católica de Petrópolis. Como professora visitante, deu, em 1985, cursos de graduação e pós-graduação na Universidade da Califórnia (campus de Santa Bárbara) e, em 1987 e 1989, de mestrado na Universidade de Lisboa. Desde 1994, é titular da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses, criada na PUC-Rio pelo

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Instituto Camões, em convênio com esta Universidade. Em 1999, criada a Cátedra Jorge de Sena na Faculdade de Letras da UFRJ, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, foi eleita para o Conselho de Administração da mesma. Privilegiando a sua área de especialização, vem participando, sempre como convidada, de congressos, colóquios e seminários, no Brasil, em Portugal, na França e nos EUA. Em 1996, a convite do Prof. Dr. Carlos Reis, integrou o grupo de professores estrangeiros da área de letras, que constituíram o Painel de Estudos Literários para avaliar os Centros de Investigação de Universidades Portuguesas de Lisboa, Coimbra, Braga e Porto. Em 1997, integrou a Comissão de Avaliação Departamental para julgar o Departamento de Letras Modernas da USP. Desde 1999, é membro da Comissão de Aconselhamento do Centro de Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira da Universidade Católica Portuguesa.

Desde 1997 é diretora executiva da revista *SEMEAR*, da Cátedra Padre Antônio Vieira, da PUC-Rio; membro do Conselho Executivo da revista *Via Atlântica*; membro do Conselho Editorial das revistas *Interfaces*, *Scripta*, da PUC de Minas Gerais; *Gragoatá*, da UFF, e outras.

Tem pronunciado considerável número de conferências em universidades e outras instituições de ensino do Brasil, de Portugal, do Uruguai e do Paraguai, muitas das quais estão publicadas

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

em revistas especializadas e obras coletivas. A convite da televisão e de jornais brasileiros e portugueses, tem dado entrevistas.

Por duas vezes recebeu, de seus colegas das duas universidades em que continua trabalhando – UFRJ e PUC-Rio –, homenagens sob a forma de colóquios universitários: por ocasião do seu cinquentenário de magistério superior (quando também lhe foi dedicado um livro intitulado *Cleonice, Clara em Sua Geração*, editado pela EDUFRJ) e do seu octogésimo aniversário. Também o Instituto Camões organizou, em 1999, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, um colóquio em sua honra, o primeiro de uma série intitulada “Figuras da Lusofonia”. Em 1995, a Universidade Federal do Ceará fê-la professor *honoris causa*. Em 1996, é a Universidade de Lisboa que a faz doutor *honoris causa*. Em 1967, recebe do governo português a comenda do Infante D. Henrique; em 1985, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, o diploma de Honra ao Mérito; do governo brasileiro, em 1990, a Medalha de Oficial da Ordem de Rio Branco; em 1992, é patrona do II Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ; no mesmo ano, recebe do governo português a comenda da Ordem de Santiago da Espada; em 1993, da União Brasileira de Escritores, o troféu Francisco Igrejas; em 1996, o Laurel de Gratidão do Real Gabinete Português de Leitura; em 1998, o diploma de Mecenas do Museu do Livro da Biblioteca Nacional de Lisboa; em 1998, a Medalha de Mérito da Federação das Associações Portuguesas e

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Luso-Brasileiras; em 2000, o Prêmio Ivan Lins de Melhor Pesquisa Literária, da Academia Carioca de Letras e União Brasileira de Escritores, e, da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa e Ensino Superior (FAPERJ), a Medalha do Mérito Científico.

Fundou a Associação de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa, de que foi a primeira presidente, e o Seminário de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da UFRJ, que presidiu durante vários anos. É membro da Academia das Ciências de Lisboa, do PEN Clube do Brasil, da Associação Internacional de Lusitanistas (da qual foi vice-presidente por dois mandatos), da Academia Brasileira de Filologia, da Associação Brasileira de Literatura Comparada, da Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, da Associação Brasileira de Estudos Medievais, da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e Sócia Honorária do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos e do Liceu Literário Português. Faz parte do corpo de consultores da CAPES, do CNPq e da FAPERJ.

Publicou um grande número de artigos em revistas especializadas e jornais, de ensaios em atas e anais de congressos e em obras coletivas. Entre os livros editados no Brasil e em Portugal, citam-se *Cantigas de Trovadores Medievais em Português Moderno* (1958), *Estudos sobre Fernando Pessoa* (1969), *Estudos Camonianos* (1^a. ed., 1973; 2^a. ed., corrigida e muito aumentada, 2000), *Fernando Pessoa. Obras em Prosa* (1974); *Estudos de Li-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

teratura Portuguesa (INCM, 1985); as edições críticas de: *Auto de Vicente Anes Joeira* (1963), *Autos de Antônio Ribeiro Chiado* (INL, 1968) e *Teatro de António Ribeiro Chiado*: autos e práticas (Lello, 1994), *Sonetos de Camões* (Gulbenkian, 1980), *Poemas de Álvaro de Campos* (Série maior: INCM, 1990; Série menor: INCM, 1992; Série menor, anotada: Nova Fronteira, 2000); as antologias, com introdução crítica e notas, de: Mário de Sá-Carneiro, Gil Vicente, João de Deus, Fernando Pessoa (2), Bocage, José Régio.

Veja mais sobre Cleonice Berardinelli na Internet.

CLÓVIS DO REGO MONTEIRO

(* 10/06/1922, no Ceará; †26/05/1999, Rio de Janeiro).

Clóvis Monteiro começou lecionando o idioma nacional aos dezenove anos. Obteve a cátedra de literatura na Escola Normal com a tese de 1920 *Traços do Romantismo na Poesia Brasileira*, pois a sua tese *Morfologia e Sintaxe do Substantivo na Língua Portuguesa* não participou do concurso para o Colégio Militar, já que este concurso não chegou a se realizar. Outras conquistas se seguiram, como a direção do Instituto de Educação e Colégio Pedro II e a função de Secretário de Educação e Cultura no governo Mendes de Morais. A sua publicação *Português da Europa e Português da América* surgiu em 1921. Em 1933, obtém a cátedra do Colégio Pedro II com a tese *A Linguagem dos Cantadores*. Ainda ocupou a cátedra de língua portuguesa na Pontifícia Universidade Católica, no Instituto Santa Úrsula e na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La Fayette, mais tarde a atual Universidade do Estado – onde, por iniciativa de colaboradores como Prof. Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho, Prof. Dr. Evanildo Bechara, Prof. Dr. Olmar Guterres da Silveira, foi criado o Centro de Estudos Filológicos Professor Clóvis Monteiro – CEFIL, institui-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ção que conta, dentre as grandes realizações deste pesquisador da linguagem dos cantadores, com a publicação de *Miscelânea Filológica*, em que se reuniram artigos de colegas, discípulos e admiradores seus. A atuação acadêmica do CEFIL tornou-se de interesse público pela sua utilidade e excelência. Ainda nos legou *Ortografia da Língua Portuguesa* (1955), *Fundamentos Clássicos do Português do Brasil* (1950), *Nova Antologia Brasileira* que atingiu quinze edições, e a obra póstuma *Esboços de História Literária* (1961).

Veja mais sobre [Clóvis do Rego Monteiro](#) na Internet.

DAVID JOSÉ PEREZ¹⁸

David José Perez nasceu a 1º de março de 1883, na cidade de Breves, no Estado do Pará. Seus pais, Joseph Pérez, alfaiate, e Cotta Mhaudy Perez, eram imigrantes vindos de Marrocos, África.

Nas notas que deixou escritas – memórias em miniatura – e que se encontram em poder de seu Filho, Dr. Abner Joseph Perez, David Perez recorda as escolas primárias que frequentou, em Itacoatiara e Gurupá, e assinala efetivamente a dedicação das professoras.

Seu pai, depois do falecimento da esposa, ocorrido em 12 de outubro de 1893, deixou o Brasil, à procura de um lugar mais consentâneo à sua profissão, fixando-se em Tanger, Marrocos, onde o jovem se educou, e lá permaneceu de 1895 a 1900¹⁹.

Com o segundo casamento do pai, e o desentendimento com a madrasta, cresceu nele a vontade de retorno. Regressou à Ama-

¹⁸ Verbete produzido por Antônio Nunes Malveira

¹⁹ Em Tânger, David Perez estudou na Aliança Israelita, tendo como professor de Hebraico e tradições judaicas, o Rabino Mossé Taurel.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

zônia em companhia de uma irmã. Estava, então, com dezessete anos.

Veio, gostou e ficou para sempre. Com isto lucrou o Brasil.

Em Breves, trabalhou no comércio; mas, como tinha aspirações mais largas, resolveu mudar-se, de vez, para a capital da República. Aqui, de início, naquele Rio de Janeiro do princípio do século, a colocação que encontrou foi numa papelaria na rua da Quitanda, nº 39. Nunca teve pendor para o comércio. Sua vocação sempre foi para as letras, apesar de ter sonhado com a medicina.

No entanto, a batalha titânica pela subsistência mudou-lhe o caminho e delineou-lhe novos horizontes. As atividades comerciais que, para muitos, são fontes de prazer e de esperanças, para o futuro professor não passavam de uma prisão para sua inteligência especulativa. Aquele mundo estreito não era o seu, sua alma desejava alçar voos mais elevados, pois seu mundo era mais profundo e contemplativo. Precisava alcançá-lo, e a força de sua vontade conduziu-o ao seu destino, bem mais sublime.

Em 1906, com 23 anos, resolveu continuar os estudos. Matriculou-se no Ginásio Pio Americano onde acumulou as funções de inspetor de alunos com a de professor primário, lecionando português e história. E ali concluiu o curso preparatório.

Em 1916, formou-se em direito; 1918, doutorou-se em ciências econômicas. Casou-se com dona Clementina do Monte Mo-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

reira Pérez, de tradicional família alagoana, de formação cristã. Pérez nunca se prevaleceu da influência política do senador Clementino do Monte para galgar boas colocações nem prebendas. Todos os empregos que conquistou durante a vida foram através de seus prolongados estudos, ou por intermédio de concursos públicos. Só o mérito foi-lhe o aval do galardão.

Sempre foi um professor admirado e querido pelos seus alunos, em virtude da maneira afável como tratava os educandos – numa época em que ainda estava viva a figura do *magister dixit*.

Compreendia como poucos e em profundidade a alma angustiada dos moços. Colocava a juventude estudantil nas alturas, pois sabia que com aqueles jovens irrequietos prepara-se o futuro grandioso do Brasil. Daí a necessidade de uma didática persuasiva, exemplar, afetuosamente conduzida, e respeitosamente aceita pelo reconhecimento reverente dos discípulos.

Nunca se mostrou amargurado com a carreira que abraçou, porque atendeu ao chamado do seu mundo interior, sempre em sintonia com as coisas transcendentais e com sua alma profundamente religiosa.

Formado em direito, poucas vezes frequentou o fórum; caso tivesse se dedicado aos estudos jurídicos, teria sido um grande advogado, pois era aquinhoad de alto grau de inteligência rápida e ágil, de capacidade de raciocínio, tudo isto aliado aos vastos co-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

nhecimentos de filosofia, sociologia e economia, matérias imprescindíveis aos que se dedicam e se dedicam e se destacam na interpretação das leis.

Foi jornalista, colaborou em inúmeras revistas e jornais.

Era um espírito universal, que muito se preocupava com os destinos da humanidade. Em 1914, o jovem professor acompanhava com os alunos a marcha da guerra, mostrando-lhes os males do conflito. Na época, lecionava história universal no Ginásio Pio Americano, e os professores se dividiam em dois grupos: os germanófilos e os aliadófilos; entre estes, um dos mais exaltados, senão o mais, era David Perez. Na sua sala de estudos, estava sempre presente um mapa da Europa, crivado de alfinetes com cabeças coloridas, com os quais ele assinalava os movimentos dos exércitos que, na época, se digladiavam no Velho Mundo.

Em 1917, quando os ingleses ocuparam Gaza, e depois derrotaram os turcos, para a dez de novembro entrarem em Jerusalém, David Pérez, num artigo que escreveu, intitulado *Solução do Problema Judaico*, preconizou a criação do Estado de Israel, com as características do atual.

Apesar de ter exercido o jornalismo, foi através do magistério que se tornou conhecido, pois era sempre solicitado para lecionar em colégios importantes, tais como: Colégio Pio Americano, Externato Gabalda, no curso anexo à Faculdade Livre de Direito

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

do Rio de Janeiro, no Colégio São José, no Colégio Sagrado Coração de Jesus, na Escola Superior do Comércio, no Ginásio Federal, no Externato Bôscoli, no Externato Vieira Lima, no Colégio Maguen David (Hebreu-Brasileiro), no Instituto de Eletricidade Prática, no Lycée Français, na Faculdade de Teologia, na Escola da Sociedade das Damas Israelitas, no Instituto Jurema, no Curso de Cultura Geral, no Curso Bertelot, no Curso de Comissário da Armada, no Curso Pré-Médico, no Pré-Odontológico, no Colégio Accioli (a convite de seu ilustre proprietário), no Paulo de Frontin, no Curso Pré-Jurídico da Faculdade de Niterói, no Curso de Extensão Universitária da Escola Superior de Comércio, no Complementar de Direito da Universidade do Brasil, no Complementar da Faculdade de Medicina, e outros estabelecimentos de ensino; o espaço é pouco para enumerá-los a todos.

Na década de 40, ministrou, à noite, gratuitamente, na Sociedade Teosófica Brasileira, um curso de hebraico, com a finalidade de divulgar a riqueza cultural da língua de Moisés. Ali, sua cultura rabínica e teológica, invulgarmente, deixou as manifestações da sua competência e religiosidade.

Em 1939, com Antenor Nascentes, Clóvis Monteiro e outros mestres, ajudou a fundar a antiga Faculdade de Ciências e Letras do Instituto LaFayette, onde ocupou a Cátedra de Espanhol, língua que dominava com fluência.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

David Pérez foi Diretor do Colégio Hebreu-Brasileiro, atu-
almente incorporado ao Colégio Talmud Torah-Hertzlia, rua Ibitu-
runa nº 37. Durante mais de 50 anos foi membro da Sinagoga da
União Israelita Shell Gmilut Hassadin, da qual foi um dos gran-
des mentores, destacando-se em palestras religiosas e filosóficas,
ligadas à doutrina de seus irmãos de fé.

Criado o Estado de Israel, em 1949, ele sentiu-se realizado,
pois havia se batido de corpo e alma pela causa em jornais e con-
ferências.

Depois de instituído o Estado, com voto decisivo do Dr.
Oswaldo Aranha, ocupando então a Presidência da Assembleia
Geral das Nações Unidas, lá esteve representando a comunidade
israelita brasileira, que lhe financiou a viagem uma vez que ele
não dispunha de condições econômicas para custear-a. Conhecia
os lugares históricos como ninguém, através de sólidas leituras,
visto ser ele também professor de história geral.

Em Israel, o grupo que representava o Brasil, por ele chefi-
ado, foi orientado por um cicerone na visita aos lugares sagrados.
No entanto, sempre que havia falhas nas exposições dos fatos, o
velho professor corrigia-as com minúcias de mestre – com sutile-
zas tais que o guia, de quando em vez, solicitava seus conheci-
mentos.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Estava fundado o Estado de Israel, sonho que parecia perdido na ampulheta do tempo.

Os jornalistas, sabendo de sua persistência pela causa, correram ao seu encontro, ansiosos todos por uma entrevista sensacional.

– Então, professor, o senhor agora vai residir em Israel?

E ele, com sua serenidade peculiar, culto, polido e educado, deu-lhes uma resposta surpreendente:

– Realmente lutei bastante pela criação do Estado de Israel, porque entendia que se tratava de uma causa justa. Agora estou feliz, já que o nosso objetivo foi alcançado, porém não deixarei o Brasil pela nova pátria, pois aqui nasci, amo o meu país, sou antes de tudo brasileiro e daqui não sairei.

Como se vê, era um homem de inabalável personalidade e consciente de seu valor. Se tivesse optado pela nova pátria, teria ocupado altos postos nas instituições culturais e políticas; mas sua pátria, como disse, era o Brasil, onde descansa para sempre, lembrado pelos amigos e pelos discípulos.

À proporção que avançava na idade, sua fé tornava-se cada vez mais intensa. Faleceu aos 87 anos, em 10 de abril de 1970, no Rio de Janeiro, com a serenidade do justo, do idealista que sempre foi ao longo de sua existência.

Atividades comunitárias

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Como se percebe, o professor David Pérez tinha um espírito universal, preocupava-se não somente com os problemas culturais, com a associação de sua classe numa época de dificuldades políticas, mas também com o destino sócio-humano de seu povo, daí a revelação de mais de uma faceta de sua alma solidária.

Até o final da Primeira Guerra Mundial havia, no Rio de Janeiro, poucos judeus, e, além disso, dispersos; e cada um cuidava da sobrevivência, dificultando a realização de cerimônias religiosas, uma vez que, para reunião de tal natureza, são indispensáveis, no mínimo, dez judeus.

Para solucionar o problema, em 1913, um grupo de judeus, do qual participou David Pérez, criou a primeira entidade de ajuda ao imigrante judeu – AKHIEZER (ajuda ao irmão). Dessa data em diante surgiram outras organizações com fins associativos. Em 1917, quando foi feita por Lord Balfour a chamada Declaração Balfour, que permitia a fundação do Lar Judeu na Palestina, David Pérez, com outros judeus, inclusive Jacob Schneider, procuraram deputados brasileiros, em busca de apoio à causa, junto à Liga das Nações, da qual o Brasil era membro.

Esse grupo de pioneiros, além de outros, batalhou pela união dos judeus no Brasil, criando, ainda entidades filantrópicas, ao lado de outras de finalidade cultural, tais como: a fundação de bibliotecas etc. Em 1922, surgiu o Colégio Hebreu Brasileiro, com o objetivo de manter vivo o ensino da cultura judaica. Na década de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

1920, também foi edificado o Templo Israelita da rua Tenente Possolo. A criação dessas entidades culturais e religiosas foi um passo decisivo para reunir os judeus, das mais diversas nacionalidades, que viviam no Brasil, à procura de sossego.

David Pérez foi membro da Grande Loja Maçônica da Guanabara, formada de 19 lojas, que se rege pela Constituição de Anderson, tendo caráter presidencialista. Ele, professor ilustre, conhecido no magistério superior, principalmente por causa de sua vasta cultura e integridade moral, foi escolhido orador da Grande Loja, onde deixou a marca de sua personalidade e fidelidade à instituição a que pertenceu.

Jornalismo

Foi colaborador em revistas e jornais, escrevendo sobre assuntos variados: filosofia, religião e assuntos teológicos.

Em 1916, em plena guerra mundial, fundou com seu amigo Álvaro de Castilho uma revista intitulada *A Coluna*, com a finalidade de defender os interesses do povo judeu no Brasil. Distribuía-se na primeira sexta-feira de cada mês.

A redação e administração da revista ficavam na rua Major Fonseca, nº 51, São Cristóvão. O primeiro número de *A Coluna* saiu a 16 de janeiro de 1916, encerrando suas atividades em dezembro de 1917; portanto, publicaram-se 24 exemplares.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A revista era bem organizada, e pela sua estrutura parecia fadada a longa existência. No Rio de Janeiro, havia um Agente Geral, o senhor David Hassan, Avenida Rio Branco, nº 94, onde funcionava uma charutaria; na rua Visconde de Itaúna, nº 161, ficava o Agente Especial, o senhor David Weissmann.

A Coluna almejava ser o apoio do edifício da futura organização judaica no Brasil. O seu programa era unir os israelitas das mais variadas nacionalidades e lutar pelos seus interesses no Brasil, sob todos os pontos de vista: apresentar os judeus na sua verdadeira identidade religiosa, social e política.

Max Nordau,²⁰ intelectual de renome, em carta ao professor David Pérez, comunica-lhe que havia recebido o número de *A Coluna* e que o lera com o mais vivo interesse. E mais adiante na mesma carta, publicada no nº 4 da referida revista, página 45, 1916, afirma:

Mas, sob o ponto de vista moral, eu saúdo com alegria a criação de uma nova publicação, que se propõe a proclamar nossos altos ideais imutáveis há 3.000 anos, a fazer ouvir a voz dos profetas apaixonados e heroicos da justiça, do direito e da paz, na terra da fraternidade humana e do amor ao próximo.

²⁰ Max Simon Sutfeld, cujo pseudônimo era Max Nordau, nasceu em Budapeste, capital da Hungria, a 29 de setembro de 1849, e faleceu em Paris, no dia 22 de janeiro de 1923, aos 74 anos.

Na sua cidade natal, colaborou em vários jornais, mas sua ascensão cultural se deu na França, para onde se transferiu em 1880. Escreveu novelas, romances e comédias, e também sobre sociologia e filosofia, porém seu melhor trabalho foi *Lés Mensonges Conventionales de notre Civilization*, obra que o projetou internacionalmente.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Como se verifica, a revista, embora não tenha tido a duração talvez esperada, alcançou ressonância que ultrapassou as expectativas, indo além das nossas fronteiras.

A batalha pela classe

Foi um grande lutador pela causa do professor. De 1927 a 1930 presidiu a Confederação do Professorado, a mais antiga associação criada no Brasil, para defender os interesses do magistério – aliás, foi ele um dos fundadores.

Foi presidente da comissão organizadora do primeiro *Almanaque de Ensino*. A comissão teve que enfrentar grandes obstáculos, provocados pela falta de dados – mas muitas faltas foram superadas pela boa-vontade de diretores e secretários de estabelecimentos oficiais.

A comissão se preocupava não somente com a causa do professorado, senão também com os programas de ensino e com os assuntos que se prendiam aos interesses gerais da mocidade estudantil. Os membros da comissão ainda prestaram homenagem a notáveis figuras do magistério nacional, como: o matemático Joaquim Gomes de Souza, o inesquecível Fernando Antônio de Raja Gabaglia, o ilustre educador cônego Ozório de Athayde Cruz.

O *Almanaque* tinha exímia organização, pois continha o nome dos professores, seus endereços, as matérias que leciona-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

vam, as repartições e os estabelecimentos onde exerciam suas funções. Nele encontramos nomes de mestres eminentes, como: José Oiticica, Jorge Sumner, Cândido Jucá (pai e filho), Euclides Roxo, Jônatas Serrano, Júlio Nogueira, Oswaldo Serpa, Mário Barreto, José Accioli e outros. Registrava ainda os principais estabelecimentos de ensino, como o Colégio Pedro II, Faculdade de Medicina, de Direito, Escola Politécnica, Escola Naval, dentre muitos outros.

Presidiu a Confederação do Professorado Brasileiro, que ele e um grupo de mestres devotados à causa da educação fundaram em 1926, e que se instalou à rua 7 de Setembro, nº 59, 1º andar, Rio de Janeiro. A sua finalidade era organizar a Associação do Professorado. Entre os promotores achavam-se, além de David Pérez, Cândido Jucá filho, Nelson Romero, Oswaldo Serpa, Uriel Azevedo, Luís Werneck de Castro etc.

De início, a tarefa foi penosa, uma vez que poucas eram as adesões, e poucos os que viam possibilidade na formação da Associação; não existia na época uma nítida consciência de classe.

No entanto, depois de intenso trabalho, a Associação foi crescendo, e em 1927, a assembleia se reuniu para tratar do estatuto, diretoria e conselho deliberativo; o último era órgão técnico, que exercia papel importante naquela sociedade classicista; compunha-se de 12 membros: Abel Pinto, Cândido Jucá Filho, Maria

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

da Glória Ribeiro Moss, Oswaldo Serpa e outros – mais uma vez a presença do nosso Colégio Pedro II.

A obra ascendeu porque foi criada por homens competentes e idealistas e que, por isso, apesar das pedras encontradas no caminho, cresceu e frutificou, pois o ideal sadio vence tudo, até mesmo os indiferentes.

Depois de inaugurada a sede, começou a procura das salas por parte dos professores que desejavam ministrar aulas particulares, uma vez que muitos mestres residiam afastados da cidade, por isso ficavam impossibilitados de aceitar alunos em suas residências, e muitos necessitavam de tais aulas para acrecer o salário. A Confederação, com essa medida, resolveu o problema de muitos professores que, sem constrangimento, usavam as salas, e, assim, aumentavam sua receita.

Em março, foram 3 (três) as aulas dadas, em abril houve um acréscimo para 44, em maio, ministraram-se 239 aulas, em junho 333, em julho 352, e em agosto 383.

Como se vê, a Confederação já se tornara conhecida e procurada por quem desejava se aprimorar nos estudos. Já existe otimismo entre os mestres, eles percebem a mudança que o órgão lhes trouxe, dando-lhes apoio social e uma consciência de classe que antes não passava de um mito, de um sonho numa noite de verão. David Pérez, com sua cultura, com seu equilíbrio, conseguiu

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

que aquele punhado de homens acreditasse na natureza humana, na capacidade e eficiência associativas da humanidade: estava traçado o destino, o caminho correto na defesa dos direitos da classe.

A Confederação, pelo seu trabalho pioneiro, porém positivo, foi se projetando na vida carioca. Mas sua presença foi sentida além da capital da República, inclusive no interior do Nordeste, pois o padre Francisco Vittó, diretor do Ginásio de Crato, no Ceará, situado na rua Boa Vista, nº 238, em carta dirigida ao professor David Pérez, tecia elogios à Confederação, dando-lhe apoio integral, conforme demonstra este fragmento de sua missiva:

Convém notar que me sinto bem ao contribuir para esta obra de verdadeiro patriotismo que é a Confederação. A ela empenho toda a minha solidariedade, porquanto o seu fim é guiar de algum modo a boa causa do ensino na linha do progresso que merece ter, assim como consolidar os interesses da classe que a constitui.

Por outro lado, o professor José Romeu Siqueira, de Campina Grande, na Paraíba, em maio de 1930, pedia ao professor Pérez que lhe indicasse alguns livros, a fim de que ele pudesse se aprofundar em português, aritmética e desenho; além disso, manifestava o desejo de ser sócio da Confederação, apesar da longa distância.

Em 1929, Paulo Eleutério, jornalista em Manaus, professor de história, que excursionava pelo Acre, foi designado pelo professor David Pérez para representar e divulgar, em Rio Branco, a existência da Confederação. O ilustre homem de imprensa hospedou-se no Hotel Madri, e a 11 de fevereiro foi recebido em reunião

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

especial pelo professorado acriano, data em que ele propalou os estatutos da Confederação.

Na época governava o então território do Acre o Dr. Hugo Ribeiro Carneiro, que acolheu com apreço o professor amazonense.

No dia 14 do referido mês, o professor Paulo Eleutério, em reunião com o professorado local, propôs a fundação do Grêmio, que, tendo por presidente honorário o Dr. Francisco de Oliveira Conde, secretário-geral do Território e diretor do Ensino Público, ficou assim constituída:

Presidente – Professora Clélia Guerreiro Chaves; 1^a. Secretária, Professora Dulce Silveira; 2^a. Secretária, Isolina Seixas Landim; 1^a. Tesoureira, Elisa Pinheiro Chagas; 2^a. Tesoureira, Benvinda Ribeiro.

Comissão de redação de estatutos: Presidente – Professora Clemência Folhadela Taboada, Dalila Cravo e Clarisse Baptista.

A notícia da criação do Grêmio foi publicada no *Jornal do Estado do Amazonas*, em 16 de fevereiro de 1929, e, a 17, na *Folha do Acre*. Em carta, o professor Eleutério, a 15 de março, comunicava a David Pérez o êxito de sua missão.

Nestor Vitor consagrou à Confederação um belo artigo que achamos por bem transcrever, um extrato que demonstra a inteligência penetrante do autor, além do mais, sensível à posição social do mestre:

Ora, se o professor não cuidar por si de seus próprios interesses, não defender-se cada vez mais, cairá da hierarquia que lhe coube até antes da guerra, e, decaindo, há de com isso prejudicar o ensino.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Vivendo em situação abaixo de modesta, quase insustentável, como já é a da grande maioria da classe em nosso país, ele não poderá estar em condições normais para exercer a função importantíssima que na sociedade lhe cabe, com proveito para o futuro da nossa terra.

Artigo escrito há mais de 50 anos, mas completamente atualizado.

Dessa Confederação, que começou com poucos, mas que pretendia fazer muito por todos, sem nenhuma discriminação, uma vez que na sede da Associação havia abraços calorosos, extensivos a todos, desde o mais humilde professor até o mais intelectual dos mestres, nasceram grandes perspectivas para o futuro.

Surgiu, assim, naquele ambiente de cordialidade, onde o ideal sublime se colocava acima do egoísmo, o atual Sindicato dos Professores do Rio de Janeiro, sob a égide do inolvidável mestre David Pérez.

E, assim, aos 31 de maio de 1931, no Rio de Janeiro, na rua do Rosário, nº 149, no primeiro andar, às 15 horas, foi instalado o Sindicato dos Professores, fundado em 24 de abril do mesmo ano, presidido pelo Professor David Pérez, secretariado pelos colegas Erymã Carneiro e Cornélio José Fernandes Netto.

Foi uma tarde de congraçamento, de fraternidade, sobretudo indelével, que ficou na história. Nos seus estatutos prevaleceu o bom-senso e o equilíbrio “– O Sindicato não tomará conhecimento de questões de ordem sectária, religiosa, social e política, nem de candidaturas a cargos eletivos estranhos à natureza dos sindicatos”.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

No final dos debates, ocorridos em alto nível, o professor Agrícola Bethlem, que participou ativamente das discussões, propôs à assembleia que os componentes da mesa diretora, presidida pelo professor Pérez, permanecessem nos cargos até a realização das eleições, o que foi aceito por unanimidade.

A ata da instalação foi assinada por 24 professores, e David Pérez foi o primeiro a fazê-lo, ato solene que lhe conferiu o título de Sócio Primeiro, fundador do Sindicato. David Pérez, no entanto, não parou, pois tinha um espírito dinâmico, por isso, continuou se batendo contra o enfraquecimento da classe e, no biênio de 1949 a 1951, ainda presidiu ao Sindicato, lutando pela atualização da Portaria 204, que regulamentou o salário do magistério em função da unidade escolar e do salário mínimo. Na sua administração, no período citado, foi comprada a sede própria do Sindicato dos Professores, na avenida 13 de Maio, grupo 402, que atualmente se acha instalado na rua Pedro Lessa, nº 35, 2º andar.

Atividades culturais

No ensino secundário lecionou latim, francês, sociologia, português, literatura, espanhol, inglês, geografia, história, filosofia e grego, matéria que aprendeu com o Dr. Ramiz Galvão, glória do Colégio Pedro II, que, em relatório oficial, indicou o nome de David Pérez para professor do referido Colégio.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em virtude de sua competência profissional, foi solicitado inúmeras vezes para participar de bancas examinadoras, inclusive para avaliar conhecimentos de candidatos a vagas de tradutores públicos juramentados. Num desses concursos, examinou o nosso filólogo, professor Cândido Jucá (filho), em espanhol, conferindo-lhe o primeiro lugar.

Em 1944, tomou parte na banca que examinou os candidatos de espanhol no Colégio Militar do Ceará, disciplina que, em 1945, lecionou no Instituto de Educação de Niterói. Em 1947, foi eleito pelos colegas da Academia Brasileira de Filologia para proferir a conferência comemorativa do 4º Centenário de Cervantes, no Liceu Literário Português.

Já antes, em 1928, foi membro da banca que examinou os candidatos para professor de português no Instituto João Alfredo, em companhia de Daltro Santos, Figueira de Melo, Cristiano Franco, sob a presidência de José Rangel; entre os candidatos encontravam-se os professores Cândido Jucá Filho e Clóvis Monteiro, aquele aprovado em segunda colocação, este em primeiro lugar – o nosso Pedro II brilhando no mundo intelectual da capital.

É mister lembrar que, em 1919, estando vaga a cátedra de espanhol do Colégio Pedro II, aberto o concurso ele resolveu disputá-la, tendo como concorrente o ilustre mestre Antenor Nascentes, que apresentou a tese: *Dos elementos gregos que se encontram no Castelhano*; David Pérez candidatou-se com a tese: *Leis de*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Formação da Língua Castelhana, duas excelentes teses que não deixam dúvida aos consulentes. Concurso brilhante, tanto pelas notas obtidas, como pelas notas da Congregação. Da banca examinadora participaram: João Ribeiro, Laudelino Freire, Basílio de Magalhães e Vital de Almeida, presidida por Carlos de Laet; ambos alcançaram a média de 9,6.

O fato aguçou a mente do público interessado pela cultura por ter havido empate das notas, ocasionando dificuldade na solução definitiva. Mas o professor Nascentes era bacharel em letras pelo egrégio Pedro II, e seu aluno laureado, título obtido por poucos, portanto, de grande valor cultural, que, de fato, decidiu o impasse, dando ao professor Nascentes a primazia da vitória.

O professor Pérez aceitou com grandeza a sentença final da douta Congregação, sem dissabores.

No entanto, houve uma tentativa de aproveitar o professor David Pérez na cátedra de espanhol, conforme demonstra o parecer do Dr. Ramiz Galvão ao Exmº Sr. Ministro da Justiça, o Dr. Alfredo Pinto, em 1920, página cinco.

Dizia o mestre helenista:

O internato tem seu corpo docente especial, só lhe faltando o professor de grego, cuja cadeira está vaga, desde o falecimento do Dr. Hans Heilborn. Ora, esta vaga se pode preencher, ou por concurso, ou melhor, pela transferência do Professor Bacharel Antenor Nascentes (atual catedrático de Espanhol) cuja competência é conhecida; e neste último caso a cadeira de Espanhol poderia com vantagem ser provida pelo Dr. David Pérez, classificado em segundo lugar no concurso, a

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

que recentemente se procedeu. A idoneidade deste candidato ficou ali exuberantemente provada.

Como se percebe, o parecer do Dr. Ramiz Galvão foi lúcido e objetivo. Além disso, o nosso respeitado imortal filólogo, Dr. Antenor Nascentes, era um profundo conhecedor da língua de Homero, podendo lecioná-la, não somente no Colégio, mas em qualquer Universidade, com brilhantismo. Muitas e muitas vezes, ele, em nossas aulas de filologia, na antiga Faculdade de Ciências e Letras da Guanabara, deu provas de seus vastíssimos conhecimentos de grego.

Porque o caso não foi solucionado não encontramos, nos arquivos e documentos consultados, a resposta das autoridades superiores.

David Pérez havia estudado muito na calada da noite, uma vez que o tempo diurno lhe era reservado à luta pela subsistência. Uma estafa se lhe abateu, desmoronando-lhe as energias físicas, o que lhe custou um período de repouso, em Bicas, interior de Minas Gerais, a conselho médico. Não ganhou a cátedra, porém conquistou a admiração dos colegas, pela sua conduta e pela cultura. Carlos de Laet, apesar das divergências religiosas, solicitava-o, de quando em quando, para participar de bancas examinadoras. Suas tarefas eram inúmeras, as mais das vezes estafantes, contudo, sempre encontrava um espaço de tempo para aprofundar-se nos estudos clássicos.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Em 1935, quando se abriram as inscrições para a cátedra de latim, ele novamente concorreu à vaga com a tese: *A Influência do Hebraico no Latim*, inédita, talvez a única até hoje no assunto, em nosso País²¹.

Desta vez, a banca foi constituída por José Accioli, Padre Minella, Hahnemann Guimarães, de Laura Meyer e Matos Peixoto.

Seu adversário foi o latinista e erudito professor Nelson Romero; mesmo assim, David Pérez obteve a segunda colocação.

A sua tese começa com uma dissertação dos povos que navegavam no Mediterrâneo, o intercâmbio comercial entre eles, o que facilitava o contato das línguas.

Na página 8, cujo título é *ISRAEL E ROMA* ele mostra

que o vencedor romano, depois de muitos decênios de pugnas no Oriente, pôde, enfim, cunhar nas suas moedas o fato culminante das suas atividades militares; *Judea Capta* – o vencedor é que foi captado pelo vencido.

E, mais adiante, destaca que o seu efeito, já nos primeiros tempos era sensivelmente dominador; notamo-lo em todas as referências aos judeus nas literaturas daqueles tempos. E os apegados

²¹Assinale-se a carta de David Pérez ao preclaro João Ribeiro, em 1919, sobre a palavra *Mazal*, oferecendo-lhe uma sugestão etimológica que o sábio filólogo rejeitou primeiro, mas por fim, adotou-a em 1926 (Cf. Cândido Jucá (filho), discurso citado).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ao paganismo romano se lamentavam de haverem procurado conquistas na religião judaica.

É o que faz Rutilius Numantianus dizer:

Atque utinan nunquan Judaea subacta fuisse
Pompeii bellis imperioque Titi!
Latius excisse pestis contagia serpunt.
Victores que suas natio victo premit.

Na página 11, o autor se refere à fonologia; na páginas 15 e 16, aos radicais e vocábulos, tais como *abbas*, *battus*, *magus*; é um trabalho de percuciente pesquisa, no qual o autor revela vastos conhecimentos de linguística e história comparadas, como também o domínio do latim, hebraico e grego.

Em 1942, surgiu-lhe outra oportunidade, também em latim; ele, incontinenti, candidatou-se com a tese: *Carmen Saeculare de Horácio*, mas não chegou a submeter-se às provas, visto ter sido acometido de inesperada pneumonia; mas em 1937, em exame de títulos, foi aprovado em 2º lugar para lecionar latim no colégio que ele tanto amou – o Pedro II.

Sempre mereceu a deferência de seus colegas, não só pela sólida cultura, mas, sobretudo, pela sua conduta social e profissional. Os ambientes culturais e artísticos eram seu mundo, o viveiro sagrado de seu espírito, sempre ao encontro de conhecimentos científicos e da própria verdade.

Em 1954, quando, por imposição legal, foi obrigado a aposentar-se, saudou-o o professor Cândido Jucá (filho), seu amigo e

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

colega da Academia Brasileira de Filologia, instituição que ele ajudou a fundar, tendo como patrono J. Ventura Bôscoli.

Disse o professor Jucá:

Eu conheço este homem. Conheço-o há mais de quarenta anos. Foi meu mestre. Foi meu examinador em concurso. Tem sido meu amigo e meu colega.

Posso dizer de sua ciência, que é varia e profunda. Posso dizer de seu caráter, que é reto e idealista. Posso dizer de sua vida, que tem sido de trabalho e dedicação. Felicitei-me quando meus pares, neste Educatório, me escolheram para saudá-lo. Deram-me o ensejo de vir a público confessar certas intimidades que, aliás, eu, por temperamento, guardaria comigo.

Em nome do corpo discente, falou o jovem Antônio Monteiro da Silva: “Mesmo aqueles que não foram vossos alunos, neste Colégio, sabem, por tradição, do mestre que fostes”.

E, prosseguindo, diz o bacharelando:

Vossa erudição e cultura humanísticas são hoje patrimônio do Brasil e não existe criatura que lide com a causa do ensino e do saber que desconheça o papel de relevo que, há meio século, tem sido o labor incansável, a produtividade singular, o exemplo de dedicação e desvelo no preparo da mocidade.

Em seguida, falaram os professores Leônidas Sobrinho Portto, Ney Cidade Palmeiro e Boaventura da Cunha.

Não há dúvida, foi David Pérez um batalhador invencível durante sua longevidade, amigo inseparável dos livros, pois deixou um acervo de trabalhos publicados, incluindo traduções. Traduziu e prefaciou o famoso livro de Theodor Herzl – *O Estado Ju-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

deu; também o livro de Edmond Fleg²² – *Porque é que eu sou Ju-deu*. Escreveu *Judaísmo e Universidade*, e também uma pequena *História da Filosofia*; fez várias traduções do original hebraico, de assuntos religiosos; além desses trabalhos, o suficiente para imortalizá-lo, deixou muitos escritos dispersos em revistas, ainda desconhecidos do público.

Ao agradecer as manifestações de apreço que recebeu dos corpos docente e discente do Pedro II, por ocasião de sua compulsória, fez uma confissão de fé no futuro do Brasil, mormente aos jovens.

No Brasil não há motivos para pessimismos ou desânimos. Temos muito que fazer e vós o fareis com certeza. Isto que ledes nos jornais como situação calamitosa, numa grande proporção é obra de desconfiança. Ademais, em todo o mundo, em todos os tempos encontrareis o mesmo. Quanto ao Brasil, nestes meus setenta e dois anos, nunca o vi regredir, e vós ajudareis esse progresso. Além disso, não vos esqueçais que a nossa Pátria é a maior Nação de mentalidade latina, em população e em extensão territorial.

Para concluir, parece-nos indispensável transcrever o que disse Gildásio Amado:

Na data que alcançais o justo prêmio da aposentadoria, nos termos da Constituição Federal, cumpro o dever de consignar oficialmente os inestimáveis serviços que prestastes ao ensino, durante o longo período de vossa atividade no Colégio Pedro II.

Sois, na verdade, um exemplo de vida honrada e ilustre a serviço do ensino secundário e superior no país, exemplo que se deve destacar aos moços, no momento em que vos afastais do Colégio Pedro II, em virtude de insubstituível imposição Constitucional.

²² O livro de E. Fleg foi traduzido do Francês sob o pseudônimo de *Gikatila* – 1939, Rio de Janeiro.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Queira o distinto colega aceitar a expressão de meu elevado apreço e minha grande estima nesta oportunidade em que me cabe o privilégio de, como Diretor, elogiar a vossa conduta e testemunhar o reconhecimento unânime do Colégio.

Portanto, assim, nesse clima de fraternidade, de uma existência feliz entre seus pares, o mestre querido despediu-se do Colégio que tanto amou, tanto de si dando por ele, levando na sua alma filosófica e especulativa “a paz, que será sempre, enquanto houver a humanidade, a última palavra da História”.

Veja mais sobre David José Perez na Internet.

DOMÍCIO PROENÇA FILHO

(Rio de Janeiro, RJ, 1936)

Ensaísta, crítico literário, poeta, ficcionista e professor. Primeiros estudos na escola pública Joaquim Manuel de Macedo, na ilha de Paquetá, para onde foi com poucos dias de nascido e onde passou a infância e a juventude. Cursou ginásial e clássico no Colégio Pedro II – Internato, onde foi também inspetor de alunos, com atuação no turno da noite, durante o tempo em que fez o curso superior. É bacharel e licenciado em letras neolatinas (1957) pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, fez especialização em língua e literatura espanholas (1958), é mestre em literatura brasileira *lato sensu*, pela Faculdade de Letras da UFRJ (1970), livre-docente e doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina (1974). Foi professor titular de literatura brasileira da Universidade Federal Fluminense, onde ingressou como professor assistente, por concurso de provas e títulos, em 1971 e se aposentou, após 38 anos de magistério, na graduação e na pós-graduação. Lecionou língua portuguesa, teoria literária e literatura brasileira na Faculdade de Letras da UFRJ (1964-71), cedido pelo Colégio Pedro II; literatura brasileira, na Pontifícia Uni-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

versidade Católica do Rio de Janeiro (1964-68); língua portuguesa, didática de língua portuguesa, língua e literatura espanholas, didática especial de espanhol, literatura hispano-americana e cultura literária, na Universidade Santa Úrsula, primeiramente como assistente do Prof. Leônidas Sobrinho Porto e, em sequência, como titular substituto (1964-71), e redação jornalística, na Faculdade Hélio Alonso. Como professor titular convidado (*Gastprofessor*), tem ministrado cursos de literatura brasileira na Alemanha, na Universidade de Colônia e na Escola Técnica de Altos Estudos de Aachen. Foi professor de língua portuguesa e de espanhol no Colégio Pedro II, e de língua portuguesa no antigo Estado da Guanabara, por concurso de provas e títulos, realizado em 1963. Em 1968, assumiu, por convite do Prof. Thiers Martins Moreira, o cargo de secretário geral do Conselho Estadual de Cultura do mesmo Estado, que deixou para ser assistente do secretário de educação Celso Kelly (1972-75), função em que coordenou a implantação da Lei 5692/71. Foi assistente do diretor do Departamento de Cultura da Secretaria Municipal de Educação e Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, órgão de cuja estruturação participou. Em seguida, assumiu, a convite do prefeito Israel Klabin, a Subsecretaria de Educação e Cultura da mesma Prefeitura (1979-81). Lecionou língua portuguesa e literatura brasileira em inúmeros estabelecimentos particulares de ensino médio, entre eles os colégios Andrews, Mello e Souza, Bennet e Franco Brasileiro. Foi professor de português da Escola de Aeronáutica do

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Campo dos Afonsos. Tem ministrado cursos de língua portuguesa em diversas instituições, atuação que envolveu, de 1998 a 2000, cerca de trinta mil professores. Atua ainda na área de comunicação empresarial. É segundo tenente da reserva da Marinha, corporação em que prestou o serviço militar.

Obra publicada

Ensaios: entre outros títulos, *Estilos de Época na Literatura*, 15. ed. rev. e atual, 1995, um dos raros clássicos da literatura paradidática no país, desde 1967 com sucessivas edições esgotadas; *Língua Portuguesa, Literatura Nacional e a Reforma do Ensino*, 1974, esg.: visão crítica da aplicação da Lei 5692/71 e suas repercussões no ensino de língua portuguesa e de literatura brasileira; *Um Romance de Adonias Filho: uma leitura de Corpo vivo*, Tese de Livre-Docência, 1974, mimeo. *A Linguagem Literária*, 7. ed., 1999, introdução à linguagem literária, estudada através das características e das funções que apresenta, quando confrontada com o discurso cotidiano; *Pós-modernismo e Literatura*, 3. ed., 1999, uma das primeiras tentativas na área do livro paradidático brasileiro de configuração nos novos procedimentos artísticos e culturais que permitem depreender a existência de um novo estilo estético, nas últimas décadas do século XX; verbetes e monografias das áreas de teoria da literatura e de literatura brasileira da *Encyclopédia Século XX*, 5 v. 1969, da qual foi também Diretor de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Texto; Autores e livros *In:* SANT'ANNA Afonso Romano et al. *Brasilianische Literatur: Einzigartig und Unfassend*, 1994; *Manual de Colidência de Marcas* (com Evanildo Bechara), para o INPI, circulação interna. É autor de inúmeros ensaios críticos, publicados no Brasil e no exterior, entre eles os capítulos dedicados a Manuel Antônio de Almeida, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay, Aluísio Azevedo e Graça Aranha, constantes da *História da Literatura Brasileira*, 2000, v. 1 organizada por Sílvio Castro e publicada em Portugal.

Didáticos: *Comunicação em Português*, 4 vol. (os três primeiros volumes da primeira versão - *Português 1, 2 e 3* - em colaboração com Maria Helena Marques), série destinada ao segundo segmento do então primeiro grau do ensino, adotada durante mais de vinte anos e considerada marco de renovação na literatura didática no país; *Português e Literatura*, destinado a 1^a série do então segundo grau do ensino.

Poesia: *O Cercô Agreste*, 1979, centrado em dimensões existenciais; *Dionísio Esfacelado - Quilombo dos Palmares*, 1984, um recuperar poético da presença do negro na formação do Brasil; *Oratório dos Inconfidentes* 1 e 2 ed. 1989, ilustrado com inéditos de Portinari, um canto à liberdade, único livro de poemas comemorativo do bicentenário da Conjuração Mineira. Vários poemas dessas obras, esgotadas, traduzidos para o italiano, figuram na an-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tologia *Poeti Brasiliani Contemporanei*, 1997, organizada por Sílvio Castro.

Ficção: *Breves Estórias de Vera Cruz das Almas*, 1991, 1º lugar na cat. conto, no Concurso da Secretaria de Cultura e da Fundação do Distrito Federal, 1990, miniestórias, esg.; *Estórias da Mitologia - O Cotidiano dos Deuses*, 1995, “uma extravagância ficcional num bem-humorado estilo borgiano”, esg. *Capitu - Memórias Póstumas*, romance. Duas ed. 1998; *Eu, Zeus*, narrativa ficcional, 2000; *Nós, as Deusas do Olimpo*, 2000; *Os Deuses, Menos o Pai*, 2000.

Obras que organizou e prefaciou: *Os Melhores Contos de Machado de Assis*, 13. ed., 2001; *A Poesia dos Inconfidentes*, 1996: reúne, pela primeira vez, a obra completa de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto; *Ofícios Perigosos* – antologia de contos de Edilberto Coutinho 1998; *Pequena Antologia do Braga*, 4. ed., 2000; *Um Cartão de Paris*, 1997, último livro de crônicas do autor; *Aventuras*, sel. de crônicas de Rubem Braga, 2000. *O Livro do Seminário* da 1ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1982; *Literatura Brasileira: Ensaios I: Crônica, teatro, crítica*, 1986; *Literatura Brasileira: Ensaios II: romance, conto, poesia*, 1986.

Consultor editorial, organizou, para a Editora Artium, edições de romances, entre eles *O Filho do Pescador*, de Teixeira e Sousa; *D. Guidinha do Poço*, de Adolfo Caminha; *A Menina Mor-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ta e Repouso, de Cornélio Pena; *Macário*, de Álvares de Azevedo; *Os Bruzundangas* de Lima Barreto.

Promotor cultural, criou o Projeto Bienal Nestlé de Literatura Brasileira e coordenou a primeira, em 1982, e a segunda, em 1984. Autor também de dezenas de projetos culturais desenvolvidos pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, entre 1975-79. Na área da comunicação de massa, idealizou e produziu, para o Serviço de Radiodifusão Educativa do MEC, entre outras atividades, as séries “Nos caminhos da comunicação” (cerca de 100 programas) e “Os romances de Erico Veríssimo”.

Pesquisador, desenvolveu, entre outros, os Projetos “Pós-modernismo e Literatura”, base do livro publicado com o mesmo nome e “Manifestações da poesia brasileira contemporânea”, iniciado em 1995 e cujos resultados parciais serviram de base aos textos sobre autores e livros brasileiros da Exposição da Biblioteca Nacional na Feira Internacional do Livro de Frankfurt, 1994.

Administrador educacional, exerceu, entre muitas, as seguintes atividades: na UFF: chefe do Departamento de Literatura do Instituto de Letras (1979-84); chefe do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do mesmo Instituto (1989-92); coordenador do Setor de Literatura Brasileira do mesmo Departamento (1974-92); integrante da Comissão de Assessoramento Superior da Coordenação de Pós-Graduação e Pesquisa da UFF; integrante da

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Comissão Editorial da UFF e autor do primeiro Plano de Edições; integrante da Comissão de Alto Nível encarregada de definir o perfil acadêmico e administrativo do Centro de Estudos Gerais da UFF (1982-83); integrante da Segunda Comissão de Alto Nível encarregada do Anteprojeto de reforma da UFF (1984). Em outros espaços: integrante do Conselho Editorial da revista *Poesia Sempre*, da Fundação Biblioteca Nacional (1994-96 e 1999); especialista e coordenador da Equipe de Especialistas de Alto Nível responsável pelo Projeto de Implementação da Sistemática de Busca de Colidências para Marcas e Expressões de Propaganda desenvolvido pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro em convênio com o INPI (Instituto Nacional de Propriedade Industrial) do Ministério da Indústria e Comércio (1979-81); integrante da Comissão Organizadora do 1º Encontro de Cultura da Guanabara, promovido pelo Conselho Estadual de Cultura e pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura do antigo Estado da Guanabara; integrante da Comissão que elaborou o Plano de Ação Cultural Integrada desenvolvido pelo Município do Rio de Janeiro entre 1975-79; Decano do Centro de Educação e Letras da Universidade Santa Úrsula (2001).

Consultor ad hoc do CNPq, da CAPES e do CEPEG/UFRJ. integrante de inúmeras comissões julgadoras de concursos literários. É membro da Academia Brasileira de Filologia, do P.E.N. Club do Brasil, da Associação Brasileira de Literatura Comparada

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

(ABRALIC), da Academia de Artes, Ciências e Letras da Ilha de Paquetá e do Círculo Literário da Marinha.

Distinções comunitárias: Personalidade Cultural do Ano – 1982 – Associação Brasileira de Críticos de Arte de São Paulo, 1982; Personalidade Cultural do Ano – 1992 – Associação Brasileira de Escritores – Rio de Janeiro; Medalha Tiradentes, por serviços prestados à comunidade do Rio de Janeiro, na área da Cultura e da Educação – Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, 1995.

Referências, entre outras: *Grande Encyclopédia Larousse*, 1970; COUTINHO Afrânio, dir. *A Literatura no Brasil*, 2. ed., 1971, v. 6, p. 237; LISBOA, Luís Carlos. *Tudo o que você precisa saber para não ser um rato de biblioteca*, 1973, p. 241; UCHOA, Carlos Eduardo Cavalcanti. Língua portuguesa, literatura nacional e a reforma do ensino. Recensão crítica. *Littera* 8, mai./ago. 1973, p. 124-26; PFROM NETO et al. *O Livro na Educação*. p. 203; NUNES, Benedito. *Dionísio Esfacelado: “Cancioneiro do Quilombo dos Palmares”*: *O Estado de São Paulo*, ano IV, nº 223 (Cultura), 16-09.84, p. 10; PEIXOTO, Dinah Terra. Uma poesia negra no final do século XX. *Caleidoscópio, Estudos Literários*. nº 5, 1985, p. 103-26 e nº 6, 1986, p. 156-58; MARTINS, Wilson. *De re poetica*, *Jornal do Brasil*; MARTINS, Wilson. *A Crítica Literária no Brasil*, 1983, v. 2, p. 814; BERND, Zilá. *Negritude e Literatura na América Latina*. 1987, p. 112-18;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

BERND, Zilá, *Introdução à Literatura Negra*. 1988, p. 82-84.
BERND, Zilá, org. *Poesia Negra Brasileira*, 1992, p. 72-79; MALARD, Letícia. *Estado de Minas*, 17 jun. 89 e 28 out. 91; CARDOSO, Wilton. *Estado de Minas*, 17 jun. 89; WANDERLEY, Jorge. *Letras e Artes*, Ano III, n° 3.

Veja mais sobre Domicílio Proença Filho na Internet.

EDUARDO CARLOS PEREIRA²³

(Minas Gerais, 1855 – São Paulo, 1923)

Patrono da cadeira nº 33, da Academia Brasileira de Filologia, fundada por J. L. de Campos, sucedido por Lindolfo Gomes, Joaquim Ribeiro, Leodegário A. de Azevedo Filho e Deonísio da Silva. Foi pastor presbiteriano e professor de curso secundário. Escreveu uma *Gramática Expositiva* (1907), com numerosas edições, e uma *Gramática Histórica* (1916), também com várias edições. Como gramático, a sua obra foi largamente utilizada no ensino da língua portuguesa, bastando dizer que, em 1948, o seu livro já atingia 73 edições, pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo. A sua preocupação, além de histórica ou diacrônica, foi, sobretudo, normativa, em plano sincrônico. A obra surgiu de seus estudos para ministrar a cadeira de português no *Ginásio Oficial* da cidade de São Paulo. No “Prólogo” da primeira edição (1907), declara: “Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direção aos estudos gramaticais, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a escala tradicional e a nova corrente”. Em seguida, expõe a orientação que vai seguir: “Em primeiro

²³ Verbete redigido por Leodegário A. de Azevedo Filho

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

lugar, procuramos a resultante das duas correntes – da corrente moderna, que dá ênfase ao elemento histórico da língua, e da corrente tradicional, que se preocupa com o elemento lógico na expressão do pensamento”. Assim, procura sempre fundamentar a norma gramatical na história da língua, em busca de uma explicação racional ou lógica para os fatos linguísticos, estabelecendo regras, como bom vernaculista que era. Em seu método, portanto, não se refletem – como é perfeitamente comprehensível, para a época em que viveu – os princípios da gramaticologia moderna, que, preliminarmente, distinguem o uso linguístico dos postulados da lógica formal, pois a língua tem a sua própria lógica. Por outro lado, a verdade diacrônica nem sempre coincide com a verdade sincrônica. Como exemplo, aliás clássico, veja-se que o verbo *comer*, sincronicamente, tem como radical o elemento *com-*, seguido da desinência verbal *-er*, de verbos da segunda conjugação. Historicamente, entretanto, o verbo vem de *cum + edere > comeer > comer*, sendo *cum-* apenas um prefixo. No “Prólogo” da segunda edição, que é de 1909, tem plena razão quando assinala: “... cônscio de que a língua é um fato social cujas normas se formulam *a priori*, de gabinete, ao sabor de gramáticos, esmeramo-nos em alargar a documentação clássica de modernos escritores de incontestável competência, em abono das regras que estabelecemos”. E, no “Prólogo” da oitava edição, que é de 1918, amplia o seu interesse para o estudo da versificação portuguesa e da estilística. Como fonte importante de sua gramática, por ele próprio indicada

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

desde a primeira edição da obra, mencione-se “a luminosa polêmica, a qual, na redação do Código Civil, se travou entre dois agigantados cultores de nosso idioma”. E se refere, é claro, a Rui Barbosa e a Ernesto Carneiro Ribeiro. Ele mesmo conclui: “Gracas a esse manancial e ao esforço próprio, pudemos abonar amplamente a doutrina exposta com a citação de numerosos textos de escritores abalizados”. E o seu conceito de gramática expositiva assim vem expresso: “Gramática expositiva portuguesa é a expressão das regras relativas ao uso correto da língua portuguesa”. Em suma, a contribuição de Eduardo Carlos Pereira no sentido da sistematização dos estudos gramaticais do Brasil, para a época, foi de muita importância, haja vista a grande repercussão e utilidade do livro. Depois dele, como é evidente, os estudos gramaticais foram evoluindo, sobretudo depois que se abriram às boas influências da linguística moderna, desde Ferdinand de Saussure até os nossos dias.

Veja mais sobre Eduardo Carlos Pereira na Internet.

EMMANUEL PEREIRA FILHO

Emmanuel Pereira Filho nasceu no dia 29 de dezembro de 1924, na Rua Félix da Cunha, nº 29, nesta cidade do Rio de Janeiro em 1924, Tijuca.

Era filho de Emmanuel Pereira e Dona Isaura Flora Pereira. Sempre foi um homem amante dos livros, e, segundo depoimento que deu seu próprio pai, deixou uma biblioteca de 10.000 volumes. Faleceu a 31 de março de 1968 com 43 anos, como se vê, ainda muito jovem; foi uma grande perda para nossa cultura linguística. Sua biblioteca foi adquirida pela Faculdade de Humanidades Pedro II.

Sempre foi um excelente aluno e aos cinco anos já lia e escrevia.

Matriculou-se no curso ginásial, no Colégio São Bento, com dez anos de idade, com aquiescência do fiscal do ensino, uma vez que a lei exigia idade mínima de onze anos. Logo se destacou, não só pela inteligência, mas também por sua aplicação aos estudos, recebendo cinco prêmios e figurando em todos os quadros de honra. Ali, ele fez o 1º e o 2º ano, quando foi transferido para o Giná-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

sio Vera Cruz por conveniência de residência; figurou sempre primeiro aluno da turma. Amava a música, tanto que tocava violão e cavaquinho; terminou o ginásio com a idade de 15 anos, fato raro, na sua época. E sempre, precocemente se interessou pelos estudos de literatura e filologia, e, além do mais, já admirava Camões. Aos 18 anos estava matriculado na Faculdade Nacional de Direito. Lá, participou de todos os movimentos culturais, inclusive representou a peça *Natacha*, de Alexandre Casona, no teatro da própria Faculdade, no papel de Mário e com grande sucesso. Apesar de já ser considerado literato-filólogo e camonista, era um grande orador.

Emmanuel jamais se considerou poeta, mas o era, pois entre seus 17 a 19 anos, ele fez várias poesias, vejamos: *Quando se diz Adeus*, publicada na revista Marília, em abril de 1942; *Visita Noturna*, publicada em *o Uirapuru*, agosto de 1942, órgão do Corpo Discente da Faculdade Nacional de Direito; *Amor sempre igual*, publicado em *A Época*, setembro de 1943 – órgão também da Faculdade; *Fantasia das caravelas brancas*, época, julho de 1944, na Faculdade.

De seus poemas escolhemos este que nos pareceu mais de acordo com seu temperamento, lírico e criativo:

Quando se diz Adeus

Quando se diz adeus parece ter-se aberto
Um pélago onde vai cair a nossa vida.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

E tudo nesse abismo é sombra indefinida.
E vácuo imaterial, impalpável, incerto.

Quando se diz adeus, parece que um deserto
se forma aos nossos pés. E ali então, perdida,
nossa alma olha pro céu à noite, e comovida,
vê que ele está também de lágrimas coberto!

Quando se diz adeus, parece um lamento.
Como uma Ave-Maria, ao longe, num convento,
soluça e balbucia em nosso coração...

E que lá dentro, em pranto, amargam as desditas,
Palavras aos milhões deviam ser ditas,
Mas que não podem ter jamais uma expressão.

(*Revista Marília* – abriu de 1942.)

O Dr. Emmanuel teve sua vida dedicada à cultura; era seu lazer predileto. Parece que pressentiu que o tempo não lhe seria longo. Na Alliance Française, fez um curso superior de língua e história da literatura e da civilização francesa (4 anos). Logo depois de formado em direito, ainda não satisfeito, fez o curso de letras neolatinas na Faculdade Nacional de Filosofia (4 anos). Era considerado literato, filólogo e camonista. Conhecia a fundo a lírica de Camões, e, hoje, tem como seu continuador, o ilustre presidente da Academia Brasileira de Filologia, Dr. Leodegário A. de Azevedo Filho.

Seu falecimento prematuro deixou de luto a sociedade intelectual. Não media esforços em prol da cultura e da pesquisa. Deixou as seguintes obras: *Tratado da Província do Brasil* – de Pero de Magalhães de Gândavo, Instituto Nacional do Livro – 1965,

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Prêmio José Veríssimo, de Ensaio e Erudição, concedido pela Academia Brasileira de Letras.

Rimas de Camões – Instituto Nacional do Livro – Estudos de Crítica Textual.

Coletânea de 18 ensaios sobre assuntos de sua maior especialização – Edições Gernasa e Artes Gráficas – Coleção de Estudos Brasileiros.

Depois de sua morte, vários intelectuais de renome da área filológica e outras, depuseram a respeito de suas qualidades intelectuais. Dentre os depoimentos anexamos dois: o do Professor Leodegário, pelo fato de ser convededor de sua obra, e o do mestre, Professor Antenor Nascentes.

ANEXO 1:

EMMANUEL PEREIRA FILHO MESTRE DA CRÍTICA TEXTUAL

Com apenas quarenta e três anos, Emmanuel Pereira Filho encerrou uma vida inteira dedicada aos estudos filológicos e literários no Brasil. Formado em línguas românicas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia, além de bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito, a sua contribuição à pesquisa universitária e sua publicações sobre língua portuguesa e sobre literatura portuguesa e brasileira fizeram de seu nome um dos valores mais bem dotados de sua geração.

Incansável nos estudos, participou de numerosos cursos de extensão universitária, entre os quais o *Curso Especial sobre Camões*, ministrado por Hernani Cidade, na Faculdade Nacional de Filosofia; o *Curso Especial sobre a Linguagem de Gil Vicente*, ministrado pelo Professor Paul Teyssier, também na antiga Faculdade Nacional de Filosofia; o *Curso Especial sobre Moderna Poesia Portuguesa*, ministrado pelo Professor Vitorino Nemésio, igualmente na antiga Faculdade Nacional de Filosofia; e o *Curso Especial sobre Teoria Literá-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ria, ministrado pelo Professor Augusto Meyer, na mesma Faculdade. Espírito voltado não apenas para a sua especialização, pois sempre revelou pronto interesse pelos problemas da cultura relacionados com o ramo específico de estudos a que se dedicava, frequentou ainda os seguintes cursos, em sua maioria na Faculdade Nacional de Filosofia: *Curso Superior de Língua e História da Literatura e da Civilização Francesa* (Alliance Française); *Curso Especial sobre Literatura Hispano-Americana*, ministrado pelo Professor Federico de Onís; *Curso Especial sobre Romance Hispano-Americano*, ministrado pelo Professor Luís Alberto Sanchez; *Curso Especial sobre “Nova Visão do Século XVIII” na Literatura Espanhola*, ministrado pelo Professor Joaquim Entrambasaguas; *Curso Especial sobre Literatura Espanhola Contemporânea*, ministrado pelo Professor Joaquim Entrambasaguas; *Curso Especial sobre Metodologia do Teatro Espanhol*, ministrado pelo Professor Joaquim Entrambasaguas; *Curso Especial sobre Literatura Espanhola*, ministrado pelo Professor Angel Valbuena Pratt; *Curso Especial sobre Civilização Ibérica*, ministrado pelo Professor Ramiro Brasil. A sua presença continua viva entre nós, como viva será sempre a lição que nos deixou. Adeus, companheiro!

ANEXO 2:

EMMANUEL PEREIRA FILHO

Bem dizia Menandro num dos seus fragmentos: “Aqueles a quem os deuses amam, morrem jovens”.

Na faixa dos quarenta anos acabamos de perder dois Mestres de quem muito podíamos esperar: Hélcio Martins e Emmanuel Pereira Filho.

Pouca convivência com Emmanuel.

Conhecia-o como um dos formados pela Faculdade Nacional de Filosofia.

Tive ocasião de ser seu examinador num concurso de espanhol promovido pela SPEG.

Sabia que ele tinha usufruído de uma bolsa de estudos em Portugal, da qual resultou a obra que escreveu sobre a personalidade de Gândavo.

Esta obra provocou uma revolução em nossa antropônima.

Antes do livro de Emmanuel toda a gente pronunciava paroxítono o antropônimo. Depois que Emmanuel fixou a verdadeira pronúncia proparoxítona, Gândavo é um patronímico referente à cidade de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Gand, na Bélgica, donde seu pai era originário, ninguém mais teve o direito de pronunciar de outro modo o nome. Emmanuel se entregava a estudos de camonologia.

Foi pena que não houvesse deixado maiores vestígios de suas pesquisas neste domínio.

(ass.) *Antenor Nascentes*

Veja mais sobre Emmanuel Pereira Filho na Internet.

ERNESTO FARIA JÚNIOR

(RJ, 23/5/1906 – RJ, 14/3/1962).

Professor, conferencista, pesquisador, inovador do ensino de latim, exerceu o magistério no Colégio Pedro II e depois na Faculdade Nacional de Filosofia, de 1939 até sua morte. Obteve a cátedra de língua e literatura latina na referida Faculdade, em 1946, com a tese *Pérsio – Estudo Literário e Lexicográfico*.

No início de sua carreira, recebeu influência de Antenor Nascentes e Vicente de Souza; este, introdutor, no Brasil, da pronúncia restaurada do latim. Os trabalhos de Ernesto Faria receberam críticas elogiosas de ilustres latinistas franceses, sendo ele considerado um continuador da obra de J. Marouzeau entre nós, foi o fundador da Sociedade Brasileira de Estudos Latinos (1939). Membro da Academia Brasileira de Filologia, foi o primeiro ocupante da cadeira nº 4, cujo patrono é o filólogo maranhense Francisco Sotero dos Reis. Pertenceu à Société des Études Latines de Paris.

Bibliografia

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Síntese da Gramática Latina (Briguiet, 1934); *O Latim pelos Textos* (Briguiet, 1935 E 1944); *Manual da Pronúncia do Latim* (Briguiet, 1938); “Panorama linguístico da Itália romana”, in: *Miscelânea em Homenagem a Antenor Nascentes* (Briguiet, 1940); *O Latim e a Cultura Contemporânea* (Briguiet, 1941); *Gramática Elementar da Língua Latina* (Cia. Ed. Nacional, 1943); *Vocabulário Latino-Português* (Briguiet, 1943); *Dicionário Escolar Latino-Português* (MEC, 1955; teve várias reedições); *Novo Curso de Latim* (Briguiet, 1955); *Didática Especial do Latim* (MEC, 1956); “Lucílio e a origem da sátira latina”, in: *Revista Filológica* nº 5, 1956; *Fonética Histórica do Latim* (Acadêmica, 1957; 2^a ed.: 1970); *Gramática Superior da Língua Latina* (MEC, 1958, com comentário crítico de J. Marouzeau; 2^a ed. 1985, revista e aumentada pela Profª Ruth Junqueira de Faria e com novo título: *Gramática da Língua Latina*); *Introdução à Didática do Latim* (Acadêmica, 1959).

Referências: *Revue des Études Latines*, da Société des Études Latines, de Paris, Tomos XII, 1934; XIV, 1938; XXXVI, 1959; XXXVII, 1959.

Veja mais sobre Ernesto Faria Júnior na Internet.

EVANILDO BECHARA

Evanildo Cavalcante Bechara nasceu no Recife, Pernambuco, a 26 de fevereiro de 1928, onde concluiu seu curso primário. Em 1940, transferiu sua residência para o Rio de Janeiro, onde concluiu seus estudos secundários e universitários. Bacharel e licenciado em Letras neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto LaFayette, hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1949), cedo encaminhou-se ao magistério. Aos 17 anos publica seu primeiro ensaio, *Fenômenos de Intonação*, com prefácio de Lindolfo Gomes. Um ano antes, aproximara-se de M. Said Ali, que lhe imprimiu o gosto dos clássicos e o orientou para os estudos de sintaxe e semântica históricas. Em 1954 reúne os ensaios escritos e publicados entre os 18 e 25 anos (*Primeiros Ensaios de Língua Portuguesa*) e, nesse mesmo ano, candidata-se ao concurso de professor catedrático do Colégio Pedro II, com a tese *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português*, trabalho que recentemente (NEVES, 1999, p. 71-72) foi considerado o pioneiro na linha estruturalista-funcionalista no Brasil. Sua *Moderna Gramática Portuguesa* (São Paulo, 1961) contribuiu para a divulgação, em compêndio escolar,

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

das novas ideias do estruturalismo americano e europeu introduzidas no Brasil por J. Mattoso Câmara Jr. As *Lições de Português pela Análise Sintática* (Rio de Janeiro, 1960) procuraram concretizar o conceito de que os procedimentos de análise sintática são um meio, e não um fim para o ensino e o estudo da língua. A nova versão da *Moderna Gramática Portuguesa* (Lucerna, 1999) se beneficia do estruturalismo funcional de Eugênio Coseriu e do seu discípulo José Gonçalo Herculano de Carvalho, aprofundando e alargando o patrimônio teórico haurido em Said Ali, Epifânio Dias e Mattoso Câmara. Submeteu-se a concurso de provas e títulos, além do Colégio Pedro II e de quatro instituições oficiais de ensino médio, para as cátedras de língua portuguesa do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, de livre-docente da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto LaFayette e da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fundou e dirigiu as revistas *Littera* (16 números) e *Confluência*, até 2000 com 20 números publicados, bem como dirigiu a Coleção Grifo, com 16 volumes publicados. Foi bolsista do Governo da Espanha em 1961-1962, quando teve oportunidade de aperfeiçoar seus estudos de filologia românica em Madri, com Dámaso Afonso. Professor titular-visitante da Universidade de Colônia (1971-1972) e da Universidade de Coimbra (1987-1989), que o galardoou com o título de doutor *honoris causa*, em novembro de 2000. No mesmo novembro foi eleito para a Academia das Ciências de Lisboa e, no mês seguinte, para a Academia Brasileira de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Letras. É membro da Sociedade Brasileira de Romanistas, do PEN-Club e integra o Comitê científico da *Revue de Linguistique Romane*, da Société de Linguistique Romane. Foi agraciado com as medalhas Anchieta, Oscar Nobiling, Isidoro de Sevilha e Serafim da Silva Neto.

Obras: *Fenômenos de Intonação* (1946), *Exercícios de Linguagem* (1954), *Estudos sobre os Meios de Expressão do Pensamento Concessivo em Português* (tese de concurso, 1954), *Lições de Português pela Análise Sintática* (1960; 16^a ed., 2000), *Moderна Gramática Portuguesa* (1961; 37^a ed., 1999), *O Futuro Romântico* (tese de concurso, 1962), *Estudos sobre a Sintaxe Nominal na “Peregrinatio Artherial”* (tese de concurso, 1963), *A Contribuição de M. Said Ali para a Filologia Portuguesa* (tese de concurso, 1968), *Os Estudos sobre “Os Lusíadas”*, de José Maria Rodrigues (tese de concurso, 1972), *Curso Moderno de Português* (2 vol., 1968-1969), *Guias de Estudo de Língua Portuguesa* (Org., 4 vol., 1977), *As Fases Históricas da Língua Portuguesa* (tese de concurso, 1985), *Ensino de Gramática: Opressão ou Liberdade?* (11^a ed., 1999), além de numerosos artigos em jornais, revistas e atas de congressos nacionais e estrangeiros. Preparou e anotou a seleta de Bernardo Elis (com Gilberto Mendonça Teles) e a *Antologia de “Os Lusíadas”* (com Segismundo Spina).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Referência: Sílvio Elia, *Ensaios de Filologia e Linguística* (2^a ed., 1977); *Grande Encyclopédia Delta Larousse* vol. II; *Dicionário Biográfico dos Grandes Brasileiros* (Abril Cultural, 1978).

Veja mais sobre Evanildo Bechara na Internet.

FAUSTO CARLOS BARRETO²⁴

Fausto Carlos Barreto, filho de Antônio Carlos Barreto, falecido no Rio de Janeiro a 2 de outubro de 1908, e de D^a Maria José de Oliveira Barreto, nasceu a 19 de dezembro de 1852 na freguesia de S. João de Inhamuns, Ceará, e faleceu em 1917.

Iniciou os estudos preparatórios no Ateneu Cearense e no Seminário de Fortaleza, ultimando-os no Rio de Janeiro.

Em 1874 matriculou-se na Escola de Medicina, mas abandonou o curso, apesar de nele já muito adiantado, para dedicar-se ao magistério, a princípio, como professor livre de francês, português, latim e inglês e, depois, como professor de português do Colégio Pedro II, após dois brilhantes concursos.

Foi deputado geral pelo Ceará (2º Distrito) na última legislatura da Monarquia, procedendo-se à eleição quando exercia o cargo de presidente do Rio Grande do Norte.

Foi nomeado professor do Colégio Militar pelo decreto de 2 de março de 1892, para a cadeira de gramática histórica da lí-

²⁴ Verbete redigido por Antônio José Chediak.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

gua portuguesa. Conquistou ainda a cadeira na antiga Escola Normal.

Deixou as seguintes obras:

Arcaísmos e Neologismos da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, 1879, in 8°, 58 páginas. Tese de concurso a um lugar de professor substituto da cadeira de português do Colégio Pedro II.

Temas e Raízes, de 1883, tese para a cadeira de português, do 2º ao 5º ano do Internato do Colégio Pedro II.

Seleção Literária. Textos de alguns dos principais escritores da língua portuguesa do século XVI ao XIX, feita em colaboração com Vicente de Sousa, também professor do Colégio Pedro II, Edição de J. G. Azevedo, Rua Uruguaiana, 33. Teve 2ª edição em 1892. Carlos de Laet e Fausto Barreto refundiram-na, dando-lhe por título *Antologia Nacional: Coleção de excertos dos principais escritores da língua portuguesa, do 16º século ao XIX*, pela mesma editora.

Discurso que devia ser preferido no ato de distribuição de medalhas e de colação de grau de agrimensor aos alunos que o concluíram no Colégio Militar, em 1898. Tipografia da Companhia de Loterias Nacionais do Brasil, em Sapopenda, 1899.

“Coube-lhe a glória, diz Antenor Nascentes, de haver elaborado, a pedido do diretor-geral de instrução pública, Dr. Emídio Vitório, em 1887, o programa de língua vernácula adotado nos

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

exames gerais de preparatórios.” Prossegue Nascentes: “É a este programa que se devem as gramáticas de Alfredo Gomes, João Ribeiro, Pacheco e Lameira, pelas quais tantas gerações aprenderam.”

De dezembro de 1888 a inícios de 1889, colaborou na *Tríbuna Liberal*, do Visconde Ouro Preto:

- de 12 de dezembro de 1888 a 3 de fevereiro de 1889, com o título inspirado na matéria.
- de 4 de fevereiro a 7 de março, com o título ENSINO MUNICIPAL;
- de 18 de março a 13 de junho de 1889, sob o título TROCOS E TROCAS.

Sua colaboração era livre, escrevia sobre tudo o que lhe convinha, incluídos temas de ordem gramatical, mas poucos.

Seu filho, Mário Barreto, foi um dos mais cultos e produtivos filólogos brasileiros. Muito jovem ainda, publicou *Estudos da Língua Portuguesa* com urna carta de João Ribeiro: Viúva Azevedo, 1903, 192 páginas. Na primeira página, escreveu Mário Barreto:

AO PROFESSOR FAUSTO BARRETO

Meu pai é o melhor dos meus mestres.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Inscrevo seu nome na primeira página deste livro, e ela fica sendo para mim a mais prestante da obra.

As outras valem pouco, mas, ainda assim, talvez sirvam de provar que não caiu em terra de todo ingrata a semente das suas doutrinas: não caiu sobre a pedra árida, como a semente da parábola.

Reproduzo alguns juízos publicados pelo prof. Arival Fon tes sobre Fausto Barreto (*A Aspiração*, 1990 – Colégio Militar do Rio de Janeiro)

Antenor Nascentes, por ocasião do centenário do Colégio:

“Homem prático e dotado de poderoso dinamismo” [...]

Juarez Távora: “o velho Fausto era temível e temido. Quando entrava na aula, algumas vezes de fraque e sempre solene, perscrutando as fisionomias dos alunos, à esquerda e à direita – toda a classe respirava, imóvel e silenciosa.”

Gastão Penalva: “Fausto Barreto era perfeito sabedor do vernáculo. Sisudo e paternal, continuando em série adiantada o que o seu filho Mário, o eminente filólogo que traduziu as *Cartas Persas*, nos acabara de ensinar.” [...] “Chamava-me seu neto por ter eu sido um ano antes, aluno do seu filho.”

Daltro Santos: “Fausto Barreto, o filólogo eminente, e defensor estrênuo do idioma” e concluía, a respeito dele e do Barão

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Homem de Melo: “foram os dois mestres que mais influíram na diretriz intelectual de minha vida.”

Jônatas Serrano:

Fausto Barreto, de aspecto grave, marcial até, bigodes grisalhos e duros, passo firme, olhando a turma como um oficial à companhia, respeitado e temido, mas afinal de contas bondoso e amigo dos alunos que trabalhavam.

FAUSTO BARRETO²⁵

Entre os filólogos brasileiros que muito contribuíram para a elucidação de fatos do português histórico tem posição de relevo Fausto Barreto (1852-1915).

Não tanto pelo que escreveu, mas certamente pela segura orientação que imprimiu aos seus estudos e pela influência que direta ou indiretamente exerceu sobre tantos professores, a começar do filho ilustre que foi Mário Barreto.

Até 1887, as gramáticas brasileiras ainda não se tinham beneficiado da moderna orientação que Adolfo Coelho divulgara em Portugal e Júlio Ribeiro no Brasil. Foi quando o Diretor Geral da Instrução Pública, Dr. Emídio Vitório, designou o professor do Colégio Pedro II e da Escola Normal – Fausto Carlos Barreto – para elaborar o programa de português dos exames gerais dos preparatórios.

²⁵ Verbete redigido por *Jairo Dias de Carvalho*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Júlio Ribeiro, numa de suas “Procelárias”, após transcrever os quarenta e seis tópicos desse programa, desenvolvidos posteriormente nas gramáticas de Pacheco e Lameira, João Ribeiro e Alfredo Gomes, assim o julga:

Não há negar; é este um programa organizado cientificamente, sobre as bases largas, sólidas, da ciência da linguagem. De uma parte a *lexeologia*, isto é, as palavras consideradas em si fonológica, morfológica, taxeonomicamente de outra a *sintaxe*, as palavras constituindo expressão de juízo, formando sentenças. A *ortografia* não é mais considerada irracionalmente como uma divisão autônoma da gramática; é tida como o que ela de fato é, como um departamento da *fono-logia*. Nada se olvida no programa, de tudo se trata: exigem-se conhecimentos sérios de *morfologia*: quer-se a *etimologia* no sentido restrito do termo; querem-se os preceitos da *sintaxe* por graduação, natural, por famílias de palavras: quer-se o discrínmen exato da proposição composta, da coordenação e da subordinação: quer-se... Em uma palavra – nada de superfetações escolásticas, nada de metafísica medieval: quer-se o que se deve querer; exige-se o que se deve exigir. (Júlio Ribeiro, *Procelárias*, Edições Cultura Brasileira, São Paulo, s.d.).

Além das duas teses de concurso – *Arcaísmos e Neologismos da Língua* (1879), parcialmente transcrita na *Nova Antologia Brasileira* de Clóvis Monteiro e *Temas e Raízes...* (1883) cumpre mencionar de Fausto Barreto e introdução gramatical que escreveu para a *Antologia Nacional* (1895), por ele organizada em colaboração com Carlos de Laet. Sobre este último trabalho, intitulado *Noções de Sintaxe da Proposição Simples e da Proposição Composta*, já tivemos oportunidade de dizer, a páginas 42 e 43 de *O Português no Ensino Médio*. Trata-se de estudo de valor, sintético e objetivo que antecipou teorias hoje vitoriosas.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Carlos de Laet, que conheceu Fausto Barreto de perto, ao lhe fazer o necrológio, disse:

Ao velho Alexandre Dumas, quando perguntaram qual julgava ser a melhor das suas obras, conta-se que o genial romancista prontamente contestou que era o Dumas Filho. Semelhantemente poderia responder o nosso Fausto Barreto. Seus melhores trabalhos não foram nem as lúcidas teses, nem os seus vibrantes artigos políticos, nem essa contínua apologia do português que foi o seu magistério em tantas dezenas de anos... sua obra-prima é o filho o Sr. Dr. Mário Barreto, catedrático também de português no Colégio Militar, e que em três livros, primores de paciente estudo e talentosa originalidade, já definitivamente assegurou a sua posição entre os bons sabedores do vernáculo. O fim da educação é, afinal, esse mesmo: preparar para o futuro condignos seguidores do presente. Fausto, o exímio educador, assim também Cristo preencheu a sua função. Morrer é o acidente terminal para o indivíduo, mas não para a ordem de ideias que ele representa. Fausto continua no filho". (*Jornal de Filologia*, nº 11, p. 50/51).

Da mesma forma não se perderam as lições de Mário Barreto. E assim que o progresso se difunde enquanto as gerações se sucedem – na difícil ascensão para as verdades eternas.

Veja mais sobre Fausto Carlos Barreto na Internet.

FERNANDO OZÓRIO RODRIGUES

(* 10/02/1946, Rio Bonito, RJ)

Filho de Olívio Osório Rodrigues e Maria Aparecida Rodrigues, Fernando Ozório Rodrigues fez seus estudos primários e a primeira série do curso ginásial no Colégio de Rio Bonito. Em 1959, matriculou-se no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói, onde completou o curso ginásial e fez o curso clássico. Licenciou-se em letras, habilitação português-literaturas, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, em 1968; e bacharelou-se em direito na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, em 1969.

No magistério de ensino fundamental e médio, lecionou língua portuguesa e literatura brasileira no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói, instituição da qual é ainda colaborador; no Colégio Almirante Saldanha da Gama e no Centro de Instrução Almirante Wandenkolk vinculados ao Ministério da Marinha; e em escolas da rede pública de ensino do Município do Rio de Janeiro. No magistério superior lecionou língua portuguesa e linguística nas Faculdades Niteroienses de Educação, Letras e Turismo (FANELT), da qual foi vice-diretor no biênio 1986-1987; e na Facul-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

dade de Formação de Professores, em São Gonçalo. Atualmente é professor de língua portuguesa do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, onde ingressou em 1985, por concurso público, instituição na qual exerceu, de 1991 a 1995, o cargo de vice-diretor. Desde 1994, exerce a função de vice-diretor do Núcleo de Estudos Galegos da Universidade Federal Fluminense, sendo atualmente o coordenador do convênio da UFF com a *Xunta de Galicia*.

Titulou-se mestre em língua portuguesa, pela Universidade Federal Fluminense, em 1984, com a dissertação intitulada *Contribuição para uma Edição Crítica de Gonçalo Fernandes Trancoso*, e obteve o título de Doutor em Letras Vernáculas, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em março de 2000, com a tese intitulada *Trancoso e as Histórias de Proveito e Exemplo: o Texto, a Língua e o Léxico*. Dedicando-se ao estudo da obra de Gonçalo Fernandes Trancoso e especializando-se no português quinhentista, tem dado importante contribuição para os estudos filológicos no Brasil. Tomou posse na ABRAFIL no dia 1º de outubro de 1999.

BIBLIOGRAFIA

Apostila de Língua Portuguesa, para Concursos Vestibulares e Concursos Públicos, Rio de Janeiro, Degrau Cultural, s/d; *Contri-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

buição para uma Edição Crítica de Gonçalo Fernandes Trancoso, Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1984; *Trancoso e as Histórias de Proveito e Exemplo: o Texto, a Língua e o Léxico*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ, 2000; Vuitoron e a Sátira Política, in *Estudos Galegos, Revista do Núcleo de Estudos Galegos*, Niterói, UFF, 1996; O Raciocínio Restritivo na Argumentação Ponderada, in *Anais do II Encontro Franco-Brasileiro de Análise do Discurso*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997; As Histórias de Trancoso: Um Projeto de Texto Crítico, in *Revista do I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*, São Paulo, USP, 2000.

Veja mais sobre Fernando Ozório Rodrigues na Internet.

FRANCISCO ADOLFO DE VARNHAGEM

Francisco Adolfo de Varnhagem nasceu a 17 de fevereiro de 1816, em São João de Ipanema, localidade vinculada à cidade de Sorocaba, Estado de São Paulo, filho do sargento-mor do real corpo de engenheiros, Francisco Luís Guilherme de Varnhagem, de origem alemã e D^a Maria de Sá Magalhães, portuguesa. Tinha oito (08) anos, quando, em companhia da família, mudou-se para Portugal, onde fez os estudos primário e secundário, e, depois o de engenharia, obtendo o título de engenheiro em 1840. Quatro anos depois, já se encontra no Rio de Janeiro; e, logo foi admitido como oficial do imperial Corpo de Engenheiros do Exército Brasileiro.

Em 1842, ingressou na carreira diplomática, representando o Brasil na Espanha, Chile, Peru, Paraguai, Venezuela, Equador, e, por fim, Ministro Plenipotenciário na Áustria. Sua permanência no exterior foi produtiva, pois realizou sérias pesquisas nos arquivos de Madri e Lisboa, encontrando documentos indispensáveis à sua obra histórica; e na sua correspondência ativa, publicada pelo Instituto Nacional do Livro com amigos influentes no exterior e com nosso Imperador, sempre mostrou preocupação com nossa formação cultural. Colaborou intensamente na *Revista do Instituto His-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

tórico e Geográfico Brasileiro. Foi membro da Real Academia de Ciências de Lisboa, o que não era fácil. Com 23 anos, colaborou em *O Panorama*, ao lado de Oliveira Martins, Alexandre Herculano e Rebelo da Silva, já com fama de escritor e historiador.

Casou-se com uma chilena, D^a Carmen Ovalde Castillo, com que viveu uma existência feliz e tranquila. Sempre foi um homem disciplinado e rígido, e, sob esse aspecto, ele sempre se manteve fiel às características da raça teutônica. Patrono da cadeira 39 da Academia Brasileira de Letras que foi ocupada por outro historiador, também de vasta cultura, Manoel Antônio de Oliveira Lima. Tinha uma cultura diversificada, era matemático, historiador, cartógrafo, poeta, dramaturgo e biógrafo; a sua obra abrange vários títulos com uma grande produção literária substanciosa, e seu caminho intelectual se distanciou da profissão de engenheiro, senão vejamos através de suas obras: *Épicos Brasileiros* – Lisboa, 1843; *Amadeu Bueno* – drama histórico americano em 4 atos, Lisboa, 1847; *Caramuru* – romance histórico brasileiro, Rio, 1856; *Florilégio da Poesia Brasileira* – três volumes, reeditado recentemente pela Academia Brasileira de Letras, e que, segundo Capistrano de Abreu é um esboço de história e literatura, onde muitos bebem ensinamentos sem confessar a fonte. No entanto, sua obra primordial é a *História Geral do Brasil*, reeditada e anotada por seu discípulo, Rodolfo Garcia. Não podemos nos esquecer de seu precioso livro, *Lutas com os Holandeses no Brasil, desde 1624 a*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

1654. Participou, indicado pelas autoridades portuguesas de uma missão especial para analisar as composições dramáticas representadas no Conservatório Real de Arte Dramática em Lisboa, sendo o redator, tal era seu prestígio naquela corte e suas conclusões foram aceitas por unanimidade pelos membros da Comissão. Recebeu várias condecorações da Rainha e Reis da Europa em homenagem ao seu trabalho cultural e à sua eficiência como diplomata. Em síntese, este é o nosso Varnhagem que, apesar de graduado em matemática, dedicou-se ao estudo da literatura e da história, e, sobretudo, amou o Brasil.

Veja mais sobre [Francisco Adolfo de Varnhagem](#) na Internet.

FRANCISCO AGENOR RIBEIRO DA SILVA

Nasceu na fazenda Angustura, região de Jaibara, município de Sobral, estado do Ceará, no dia 26 de fevereiro de 1927. Filho de Elpídio Ribeiro da Silva e de Rosa Portela da Silva.

Começou seus estudos primários na Fazenda, por três meses, aos onze anos, quando ficou trabalhando na agricultura e na pecuária até aos dezenove anos e meio, quando se mudou para Sobral para trabalhar e estudar. Aí estudou três meses no Externato Luís Filipe. Deixou o Educandário e foi estudar francês particular com o professor Raul Monte. Deixou Sobral e partiu para Fortaleza em busca de emprego para continuar seus estudos.

Conseguiu trabalhar e estudar no Colégio Castelo Branco onde foi prefeito e depois diretor do Internato. Cursou até o terceiro ano secundário, quando foi vendido o Colégio à Diocese. Transferiu-se no quarto ano para o Ginásio Farias Brito onde cursou os dois últimos anos do secundário, já como professor do primeiro ao quarto ano, de francês e português, mediante assinatura dos professores registrados. Matriculou-se no Colégio São João, quando foi eleito orador oficial dos estudantes cearenses, tendo que representá-los no Primeiro Congresso de Estudantes Secundá-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

rios do Brasil, em Salvador, Bahia, 1943, donde veio para o Rio, interrompendo seu curso clássico. No Rio completou o curso secundário no Colégio Vera Cruz onde se iniciou como professor.

Cursou a Faculdade de Filosofia em história, geografia e antropologia, no Instituto LaFayette, e o bacharelado na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Ao mesmo tempo fez o curso de técnico de imigração e colonização do Itamarati, através do DASP, com especialização em colonização. Cursou línguas novilatinas na Faculdade de Filosofia do Instituto Lafayette. Fez especialização em geografia na cadeira de geologia com o professor Everardo Bakeuser. Fez curso de história das artes plásticas na Escola de Belas Artes. Fez o curso do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ. Formou-se em direito pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez curso de extensão de processo civil com o Dr. Eliézer Rosa.

Representou o Itamarati na Conferência de Imigração e Colonização em Goiânia, em 1948.

Representou os estudos universitários do Distrito Federal no 11º. Congresso da União Nacional dos Estudantes, em Salvador, Bahia, em 1949.

Representou os estudantes universitários do Distrito Federal no 12º. Congresso da União Nacional dos Estudantes, em 1950, em São Paulo.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Fez livre-docência na Faculdade Nacional de Direito.

Obteve o título de doutor em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Trabalhos escritos

Defesa de Calabar, Pan-Americanismo, Estruturação Política do Império do Brasil, no sesquicentenário do Senado Federal, Tese de Concurso: “*Patria Potestas*” no Direito Romano, *A Pena de Morte no Brasil Autônomo*, e dezenas de artigos publicados em revistas de Academias de Letras a que pertence.

Atividades educacionais

Colégio Pedro II: história geral, do Brasil e das Américas;

Faculdade Nacional de Direito: direito romano, direito civil, história do direito nacional e direito político;

Faculdade Brasileira de Ciências Jurídicas: direito romano, direito civil e história dos direitos dos povos;

Faculdade de Direito da PUC: direito civil;

Escola de Líderes: história das doutrinas políticas, geografia humana e econômica do Brasil e direito constitucional;

Faculdade de Direito Bennett: evolução do pensamento jurídico;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Colégio Melo e Sousa: língua e literaturas portuguesa e brasileira;

Colégio Brasileiro de Almeida: língua e literaturas portuguesa e brasileira;

Colégio Cruzeiro (Deutch Schule): história geral e do Brasil;

Colégio Andrés: história geral;

Colégio Hebreu Brasileiro: geografia;

Colégio Vera Cruz: português, francês e latim;

Colégio Brasileiro de São Cristóvão: língua e literaturas portuguesa e brasileira.

ENTIDADES CULTURAIS ÀS QUAIS PERTENCEU

Associação Brasil-Alemanha – ABRAL, Sociedade Brasileira de Romanistas, Academia Cearense de Ciências, Letras e Artes do Rio de Janeiro, Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, Academia Guanabara de Letras, Academia Brasileira de Literatura, Academia Carioca de Letras, Academia Brasileira de Ciências Morais e Políticas, Academia Luso-Brasileira de Letras, Academia Pan-Americana de Letras e Artes, Academia Brasileira de Filologia e Academia de Ciências, Letras e Artes Ana Amélia. Delegado da Academia Cearense de Letras junto à Federação das Academias de Letras do Brasil, Academia de Jornalismo e Academia Brasileira de Literatura de Cordel.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Foi Presidente da Federação das Academias de Letras do Brasil – 1996-1997.

Foi Presidente da Academia Brasileira de Literatura – 1998.

Inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil – Seção do Rio de Janeiro.

Delegado da Academia Cearense de Letras.

Veja mais sobre Francisco Agenor Ribeiro da Silva na Internet.

FRANCISCO SOTERO DOS REIS

(MA, 22/4/1800 – MA, 10/3/1871)

Escritor dotado de sólida cultura clássica, figura de maior expressão do Grupo Maranhense, foi jornalista, político, professor, filólogo e historiador da literatura luso-brasileira. Autodidata que nunca saiu do Maranhão, tornou-se educador de gerações, tendo sido o primeiro diretor do Liceu Maranhense, fundado em 1838. Em 1821 (com 21 anos de idade), foi nomeado para reger a cadeira de gramática latina do Colégio de Carlos de la Rocca. Aprovado em concurso no ano de 1823, conquistou a cadeira de latim do referido colégio, tornando-se o primeiro professor público do Maranhão após a Independência. Patrono das cadeiras 19 (quadro de sócios correspondentes), da Academia Brasileira de Letras, 17, da Academia Maranhense de Letras e 4, da Academia Brasileira de Filologia. A seu respeito, Celso Cunha faz a seguinte avaliação crítica:

Sotero dos Reis, purista entre os puristas, cujas *Postilas de gramática geral*, ainda na 2^a edição (1868) revelam da parte do Autor o mais completo desconhecimento da renovação que se operava nos estudos linguísticos e filológicos, assunto que, pela mesma época, tanto interessava a Alencar. (*Língua portuguesa e realidade brasileira*. 2^a ed., RJ, Tempo Brasileiro, 1970. p. 95).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Em contraposição, Antônio Martins de Araújo afirma o seguinte: “Julgar Sotero fora de seu tempo e de seu espaço implica desfocar a verdade dos fatos”. Referindo-se à obra *Postilas de Gramática Geral*, esclarece Araújo:

Mais do que um simples tratado de análise sintática, elas constituem para seu tempo uma necessária introdução estilística aos textos medievais e clássicos. Diversamente da *Gramática filosófica*, de Soares Barbosa, que privilegiava a descrição da língua falada sem preocupação prescritiva, as *Postilas de Sotero* elegeram um *corpus* literário que julgava ele modelar, e tinha claros objetivos prescritivos.

E mais adiante conclui Araújo:

E não se venha cobrar de Sotero dos Reis (falecido em 1871) o conhecimento das obras de Whitney, que entendia a língua como fato social e instrumento de comunicação, escritas em 1875 e 1876, posteriores à data de morte do maranhense. (*O Estado do Maranhão*, São Luís, 07/11/1999, p. 3).

BIBLIOGRAFIA:

Postilas de Gramática Geral, Aplicada à Língua Portuguesa pela Análise dos Clássicos (1862); *Gramática Portuguesa, Acomodada aos Princípios Gerais da Palavra Seguidos de Imediata Aplicação Prática* (1866); *Comentários de Caio Júlio César Traduzidos em Português* (1863-1869); *Curso de Literatura Portuguesa e Brasileira* (5 vols., 1866-1873); *Curso de Literatura Romana (Revista Maranhense de Letras*, vols. IV a IX); *A Casca da Caneleira* (com outros; romance, 1866). Perderam-se suas traduções de Tibulo, Tácito, Chateaubriand e Racine.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

REFERÊNCIAS:

ARAÚJO, Antônio Martins de. Sotero dos Reis e a língua. *O Estado do Maranhão*, caderno Alternativo, São Luís – MA, 07/11/1999, p. 3; CORREA, Frederico José. *Um Livro de Crítica*. São Luís, Tip. do Frias, 1878; CUNHA, Celso. *Ob. cit.*; GRIECO, Agripino. *Evolução da Prosa Brasileira*. 2^a ed., RJ, José Olympio, 1947; LEAL, Antônio Henriques. *Panteon Maranhense*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1875; MORAES, Jomar. *Apontamentos de Literatura Maranhense*. 2^a ed., São Luís, Ed. Sioge, 1977.

Veja mais sobre Francisco Sotero dos Reis na Internet.

GLADSTONE CHAVES DE MELO²⁶

Nasceu em Campanha, MG, no dia 12 de junho de 1917; e faleceu no dia 7 de dezembro de 2001. Bacharel em direito (atual UFRJ), livre-docente e doutor em língua portuguesa (atual UFRJ), foi professor de língua portuguesa na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, hoje Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, além de professor titular da UFF, por concurso público de provas e títulos. Lecionou ainda na PUC, do Rio de Janeiro, ministrou numerosos cursos especializados no Brasil e no exterior (Rio de Janeiro, Juiz de Fora, Campinas, Niterói, em âmbito nacional; e Coimbra e Lisboa, em Portugal). Integrou numerosas bancas examinadoras e júris especiais aqui e no estrangeiro e participou de vários encontros, seminários, colóquios, simpósios e congressos nacionais e estrangeiros. Além de membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, pertenceu a numerosas entidades científicas e culturais, entre as quais o Liceu Literário Português, o PEN Clube do Brasil, a Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa, a Associação Jurídica de Braga (Portugal), a Academia

²⁶ Verbete redigido por Leodegálio A. de Azevedo Filho.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Brasileira de Língua Portuguesa, a Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, a Associaçom Galega da Língua (AGAL, Galiza, Espanha), a Associação Internacional de Lusitanistas (Poitiers, França) e a Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo. Entre as condecorações recebidas, mencionamos: Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, de Portugal; Medalha Oskar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, Brasil; Medalha de Prata da Clausura do Concílio Vaticano II (Roma); Benemérito da Ordem dos Pregadores (Roma); e *Doutor Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra (Portugal). A sua bibliografia é rica e variada, abrangendo: linguística e filologia portuguesas, crítica textual, cultura brasileira, filosofia, religião, pedagogia, traduções várias e centenas de artigos em revistas e jornais nacionais e estrangeiros.

Na *Miscelânea em Homenagem ao Professor Doutor Gladstone Chaves de Melo* (Rio de Janeiro, Lucerna, 1955), publica-se o seu *curriculum vitae* com minúcias, o mesmo ocorrendo com a sua vasta bibliografia. Aqui vamos ressaltar apenas os seguintes títulos, que de algum modo marcaram época entre nós: *A Língua do Brasil*, 4^a ed. melhorada e aumentada. Rio de Janeiro, Padrão, 1946; *Alencar e a Língua Brasileira*, 3^a ed. melhorada e aumentada com um apêndice: “Alencar, cultor e artífice da língua”. Rio de Janeiro, 1972; *A Língua e o Estilo de Rui Barbosa*. Rio de Janeiro, Simões, 1950; *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa*, 6^a ed. ver. e aum. Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1981; *Novo Manual de Análise Sintática*, 4^a ed. melhorada. Rio de Janeiro, Livro Téc-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

nico, 1971; *Gramática Fundamental da Língua Portuguesa*, 3^a ed. melhorada. Rio de Janeiro, 1978; *Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976. Há edição portuguesa, de Albufeira (Algarve), Ed. Poséidon, 1979; Os “Brasileirismos” de Frei Luís de Sousa. Niterói, EDUFF, 1985; *A Excelência Ver-nácula de Gonçalves Dias*. Niterói, EDUFF/Presença, 1992; *Iracema (Lenda do Ceará)* por José de Alencar. Introdução, notas e apêndice: “Alencar e a Língua Brasileira”. Rio de Janeiro, INL, 1948; Machado de Assis, *Quincas Borba*. Prefácio de Augusto Meyer. Apuração do texto, revisão, aparato crítico, introdução, notas e apêndice. São Paulo, Melhoramentos, 1973; Frei Luís de Sousa, *A Vida de Frei Bartolomeu dos Mártires*. Fixação do texto, em colaboração com Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, IN/CM, 1984; Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*. Introdução, estabelecimento filológico do texto, notas e comentários. Niterói, EDUFF, 1985. Na *Miscelânea* de estudos que lhe foi dedicada, há minuciosa relação de opúsculos e separatas; publicações várias sobre filosofia, pedagogia e política; colaboração em livros de autoria múltipla; conferências e comunicações em congressos internacionais; traduções; e uma seleção, entre mais de mil, de artigos publicados em jornais e revistas, entre os quais mencionamos: *Re-vista Brasileira de Pedagogia*; revista *Euclydes*; *O Jornal* (RJ), revista *A Ordem* (órgão do Centro Dom Vital, RJ), jornal *Correio da Noite* (RJ), revista *Vozes* (de Petrópolis), *Correio da Manhã* (RJ), *Tribuna da Imprensa* (RJ), *Jornal do Brasil* (RJ), *Diário de*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Notícias (RJ), revista *Permanência* (RJ), *Carta Mensal* (órgão do Conselho Técnico da Confederação Nacional de Comércio, RJ), *Diário de Notícias* (de Lisboa), *Carta da Resistência* (RJ), *Lumen* (Recife), *Anhembi* (SP), *Lareira* (SP), *Comentário* (publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação), jornal *O Globo* (RJ), *Jornal de Letras* (RJ), *Das Parlament* (Bonn), *Revista de Portugal*; *Diário do Minho* (Braga), *Boletim da Mocidade Portuguesa* (Lisboa), *O Século* (Lisboa), *Revista de Cultura Brasileira* (Madrid), *Notícias de Guimarães* (Guimarães), *Linguagem* (revista da UFF), revista *Confluência* (RJ), revista *Pelo Bem Comum* (Braga, Portugal) etc. Em toda a vida e em tudo o que escreveu, a permanente preocupação de Gladstone Chaves de Melo foi sempre a seriedade. Sem sombra de qualquer dúvida, trata-se de um dos maiores filólogos brasileiros da nossa época.

Veja mais sobre [Gladstone Chaves de Melo](#) na Internet.

GLADSTONE CHAVES DE MELO²⁷

Nasceu na cidade de Campanha, Estado de Minas Gerais, a 12 de junho de 1917, filho de Joaquim Gabriel Chaves de Melo e Maria de Lourdes Chaves de Melo.

Fez estudos primários e secundários na terra natal, e estudos superiores em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro.

Casou-se no Rio de Janeiro, a 23 de dezembro de 1941, com Cordélia Rodrigues Chaves de Melo, com a qual formou uma família de sete filhos, genros, noras e quinze netos.

Suas atividades permanentes e nunca interrompidas de escritor e de professor se iniciaram respectivamente em 1937 e 1941, portanto há quase sessenta anos.

Graus universitários

- Bacharel em direito pela Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro (1938);

²⁷ Verbete redigido por Maximiano de Carvalho e Silva.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Livre-docente e doutor em língua portuguesa pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1946).

Condecorações e títulos honoríficos

- Comendador da Ordem do Infante Dom Henrique, de Portugal.
- Medalha de Prata da Clausura do Concílio Vaticano II – Roma.
- Benemérito da Ordem dos Pregadores – Roma.
- Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra – Portugal (1993).

Atividades magisteriais: cargos que ocupou

- Professor de língua portuguesa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, depois Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro – de junho de 1941 a junho de 1977.
- Professor de língua portuguesa e de literaturas de língua portuguesa na Faculdade de Filosofia da Pontifícia Uni-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

versidade Católica do Rio de Janeiro – de março de 1951 a junho de 1968.

- Professor de língua portuguesa na Faculdade Fluminense de Filosofia em Niterói (RJ), depois Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, onde também foi professor de cultura brasileira e didática geral – de setembro de 1962 a junho de 1987.
- Professor de filologia românica na Faculdade de Filosofia e Letras de Juiz de Fora (Minas Gerais) – nos anos letivos de 1950, 1951 e 1952.

Atividades magisteriais avulsas

- Cursos de conferências na Faculdade de Filosofia do Recife (PE) – em 1948/1949.
- Cursos avulsos de língua portuguesa, cultura geral e cultura religiosa no Centro Dom Vital do Rio de Janeiro.
- Cursos de preparação para exames de suficiência promovidos pela CADES (Campanha de Aperfeiçoamento e Diffusão do Ensino Secundário) / Ministério da Educação e Cultura, nos anos de 1958 e 1959 – em Petrópolis (RJ) e Nova Friburgo (RJ) respectivamente.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Curso de conferencias na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (Portugal), em 1964.
- Curso de extensão universitária sobre Gil Vicente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – em 1965.
- Curso de extensão universitária na Faculdade de Filosofia de Londrina (PR) – em 1966 e na Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas (SP).
- Curso de semestre sobre cultura brasileira na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – em 1970.
- Curso de conferências sobre Machado de Assis na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa – em 1973.
- Curso superior de língua portuguesa na Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa – em 1973.
- Cursos de iniciação à filosofia e de língua latina no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense.
- Cursos de língua portuguesa e de língua latina, promovidos desde 1991, pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro, onde continua a exercer as suas atividades docentes.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Participação em bancas examinadoras e júris especiais

- Integrante de numerosas bancas examinadoras e organizador de provas de exames vestibulares na Faculdade Nacional de Filosofia e no Instituto de Letras da UFF.
- Presidente do Júri do I Festival Internacional de Arte Cinematográfica em Lisboa, janeiro de 1964.
- Por duas vezes seguidas, participante do júri técnico para conferir o prêmio Moinho Santista a figuras de alta expressão da cultura brasileira, na qualidade de representante da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1959 e 1960).
- Participante do júri que em 1974 conferiu o título de doutor ao professor Fernando Alves Cristóvão na Faculdade de Letras da Universidade Católica de Lisboa.
- Participante da comissão examinadora que conferiu ao professor Celso Pedro Luft o título de livre-docente em língua portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre.
- Orientador de 14 dissertações de mestrado em língua portuguesa e membro das comissões examinadoras que as julgaram e aprovaram, no Instituto de Letras da UFF.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Participante das comissões examinadoras que aprovaram mais oito dissertações de mestrado em língua portuguesa no Instituto de Letras da UFF.

Conferências

Cerca de quatrocentas conferências sobre assuntos ligados à cultura humanística, em várias cidades do Brasil e do exterior: Rio de Janeiro, Niterói, Petrópolis, Nova Friburgo, Campos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Varginha, São João d'El Rei, Itajubá, Três Corações, Governador Valadares, São Paulo, Campinas, Santos, Ribeirão Preto, Londrina, Brasília, Recife, Porto Alegre e muitas outras no país; Lisboa, Coimbra, Porto, Braga, Leiria, Cascais, Sintra, Castelo Branco, Évora (Portugal); Salamanca (Espanha), Poitiers (França); Bruxelas, Antuérpia, Lovaina, Mons (Bélgica); Amsterdã e Nímega (Holanda); Bonn e Heidelberg (Alemanha); Bristol (Inglaterra); Zurique (Suíça).

Congressos internacionais em que teve participação de maior relevo

- Congresso Internacional de Etnografia e Folclore – Santo Tirso (Portugal), julho de 1963 (Delegado Oficial do Brasil).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros – Coimbra (Portugal), setembro de 1963.
- I Simpósio Luso-Brasileiro Sobre a Língua Portuguesa Contemporânea – Coimbra, abril-maio de 1967.
- I Encontro de Professores de Língua Portuguesa – Coimbra, abril de 1970.
- I Reunião Internacional de Camonistas – Niterói, novembro de 1972 (membro da delegação brasileira apresentou comunicação intitulada “A Língua de *Os Lusíadas* e a Linguagem Brasileira”).
- II Reunião Internacional de Camonistas – Niterói, novembro de 1973 (membro da comissão organizadora).
- III Reunião Internacional de Camonistas – Coimbra, novembro de 1980 (apresentou comunicação intitulada “Uma Interpretação da *Fala do Velho do Restelo*”).
- IV Reunião Internacional de Camonistas – Ponta Delgada (Açores), julho de 1983 (apresentou comunicação intitulada “As Regras de Bem Viver em *Os Lusíadas*”).
- V Reunião Internacional de Camonistas – São Paulo, julho de 1987 (apresentou comunicação intitulada “O *Fatum* e a Divina Providência em Camões”).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Congresso Internacional de Filologia Portuguesa – Niterói, novembro de 1973 (membro da comissão organizadora; fez a conferência da sessão de abertura para justificar a escolha de Sousa da Silveira como Patrono do Congresso).
- Congresso Internacional “Os Descobrimentos Portugueses e a Europa do Renascimento” – Lisboa, 1983 (apresentou comunicação intitulada “As Filosofias do Renascimento e Sua Repercussão em Camões”).
- I Congresso Internacional de Lusitanistas – Poitiers (França), 1984 (apresentou comunicação intitulada “As Duas Vertentes (Complementares) da Língua Portuguesa”).
- X Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa – Lisboa / Porto / Coimbra, 1984.
- Congresso Internacional de Estudos Camilianos – Coimbra / Vila Nova de Famalicão, junho de 1991 (fez conferência intitulada “Língua e Estilo de Camilo Castelo Branco”).
- Colóquio Internacional da Língua Portuguesa Literária – Rio de Janeiro, outubro de 1992 (membro da comissão organizadora, instituída pelo Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Outros cargos e funções na universidade federal fluminense

- Membro da comissão instituída para estudar a criação e a organização do Instituto de Letras da UFF, como um dos desdobramentos da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – em 1968.
- Membro do Colegiado do Instituto de Letras da UFF.
- Membro do Colegiado do Curso de Mestrado em Letras da UFF, desde a fundação até 1987.
- Coordenador do convênio de intercâmbio firmado entre a UFF e a Universidade do Porto (Portugal) – de 1985 a 1987.

Instituições culturais de que faz parte

- Membro da Academia Brasileira de Filologia – eleito em 1951.
- Sócio Honorário da Sociedade de Língua Portuguesa de Lisboa.
- Sócio Honorário da Associação Jurídica de Braga (Portugal).
- Sócio da Academia Brasileira de Língua Portuguesa.
- Membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Membro da Associaçon Galega da Língua, sediada em Santiago de Compostela (Espanha).
- Membro do Conselho Técnico da Confederação Nacional do Comércio, no Rio de Janeiro – desde 1968.
- Membro da Associação Internacional de Lusitanistas, sediada em Poitiers (França).
- Membro da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo.
- Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Campanha (MG).
- Membro da Academia Sul-Mineira de Letras.
- Sócio fundador da Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Cultura Humanística e de Estudos de Língua Portuguesa e Crítica Textual – desde 1982.
- Sócio Honorário do Liceu Literário Português do Rio de Janeiro.
- Sócio Efetivo do PEN Club do Brasil.
- Membro da Diretoria do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português – desde 1991.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Cargos e funções que exerceu temporariamente

- Adido Cultural junto à Embaixada do Brasil em Lisboa – 1962 a 1964 e de 1972 a 1974.
- Membro da comissão especial designada pelo governo brasileiro para organizar e dirigir as comemorações do quarto centenário de *Os Lusíadas* – 1971 a 1973.
- Membro do Conselho Federal de Educação (1970).
- Membro do Conselho Federal de Cultura (1970-1972).
- Sócio do Centro Dom Vital, no Rio de Janeiro, e redator-chefe da revista *A Ordem* (órgão oficial dessa instituição).
- Sócio fundador e membro da Diretoria do Centro de Cultura Humanística, no Rio de Janeiro (1968).
- Membro da Comissão organizadora do Programa Especial UFF [Universidade Federal Fluminense] / FCRB [Fundação Casa de Rui Barbosa] que patrocinou a realização da II Reunião Internacional de Camonistas e do Congresso Internacional de Filologia Portuguesa, em Niterói, no mês de novembro de 1973.
- Encarregado pelo Ministério das Relações Exteriores de visitar e fiscalizar os Centros de Estudos Brasileiros das Universidades da Europa Continental.

Missões diplomáticas

- Embaixador designado pelo governo brasileiro em Missão Especial à Clausura do Concílio Vaticano II, em Roma – dezembro de 1965.
- Representante do governo brasileiro à recepção do Papa Paulo VI no Congresso Eucarístico Internacional em Bogotá (Colômbia) – agosto de 1968.

Atividades políticas

- Vereador à Câmara do Distrito Federal nos últimos anos do Rio de Janeiro como capital da República (1951-1960).
- Deputado à Assembleia Legislativa do recém-criado Estado da Guanabara – 1960 a 1962, tendo sido como constituinte um dos principais autores da nova Constituição estadual.
- Sua primeira eleição se deu na chapa de vereadores da União Democrática Nacional (UDN) em que seu nome figurava por indicação do movimento da Resistência Democrática: o manifesto que recomendou o seu nome ao eleitorado era assinado por Alceu Amoroso Lima, Gustavo Corção e Heráclito da Fontoura Sobral Pinto.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- Na Câmara sempre foi membro da Comissão de Justiça, onde deu cerca de 2000 pareceres sobre a constitucionalidade, juridicidade e conveniência de projetos apresentados ao plenário.
- Em 1955, deixou a UDN, por divergência com a direção do partido, que se recusava a tomar providências para resolver problema de suma relevância. Logo depois, como integrante do Partido Democrata Cristão (PDC), foi eleito vereador, e com a criação do Estado da Guanabara – deputado estadual na legenda do referido Partido, do qual foi Presidente, e em que encerrou em 1962, por livre decisão, a sua participação na vida pública.

Publicações

LIVROS

Linguística e Filologia Portuguesa

A Língua do Brasil. 4^a edição, melhorada e aumentada. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1981. (12) + 210 p. [1^a edição: 1946.]

Alencar e a “Língua Brasileira”. 3^a edição [melhorada e aumentada, com um apêndice “Alencar, Cultor e Artífice da Língua”].

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972. 143 p. [1^a edição: 1948.]

Dicionários Portugueses. Rio de Janeiro, MÊS / Serviço de Documentação, 1947. 78 p.

A Língua e o Estilo de Rui Barbosa. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1950. 59 p.

Conceito e Método da Filologia (em coautoria com Serafim Silva Neto), com prefácio de Sousa da Silveira. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1951. 95 p.

Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa. 6^a edição, revisada e melhorada. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1981. (20) + 244 p. [1^a edição: 1951.]

Novo Manual de Análise Sintática. 4^a edição, melhorada. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1971. 189 p. [1^a edição: 1954.]

Gramática Fundamental da Língua Portuguesa. 3^a edição [melhorada]. Rio de Janeiro, 1978. XIV + 258 p. [1^a edição: 1968.]

Ensaio de Estilística da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão Livraria Editora, 1976. 231 p. [Há edição portuguesa, de Albufeira (Algarve), Editora Posidon, 1979].

Os “Brasileirismos” de Frei Luís de Sousa. Niterói, EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, 1985. 57 p.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

A Excelência Vernácula de Gonçalves Dias. Niterói, EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense / Rio de Janeiro, Presença, 1992. 225 p.

Iracema (Lenda do Ceará) por José de Alencar. Introdução, notas e apêndice: *Alencar e a “Língua Brasileira”* por Gladstone Chaves de Melo. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1948. LII + 180 + [110] p.

Alphonsus de Guimaraens – Poesia por Gladstone Chaves de Melo. 3^a edição, corrigida e melhorada. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1976. [Volume 19 da coleção “Nossos Clássicos”. 1^a edição: 1958, 123 p.].

Rui Barbosa – Textos Escolhidos por Gladstone Chaves de Melo. Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1962. [Volume 67 da coleção “Nossos Clássicos”] 108 p.

Luís de Camões, *Os Lusíadas* – Edição Comentada. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1980. 649 p. [Plano, fixação do texto e primeira coordenação de Gladstone Chaves de Melo; coordenação final de Sílvio Elia e Hamilton Elia; vários colaboradores, que se encarregaram das notas explicativas de pé de página; três estudos prévios: “Aspecto Histórico”, de Pedro Calmon, “Aspecto Filológico”, de Sílvio Elia, e “Aspecto Literário”, de Gladstone Chaves de Melo. 1^a edição: Rio de Janeiro, MEC / Departamento de As-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

suntos Culturais, 1972 – comemorativa do quarto centenário do poema.]

Machado de Assis, *Quincas Borba*. Prefácio de Augusto Meyer. Apuração do texto, revisão, aparato crítico, introdução, notas e apêndice por Gladstone Chaves de Melo. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1973. 251 p.

Frei Luís de Sousa, *A vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires*. Introdução de Aníbal Pinto de Castro. Fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984. XXX + 848 p.

Antônio Vieira, *Sermão da Sexagésima*. Introdução, estabelecimento filológico do texto, notas e comentários de Gladstone Chaves de Melo. Niterói, EDUFF – Editora da Universidade Federal Fluminense, 1985. 84 p.

Cultura Brasileira

Origem, Formação e Aspectos de Cultura Brasileira. Lisboa, Centro de Livro Brasileiro, 1974. 279 p.

Opúsculos e Separatas

Formulário Ortográfico. Rio de Janeiro, Tip. Rua do Rosário 149, 1938.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

A Linguagem dos Livros Brasileiros de Literatura Infantil (Tese de Concurso). Rio de Janeiro, 1940.

A Influência Africana no Português do Brasil. Rio de Janeiro, MÊS / Serviço de Documentação, 1945.

Machado de Assis, Defensor do Homem. Coimbra, 1964. 32 p. [Separata de Brasília, vol. XII.]

La Place du Portugais Parmi les Langues Romanes. Louvain, Centre d'Études Portugaises et Brésiliennes, 1975.

O Enriquecimento da Língua em José de Alencar. Lisboa, 1971. [Separata da Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, nº 13, 1971.]

Reflexões Críticas Sobre o Estruturalismo. Coimbra, 1983. [Separata da Revista da Universidade de Coimbra, vol. 30, 1983.]

Quelques Remarques sur Le Portugais du Brésil (Dans l'Optique de la Linguistique Romane). Louvain, 1984. [Separata de Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, 10, 1, 3, 1984.]

Frei Luís de Sousa, Mestre da Prosa Artística Portuguesa. Porto, 1987. 7 p. [Separata do vol. III/3 das Actas do II Encontro Sobre História Dominicana realizado em Santarém (Portugal) em 1982.]

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Filosofia, Pedagogia, Política

A Missão do Professor. [Discurso de paraninfo dos licenciandos da Faculdade Fluminense de Filosofia, em Niterói, pronunciado a 15 de dezembro de 1961. edição restrita.]

Reflexões Críticas Sobre a Educação. Rio de Janeiro, Presença, 1976.

Considerações Sobre Democracia. Rio de Janeiro, Presença, 1986.
45 p.

Cuba, Fidel, o Frade e o Arcebispo. Rio de Janeiro, Presença, 1989. 31 p.

Colaboração em livros de autoria múltipla

O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura. In *Misão do Intelectual*, edição da Liga Universitária da Ação Católica Brasileira, Rio de Janeiro, Livraria Agir Editora, 1952, p. 34-67.

Verbo – Encyclopédia Luso-Brasileira de Cultura. 20 volumes, Lisboa, Editorial Verbo, 1963-1980 [Cerca de 3 120 verbetes, assinados, de extensão variada, sobre assuntos brasileiros (religião, língua, literatura, pensamento filosófico).]

Vida Política. In *Minas Gerais, Terra e Povo*, organização de Guilhermino César Ferreira Reis, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1972, p. 206-216.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

A Língua, Fator de integração. In *História da Cultura Brasileira*, coordenação de Manuel Diégues Júnior, vol. I, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura, 1973, p. 109-116.

Extensão e Restrição dos Significados. In *Estudos em Homenagem a Cândido Jucá (Filho)*, organização de Raimundo Barbadinho Neto, Rio de Janeiro, Organização Simões, s/d, p. 97-105.

As Concepções Filosóficas e Religiosas de Camões. In *Miscelânea em Honra de Rocha Lima*, organização de Raimundo Barbadinho Neto, Rio de Janeiro, Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II, 1980, p. 161-184.

Luís de Sousa e Antônio Vieira, Mestres da Prosa Artística Portuguesa. In *Fórum Litterarium – Miscelânea de Estudos Literários, Linguísticos e Históricos oferecida a J. J. van der Besselaar*, coordenação de Hans Bots e Maxim. Kerkhof, Amsterdam & Maarsen, Holanda, 1984, p. 73-80.

Como Vi e Como Vejo Manuel Bandeira. In *Homenagem a Manuel Bandeira / 1986-1988*, organização de Maximiano de Carvalho e Silva, Rio de Janeiro, Presença, 1989, p. 253-265.

A Importância da Literatura Portuguesa Para o Estudo da Literatura Brasileira. In *Estudos Universitários de Linguística, Filologia e Literatura – Homenagem da Academia Brasileira de Filologia e do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro ao Prof. Doutor Sílvio*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Elia. (1990). Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.

Conferências e comunicações em congressos internacionais

A Língua de *Os Lusíadas* e a Linguagem Brasileira. In *Actas da I Reunião Internacional de Camonistas*. Lisboa, 1973.

Sousa da Silveira, Nossa Patrono. [Conferência de abertura do Congresso internacional de Filologia Portuguesa realizado como parte do Programa Especial UFF (Universidade Federal Fluminense) – FCRB (Fundação Casa de Rui Barbosa) em Niterói, novembro de 1972. (Texto policopiado e distribuído aos participantes do Congresso).]

Uma Interpretação do Episódio do “Velho do Restelo”. In *Actas da III Reunião Internacional de Camonistas* (10 a 13 de novembro de 1980), Coimbra, 1987, p. 341-345.

As Regras de Bem Viver em *Os Lusíadas*. In *Actas da IV Reunião Internacional de Camonistas* (12 a 17 de junho de 1983), Ponta Delgada (Açores), 1984, p. 373-384.

O *Fatum* e a Divina Providência em Camões. In *Actas da V Reunião Internacional de Camonistas* (20 a 24 de julho de 1987), São Paulo, 1992, p. 85-94.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Língua e Estilo de Camilo Castelo Branco. In *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (24 a 29 de junho de 1991), Coimbra, 1994, p. 175-193.

Traduções

L. Laurand, *Literatura Latina*. São Paulo, Editora Anchieta, 1946.

Charles Journet, *A Doutrina da “Cidade”*. Rio de Janeiro, Presença, s/d.

Paulo VI, *Credo do Povo de Deus*. Rio de Janeiro, Editora Permanência, 1969. 24 p. [Tradução do texto latino, oficial, dos *Acta Apostolicae Sedis*.]

Artigos em jornais e revistas

Mais de 1000 artigos em jornais e revistas do Brasil e do estrangeiro, de que aqui se indicam os que foi possível levantar (levantamento incompleto, portanto).

Na *Revista Brasileira de Pedagogia*, órgão oficial da Confederação Católica Brasileira de Educação, Rio de Janeiro:

Um Livro Sobre a Missa (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Caminho da Vida (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

Um Novo Livro Sobre o Ensino Secundário (ano 4, n. 36, vol. 7, jul.-ago. 1937).

Na *Revista Euclides*, Rio de Janeiro, diretor Antônio Simões dos Reis:

Novo Dicionário da Língua Nacional (ano I, n. 7-8, dez. 1939 – jan. 1940).

Subordinação (tomo 2, n. 1, mar. 1940).

Um Novo Manual de Ortografia... (tomo 2, n. 7, mar. 1940).

O “Humor” em Machado de Assis (tomo 2, n. 1, jun. 1940).

Variações em Torno de Alphonsus (vol. 2, tomo 1, n. 8, dez. 1940).

Afonso Arinos, Poeta do Sertão (vol. 2, tomo 2, mar. 1941).

Em *O Jornal*, do Rio de Janeiro:

Um Preciosíssimo Exemplar de *Os Lusíadas* (8-11-1942). [Transcrito na revista *Ocidente*, Lisboa, n. 63, jul. 1943, com uma carta explicativa de Alceu Amoroso Lima.]

Filologia e Filólogos (23-6-1946).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Tupi e Português (28-7-1946).

Etimologia Popular (18-8-1946).

Dois Dicionários (8-9-1946).

A Herança de Cândido de Figueiredo (22-9-1946).

A Última Ortografia (6-10-46).

A Metáfora na Língua (20-10-1946).

Traduções (17-11-46).

Etimologias (1-12-1946).

Galicismos (15-12-1946).

Galicismos Censuráveis e Galicismos Aceitáveis (12-1-1947).

Fontes do Latim Vulgar (16-3-1947).

Castro Alves e a Linguagem Brasileira (30-3-1947).

A Propósito do Indefinido “Um” (13-4-1947).

Sobre o Eufemismo (27-4-1947).

Alterações Semânticas (18-5-1947).

Eugênio de Castro (1-6-1947).

Vamos Analisar... (15-6-1947).

O Português dos Concursos (26-6-1947).

O Português dos Concursos II (13-7-1947).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em Busca do Termo Próprio (27-7-1947).

História dos Particípios (10-8-1947).

A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais (24-8-1947).

A Lição dos Textos e as Normas Gramaticais II (7-9-1947).

Extensão e Restrição dos Significados (28-9-1947).

Na revista *FNF*, publicação do Diretório Acadêmico da Faculdade Nacional de Filosofia:

Filologia e Literatura (ano 4, n. 8, nov. 1946). [Recensão crítica dos livros *Capítulos de História da Língua Portuguesa no Brasil* e *Diferenciação e Unificação do Português no Brasil* de Serafim Silva Neto, *Introdução ao Estudo da Filologia Portuguesa* de Manuel de Paiva Boléo e *A Arte de Furtar e o Seu Autor* de Afonso Pena Júnior.]

Gustavo Corção e a Sua Obra Singular (ano 5, n. 9, set. 1947).

Na revista *A Ordem*, órgão do Centro Dom Vital (Rio de Janeiro):

Maritain e a Fé na Democracia (ano XXVI, n. 5-6, maio-jun. 1946).

O Problema da Liberdade (ano XXVI, n. 11, nov. 1946).

Ozanam, Precursor (vol. XLI, n. 4, abr. 1949).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Ozanam e as Conferências Vicentinas (vol. XLI, n. 6, jun. 1949).

Sobre “O Problema da Riqueza” (vol., XLII, n. 1-2, jul.-ago. 1949).

O Silêncio de Santo Tomás no “Auto da Alma” (vol. XLII, n. 4, out. 1949).

Congregações Marianas e Conferências Vicentinas (vol. XLII, n. 6, dez. 1949).

A Mensagem de S. Vicente de Paulo (vol. XLIII, n. 1-2, jan.-fev. 1950).

Os Católicos e a Política (vol. XLIII, n. 3, mar. 1950).

Impressões de S. Paulo (vol. XLIII, n. 3, mar. 1950),

O Reino da Mentira (vol. XLIII, n. 6, jun. 1950).

A Classificação das Palavras (vol. XLIV, n. 6, nov.-dez. 1950).

O Testemunho Cristão de Ozanam em Relação à Cultura (vol. XLV, n. 3-4, mar.-abr. 1951).

O Vocabulário da Literatura Infantil (vol. XLVI, n. 3-4, set.-out. 1951).

Saudação a Nossa Senhora de Fátima (vol. L, n. 2, ago. 1953).

A Presença de Ozanam (vol. L, n. 3, set. 1953).

Bibliografia de Ozanam (vol. L, n. 3, set. 1953).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

O Problema da Tradução (vol. LII, n. 3, set. 1954).

A Vernaculidade da Tradução (vol. LII, n. 4, out. 1954).

Exigências e Técnica da Boa Tradução (vol. LII, n. 6, dez. 1954).

Alterações Semânticas (vol. LIII, n. 1, jan. 1955).

A Metáfora na Língua (vol. LIII, n. 5, maio 1955).

No *Correio da Noite*, do Rio de Janeiro:

A Filologia é Uma Ciência (20-3-1947).

Filologia e Linguística (27-3-1947).

As Línguas Românicas (3-4-1947).

Geografia das Línguas Românicas (10-4-1947).

A Transplantação das Línguas Românicas (17-4-1947).

A Língua Portuguesa no Brasil (24-4-1947).

A Importância dos Textos (8-5-1947).

A Língua Portuguesa – I (15-5-1947).

A Língua Portuguesa – II (22-5-1947).

O Infinito Pessoal (29-5-1947).

A Sintaxe Portuguesa (5-6-1947).

Concordância (12-6-1947),

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- A Colocação dos Pronomes (19-6-1947).
- A Classificação de Palavras – I (26-6-1947).
- A Classificação de Palavras – II (3-7-1947).
- A Classificação de Palavras – III (10-7-1947).
- Constituição do Vocabulário – I (17-7-1947).
- Constituição do Vocabulário – II (24-7-1947).
- Constituição do Vocabulário – III (31-7-1947).
- O Problema Ortográfico – I (7-8-1947).
- O Problema Ortográfico – II (14-8-1947).
- O Problema Ortográfico – III (21-8-1947).
- Da Formação Filológica (28-8-1947).
- Da Análise Sintática (4-9-1947).
- A Classificação das Línguas – I (11-9-1947).
- A Classificação das Línguas – II (18-9-1947).
- As Línguas Indo-Europeias – I (25-9-1947).
- As Línguas Indo-Europeias – II (2-10-1947).
- As Línguas Indo-Europeias – III (9-10-1947).

Na revista *Vozes* (Petrópolis):

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Relações Entre a Literatura e o Ambiente (jan.-fev. 1947).

Conceito de Cultura Brasileira (ano 60, n. 6, jun. 1966).

Cultura Brasileira – II: Fatores Estáticos da Cultura (ano 60, n. 7, jul. 1966).

Cultura Brasileira – III: O Meio Físico Brasileiro Como Condicionante da Cultura (ano 60, n. 8, ago. 1966).

Cultura Brasileira – IV: A Herança Portuguesa (ano 60, n. 9, set. 1966).

Cultura Brasileira: A Herança Indígena (ano 60, n. 10, out. 1966).

Cultura Brasileira: A Herança Africana (ano 60, n. 11, nov. 1966).

Cultura Brasileira (ano 60, n. 12, dez. 1966).

Cultura Brasileira: o Elemento Dinâmico da Cultura Nacional (ano 61, n. 1, jan. 1967).

No *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro:

Ameaças Ortográficas (11-1-1948).

O Papel da Analogia na Língua (21-3-1948).

Causas e Efeitos da Evolução Fonética (18-4-1948).

Escolha e Rejeição de Livros em Filologia (4-7-1948).

Literatura Filológica (9-1-1949).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Na *Tribuna da Imprensa*, do Rio de Janeiro:

O Caso do Instituto de Educação (21-4-1952).

Cremação de Cadáveres (23-4-1952).

A Inumação (24-4-1952).

O Mais Alto Valor (25-4-1952).

Prefeito Festeiro (26-4-1952).

Assistência Social (28-4-1952).

Portas e Janelas (29-4-1952).

Cidade Condenada (30-4-1952).

Zero em Abril (2-5-1952).

1.000.000 (3-5-1952).

Espertos e Otários (5-5-1952).

“São Judas, me Ajuda!” (6-5-1952).

Os Moços e a Política (7-5-1952).

A Autarquia das Favelas (8-5-1952).

Subprefeituras (9-5-1952).

Municipalização (10-5-1952).

Sousa da Silveira (12-5-1952).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

À Felicidade do Aires (13-5-1952).

Adeus, Laranjeiras! (14-5-1952).

Evolução Semântica (15-5-1952).

Dois Pesos (16-5-1952).

100 Anos Depois (17-5-1952).

Por Equidade... (19-5-1952).

Um Oásis (20-5-1952).

Polícia, Ontem e Hoje (21-5-1952).

Cachorros e Crianças (22-5-1952).

Mais Um (23-5-1952).

Lamentável Estreia (24-5-1952).

Má Etimologia, Boa Doutrina (27-5-1952).

Desabadiço (29-5-1952).

Ofensas ao Legislativo (30-5-1952).

Um Ano de Bons Serviços (31-5-1952).

Decadência da Conversa (2-6-1952).

Explicação (3-6-1952).

Fora com as Crianças (4-6-1952).

Monopólio do Ensino (5-6-1952).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O Crime do Padeiro (7-6-1952).

Sugestões à LEC (10-6-1952).

O Artigo 43 (11-6-1952).

O Interino e os Interinos (14-6-1952).

Acordo e Desacordo (16-6-1952).

Dia da Alegria (17-6-1952).

A Reivindicação Burguesa (18-6-1952).

Nas Sombras da Noite (19-6-1952).

“Comédie” e Comédia (23-6-1952).

No *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro:

Mestre Augusto Magne (7-7-1957).

Falares Brasileiros (14-7-1957).

Um Drama da Cultura (21-7-1957)

Convite à Poesia de Alphonsus de Guimaraens (28-7-1957).

Gramática em Crise (18-8-1957).

O Regional e o Universal num Romance (25-8-1957).

Brasília e a Mudança da Capital (8-9-1957).

Congresso de Democracia Cristã (29-9-1957).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Vozes de Esperança (27-10-1957).

Sinais de Borrasca (2-11-1957).

Reflexões Sobre a Hora Presente (10-11-1957).

Vieira, os Textos e os Ladrões (17-11-1957).

Vícios de Pronúncia (24-11-1957).

Luta e Paciência Democrática (1-12-1957).

Vigilância e Espírito Público (8-12-1957).

O Que Fizeram do Natal (22-12-1957).

Balanço Amargo (29-12-1957).

Perspectivas... (5-1-1958).

A Indústria do Ensino (12-1-1958).

Um Livro Brasileiro e Generoso

No *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro:

A Pronúncia Carioca (3-7-1960).

Que Língua se Fala no Brasil? (3-4-1966).

Quem Deve Ensinar Literatura Brasileira? (26-5-1966).

Na revista *Permanência* (Rio de Janeiro):

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Resistite Fortes in Fide (ano I, n. 1, out. 1968).

Ubi Petrus, Ibi Ecclesia (ano I, n. 2, nov. 1968).

Escolho as Duas... (ano I, n. 3, dez. 1968).

O Segundo Sinal (ano I, n. 4, jan. 1968).

Quem Era Jesus? (ano I, n. 5-6, fev.-mar. 1969).

Que Fazer na Crise? (ano II, n. 7, abr. 1969).

O Fundamento da Vida (ano II, n. 8, maio 1969).

A Doutrina e a Ação da “Igreja Carismática” (ano II, n. 9, jun. 1969).

O Alento da Vida (ano II, n. 10, jul. 1969),

Convite à Alegria (ano II, n. 11-12, ago.-set. 1969).

A Moral de Sempre e a “Nova Moral” (ano II, n. 13, out. 1969).

O Cristão e o Mundo (ano II, n. 14, nov. 1969).

O Sentido da Vida (ano II, n. 15, dez. 1969).

Um Centenário e Uma Esperança (ano II, n. 16-17, jan.-fev. 1970).

Ainda a Missa (ano III, n. 18, mar. 1970).

Fidem Servare (ano III, n. 19, abr. 1970).

Maria, no Concílio e no “Credo” de Paulo VI (ano III, n. 20, maio 1970).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Erros e Heresias Acobertados Pela Tradução Brasileira da Missa
(ano III, n. 21, jun. 1970).

Critérios da Caridade (ano III, n. 22, jul. 1970).

Secularização e Sacralização (ano III, n. 23-24, ago.-set. 1970).

Difundamos Nossa Regra de Fé (ano III, n. 25, out. 1970).

Nossa Posição Ante a “Nova Missa” (ano III, n. 26, nov. 1970).

O Verdadeiro Conceito de Ecumenismo (ano III, n. 27, dez. 1970).

Mysterium Fidei, Presença Real (ano III, n. 28-29, jan.-fev. 1971).

Creio na Santa Igreja Católica (ano IV, n. 30, mar. 1971).

Legionários da Unidade (ano IV, n. 31, abr. 1971).

Recorramos a Nossa Senhora! (ano IV, n. 32, maio 1971).

Convite a um Grande Livro (ano IV, 33-34, jun.-jul. 1971).

Os Sinais Sagrados (ano IV, n. 35, ago. 1971),

As Sombras Começam a Dissipar-se (ano IV, n. 36-37, set.-out. 1971).

O Sacramento e a Virtude da Penitência (ano IV, n. 39, dez. 1971).

Uma Forma Concreta de Caridade (ano V, n. 40, jan.-fev. 1972).

Tomada de Consciência (ano V, n. 42, abr. 1972).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Na *Carta Mensal*, órgão do Conselho Técnico da Confederação Nacional de Comércio (Rio de Janeiro):

A Crise da Cultura Brasileira (ano XV, n. 173, ago. 1969).

A Língua-Padrão do Brasil (ano XV, n. 175, out. 1969).

Remanescentes Indígenas e Africanos na Cultura Brasileira (ano XV, n. 179, fev. 1970).

A Herança Portuguesa na Cultura Brasileira (ano XVI, n. 182, maio 1970).

Alencar, Cultor e Artífice da Língua (ano XVI, n. 193, abr. 1971).

Uma Interpretação Talvez Revolucionária de Machado de Assis (ano XVI, n. 195, jun. 1971).

Origens e Formação da Cultura Ocidental (ano XVI, n. 200, nov. 1971).

O Pensamento Filosófico no Brasil (ano XVI, n. 202, jan. 1972).

Variações em Torno dos Romances (ano XX, n. 240, mar. 1975).

Duas Religiões do Homem (ano XXI, n. 252, mar. 1976).

A Decadência da Língua Culta e Suas Causas (ano XXII, n. 259, out. 1976).

Lei e Direito Natural na Filosofia Clássica (ano XXIII, n. 267, jun. 1977).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A Língua Portuguesa no Brasil e no Mundo (ano XXIII, n. 273, dez. 1977).

O Direito, o Estado e a Sociedade Segundo Pio XII (ano XXIV n. 278, maio 1978).

A Origem da Linguagem (ano XXIV, n. 288, mar. 1979).

Ainda é Tempo de Reagir (ano XXV, n. 294, set. 1979).

A Reintegração Galego-Portuguesa (ano XXVI, n. 305, ago. 1980).

Relembrando Camões... (ano XXVI, n. 309, dez. 1980).

Variações Sobre as Esquerdas (ano XXVII, n. 323, fev. 1982).

No Centenário de João XXIII (ano XXVIII, n. 325-326, abr.-maio 1982).

Considerações Sobre a Democracia (ano XXVIII, n. 328, jul. 1982).

O Inventário Lexical Brasileiro (ano XXVIII, n. 336, mar. 1983),

Lições Camonianas de Bem Viver (vol. 29, n. 344, nov. 1983).

Gustavo Corção: o Homem, a Obra, a Mensagem (vol. 30, n. 351, jun. 1984).

Justiça e Amizade Cívica, Fundamentos da Democracia (vol. 31, n. 358, jan. 1985).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Uma Política da Língua: as Duas Vertentes (vol. 31, n. 367, out. 1985).

Radiografia de Machado de Assis (vol. 32, n. 379, out. 1986).

Vicissitudes da Verdade (vol. 35, n. 411, jun. 1989).

Maquiavel e Sua Descendência (vol. 35, n. 417, dez. 1989).

No Diário de Notícias de Lisboa (série de 65 artigos semanais, na coluna “Crônica do Brasil”, publicada aos domingos):

A Semana de Arte Moderna, Marco da História Cultural do Brasil (23-10-1972).

Camões no Brasil (31-1-1973).

O Carnaval (18-3-1973).

O Trianon (25-3-1973).

A Santa Casa do Rio (1-4-1973).

Tupi e Português (8-4-1973).

Donga e o Samba (15-4-1973).

A Semana Santa Mineira (22-4-1973).

Um Festival de Inverno (29-4-1973).

Treze de Maio (13-5-1973).

O Centenário de Niterói (20-5-1973).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Retorno ao Zero (927-5-1973).

Congresso de Filologia e de Camonologia (3-6-1973).

A Quatro Mãos (10-6-1973).

Coronel e Coronéis (17-6-1973).

A Capital e o Interior (24-6-1973).

Atendendo a um Pedido (1-7-1973).

Desfaz-se um Mal-Entendido (8-7-1973).

Glória Mesclada de Tristeza (15-7-1973).

Um Servidor da Verdade (22-7-1973).

Nova Era (29-7-1973).

Um Poeta de Raça (5-8-1973).

Ocaso de um Império (12-8-1973).

As Origens do Bacharelismo (19-8-1973).

Um Ariano Ortodoxo (26-8-1973).

Dois Gaúchos (2-9-1973).

A Linguística no Brasil (9-9-1973).

Vida e Morte do Palhaço (16-9-1973).

A Hora e a Vez do Piauí (23-9-1973).

Idealização e Realidade (30-9-1973).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Da Teoria à Prática (7-10-1973).

Presente de Pobre (14-10-1973).

Do Maranhão a Tiradentes (21-10-1973).

Um Homem Realizado (28-10-1973).

Um Paladino da República (4-11-1973).

Rememorando um Pioneiro (11-11-1973).

Por Paus e por Pedras... (18-11-1973).

Agradável Presença (25-11-1973).

Olinda Sobrou (9-12-1973).

O Laço Principal (16-12-1973).

Evocação de um Mestre (23-12-1973).

Olinda e Seu Monge (6-1-1974).

Espelho de Duas Faces (13-10-1974).

Memórias de um Desmemoriado (20-1-1974).

Caminhos Cruzados (27-1-1974).

A Quebra do Padrão-Ouro (3-2-1974).

Bom Serviço (10-2-1974).

Presença Brasileira (17-2-1974).

Vernaculizações (24-2-1974).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Do Começo ao Recomeço (3-3-1974).

Para Não Faltar... (10-3-1974).

Panorama Visto da Ponte (17-3-1974).

Ponto de Encontro (24-3-1974).

Ecos do Centenário (31-3-1974).

Comentário da Plateia (7-4-1974).

Memorialistas Esquecidos (14-4-1974).

Reconstrução que Urge (21-4-1974).

Usos e Fusos (29-4-1974).

Página Virada (5-5-1974).

Um Abridor de Caminhos (13-5-1974).

Explicações (19-5-1974).

Herança Minhota (26-5-1974).

Música de Sempre (1-6-1974).

Comoção Nacional (8-6-1974).

Parabéns ao Cinquentenário (15-6-1974).

Em jornais e revistas diversos (colaboração única)

No Brasil:

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O Descalabro do Ensino. (In *Carta da Resistência*, órgão da Resistência Democrática, Rio de Janeiro, ano 2, n. 53, 1949).

Orientações e Desorientações em Filologia. (In *Lumen*, Recife, ano 1, n. 2, jul. 1949).

Racionalização e Simplificação da Análise Sintática. (In *Anhembi*, São Paulo, ano 1, vol. 3, n. 8, jul. 1951).

Cristo e o Mundo. (In *Lareira*, São Paulo, dez. 1952).

Alceu Amoroso Lima, o Laureado do Ano. (In *Comentário*, publicação do Instituto Brasileiro Judaico de Cultura e Divulgação, ano 1, n. 1, jan.-mar. 1960).

Testemunho Sobre Corção. (In *O Globo*, Rio de Janeiro, 11-8-1960).

A Poesia do Ouro em Feliz Antologia. (In *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 18- 11-1967).

Lusíadas e Anti-Lusíadas. (In *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 1980).

No Exterior:

In Brasilien wird Portugiesisch gesprochen. (In *Das Parlament*, Bonn, n. 37, 9-9- 1954).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Dialectos Brasileiros. (In *Brasil*, edição do SERPRO da Embaixada do Brasil em Lisboa, Lisboa, n. 23, jan. 1964).

Cultura: Etimologia da Palavra. (In *Revista de Portugal*, Série A – Língua Portuguesa, Lisboa, vol. 32, 1967).

A Arquitetura Barroca no Brasil. (In *Diário do Minho*, Braga – Portugal, 3-12- 1972).

Reflexão Crítica Sobre a Educação. (In *Boletim da Mocidade Portuguesa*, Lisboa, n. 1, jun. 1973).

O Futuro da Língua Portuguesa no Brasil. (In *O Século*, Lisboa, 4-1-1974).

La Gran Poesía del Modernismo Brasileño. (In *Revista de Cultura Brasileña*, Madrid, n. 47, out. 1978).

Brasil, Uma Igreja Diferente. (In *Notícias de Guimarães*, Guimarães - Portugal, 7- 10-1983).

Na revista *Linguagem*, órgão do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói:

O Cultivo da Língua Literária (ano I, n. 1, 1978).

Para um Dicionário de Brasileirismos (ano I, n. 2, 1983).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Na revista *Confluência*, órgão do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português, do Rio de Janeiro:

Em *Defesa da Língua-Comum do Espaço Luso-Brasileiro* (n. 1, 1º sem. 1991).

Dêicticos e Anafóricos na Língua Portuguesa (n. 2, 2º sem. 1991).

A Língua das “Sextilhas de Frei Antão” (n. 4, 2º sem. 1992).

Convite a Ler Vieira (n. 7, 1º sem. 1994).

Em *Pelo Bem Comum – Revista de Cultura Humanística*, direção de Cláudio H. Moniz Braga, Mendes – RJ:

Os Sacramentos da Igreja (maio 1992).

Algo Sobre o Batismo (ago. 1992),

“Sereis Minhas Testemunhas...” (set. 1992).

Mysterium Fidei! (out. 1992).

O Sacrifício da Nova Lei (dez. 1992).

A Comunhão Sagrada (fev. 1993).

O Sacramento do Perdão (mar. 1993).

O Sacramento – Porta do Céu (maio 1993).

“Não Vos Deixarei Órfãos” (jul. 1993).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

O Sacramento de Dois Ministros (set. 1993).

Algo Sobre a Fé (fev. 1994),

Agora, a Esperança (abr. 1994).

A Maior das Três (maio 1994).

Algo Sobre a Prudência (ago. 1994).

A Justiça (set. 1994).

A Virtude da Força (dez. 1994).

Notas Sobre a Temperança (mar. 1995).

Observação final:

Na organização deste “curriculum vitae” foram levados em consideração, em primeiro lugar, os dados que constam do documento apresentado pelo professor Gladstone Chaves de Melo à Comissão examinadora do concurso para Titular de Língua Portuguesa no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense a que se submeteu no ano de 1985. Os referidos dados – datados de 1985 – foram agora reorganizados e atualizados na medida do possível, e, embora com lacunas, atendem à finalidade principal de evidenciar a extensão e a profundidade alcançadas na vida profissional pelo homenageado.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ANEXO 1: GLADSTONE CHAVES DE MELLO, 84

Membro da Academia Brasileira de Filologia, o professor e filólogo Gladstone Chaves de Mello foi colaborador de jornais e revistas do Rio de Janeiro, vereador e deputado estadual. Lecionou na Universidade de Coimbra, em Portugal, na PUC/ Rio, na UFRJ e na UFF. Nos últimos anos, passou a integrar a diretoria do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

O professor foi autor de títulos como “A língua do Brasil”, “Dicionários portugueses”, “Alencar e a língua brasileira” e “Origem, formação e aspectos da cultura brasileira”. Também escreveu edições de textos críticos e comentados, como “Iracema, de José de Alencar”, “Alphonsus de Guimarães – Poesia” e “Quincas Borba, de Machado de Assis”.

Gladstone morreu sexta-feira, aos 84 anos, de insuficiência respiratória. Ele deixa sete filhos e quinze netos.

Jornal *O Globo*, 7/XII/01

ANEXO 2: *Gladstone Chaves de Mello*²⁸

* 12/06/1917

† 7/12/2001

“*Combatí o bom combate, terminei minha carreira, guardei a fé.*”

(S. Paulo)

Caríssimos familiares de Gladstone,

Caros fiéis,

Acabamos de ouvir o Santo Evangelho, que nos convida a fazer uma profissão de fé na ressurreição da carne. De fato, crer em Jesus é crer na ressurreição. Nossa fé tem seu fundamento na resposta que

²⁸ Homília da Santa Missa de corpo presente em sufrágio da alma de Gladstone Chaves de Mello. Cemitério de São João Batista, Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 2001, solenidade da Imaculada Conceição da Bem-aventurada Virgem Maria. Pronunciada pelo RPD Justino de Almeida Bueno, OSB, monge beneditino do Mosteiro de São Bento.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

damos à pergunta feita por Jesus a Marta: *Crês isto?*. Nossa vida cristã, sua coerência e autenticidade, dependem do modo que vamos, passo a passo, dia a dia, respondendo a essa pergunta. Nossa fidelidade a Deus e à vocação que Ele nos deu no batismo nos faz crescer e amadurecer na busca de uma resposta total, radical, de plena confiança e entrega à vontade de Deus: *Sim, eu creio que meu irmão viverá.*

Essa fé – e a certeza de que foi essa a resposta de Gladstone – nos reúne aqui, em torno do seu corpo que piedosamente sepultamos. Mais do que ninguém, ele merece ser chamado de *fiel*. Sim, ele foi fiel cristão, fiel a Deus, fiel à Igreja, fiel ao homem, fiel a si mesmo.

Fiel a Deus – Gladstone foi um homem temente a Deus, foi um homem que amou a Deus sobre todas as coisas. Isso o fez direcionar a vida para o céu, o fez viver entre as coisas que passam, colocando o coração nas coisas que não passam. Todos os seus trabalhos, suas funções, seus cargos tinham um fim último, um objetivo, uma meta: o céu. Gladstone foi um homem cheio daquela nostalgia do paraíso que ardeu no coração de tantos santos. Com a sua sede de eternidade, tudo que fazia era para agradar a Deus. Foi um homem de Deus e para Deus, um *Vir Dei*.

Fiel à Igreja – Ele amou a Igreja como a uma Mãe. A Ela serviu de muitas formas. Por Ela deixou-se formar e alimentar pela Palavra e pela Eucaristia. Na Igreja e para Ela Gladstone produziu frutos de fé, de sabedoria e de amor. Sua obediência às autoridades eclesiásticas e fidelidade à doutrina tradicional da Igreja contribuíram para que ele adquirisse aquela humildade que, no dizer de nosso Pai São Bento, o monge deixa transparecer no próprio corpo. Gladstone foi um *Vir Ecclesiae*.

Fiel ao Homem – Gladstone nunca entendeu a vida do céu separada da vida na terra. Ele percebeu que, somente à medida que amamos a vida aqui é que podemos aspirar à vida do céu. Nas palavras do Beato Josemaria Escrivã *a felicidade do céu é para os que sabem ser felizes na terra* (Forja 1005). Gladstone foi um homem feliz, pois sua vida foi viva, foi mais vida, foi compreensão do humano naquilo que de fundamental ele tem: o amor e a dor. Tal qual Jesus, antes de morrer no corpo, ele morreu na alma, pelos outros, servindo, dando-se, colocando-se à disposição e ao serviço daqueles que precisavam ou solicitavam seu auxílio. Na sua simplicidade e retidão, Gladstone enxergou a grandeza da vida terrena, isto é, o seu objetivo: ser uma preparação para o céu. Ele foi um homem santo, um *Vir Iustus*.

Fiel a si mesmo – Gladstone foi fiel a si mesmo. Não se fazendo o centro de tudo, não erigindo o egoísmo travestido de autorrealização, de autoestima e outros slogans tão a gosto da superficialidade

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

dessa nossa decadente sociedade dita moderna, mas envelhecida no pecado. Gladstone foi fiel a si mesmo, à vocação que Deus lhe deu, descobrindo na vida e a vontade de Deus e comprindo-a, a todo custo, a custo mesmo de sofrimentos e incompreensões. Se, como diz Thibon, *nada poderá florescer no céu, se não tiver, ao menos, germinado na Terra* (*L'échelle de Jacob*, p. 121), podemos imaginar a abundância da colheita que será feita diante de Deus por esse *Vir Fidelis*.

Na solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Maria, um verdadeiro carinho de Deus para com esse filho tão devoto da Mãe do Céu, celebramos essa Missa de corpo presente. Preservada do pecado, a Virgem é, para nós, um espelho de justiça, de santidade. Todos somos chamados à glória do céu, à participação na Igreja do céu, a cantar junto dela, ao redor do trono de Deus, o aleluia sem fim com os bem-aventurados. Que a intercessão materna da Virgem dê a Gladstone a graça dessa alegria sem fim.

Caros fiéis, tal foi a vida de Gladstone, tal foi sua morte. Sem alardes, silenciosa, só, como um monge, o homem indiviso, o só com o Só. Ninguém lembra, pensa em agradecer pelo seu passado ao leito ressecado de um rio. A simplicidade, a nobreza de caráter, a fé e o amor de uma vida escondida com Cristo em Deus não tem valor para os holofotes do mundo. Mas, na luz de Deus, na qual pedimos que Gladstone esteja agora, nós sabemos, como dizem as Escrituras: *os que ensinaram a muitos a justiça serão como estrelas no firmamento*.

Que, tal qual a estrela de Belém, que guiou os magos até Jesus, não nos deixando enganar pelos Herodes da vida, sigamos o exemplo dessa estrela-Gladstone, que, com sua vida de fé, brilha no firmamento da Igreja Triunfante, indicando-nos o caminho para chegarmos a Jesus. Que Deus conceda a Gladstone o descanso eterno, para que ele passe o seu céu fazendo o bem sobre a terra.

Veja mais sobre [Gladstone Chaves de Melo](#) na Internet.

**HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS,
O DEMOLIDOR DE PRECONCEITOS²⁹**

Nascido em berço pobre, sabe-se lá quanto sofrimento e quanto preconceito ele teve de romper para chegar ao ponto que chegou. É, pois, com indisfarçável saudade que ele fala da infância. Foi condiscípulo no Colégio da Imaculada, na capital maranhense, daquele que seria o futuro senador Benedito Leite. Aí foram discípulos dos padres Castro, Fonseca e Purificação. Também não regateia admiração e respeito pela geração que à dele antecedeu. Nada como suas próprias palavras para dizer dessa saudade e dessa admiração;

É verdade que se passara o tempo da coorte guiada pelo espírito doutrinador de Sotero, mas o clarão da obra fecundada do filólogo, inda estava perto, não bruxuleava mortiça e apagada, como hoje.

A cultura anterior fora pingue e farta, e por isso as socas verdejavam então, prometendo frutos que vieram, e daí chorosos se retiraram em bandos, acompanhando as grandes levas de trabalhadores servis,

²⁹ Texto de autoria do acadêmico *Antonio Martins de Araujo*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

que se venderam e profundamente despovoaram, arruinando a terra de seu nascimento.³⁰

Para que não subsista nenhuma dúvida a respeito do texto, o termo *socas*, que significa folhas de variada vegetação, está metaforicamente usado; *trabalhadores servis* são os termos que eufemisticamente se empregavam em lugar de *escravos*: e *se venderam* está mesmo na voz passiva analítica, em lugar de *foram vendidos*. A lei do Ventre Livre, ao mesmo tempo em que iniciava a marcha em direção da gradativa abolição da escravatura, também inscreveria nas páginas de nossa história o início da diáspora maranhense por estes brasis. Mais uma vez, ouçamo-lo:

Uns procuraram o sul, Rio de Janeiro e São Paulo, com especialidade, e se acomodaram no funcionalismo público, no magistério, na imprensa e na literatura ligeira, e outros, os mais fortes e audazes, se nortearam pelo Pará e Amazonas, e buscaram, no comércio e nas empresas particulares, dignificar a instrução que haviam adquirido nas escolas da nossa amada província.

Eram o escol da juventude culta, que acompanhava os trabalhadores da lavoura que, tristes e algemados, ignominiosamente se vendiam, porque o ventre humano deixara de produzir escravos.

E assim veio ter à corte o mestre negro maranhense, para ensinar seu saber e demolir preconceitos. Na dedicatória daquela carta pode-se imaginar, na citação dos versos de Gonçalves Dias, a dor da separação: “*Ao meu Maranhão, / Que não cessei de querer-te / Pesar do quanto sofri*”.

³⁰ SANTOS, Hemetério José dos. *Carta aos maranhenses*. Duas edições cariocas em 1906: uma do jornal do Comércio, e outra de E. Bevillacqua, ambas com 22 páginas. Vd. Citação à p. 4.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Embora tenha vindo da província, onde imperava o cânone clássico e lusitano, Hemetério encontraria a corte em instante de grandes mudanças nas letras. Já em 1878, Pacheco da Silva Júnior iniciara seus coevos no comparativismo dos neogramáticos com sua pioneira *Gramática histórica da língua portuguesa*. Os anos 80, em cujo início, Hemetério publicou nesta cidade sua primeira obra pedagógica – uma antologia de textos seus para a infância, há muita novidade no meio filológico brasileiro. O mineiro de Sabará, santista adotivo, Júlio César Ribeiro, uma guinada atualizadora em 1881, com sua *Grammatica portugueza*, que declaradamente deixa de ser prescritiva para ser apenas descritiva dos atos da comunicação, segundo a lição de William Dwight Whitney. O médico, advogado e filólogo sergipano, aqui radicado, Maximino Maciel, em 1887, publicaria sua *Grammatica analytica*, cuja 10. ed. dataria de 1926. E o século começa a encerrar-se com a publicação, em 1890, dos clássicos Sertões gramaticais, do mestre baiano Ernesto Carneiro Ribeiro. Sepultando a fase empírica, Júlio Ribeiro, com sua gramática, iniciara em Santos aquilo que Antenor Nascentes chamaria de período gramatical.

Fruto de longo tirocínio no ensino do idioma, duas obras se destacam em sua bagagem filológica: a antologia de que se falou há pouco, e duas gramáticas, uma primária (com duas edições) e uma secundária (com três). Para aquela primeira obra aqui publi-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

cada e dirigida à infância.³¹, Hemetério redigiu cerca de duas dezenas e meia de textos curtos e nível elementar, recontando lendas brasileiras; falando de história, geografia e artes; como a dança; ensinando noções de moral e higiene; explicando fenômenos meteorológicos e os novos inventos, como o aeróstato; apresentando grandes nomes de nossa história, como Caxias, Osório, o visconde do Rio Branco, Betencourt da Silva e Cândido Mendes de Almeida; enfim, que se deve respeito e admiração às mulheres e que se deve amar a Deus acima de tudo.

A terceira edição aumentada de sua *Gramática portuguesa*³² para o segundo grau assume uma posição corajosa contra os partidários daquilo a que ele chama de reforma da pseudo-ortografia etimológica (era adepto da sônica e analógica) e aconselha os leitores a entendê-lo melhor consultando a gramática latina de Guardia e o dicionário etimológico de Michel Breal, duas de suas confessadas fontes.

A disposição e organicidade dos assuntos tratados nas três partes em que se divide sua gramática revelam-no a par dos avanços nessa matéria, aos quais empresta sua contribuição, a saber:

1. Com propriedade, destaca a Fonética, em que estuda o mecanismo articulatório; enquanto na Fonologia estuda os elemen-

³¹ *O livro dos meninos / Contos brasileiros de acordo com os processos modernos*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1881.

³² *Gramática portugueza [...], adotada na Escola Normal do antigo Distrito Federal*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1913. 269 p.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tos constitutivos dos vocábulos, o fonema. Nessa primeira parte da obra, estuda a ortografia e, na linha de Paulino de Brito (1907), o problema de fonética sintática da colocação dos pronomes átonos.

2. Na Morfologia (2^a parte), numa clara compreensão da solidariedade entre elementos comuns à morfologia e à sintaxe, chama as palavras de partes do discurso. Delas distingue a interjeição, a que chama de palavra particular.

3. No item de Campenomia, reúne o estudo das palavras invariáveis, as flexões nominais e verbais, os afixos, os tempos verbais, a formação das palavras. Em face do acréscimo do sentido aportado pelos prefixos aos radicais chama de composição a esse processo de formação das palavras.

4. Na Sintaxe, 3^a parte, além de estudar a estrutura do período, inclui aí a concordância e a metrificação.

5. Enfim, com a inserção de textos literários, a partir da segunda edição da obra, visava à aplicação dos conceitos gramaticais na contraparte concreta da norma literária da língua escrita.

Por tudo isso, o mais reeditado gramático daquela época, Maximino Maciel, refere-se à obra nos seguintes termos:

É de imprescindível justiça confessarmos que, muito anteriormente às grammaticas de Alfredo Gomes, Pacheco e Lameira, e João Ribeiro, já havia Hemetério dos Santos elaborado uma *Grammatica elementar* em que, nas suas linhas gerais, se esboçavam com segurança as novas doutrinas philologicas, applicadas à discêncio do vernáculo.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Esse seu trabalho, hoje augmentado, refundido com o título *de Grammatica portugueza*, publicado em 1907, constitue um dos nossos excellentes compendios de língua portugueza, reflexo da erudição do autor da matéria.

O sinete da negritude inspira-lhe a conferência *Pretidão de amor* pronunciada a 22/11/1905 no Grêmio das Senhoras, da cidade do Rio de Janeiro. Essa conferência também teve duas edições cariocas sucessivas, ambas da tipografia dos Anais, uma naquele ano, outra no seguinte. Na plateia repleta de senhoras, uma amostra da inteligência daquele tempo: Medeiros e Albuquerque, Manuel Bonfim, Nestor Victor, Pedro Couto, Gustavo Santiago, Goulart de Andrade, Floriano de Brito, Curvelo de Mendonça e Maximino Maciel.

Na conferência, um passeio pelo tópico da paixão entre pessoas e personagens de raças diferentes. Entre os nomes da história, Camões e Bárbara (“*Esta é a cativa / Que me tem cativo; / E pois nela vivo, / E força que viva.*”); Gregório de Matos e as moças pardas baianas Teresa e Mariquita; Domingos Caldas Barbosa e suas fãs brancas dos saraus lusitanos; Gonçalves Dias e a maranhense branca, cuja mão lhe foi negada – Ana Amélia do Vale; e o casal perfeito Gonçalves Crespo e Maria Amália Vaz de Carvalho. Repare-se; tácita ou explícita, clara ou simplesmente insinuada, uma paixão a cada século, a que faltou a de Machado.

Na arte, a do escudeiro branco com a moça pretezinha (e não pretazinha) do *Juiz da Beira*, de Gil Vicente; bem como a citação recorrente da paixão suscitada por Sulamita a Salomão, na

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

pena de vários escritores, O fio condutor da conferência para tantas senhoras, o que é de admirar para aqueles dias comportados, é a afirmação do orador de que o amor exigia o contato de todos os cinco sentidos das pessoas amantes: audição, visão, tato, olfato e paladar.

Ao fim e ao cabo destas considerações pode-se concluir que, por maior que tenha sido, como foi, o legado deixado pelos herdeiros de João de Barros que foram feitos patronos da Academia Brasileira de Filologia, os maranhenses que somos seus continuadores naquele sodalício ainda não demos conta de resgatar a dívida intelectual que temos para com aquele gramático e humanista português. Entre os quatro patronos cuja obra parcialmente aqui foi examinada, cada uma por um viés diferente, é mister reconhecer que nosso último biografado, o negro e maranhense Hemetério José dos Santos, mercê de sua respeitável cultura humanística e filológica, demolindo preconceitos arraigados, dignificou a negritude que seus pais lhe legaram, honrou o berço pátrio onde viu nascerem seus primeiros dias; e escancarou seu coração para a verdade, para o amor e para liberdade.

Veja mais sobre [Hemetério José dos Santos](#) na Internet.

HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS

Hemetério José dos Santos nasceu em Codó (MA), no dia 03 de março de 1858, foi poeta, professor, gramático e filólogo, e faleceu em 1939.

Patrono da cadeira 25 da Academia Brasileira de Filologia, chegou às culminâncias de uma cátedra de professor, no Colégio Militar, e supomos que também o fosse na Escola Normal, façanha realmente notável nas últimas décadas do século XIX, quando o preconceito de cor predominava na sociedade brasileira.

Teria sido ele então uma brilhante inteligência para conseguir atingir à docência de humanidades, especialmente no Colégio Militar, que reunia um professorado dos mais ilustres, como Fausto Barreto, Barão Homem de Melo, Maximino Maciel e Sebastião Alves, a que só tinham acesso as mais representativas figuras do magistério brasileiro.

Em 1881, Hemetério publicou, no Rio de Janeiro, uma antologia intitulada *O Livro dos Meninos: Contos Brasileiros* (uns vinte e cinco textos curtos e de nível elementar, recontando lendas

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

brasileiras; falando de história, geografia e artes; ensinando noções de moral e higiene, que se deve respeitar e admirar as mulheres e amar a Deus acima de tudo; explicando alguns fenômenos meteorológicos e novas invenções e apresentando grandes nomes de nossa história), fruto de longo tirocínio no ensino do idioma, como bem lembra Antônio Martins de Araújo em seu artigo “Hemetério José dos Santos: o demolidor de preconceitos”, preparado para servir de complemento a sua *Gramática Elementar da Língua Portuguesa Extraída dos Melhores Autores*, publicada dois anos antes, também no Rio de Janeiro, da qual se conhecem duas edições.

Maximino Maciel afirma que as novas doutrinas filológicas aplicadas ao ensino do vernáculo já se esboçavam com segurança na *Gramática Elementar da Língua Portuguesa* de Hemetério dos Santos muito anteriormente às gramáticas de Alfredo Gomes, de Pacheco e Lameira e João Ribeiro, ressaltando que a edição atualizada em 1907 com o título de *Grammatica Portugueza* constitui um excelente compêndio de língua portuguesa, refletindo a erudição de seu autor.

A gramática secundária de Hemetério que teria alcançado três edições, em cuja terceira edição aumentada, com o título de sua *Gramática Portugueza para o Segundo Grau*, assume uma posição corajosa contra os partidários da ortografia pseudoetimológica.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

cas e aconselha a consulta a uma boa gramática latina e ao dicionário etimológico.

Essa gramática se constituiu de três partes: 1 – fonética e fonologia, em cujo bojo trata da ortografia e o problema de fonética sintática da colocação dos pronomes átonos; 2 – morfologia, compreendendo a ligação entre a morfologia e a sintaxe, analisando as palavras como partes do discurso e 3 – sintaxe trata da estrutura do período, a concordância e a metrificação.

A inclusão de textos literários visava à exemplificação dos conceitos gramaticais na contraparte concreta da norma literária da língua escrita.

Seu ex-aluno no Colégio Militar (A. Casemiro da Silva) afirma, no artigo “Um inimigo de Machado de Assis”, na primeira página do 2º caderno do *Jornal do Commercio* do dia 20 de novembro de 1960, que o *Novo Manual de Língua Portuguesa* (Curso Superior) da F.T.D., editado pela Livraria Francisco Alves, apesar de não trazer seu nome, é de sua autoria, o que se comprova por uma carta de Antenor Nascentes em que se realça a excelência da obra, publicada anteriormente a 1927. É importante ressaltar que essa obra trata das principais questões atinentes à língua, dando a súmula do que a respeito escreveram os gramáticos mais abalizados, de literatura e de história literária, acrescentando centenas de exercícios e constituindo o quinto volume da série “Língua Portuguesa” da Coleção de Livros Clássicos F.T.D. (1º Curso Prepa-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ratório, 2º Curso Elementar, 3º Curso Médio, 4º Curso Secundário, 5º Curso Superior e 6º Curso Complementar).

A conferência *Pretidão de Amor*, pronunciada em 1905, teve duas ou três edições: duas da tipografia dos *Anais* (1905 e 1906, segundo Antônio Martins) e uma terceira em 1909, segundo a *Enciclopédia da Literatura Brasileira*.

Além das obras acima referidas, Hemetério dos Santos ainda escreveu o livro de poesias *Frutos Cativos*, publicado no Rio de Janeiro em 1919 e *Carta aos Maranhenses*, sem notas editoriais.

Hemetério José dos Santos, graças a sua respeitável cultura humanística e filológica, dignificou a negritude, honrou o berço em que nasceu e escancarou seu coração para a verdade, para o amor e para a liberdade.

Veja mais sobre [Hemetério José dos Santos](#) na Internet.

HERÁCLITO [DE ALENCAR PEREIRA DA] GRAÇA

Foi um dos nomes marcantes na história da filologia no Brasil. Segundo a classificação do professor Sílvio Elia dos diferentes períodos da história da filologia no Brasil, Heráclito Graça se insere na primeira geração, na segunda fase que vai de 1900 a 1920.

Junto com o grande professor e filólogo Mário Barreto, assumiu uma posição crítica à orientação autoritária em questões gramaticais.

Seu livro – *Factos da Linguagem* – veio a lume em 1904, mas é resultado de artigos publicados em 1903.

Heráclito se opunha às lições e colocações de Cândido de Figueiredo, contrapondo-lhe a eloquência dos fatos da linguagem literária.

Falecendo dez anos depois, não pôde o ilustre filólogo acrescentar aos estudos filológicos a contribuição maior que poderia dar com seu talento e competência.

Veja mais sobre [Heráclito Graça](#) na Internet.

HILMA PEREIRA RANAURO

Hilma [Pereira] Ranauro, filha de Onossander Ferreira Ranauro e Maria da Conceição Ranauro, nasceu em Mendes/RJ, em 25/10/1945. Tem dois filhos, Marcelo (19/04/1971) e Renata (09/05/1972), e uma neta, Isabela (09/03/1998).

Em Campo Grande/RJ, para onde se mudou com sua família (pais e 3 irmãos) em 1959, cursou o antigo ginásio (Colégio Belisário dos Santos), o curso normal (Escola Normal Sara Kubistchek) e licenciou-se em letras (português-francês), pela Fundação Educacional Unificada Campo-grandense (FEUC/FFCG). Mudou-se para Niterói em 1993, quando, por aprovação em concurso de provas e títulos, passou a lecionar na Universidade Federal Fluminense (UFF).

Aperfeiçoou-se em linguística e semântica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ). É mestre em letras (dissertação: *Os elementos conjuntivos na gramática filosófica de Jerônimo Soares Barbosa*) pela PUC/RJ e doutora em letras vernáculas – língua portuguesa (tese *Contribuição ao estudo*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

semântico da preposição – POR e PER na Crônica de D. João I (1^a parte) de Fernão Lopes) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Como membro do GT “Historiografia da Linguística Brasileira” da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística/ANPOLL, desenvolveu os projetos “Cronologia da vida e da obra de Sílvio Elia” e “Análise da gramática filosófica de Jerônimo Soares Barbosa”, concluídos em 1998 e 2001, respectivamente, e integra o projeto “Indexação das Revistas Filológicas Brasileiras” (biênio 2000-2002). É membro da União Brasileira dos Escritores/RJ e da Academia Brasileira de Filologia, dentre outras instituições, com inúmeras participações em congressos, seminários – UFRJ, UERJ, UFF, bibliotecas regionais e em diversas instituições culturais e de ensino.

Como professora efetiva do ensino médio (município e estado do Rio de Janeiro), lecionou português (1º e 2º graus), francês (1º grau), didática da comunicação e expressão em língua portuguesa (curso normal) e atuou como supervisora pedagógica. Foi titular de língua portuguesa da Fundação Educacional Unificada Campo-grandense, titular de língua portuguesa e linguística nas Faculdades Integradas Castelo Branco, posteriormente Universidade Castelo Branco, professora adjunta (língua portuguesa) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Regeu turmas de graduação e pós-graduação (especialização e mestrado), participou de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

atividades de orientação de estudos e de dissertações de mestrado e de bancas examinadoras.

Como poetisa, é relacionada em antologias e dicionários:

Collages & Bricollages, The Journal of International Writing, vol. II, Clarion University of Pensylvannia, 1988.

Antologia da Nova Poesia Brasileira, Olga Savary (org.), Hipocampo/Rio Arte, 1992.

Dicionário Bibliográfico de Escritores Contemporâneos do Estado do Rio de Janeiro, vol. I (Casa de Cultura Laura Alvim/Sindicato dos Escritores/RJ, 1997).

A Poesia Fluminense do Século XX – Antologia, Assis Brasil (org.), Imago/MEC/Biblioteca Nacional, 1998, dentre outros.

Produção acadêmica:

1) Livros:

O falar do Rio de Janeiro: um estudo de caso. Rio de Janeiro: Cátedra, 1988.

Contribuição à historiografia dos estudos científicos da linguagem no Brasil: Sílvio Elia e João Ribeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O Discurso Bíblico sobre a Deficiência, coautoria, Muiraquitã, 1999.

2) Artigos e ensaios:

“Cronologia da Vida e da Obra de João Ribeiro” *in A Língua Nacional e Outros Estudos Linguísticos*, Vozes, 1979.

“Auto-Retrato de João Ribeiro”, Montagem (*idem*, p. 15-17).

“Escola é coisa séria e não cobaia de modismo”, *in Jornal do Brasil*, 11/09/1983.

“Comunicação, Informação e Cultura de Massa”, *in Jornal do Professor, Jornal do Brasil*, jun./1984.

“Y-Juca Pirama: Estruturação”, coautoria, *in Ensaios de Semiótica*, n.º 12, UFMG, 1984.

“Língua Portuguesa, o certo e o errado”, *in Suplemento Literário de Minas Gerais*, 17/01/1987.

“Colagem para uma Leitura de *Descompasso*”, *in Anais do III Congresso Interdisciplinar de Letras/UFRJ*, 1992.

“Colocação de o(s) a(s) como complemento de infinitivo regido de POR e PERA em Fernão Lopes”, *in Confluência*, n.º 9/1995.

“Escrita e Poder”, *in Revista Universidade Rural*, Série “Ciências Humanas”, vol. 17, 1995.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

“Sílvio Elia e os estudos científicos da linguagem no Brasil – os rudimentos de seu pensamento linguístico”, *in Anais do V Congresso da Associação de Estudos da Linguagem*, UFRJ, 1996.

“Sílvio Elia: Retrato e Bibliografia”, *in Confluência*, n.º17 e 18/1999.

“A indeterminação do sujeito no falar culto do falar do Rio de Janeiro”, *in Anais Brasil – 500 anos de Língua Portuguesa (Congresso Internacional)*, RJ, Ed. Ágora da Ilha, 2000.

“Sílvio Elia – sua contribuição ao estudo do português do Brasil”, *in Da origem da linguagem à linguística aplicada, Cadernos do CNLF*, Série III, n.º 03, CiFEFiL, RJ, 2000.

“Os elementos conjuntivos na gramática filosófica de Soares Barbosa”, *in Livro de Resumos do IV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, RI, CiFEFil/UERJ/ABL, 2000.

“O uso literário da linguagem – o ensino integrado da língua e da literatura”, *in Revista Universidade Rural*, série *Ciências Humanas*, 2001, dentre outros.

3) Resenhas críticas:

TEIXEIRA, Lúcia. As cores do discurso. Análise do discurso de críticos de arte. *Confluência*, nº 12,1996.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

FREITAS, Horácio Rolim de. A obra de Olmar Guterres da Silveira – sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina. *Confluência*, nº 14, 1997.

COSTA, Marcos de Farias. João Ribeiro: o polígrafo polimorfo. *Confluência*, n.º 16, 1998.

Produção literária:

Descompasso [poesia]. 1^a ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985, 2^a ed. Tagore, 1989, relacionado pelo *Jornal de Letras* entre os melhores de poesia, biênio 1985/86, Menção Honrosa pela UBE/RJ, 1986.

Um murro no espelho baço. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, além de poemas em antologias, jornais e revistas literárias, nacionais e internacionais.

Veja mais sobre [Hilma Ranauro](#) na Internet.

HORÁCIO FRANÇA ROLIM DE FREITAS

Nasceu no Rio de Janeiro, em 21 de setembro de 1931. Fez o ginásio no Colégio Santa Teresa, onde foi aluno de Alfredo Marques de Oliveira Filho (português e latim). Cursou o clássico na Moderna Associação Brasileira de Ensino (MABE), sendo aluno de Eneias Martins de Barros (português e latim). Licenciou-se em letras clássicas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, onde teve como professores: Clóvis Monteiro, Serafim da Silva Neto, Silvio Elia, Tasso da Silveira, Junito de Souza Brandão e Pe. Augusto Magne. Fez o mestrado na Universidade Federal Fluminense, tendo como mestres Evanildo Bechara, Olmar Guerreiros da Silveira, Sílvio Elia, Gladstone Chaves de Melo e Jesus Belo Galvão. Obteve os títulos de doutor em letras e livre docente, em concurso público, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a tese (1974) *O Processo de Derivação na Língua Portuguesa – visão sincrônica*. Lecionou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de 1974 a 1992; na Universidade Santa Úrsula, onde é professor titular, leciona desde 1971. Ministrhou cursos de pós-graduação nas universidades do Estado do Rio

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de Janeiro (UERJ), Santa Úrsula (USU) e Federal de Blumenau. Foi professor de língua latina e didática de latim nos cursos da CADES (MEC) em São José do Rio Preto (SP), Vitória (ES), Goiânia (GO) Curitiba (PR), Macaé (RJ). No curso ministrado em Goiânia (1960), regeu a cadeira de didática de latim, ficando a cadeira de conteúdo a cargo da latinista, Prof^a. Marlene Ferreira Coelho, com quem se casou (1961). Marlene C. Rolim de Freitas colabora nas pesquisas, na revisão e na tradução de textos em francês, inglês, latim e grego. No ensino médio estadual, onde ingressou por concurso (1963 e 1964), lecionou nos colégios: José do Patrocínio, Getúlio Vargas, José Accioli, Paulo de Fontin e Maria de Lourdes de Sousa Pereira. Em 1976, foi aprovado, em concurso público, para a cadeira de língua portuguesa da Universidade Federal Fluminense. Na rede particular, lecionou nos colégios: Cardeal Leme, Nossa Senhora do Brasil, Oswaldo Cruz e Instituto Guanabara. Proferiu conferências nas Universidades do Estado do Rio de Janeiro, Santa Úrsula, Augusto Mota; na Faculdade da Cidade, no Liceu Literário Português, na Escola de Serviço Público do antigo Estado da Guanabara, no Centro Filológico Clóvis Monteiro, na Academia Brasileira de Filologia.

Obras publicadas de ensino médio:

Português para o Ginásial (coautoria Prof. Jorge Miranda Magalhães) vol. 1, vol. 2, vol. 3, vol. 4 (10 edições, Editora do Brasil).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Instituição Programada de Português (idem, pseudônimo J. França Miranda) vol. 1, vol. 2, vol. 3, vol. 4 (8 edições, Editora do Brasil, 1971).

Português - Língua e Literatura para o 2º Grau (coautor Prof. Jorge Miranda Magalhães, Editora Ao Livro Técnico, 1979).

Ensino universitário:

Roteiro de Latim (coautor Álvaro Costa, 1961), publicação do MEC.

O Processo de Derivação na Língua Portuguesa – visão sincrônica (tese de concurso, 1974).

Princípios de Morfologia, pela Editora Presença. 1ª Parte: Embasamento teórico. Conceitos de *morfema*: Vendryes, Nida, Mattoso Câmara, Pottier, Henri Frei, Martinet. 2ª Parte: Flexão e Derivação. Relação dos prefixos produtivos. 2ª ed. (1981), acréscimo dos capítulos Tipos de Morfema e Supletivismo. 3ª ed. (1991) com acréscimo de capítulos sobre Nova Proposição sobre Derivação Regressiva; Novo conceito de parassíntese. 4ª ed. (1997), pela Editora Oficina do Autor, com acréscimo dos capítulos Alterações Morfológicas e Análise Mórfica Verbal, e um apêndice de resenhas feitas à obra.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

A Obra de Olmar Guterres da Silveira – sua contribuição aos estudos das línguas portuguesa e latina (1996) Metáfora Editora, com apresentação de Evanildo Bechara.

Artigos e Resenhas:

Revista Escola Secundária (MEC) n° 15 (1959)

O Ensino Pragmático do Latim; n° 16 (1960)

Latim: Língua Viva; n° 19 (1963)

Comentários dos Textos Latinos.

Revista Letras em Processo, da USU (1982) A Sintagmática de Francis Mikus.

Revista Linguagem, da Editora Presença (1984) Resenha à obra *Orientações da Linguística Moderna*, 2^a ed., Sílvio Elia (1990).

Resenha à obra *Dicionário de Linguística e Fonética*, de David Crystal.

Miscelânea em homenagem a Prof. Sílvio Elia (1990): *Um Mestre ainda desconhecido: Alfredo Marques de Oliveira Filho.*

IDIOMA (UERJ) n° 12 (1988): *Há Vogais Nasais em Português?*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

IDIOMA (UERJ) n° 13 (1989) *A Propósito de três palavras: melhor, lugar e mulher.*

IDIOMA (UERJ) n° 14 (1990): *Palavras e Expressões: uso corrente ou enfermidades da língua.*

IDIOMA (UERJ) n° 17 (1996): *Quo Vadis? (in memoriam).*

IDIOMA (UERJ) n° 19 (1997): *Funcionalidade na “Grammatica” de Fernão de Oliveira na visão de Eugenio Coseriu.*

IDIOMA (UERJ) n° 20 (1998): Evanildo Bechara, o filólogo.

Revista Confluência, do Liceu Literário Português, n° 9 (1995): Um Problema de Semântica.

n° 14 (1997): Etimologias numa visão culturalista de Serafim da Silva Neto.

n° 16 (1999): Crônicas de Machado de Assis ou Crônicas Machadianas?

Resenhas à obra do autor: Princípios de Morfologia.

por Victoria Ogando, em galego, in *Verba Anuario Galego de Filoloxia*, vol. 6 (1979) da Universidade de Santiago de Compostela;

por Antônio Martins de Araújo, in *Revista Linguagem*, Editora Presença, (n° 7, 1990);

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

por Sílvio Elia in *Confluência*, nº 2 (1991);
por Marco Aurélio Monte Alegre, in Revista *IDIOMA*, da UERJ,
nº 17 (1996).

Referências à obra.

Gramática aplicada da língua portuguesa, de Manoel Pinto Ribeiro, Metáfora Editora Ltda. (1992)

Linguística aplicada-morfologia, de M. Cecília de Sousa e Silva e Ingadore Villaça Koch, Cortez Editora (1985).

Morfologia portuguesa, de José Lemos Monteiro, Universidade Federal do Ceará (1987).

Associações culturais

Membro da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, do Centro Filológico Clóvis Monteiro, da Academia Brasileira de Filologia, do Núcleo Internacional de Estudos Camonianos; do Conselho Consultivo do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português.

Comendas

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Diploma de Bons Serviços à cultura, pelo governo do Estado do Rio de Janeiro (1982); Medalha Oskar Nobiling, por serviços à causa do ensino e da pesquisa, pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (1987).

Veja mais sobre [Horácio Rolim de Freitas](#) na Internet.

HUMBERTO DE MELO NÓBREGA³³

Segundo titular da cadeira nº 1 da Academia Brasileira de Filologia, para a qual foi eleito em 1966, como sucessor do Padre Augusto Magne. Nascimento e morte: *Rio de Janeiro, 9 de março de 1901; †22 de janeiro de 1978). Filho de João Leonel Sardenberg Nóbrega e de Isabel Melo Nóbrega, fez os seus estudos secundários e superiores em São Paulo, onde obteve, na Faculdade de Direito, hoje incorporada à USP, o título de bacharel, que lhe abriu as portas para o desempenho de cargos na sua carreira de funcionário público do Banco do Brasil. Nessa instituição ocupou os cargos de procurador-chefe, diretor da carteira cambial, assistente do gerente-geral, assistente do superintendente e inspetor geral, tendo sido representante do banco na Comissão de Reforma das Leis Trabalhistas. Desempenhou também as funções de diretor do Banco Industrial Brasileiro e do Banco Hipotecário. Em meio aos encargos administrativos nesse setor de economia e finanças, de que foi – como se vê pelos títulos reunidos por Raimundo de

³³ Verbete redigido por Maximiano de Carvalho e Silva.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Meneses no seu *Dicionário de Literatura Brasileira* – um servidor devotado, sentiu o apelo de forte vocação literária, que o tornou escritor e pesquisador de altos méritos e autor de obras de grande valor. Foi colaborador de jornais e revistas como a *Revista do Brasil*, *A Gazeta de São Paulo*, *Boletim de Ariel*, *Dom Casmurro*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro). Pelo prestígio alcançado com as suas publicações de caráter histórico ou literário (artigos e livros), ingressou em agremiações culturais como a Academia Carioca de Letras, O PEN-Clube do Brasil, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, a Associação Brasileira de Escritores, tendo sido um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica, no Rio de Janeiro, com atuação que o fez condecorado pelo governo espanhol com a comenda de Afonso, El Sabio e o título de Cavaleiro de *Corpus Christi*. Na última etapa de sua vida, tornou-se um dos mais ilustres frequentadores das reuniões de sábado à tarde no apartamento do bibliófilo e biógrafo Plínio Doyle, os chamados “sabadoyles”, onde deu provas do seu invulgar conhecimento de fatos da nossa história e vida literária. Por duas vezes, em 1939 e 1965, trabalhos de sua autoria foram distinguidos com prêmios conferidos pela Academia Brasileira de Letras. Foi portanto a qualidade da sua obra literária de poeta, ensaísta e biógrafo e o valor da sua contribuição ao desenvolvimento dos estudos filológicos no Brasil que o fizeram, em 1966, membro da Academia Brasileira de Filologia.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

BIBLIOGRAFIA

ENSAIO E CRÍTICA:

Batista Cepelos, biografia (1937).

História de um rio (O Tietê), ensaio (1948).

Olavo Bilac, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras.
(1939).

Gonçalves Crespo, biografia (1941).

O Soneto de Arvers (1954).

Os Sonetos do Soneto (1959).

Evocação de B. Lopes (1959).

Batista Cepelos (1872-1972.), com notas biobibliográficas organizadas por Erich Gemeinder (1972).

Rima e Poesia, obra premiada pela Academia Brasileira de Letras
(1965).

Situação Literária de Anchieta, ensaio (1966).

Arredores da Poesia, ensaio (1970).

Ocultações e Disfarce de Autoria (Do Anônimo ao Nome Literário) (1981).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

POESIA E TEATRO:

O Outro Lado da Montanha, poesia (1938).

Nossa Gente, teatro (1940).

Oitenta e Nove, teatro (1941).

Memorial de Santa Luzia, romance, 1º lugar no concurso promovido pelo Clube do Livro (1981).

REFERÊNCIAS

Teófilo de Andrade e Joaquim Inojosa, *Elogio de Melo Nóbrega*, discursos de posse e de saudação, Rio de Janeiro, Academia Carioca de Letras, 1979.

Raimundo Meneses, *Dicionário Literário Brasileiro*, 2ª edição, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 481.

“Nóbrega, Melo”, verbete da Enciclopédia de Literatura Brasileira dirigida por Afrânio Coutinho e J. Galante de Sousa, vol. 2, p. 274 (1990).

Paolo Ronai, “O Soneto e a Emenda”, in *Encontros com o Brasil*, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958, p. 237-242.

J. S. Ribeiro Filho, *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Cariocas*, p. 176.

Veja mais sobre [Humberto de Melo Nóbrega](#) na Internet.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

**DISCURSO DE POSSE DO ACADÊMICO
JAIRO DIAS DE CARVALHO**

Aprendi com meus mestres a distinguir entre a ambição e a aspiração.

A ambição tortura e angustia.

A aspiração é legítima quando flui num curso natural de trabalho e de estudo.

Aspirava por certo a pertencer a esta ilustre companhia, não somente pelo alto prestígio de seu nome, mas principalmente pelo convívio com mestres que, mais que o ensino do idioma, amam e vivem a filologia, no que ela representa como floração do espírito.

Desde cedo, ligado por laços familiares ao Colégio Pedro II, ouvi com respeito e admiração a legenda de Silva Ramos, João Ribeiro, Said Ali, Quintino do Vale, Clóvis Monteiro, Antenor Nascentes, José Oiticica, Cândido Jucá (filho), esses mestres que edificaram as bases da filologia portuguesa no Brasil, muito antes que surgissem as Faculdades de Letras com uma pléiade de novos valores.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

É significativo ressaltar que o Colégio Pedro II, durante tantos anos único reduto dos estudos superiores de língua portuguesa, volte ao primeiro plano com a Faculdade de Humanidades e com a cessão eventual de suas salas às sessões da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Romanistas.

Pelo voto generoso de amigos aqui presentes e com a saudação fraternal de Leodegário A. de Azevedo Filho, eis-me chegado à Academia Brasileira de Filologia.

Apraz-me e comove-me que o discurso de recepção o faça o Acadêmico Leodegário Amarante de Azevedo Filho, pela mágica e entusiasmo de sua palavra, e pelos laços de amizade que nos unem, desde que iniciávamos, no Velho Internato do Colégio Pedro II, em São Cristóvão, uma jornada comum que nos levaria à Universidade e ao magistério público.

Leodegário, pernambucano de nascimento, carioca de coração, é um lidador.

Os cargos e posições que hoje ostenta, coroando uma carreira ascensional, em que se multiplicam os títulos, as dignidades universitárias e trabalhos publicados, ele os conquistou pelo estudo e pela perseverança.

Ao contrário daquele alfinete de cabeça grande do “Apólogo” de Machado de Assis, que permanecia onde o espetavam, Le-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

odegário Amarante de Azevedo Filho jamais ficou na contemplação da gloríola transitória.

Tem sido, em educação e em filologia, como em outros campos, um moderno bandeirante. E as trilhas por ele abertas servem a todos os que se comprazem no estudo e na pesquisa.

A cadeira nº 38 da Academia Brasileira de Filologia tem como patrono Mario Barreto, escolhido que foi por seu primeiro ocupante o professor Jacques Raimundo.

Filho de Fausto Barreto, que tão assinalada contribuição trouxe à renovação dos estudos linguísticos no Brasil, Mario Barreto exerceu o magistério em classe e nas seções de linguagem dos jornais da época. As respostas aos consulentes foram mais tarde reunidas em livros que lhe firmaram a reputação de notável conhecedor da língua portuguesa. É que, como Antônio Morais Silva, procurou ele fundamentar os ensinamentos gramaticais com a lição dos clássicos.

Em vez do *magister dixit* a sanção do uso literário.

Suas lições, apresentadas com notável clareza, constituem por si mesmas um processo de investigação filológica. Abrangem ampla matéria gramatical como se pode ver no “Índice Alfabetico e Crítico” que de sua obra organizou Cândido Jucá (filho).

Antecessores ilustres nesta poltrona foram Jacques Raimundo e Augusto Meyer.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O primeiro, professor militante e entusiasmado, distinguiu-se como estudioso dos afro-portuguesismos, a partir da tese com que concorreu a uma das cátedras do Colégio Pedro II – “O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa”. Rio de Janeiro, 1933.

Não padece este trabalho da falha comum às obras que trataram de influência africana ou ameríndia: o exagero de tudo atribuir aos africanos ou aos silvícolas.

Inferiorizados socialmente como os índios, os africanos foram, no entanto, trazidos para o convívio doméstico. A ação das mucamas sobre as crianças e os patrões deixou marcados traços no caráter nacional, que podem ser rastreados na culinária, na música popular, no folclore, no sincretismo religioso, tão bem aproveitado por Jorge Amado em seus romances picarescos.

A estrutura da língua culta não foi porém afetada. Havia a tradição clássica e a linguagem, numa sociedade escravocrata, era o divisor entre a massa alarve e a elite europeizada. Um dos meios de acesso social era o domínio do idioma português. Os estudos gramaticais foram cultivados com interesse e o homem de palavra fluente sempre desfrutou de consideração geral.

É na língua popular e no sistema expressivo da linguagem familiar que melhor se pode observar a influência africana.

Augusto Meyer merece toda uma polianteia. Sua produção intelectual é variada e diversificada; vai do memorialismo à poética,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

do folclore à filologia, da crítica literária à análise estilística: *Menino e Moço, Poesias, Guia do Folclore, Prosa dos Pagos, A Chave e a Máscara, Camões, o Bruxo...*

Representa ele, no panorama das letras pátrias, a feição regional do espírito moderno, que entre nós desabrochou em 1922, na discutida “Semana de Arte Moderna”, marco de uma tríplice revolução-política, estética, espiritual, como assinalou Alceu Amoroso Lima, ao recebê-lo na Academia Brasileira de Letras.

Há na formação de Augusto Meyer, em seu devotamento ao estudo, na organização exemplar que deu ao Instituto Nacional do Livro, quando o dirigiu, a herança cultural de seus ascendentes germânicos, o legado verbal haurido na leitura febril iniciada na adolescência e continuada pela vida fora...

Intelectual por excelência, quase transparente, pela reclusão bibliográfica em que vivia, residente nesta cidade, jamais esqueceu o chão gaúcho, em que nascera, e que imortalizou em páginas de prosa e poesia, iluminadas de lirismo.

Seus estudos sobre Proust, Rimbaud, Camões e Machado de Assis constituem primoroso modelo de análise estilística.

Era uma dessas personalidades que rareiam em nosso tempo: um humanista que ensinava pela palavra e pelo exemplo.

Erudito e lírico...

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Sua morte deixou-nos um vazio que não podemos preencher.

Esforçemo-nos por honrar sua memória, dignificando o idioma que tanto amou.

Esta é afinal a missão da Academia.

Não somente a guarda do tesouro verbal de todos os tempos ou a defesa do patrimônio cultural de uma nação.

Em nosso caso particular, professores, parcela privilegiada de nosso povo, devemos pôr a palavra a serviço da comunhão e do progresso nacional.

Aproximam-se os dias em que o poder público e a iniciativa empresarial melhor sentirão a importância do labor linguístico e filológico, proporcionando às instituições culturais condições mais favoráveis ao pleno desenvolvimento de seus programas.

Entre as tarefas que reputamos valiosas para o desenvolvimento dos estudos filológicos no Brasil, citamos: a elaboração do dicionário-museu, um repertório bibliográfico crítico linguístico-filológico, um inventário do léxico básico, segundo o critério da ocorrência, o levantamento dos padrões sintáticos usuais, a edição crítica dos autores mais representativos de nossa linguagem, glossários de dialetologia vertical, estabelecimento de uma ortografia mais coerente.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A todos esses pontos a Academia Brasileira de Filologia, por seus pares, desde que foi fundada, em 26 de agosto de 1944, vem trazendo uma preciosa colaboração.

A chama que aqui se reacendeu veio de longe – de Atenas, de Roma, de Lisboa.

Ela não se apagará. Não são as máquinas que devassam os abismos estelares. É o espírito humano, em sua plenitude, procurando as dimensões da inteligência.

A filologia, arte e ciência, renova-se e vive, como se renova e vive, em terras do Brasil, a língua de Camões. Hoje e sempre. Por vontade de Deus, pelo trabalho dos homens.

**DISCURSO DE RECEPÇÃO
AO ACADÊMICO JAIRO DIAS DE CARVALHO
NA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA³⁴**

Poucas vezes, a vida nos oferece uma missão tão honrosa quanto esta. Em nome da Academia Brasileira de Filologia, devo saudar o acadêmico Jairo Dias de Carvalho, eleito para o nosso convívio por expressiva maioria de votos. Essa eleição nos revela, de pronto, que a nossa Academia se renova, escolhendo novos valores pelo critério do valor e não pelo critério da idade. Por certo que o novo acadêmico, iniciando a década dos quarenta, está na plenitude de suas energias, razão suficiente para dele esperarmos muito. A sua vida, inteiramente dedicada ao magistério de língua portuguesa, constitui um exemplo a ser meditado pelas novas gerações.

Não é ele filho de família rica, mas de família honrada. Fez os seus estudos secundários no Internato Colégio Pedro II, como aluno gratuito, e aí tive o privilégio de conhecê-lo. Do Jairo, ne-

³⁴ Discurso proferido por Leodegário A. de Azevedo Filho.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

nhum colega jamais teve qualquer queixa. Ao contrário, todos o estimavam como amigo sempre discreto e sempre leal. Os mestres, em particular os professores Clóvis Monteiro e Quintino do Valle, nunca esconderam o seu entusiasmo pelo jovem estudante de português. Lembra-me que o Quintino leu, realmente emocionado, lá pelos idos de 45, o poema épico sobre o “Soldado Desconhecido”, escrito pelo Jairo em homenagem aos pracinhas da F.E.B., poema que foi publicado no primeiro número da revista *Colmeia*, por mim dirigida no Internato. O Clóvis, com emoção igual, lia os versos do soneto “Velho Mestre”, também publicado pelo Jairo na *Colmeia*. Desde cedo, assim, a sua vocação para as letras causava entusiasmo aos mestres e aos condiscípulos. Por isso, foi eleito para a presidência do Grêmio Literário Mello e Souza, como os professores Clóvis Monteiro e Quintino do Valle, sempre aplaudiram os trabalhos do jovem estudante e nunca esconderam a certeza de que ele ainda seria um mestre da língua portuguesa, como realmente o é.

A sua vida universitária foi a contribuição dos sólidos ensinamentos que recebeu no velho Internato do Colégio Pedro II. Como nós, o Jairo concluiu dois cursos: o de Direito, na antiga Faculdade Nacional, e o de Línguas Neolatinas, na atual Universidade do Estado da Guanabara. Em ambas as Universidades, participou de movimentos estudantis voltados para a cultura, dirigindo comigo inclusive o Diretório Acadêmico LaFayette Côrtes. Foi

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

orador da turma de bacharéis em letras nos idos de 1950, cabendo-me idêntica missão na turma de licenciados de 1951. Esse paralelo que aos poucos vou traçando pretende indicar apenas que os laços de amizade que nos unem vêm, através de longa caminhada, dos bancos escolares do Pedro aos dias presentes.

O nosso primeiro emprego – sem considerar a preparação de alunos para o exame de admissão ao ginásial – foi o cargo de professor de curso elementar supletivo, durante a gestão de Clóvis Monteiro na Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro. O velho Mestre não se esquecia de nós, ambos estudantes pobres, e indicou o nosso nome para aquela função extranumerária de um conto e quinhentos por mês. Um ano depois, a então Prefeitura do Distrito Federal abria concurso público de provas e títulos para o cargo efetivo de professor do curso primário supletivo. Como extranumerários, não estávamos obrigados ao concurso. Mas fomos os primeiros a fazer a nossa inscrição e a conquistar o lugar pelas portas largas e democráticas do concurso. Daí por diante, a nossa vida girou sempre em torno do magistério oficial e particular. Quando foi aberto o concurso para professor de ensino médio, igualmente nesse concurso estávamos inscritos, conseguindo assim os cargos que ainda hoje ocupamos.

Mas o tempo passou. Quando, juntamente com Olmar da Silveira, realizamos o nosso concurso de docência livre, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Guanabara, nós três já éramos professores do Estado e do Pedro II. A nota triste, nesse concurso, foi a ausência de Clóvis Monteiro, Mestre de extraordinárias qualidades humanas, que tanto nos amparou no início de nossa carreira de magistério.

O Jairo nunca deixou de estudar. Ao contrário, como professor, creio inclusive que passou a estudar mais do que nos tempos de aluno. Não admira, assim, que tenha diplomas de numerosos cursos de extensão universitária, entre os quais pelo menos dois conferidos pelo Instituto Rio Branco. A sua participação em simpósios e congressos, promovidos ou não pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, de que é um dos diretores, é permanente. Em todos esses conclaves, vem apresentando importantes relatórios e comunicações, que bem poderiam ser reunidos num volume, nesse volume incluindo-se ainda as suas conferências sobre os mais diversos problemas da filologia brasileira. Nos jornais e nas revistas especializadas, a sua contribuição já é também considerável, tendo estampado artigos no *Diário de Notícias*, no *Jornal do Comércio* e nas revistas *Escola Nova*, *Delfos* e *Escola Secundária*. O seu livro *Português do Ensino Médio* mereceu o prêmio Francisco Alves, da Academia Brasileira de Letras. E o seu livro de poemas, intitulado *Poesia Talvez*, bem cedo se esgotou, lamentando-se apenas que as atividades do magistério impedissem uma produção poética mais constante. Nele, entretanto, a sensibi-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

lidade estética continua viva e se manifesta nas análises, que faz, em salas de aula, dos textos literários.

Além de mestre da língua, foi também chamado para funções administrativas no Estado, até hoje exercendo a direção do Ginásio Estadual Gomes Freire de Andrade, onde desenvolve um trabalho educativo de ampla repercussão em nosso ambiente escolar. Por isso mesmo, é detentor de certificado de Serviços Relevantes prestados à Secretaria de Educação e Cultura do Estado. A presença do professor Jairo Dias de Carvalho, numa sala de aula ou na direção de um estabelecimento de ensino, tem sido sempre uma garantia de eficiência e de seriedade no trabalho. Ao dedicar-se a uma causa, não poupa esforços para levá-la a termo com dignidade humana e competência. Daí os amigos que tem em toda parte, amigos que não lhe pouparam o testemunho permanente de admiração e estima pessoal. Entre esses amigos, alguns já se foram, como Clóvis Monteiro, Quintino do Valle, Mello e Souza, Mattoso Câmara Jr., Serafim da Silva Neto, Cavalcânti Proença... Outros, juntamente com ele, lutam pelo prestígio da filologia e da cultura no Brasil. Não afirmamos que se trate de uma luta fácil, mas estamos certos de que se trata de uma luta digna. Ao nosso lado, o professor Jairo Dias de Carvalho vem desenvolvendo fecunda atividade na Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, através da organização anual de simpósios e congressos. Inclusive em livros didáticos vem ele lutando pela renovação do ensino,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

sendo coautor do volume *Português no 2º Ciclo*, recentemente lançado pela Companhia Editora Nacional. Além disso, pertence à Associação de Linguística e Filologia da América Latina, à Sociedade Brasileira de Romanistas, ao Centro Filológico Clóvis Monteiro, à Ordem dos Advogados do Brasil, entre outras instituições. O seu ingresso, portanto, na Academia Brasileira de Filologia, constitui motivo de dupla honra. De fato, honra-se igualmente a Academia em recebê-lo, na certeza de que se enriquece com a sua inteligência e a sua dedicação aos estudos linguísticos.

Tempo é, entretanto, de emitirmos uma opinião – que está longe de ser um julgamento – sobre os trabalhos publicados pelo acadêmico Jairo Dias de Carvalho. Deixando de lado a poesia, por ser obra de criação e não de ciência, o seu primeiro estudo sério é sobre a língua literária de Olavo Bilac, matéria de sua tese de concurso para a docência livre de língua portuguesa. Tem o livro o defeito de sua qualidade. Queremos dizer: como tese de concurso, o candidato deixou para a defesa boa e considerável parte de suas pesquisas, dessa parte fazendo uso perante a banca examinadora que o aprovou plenamente. No volume premiado pela Academia Brasileira de Letras, que é o *Português no Ensino Médio*, o nosso colega consegue associar, com extrema felicidade, a sua segura orientação doutrinária às exigências da didática moderna. Mas vemos, como ponto alto de seus estudos, o que tem publicado em atas de simpósios e congressos de filologia e linguística. Entre es-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

ses estudos, que devem ser enfeixados em volume próprio, ressaltamos: “Mistura de Tratamento no Português do Brasil”; “Estruturalismo”; “Valor e Manejo da Bibliografia”; “Estruturalismo e Sintaxe”; “Os Estudos de Sintaxe Portuguesa”; “Traços Medievais na Linguagem Brasileira”; e “A Nomenclatura Gramatical Brasileira e seus Problemas”. Tais estudos, juntamente com suas conferências sobre filologia, dariam excelente volume e excelente contribuição ao desenvolvimento das pesquisas linguísticas no Brasil. Entre as conferências, mencionamos: “A Ordem das Palavras na Frase”; “A Semântica”; e “Moderna Análise Sintática”. Em todos esses trabalhos sente-se uma preocupação de rigor científico centrada em sólida formação doutrinária e numa sensibilidade estética realmente admirável. Quando fala de filologia, o professor Jairo Dias de Carvalho nunca deixa de lado a beleza do texto. Por isso mesmo, não há aridez em seus estudos, porque recebem o bafejo salutar da estética da língua. Nem se diga que ficou no passado, ou que se mostra desatento aos progressos da ciência linguística. Os seus trabalhos sobre estruturalismo são um indício de que está permanentemente atualizado, merecendo inclusive o incentivo e a amizade de Mattoso Câmara Jr., enquanto viveu.

Mas devo indicar, pelo menos no meu entender, qual a tônica em seus estudos. O professor Jairo Dias de Carvalho é, antes de tudo, um espírito de síntese. Isso, evidentemente, não significa que ponha a análise em segundo plano. Significa apenas que a sua

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

formação é universitária, sendo por isso mesmo capaz de atingir as grandes sínteses. Muitas vezes, numa frase sua resume toda uma discussão sobre assunto de natureza extremamente controvertida. Esse poder de síntese, como índice de inteligência e de vivacidade mental, tem posto termo a muitas discussões filológicas. O Jairo sintetiza e resume com tal precisão que, não raro, uma ideia sua se transforma em assunto de longos e minuciosos debates analíticos. Além disso, sempre avesso a qualquer tipo de polêmica, recorre ao senso de humor em momentos oportunos, sempre unindo os colegas e nunca acirrando qualquer tipo de divergência. Tais qualidades respondem por uma dimensão humana que nos enriquece, sempre que dele nos aproximamos. Em sua excessiva modéstia, quase diria timidez, o nosso colega esconde a riqueza de sua sensibilidade e de sua inteligência, nunca postas a serviço de causas indignas da condição humana. Reúne assim, ao saber filológico, um conjunto de qualidades humanas que dificilmente encontramos numa só pessoa. Avesso a qualquer tipo de exibicionismo, evita o brilho efêmero de competições para dedicar-se ao estudo com humildade intelectual, qualidade que só os verdadeiros homens de ciência possuem. Bem se vê, por tudo isso, que a nossa Academia tem razões de sobra para recebê-lo com júbilo, na certeza de que a sua presença entre nós representa uma forma de enriquecimento.

São estas, meu caro Jairo, as palavras do seu amigo no dia em que você, por merecimento, ingressa na Academia Brasileira

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de Filologia. Estou certo de que você merece muito mais e de que, por muito dissesse, pouco revelei do seu valor. Mas esse valor, que não pude revelar, está expresso nos votos que você recebeu através de uma eleição limpa e consagradora, em que a maioria absoluta dos acadêmicos esteve do seu lado.

Veja mais sobre [Jairo Dias de Carvalho](#) na Internet.

JESUS BELLO GALVÃO

Jesus Bello Galvão nasceu no dia 6 de abril de 1917, na cidade de São Luís, Maranhão. Filho de Antônia Bello Galvão e Oswaldo do Lago Galvão. Bacharel e licenciado em letras clássicas pela Faculdade Nacional de Filosofia da antiga Universidade do Brasil, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ. É professor titular, aposentado, do Departamento de Literatura da Universidade Federal Fluminense. É membro desta Academia (Academia Brasileira de Filologia), da Academia Teresopolitana de Letras e do Centro de Letras do Paraná. É sócio fundador do Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, da Academia Brasileira de Literatura, da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, do Instituto Campo-grandense de Cultura e do Centro de Estudos de Língua Portuguesa. Foi catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto Lafayette; titular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo; diretor do Centro de Estudos Brasileiros, em Lima, Peru; adido cultural do Brasil no Peru; professor do Instituto Rio Branco do Itamarati; assessor especial do Gabinete Civil da Presidência da República, no governo

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de Juscelino Kubitschek; coordenador do setor para educação no Ministério do Planejamento, no governo do presidente Castelo Branco; assessor especializado em educação na Fundação Getúlio Vargas. Suas principais obras:

1. *O salmo de Miserere Mei Deus, de Gil Vicente*. Rio, 1939. Tese de Concurso para Catedrático das Escolas Normais do Estado do Rio de Janeiro;
2. *O pleonasmo e mais dois estudos da língua portuguesa*. Rio, T. Nacional, 1949;
3. *Fenômenos de sintaxe ideológica e afetiva na língua portuguesa*. Rio, 1949. (Tese de Concurso para Catedrático do Colégio Pedro II);
4. *Leituras brasileiras – Textos, gramática, exercícios* – Rio, Editora Nacional, 1950;
5. *Subconsciência e afetividade na língua portuguesa*. Rio, Ed. Org. Simões, 1954. Reedições revistas e aumentadas pelas editoras Civilização Brasileira e Ao Livro Técnico;
6. *Língua, cultura e ensino – Fundamentação linguística, síntese crítica, objetivos e meios* – Assis, São Paulo, 1962. (Tese para obtenção do Grau de Docente Livre em Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e o de Doutor em Letras da então Universidade do Estado da Guanabara, hoje UERJ);

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

7. *Interpretação linguística* – roteiro crítico – Lisboa, 1964. Separata do *Boletim Mensal da Sociedade de Língua Portuguesa*, sob a direção do Prof. José Pedro Machado;
8. *Como passaram mil anos diante de Deus*, do Pe. Manuel Bernardes. Suplemento da *Revista Brasília*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1964;
9. Lua, saudade crepuscular, in *Chão de Estrelas – Poesias escondidas*, de Orestes Barbosa, Rio, J. Ozon Editor, 1965;
10. *Língua aprendida, cultura adquirida*. Rio, J. Ozon Editor, 1966;
11. *Programação do ensino e desenvolvimento econômico*. Rio. Ed. Bloch, 1966;
12. *A literatura brasileira em língua portuguesa* – Fundamentos linguísticos. Separata da *Revista de Letras*, vol. X, 1967, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, São Paulo;
13. *Palavra e estrutura*. DASP (CDA). Rio, 1968;
14. Fonema e estrutura. In *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Org. Simões, Rio, 1968;
15. A “Chuva-Maria”, de Drummond, in *Littera*, nº 1, Rio, Grifo, Edições, 1971;
16. Crítica linguística e crítica literária, in *Littera*, nº 3, Rio, Grifo Edições, 1971;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

17. Crítica literária em crítica, in *Revista Campo-grandense de Cultura*, nº 2, Campo Grande, Rio, 1972;
18. *I Idioma Nacional no Ensino Técnico* – considerações metodológicas – Escola Técnica Federal “Celso Suckow da Fonseca”, Rio, 1976;
19. Marco iniciante e realidade da literatura brasileira, in *Lingua-gem*, I. 1. Revista do Instituto de Letras, da Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1978;
20. Crítica estilística e crítica literária, in *Conferências e Comunicações – IV Encontro Nacional de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*. Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESO, Assis, São Paulo, 1980;
21. “Oficina Irritada” – Intertextualidade drummondiana. In *Letras Fluminense*, nº 21, Niterói, Rio de Janeiro, 1980;
22. “Língua-Escrita e Língua-Lida”. In *Enfoque* I, nº 1, PAPERJ e Academia Brasileira de Filologia, Rio, 1981;
23. *Oração do amor da pátria* (com um estudo – “Camões, o Amor da Pátria e o Bem-Comum”). Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1982;
24. *Recesso docente* (Aula inaugural no Instituto de Letras, UFF, quando de sua aposentadoria; Niterói, 27/8/81), Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1982;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

25. *Eles em mim* (ensaios I) – Pe. Manuel Bernardes e Carlos Drummond de Andrade, Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1983;
26. *Crítica estilística e crítica literária*. Curitiba, Ed Lítero-Técnica, 1983:
27. *Eles em mim* (ensaios II) – Lima Barreto e Amando Fontes. Curitiba, Ed. Lítero-Técnica, 1983;
28. Língua e gramática – Língua e estilística, in FURB - *Revista de Divulgação Cultural*, Ano 7, nº 21, março, 1984, Blumenau, Santa Catarina;
29. *A “Ismália” de Alphonsus*. Curitiba, ed. Lítero-Técnica, 1985;
30. Um guardador de rebanhos, de Alberto Caeiro (Pessoa), in *Ensaios Pessoanos*, Instituto de Letras UFF, Niterói, Rio de Janeiro, 1985;
31. Os sonetos – e um soneto – de Simões, in *Sonetos Escolhidos, Philobiblion*, Curitiba, 1986, de João Manuel;
32. *Versos de antiga / mente*. Curitiba, ed. Lítero-Técnica, 1986;
33. *Versos, meus cotidianos*. Curitiba, ed. Lítero-Técnica, 1987;
34. Gonçalves Dias – O homem e a obra – in *Discurso de saudação, José Braz Ventura; Discurso de Posse*, Jesus Bello Galvão. Cadeira nº 17, Academia Teresopolitana de Letras (A.T.L.), Rio de Janeiro, 31/10/87, Livraria Editora Cátedra, Rio, 1987;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

35. *Dois poetas paranaenses* – Emiliano Perneta e Tasso da Silveira. Palestra de estreia como associado eleito do Centro de Letras do Paraná, 1990 (inédito);
36. *Apontamentos de leitura* – Lendo: João Ribeiro. Curitiba, Gráfica Editora Rocha Ltda., 1991;
37. *Apontamentos de leitura* – Lendo: João Ribeiro (II – Páginas de Estética). Curitiba, Gráfica Editora Rocha Ltda., 1992.

Veja mais sobre [Jesus Bello Galvão](#) na Internet.

JOÃO CAPISTRANO DE ABREU³⁵

João Capistrano de Abreu, historiador, crítico e linguista, nasceu em Culuminjuba, Ceará, a 23 de outubro de 1853, freguesia de Maranguape; transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1875 e aí faleceu aos 13 de agosto de 1927.

Historiador que ia às fontes, para ler documentos que dormiam em arquivos, produziu uma obra extensa e valiosa, favorecida no início pela renovação intelectual por que passava o Nordeste, especialmente o Recife e Fortaleza, firmando-se, sem contestação, como o mais profundo pesquisador de nossa história colonial, à luz das ideias de Taine, Buckle, Ratzel, Spencer e Comte. Identificou personagens e autores anônimos, como foi o caso do anagrama Antônio Adreoni, autor de *Cultura e Opulência do Brasil*, na pessoa de André João Antonil. Funcionário, por concurso, da Biblioteca Nacional, concorreu, vitoriosamente, à cadeira de corografia e história do Brasil, vaga por falecimento de Joaquim Manuel de Macedo. Começou o magistério particular lecionando português e francês, mas cedo se fixou nos estudos históricos e geo-

³⁵ Verbete redigido por Evanildo Cavalcante Bechara.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

gráficos. Ainda no Ceará, publicou estudos de crítica literária que guardam ainda hoje sua pertinência. Promoveu a tradução de textos de vários campos científicos, especialmente de história e geografia de autores alemães. Estudou algumas línguas indígenas (os caxinauás e os bacairis), sobre as quais escreveu trabalhos de sumo interesse. Estimado pelos mais representativos valores intelectuais do país, seus amigos, depois da morte do historiador, fundaram, em setembro de 1927, a Sociedade Capistrano de Abreu, destinada, entre outras atividades, a publicar-lhe as obras e os esparsos, alguns dos quais ainda hoje não se acham recolhidos. Avesso a participar de associações e academias, foi, entretanto, sócio benemérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Além de deixar discípulos diretos e indiretos que muito contribuíram para renovar os estudos históricos no Brasil, também estimulou o aperfeiçoamento dos estudos gramaticais, como foi o caso de Júlio Ribeiros, na elaboração de uma nova gramática portuguesa, e de pesquisas levadas a cabo por M. Said Ali.

Obras:

Descobrimento do Brasil. Seu Desenvolvimento no Século XVI (tese de concurso ao Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 1883), incluída com outros estudos afins em *O Descobrimento do Brasil*, Rio de Janeiro, 1929.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Capítulos de História Colonial, Rio de Janeiro, 1928 (1^a ed. 1907).

Caminhos Antigos e Povoamentos do Brasil, Rio de Janeiro, 1930 (1^a ed. 1889).

Ensaios e Estudos (3 vols., 1931-1932 e um 4º volume preparado por José Honório Rodrigues).

Correspondência, 3 vols., 1977 (org., introd. e notas de José Honório Rodrigues).

Rã-txa hu-ni-hu-i: A Língua dos Caxinauás, Rio de Janeiro, 1914.

Referências:

José Aurélio Saraiva Câmara, *Capistrano de Abreu*, Rio de Janeiro, 1965.

Hélio Vianna, *Capistrano de Abreu*, MEC, s/d.

Antônio Nunes Malveira, “Formação de um historiador” (*Studia, Colégio Pedro II*).

Maximiano de Carvalho e Silva, “Said Ali e Capistrano de Abreu” (*Confluência*, 5, 1993).

Veja mais sobre [João Capistrano de Abreu](#) na Internet.

JOÃO LUÍS DE CAMPOS³⁶

CAMPOS, João Luís de. São Simão, SP, 01 de janeiro de 1900 – Rio de Janeiro, RJ, 21 de abril de 1945). Seguiu a carreira de magistério, lecionando português em nível de primeiro e segundo graus. O ensino da língua, sem dúvida, despertou nele a vocação do filólogo e do vernaculista, pois o que deixou escrito e publicado logo o situa em nosso período vernaculista e de diferenciação idiomática. Como lexicógrafo, participou da organização do *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire. Além de obras didáticas, o seu principal ensaio filológico foi de sintaxe verbal: *O problema do infinitivo*, infelizmente sem data de publicação. No caso, revela perfeita consciência de que o infinitivo flexionado, ao contrário do que ocorre nas demais línguas românicas, é um idiomatismo do galego e do português. O seu estudo é de orientação e base vernaculistas, recorrendo aos bons autores para justificar as normas (regras) que busca estabelecer para o bom emprego da flexão verbal em formas infinitivas.

³⁶ Verbete redigido por Leodegário A. de Azevedo Filho

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Após o falecimento do gramático Eduardo Carlos Pereira, foi eleito para ocupar a cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Filologia, em 1923, ainda muito jovem.

Veja mais sobre [João Luís de Campos](#) na Internet.

JOÃO RIBEIRO

Em dada oportunidade, ao traçar um perfil de si mesmo, João Ribeiro afirma:

Quanto me tenho analisado, o que sucede em horas de preguiça, que é a minha única forma de reflexão filosófica, descubro que tenho alma demais, e ser-me-ia de maior utilidade se a tivesse de menos. Indo mais longe, acredito que as porções de alma são distribuídas desigualmente entre os homens. Os homens de pouca alma são práticos, ativos, rápidos e amigos da experiência. Os de muita alma são naturezas indecisas, platônicas, inúteis e incapazes de perceber as conveniências próprias.

Não se pode tirar a razão deste sergipano de Laranjeiras quanto ao maior pragmatismo dos homens de pouca alma, mas a excessiva modéstia certamente impediu-o eleger-se com exceção à regra. Tinha, decerto, muita alma, mas exatamente por isso pôde produzir profícua e vastíssima obra em diversas áreas do saber humano.

Nascido em 24 de junho de 1860, filho de Guilhermina Rosa Ribeiro Fernandes e Manuel Joaquim Fernandes, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes teve infância atribulada por conflitos familiares, que superou com denodo, sob amparo da mãe e do avô materno, de quem herdou o amor à leitura e ao saber humanís-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tico. Em 1880, resolve cursar medicina, em Salvador, mas logo perceberia que ali não estava sua vocação. Busca, então, já no Rio de Janeiro, iniciar-se na engenharia, matriculando-se na Escola Politécnica, vindo também a desistir dessa nova empreitada. Não obstante tenha-se tornado bacharel em ciências jurídicas e sociais, pela Faculdade do Rio de Janeiro, encontra, enfim, seu verdadeiro rumo ao dedicar-se de corpo e alma ao jornalismo e, mais tarde, ao magistério.

Conhecido pela formação polígrafa, fruto de sólida e sensível formação intelectual que se emoldura em páginas enciclopédicas, João Ribeiro desenvolveu uma capacidade autodidata extraordinária, que lhe propiciou aprender sem mestre o grego, o latim, inúmeras línguas modernas, como o francês, o espanhol, o italiano, o catalão, o alemão e o inglês, a par das línguas autóctones do Brasil. Especializou-se também em história, sociologia, geografia, antropologia, enfim, em tudo que lhe cruzasse a vista nas longas horas de leitura dedicada ao saber.

Fruto dessa profícua atividade intelectual, sua obra é vasta e variada. Produziu textos sobre história do Brasil, antropologia, cultura brasileira, inclusive com grande contribuição em traduções de obras meritórias. Sua produção filológica merece especial destaque no panorama historiográfico brasileiro, visto que tocou com ordinária erudição todos os problemas que desafiam as mentes preocupadas com a descrição do fato gramatical. Seus trabalhos

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

sobre as frases feitas, em que o rigor investigatório se alia ao conhecimento intuitivo da língua, ainda hoje restam isolados em nossa produção textual, tendo em vista as tendências mecanicistas por que enveredaram os estudos linguísticos a partir da metade do século XX.

Outro traço relevante na formação desse “santo sábio professor”, como o designa Antônio Houaiss, está na preocupação em divulgar os fundamentos da ciência linguística ainda em seus verdadeiros. Prova está na primorosa edição do *Dicionário Gramatical*, em 1889, cujos verbetes revelam atualadíssima leitura dos novéis paradigmas da linguística europeia. Primeiro membro eleito da Academia Brasileira de Letras, de cuja fundação não participou por estar à época radicado na Europa – continente que o acolheu por longos anos – João Ribeiro soube usar a voz e a destacada posição de acadêmico para divulgar o folclore e a cultura brasileira durante toda sua existência.

Destacam-se em sua rica bibliografia filológica os seguintes títulos:

Gramática Portuguesa (1886).

Estudos Filológicos (1885).

Gramática Portuguesa, curso médio (1887).

Gramática Portuguesa, curso superior (1887).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Dicionário Gramatical (1890).

Frases Feitas (1908-9).

O Fabordão (1910).

A Língua Nacional (1921).

Cartas Devolvidas (1926).

Novo Dicionário Encyclopédico da Língua Portuguesa (1926).

Curiosidades Verbais (1927).

João Ribeiro faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 13 de abril de 1934.

Veja mais sobre [João Ribeiro](#) na Internet.

JOAQUIM RIBEIRO³⁷

(Rio de Janeiro, 27/05/1907 – Rio de Janeiro, 27/04/1964).

Foi professor universitário, jornalista e técnico de educação. A sua produção intelectual foi ampla e diversificada. Além de filólogo, pois herdou o gosto da pesquisa linguística de seu ilustre pai, João Ribeiro, diplomou-se em direito e exerceu o jornalismo sempre com muita independência e amor à causa da cultura. Foi ainda historiador, roteirista, radialista e compositor. Escreveu ensaios de pesquisa científica e literária, pois exerceu superiormente a crítica; romances; contos; poesias; peças de teatro; e conferências várias sobre língua portuguesa, literatura, música, folclore e teatro. Após a morte de Lindolfo Gomes, foi eleito para a cadeira nº 33, da Academia Brasileira de Filologia, em 1953. Entre várias outras instituições culturais, pertenceu ao Instituto Histórico e Geográfico (Rio de Janeiro) e recebeu inúmeros prêmios e condecorações, como o Prêmio do IBECC e a menção honrosa da ABL, além da

³⁷ Verbete redigido por Leodegário A. de Azevedo Filho

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Medalha comemorativa do centenário de nascimento de Rui Barbosa.

Espírito vivo e sempre original na defesa de suas teses, por vezes enveredou pela polêmica, com veia irônica e risonha.

A sua bibliografia compreende:

A tradição e as lendas, 1929 (folclore).

Fogueira, 1930 (poesia).

Introdução ao estudo do folclore brasileiro, 1934 (folclore).

9 mil dias com João Ribeiro, 1934 (ensaio).

Estética da língua portuguesa, 1938 (ensaio).

Itinerário lírico de Tasso da Silveira, 1939 (ensaio).

O folclore da restauração, 1941 (folclore).

Folclore brasileiro, 1944 (folclore).

Folclore dos bandeirantes, 1946 (folclore).

As cartas chilenas e a Inconfidência Mineira, 1950 (ensaio).

Folclore baiano, 1956 (folclore).

Rui Barbosa e João Ribeiro, 1958 (ensaio).

Aruanda, 1961 (drama).

Vida e obra de José Siqueira, s. d. (ensaio).

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Gavião de penacho, s. d. (romance).

Além dessas obra, escreveu várias outras de história, filologia e didática, além de colaborações jornalísticas em diversos periódicos, tais como: *Romanitas*, da Sociedade Brasileira de Romanistas, *de que era membro*; *Anais do IBECC*; *Revista Educação e Cultura*; *Revista Filológica*; *Revista do Livro*; *Revista de Língua Portuguesa*; *Visões do Mundo*; *Revista Brasileira de Letras*; *Revista Nova*; *A Época*; *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*; *Brasil Açucareiro*; *Revista da Criança*; *Revista Brasileira de Música*; *O Observador*; *Revista Dionysos*; *A Noite Ilustrada*; “Letras e Artes”, do jornal *A Manhã*; *Vamos Ler*; *Dom Casmurro*; *Studia*, órgão do Externato do Colégio Pedro II; *Jornal do Commercio*; *Jornal do Brasil*; *Diário de Notícias*; *Diário Carioca*; e *Jornal das Letras*, entre outros.

No campo específico da filologia e da literatura, mencionamos ainda: *Origem da língua portuguesa*, RJ, 1935; edição de *Vida e morte do Padre José de Anchieta*, de Qurício Caxa, pela Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro; e *História da romanização da América*, obra publicada pelo Serviço Nacional de Teatro, do MEC, em 1959. Ao morrer, deixou ainda, entre outras obras inéditas, *A estética jesuítica e Teoria e hermenêutica literária*. Para uma visão mais completa, pedimos licença para sugerir a leitura do nosso ensaio intitulado “Aspectos da vida e da obra de Joaquim Ribeiro”, publicado na revista *Romanitas*, vol. 6-7, 1965.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Veja mais sobre [Joaquim Ribeiro](#) na Internet.

JONAS DE MORAIS CORREIA FILHO

(Parnaíba, Piauí, 21/09/1902 – Rio de Janeiro, 20/01/1998)

Filho de Jonas de Moraes Correia e Maria Firmina Ramos Correia, veio cedo para o Rio de Janeiro, onde se formou com distinção pelo Colégio Militar, o que lhe garantiu a medalha-prêmio *Conde de Porto Alegre* e o acesso direto à Escola Militar de Realeengo. Aí, seguiu o Curso especial de Engenharia até o 3º ano, quando eclodiu a Revolução de 1922. Por esta ocasião, foi preso e depois desligado da Escola Militar, a ela retornando com a Revolução de 1930.

Na vida civil, ingressou no Banco do Brasil por concurso. Pelo Instituto Brasileiro de Contabilidade, diplomou-se como contador e guarda-livros, publicando o livro *Contabilidade Bancária*, obra com várias edições e que, ao longo de 40 anos, foi indicação bibliográfica obrigatória para os concursos de acesso ao corpo de funcionários do Banco do Brasil. Era alto funcionário do Banco do Brasil quando eclodiu a Revolução de 1930, à qual aderiu. Deixando a vida civil, retomou ao Exército no início de 1931, na condição de 1º Tenente de Engenharia.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

No ano seguinte, ingressou na carreira do magistério, integrando o Corpo Docente do Colégio Militar, onde havia estudado. Ainda em 1932, após uma promoção, solicitou seguir para a campanha paulista quando desempenhou as funções de Chefe do Serviço de Engenharia e Prefeito Militar de Campinas. Foi professor da Escola de Intendência do Exército, passando posteriormente para o Magistério Militar – hoje Magistério do Exército. No Exército, foi 1º Tenente (08/11/1930); Capitão Engenheiro (22/05/1932); Major-Professor (04/02/1938 – Professor efetivo da Cadeira de Português); Tenente Coronel-Professor (9/06/1939) e Coronel-Professor (25/09/1950). Reformou-se em 1956, como General de Brigada, logo promovido a General de Divisão, por força de reconhecimento judicial de direitos adquiridos.

Em 1939, foi nomeado catedrático da cadeira Revisão de Português, recém-criada na Escola Militar de Realengo. Em 1940, foi Diretor do Departamento de Educação Primária da Prefeitura do então Distrito Federal. Dois anos depois, em 1942, ocuparia o cargo de Secretário Geral de Educação e Cultura, promovendo então a “Reorganização do Ensino Primário” (Dec.7.718, da PDF, de 5 de fevereiro de 1944). Em 1941, foi Relator da Comissão encarregada de dar Parecer sobre o Vocabulário da Língua Nacional, designada pelo Ministro da Educação. Integrou o Conselho Estadual de Educação do Rio de Janeiro. Em 1944, na qualidade de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Secretário de Educação e Cultura da então Capital Federal, representou o Brasil no Congresso de Professores, realizado no Chile.

Na área política, com a queda de Vargas, em 1945, candidatou-se a deputado federal pelo PSD, apoiando a eleição do General Eurico Gaspar Dutra, sendo o mais votado no Rio de Janeiro. Foi constituinte de 1946 e Deputado Federal na 1^a legislatura, ocupando o cargo de 3º Secretário da Mesa da Câmara. Como não lograsse a reeleição em 1950, retomou ao magistério, no Colégio Militar, em 1951. Em 1955, aceitou o cargo de Subdiretor do Ensino Geral, ainda no CMRJ, do qual se afastou no ano seguinte, por ocasião de sua reforma.

Foi membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1936); sócio benemérito das: Academia Carioca de Letras, Academia Luso-Brasileira de Letras, Academia Brasileira de Filologia (que presidiu), PEN Club do Brasil, Instituto Santmartiniano do Brasil e muitos outros institutos e academias do Brasil e do exterior, como a Academia Portuguesa de História.

Sempre afeito aos estudos, bacharelou-se em Direito nos anos 30, além de frequentar inúmeros cursos de aperfeiçoamento, ao longo de sua vida, em instituições de renome. Desses, citam-se: a Escola Superior de Guerra, a Fundação Getúlio Vargas, a Fundação Casa de Rui Barbosa e o Museu Histórico Nacional.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Escreveu e publicou inúmeros ensaios, monografias, artigos, abordando assuntos filológicos, militares, históricos. Destacam-se: *Estudos de Português* (Bibliex, 1940); *Introdução ao vocabulário da gíria militar* (Rio de Janeiro, MEC, 1961); *Linguajar e Anedotário Militar no Rio de Janeiro* (Rio de Janeiro, Imprensa do Exército, 1970); “Feitos militares do Brasil e seu registro em obras notáveis”; “Antônio João, herói brasileiro”; “Sentido heróico da poesia de Castro Alves”; “Olavo Bilac, o patriota”; “Santos Dumont na literatura, na poesia e na música”; “Mallet, o patrono da Artilharia”; “Mallet na História”; “O espírito de Caxias”; “Osório, a lança do Império”; “A glória de Rio Branco”; “Anchieta de perfil”; “D. João VI de perfil”; “As origens do Exército brasileiro”; “O ensino militar no Brasil”. Foi ainda autor da letra da “Canção do Engenheiro”.

Dentre as atividades editoriais exercidas, foi diretor das: *Revista do Clube Militar* e *Nação Armada*. Participou da elaboração da *História do Exército Brasileiro*, em 3 volumes, integrando as equipes de “Revisão dos aspectos históricos das monografias básicas” e “Estudo de problemas de forma e de comunicação da obra”. Escreveu prefácios e apresentações para diversos livros, dentre os quais, a edição comentada de *Os Lusíadas* e *A Guerra de Canudos* (de A. Duque-Estrada de Macedo Soares), ambos da Bibliex. Em 1944, publicou “Símbolos Nacionais na Independência”, sob os auspícios do SENAI, obra definitiva sobre o assunto.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Fez jus a inúmeras condecorações, recebidas no Brasil e no Exterior: Ordem do Mérito Militar; Ordem do Mérito Aeronáutico; Ordem Nacional do Mérito Educativo; Ordem do Mérito de Brasília; Medalha Militar de Ouro; Medalha Mérito Santos Dumont; Medalha Mérito Tamandaré; Medalha do Pacificador; Medalha de Guerra, além do título de “Cidadão Carioca”, em reconhecimento aos serviços prestados à terra de adoção.

19 de maio de 1951 – Posse do Gladstone

Veja mais sobre [Jonas de Moraes Correia Filho](#) na Internet.

JORGE HENRIQUE AUGUSTO PADBERG-DRENKOL

PADBERG-DRENKOL, Jorge Henrique Augusto nasceu no dia 9 de agosto de 1877 em Osnabruck, na província Vestfália, Alemanha. Em 1902, já formado, veio para o Brasil, naturalizando-se cidadão brasileiro em 1907. Retornou à Europa, Friburgo, em cuja universidade realizou os seus últimos estudos, diplomando-se em Ciências Naturais (1912-1917), nomeadamente Geologia-Paleontologia e Antropologia-Pré-Histórica com Etimologia. Gladstone Chaves de Melo, em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Filologia (19-05-1951), considerou-o assim: “foi um intelectual puro. Leu, pesquisou, ensinou, escreveu”. Entretanto, deixou-nos uma obra dispersa em revistas e jornais nacionais e estrangeiros. Foi naturalista do Museu Nacional ao longo de 10 anos, além de professor de ensino médio de 1902 a 1907 e de professor universitário, em tal condição ministrando um curso de extensão universitária de Geologia-Paleontologia em 1932 e exercendo a cátedra de Grego na antiga Universidade do Distrito Federal, de 1935 a 1938; de Antropologia e Pré-história, na mesma universidade, em 1935 e 1936; novamente de Grego, na antiga Faculdade Nacional de Filosofia; e, finalmente, de alemão, desde

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

1943 até aposentar-se em 1945, com 68 anos. Além de ensaios dispersos em revistas e jornais nacionais e estrangeiros, a sua bibliografia principal abrange: “Estudo crítico e cálculo planimétrico das áreas do Brasil e seus Estados”, ensaio de 60 páginas, publicado no *Relatório do Ginásio de São Leopoldo*, em 1907; série de artigos corográficos publicados de 1907 a 1909 no *Anuário do Rio Grande do Sul*; “Mendel e as leis hereditárias”, na revista alemã *Hatur und Kultur*, “O despertar da vida na aurora da criação”, na revista *Vozes de Petrópolis*, em 1911; vários artigos sobre Biologia, Geologia-Paleontologia, Pré-história e Etimologia em revistas alemãs; *A estação paleolítica no loess de Munzingen, segundo escavações próprias*, Augsburg, 1925; “A situação histórico-cultural dos carajás, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. II, nº 6, de 1926; “Um benemérito do Brasil, o dinamarquês Herluf Winge, classificador dos achados paleontológicos de Lund”, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. III, nº 1, de 1927; “Carmen Saeculare Coffeae”, em versos latinos de 37 estrofes, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. III, nº 4, de 1927; “Ensaio crítico-histórico sobre o café e investigação etimológica do nome”, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. VIII, de 1932; uma tradução de Goethe em que apreciam obras de Martins sobre o Brasil, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. VIII, de 1932; a Limalha linguística dum naturalista”, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. VI, nº 4, de 1930; comentário do *Dicionário Nacional*, de Carlos Teschauer, no *Boletim do Museu Nacional*, vol. VI, nº 4, de 1930; vários artigos publicados na re-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

vista carioca *Excelsior*, de julho de 1934 a dezembro de 1936; vinte artigos sobre os “Cavacos de português e tupi” e seis artigos sobre as “Inscrições latinas no Brasil”, na citada revista *Excelsior*, de 1934 a 1936; vários outros publicados no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, na *Revista de Filosofia e História* e no *Boletim do Centro de Estudos Históricos*; e “Parecer” sobre o acordo ortográfico de 1945, apresentado à Academia Brasileira de Filologia, por meio da cotação de Sousa da Silveira, então Presidente da instituição. Como se vê, Padberg-Drenkpol foi um estudioso de ampla cultura, penetrando nas ciências naturais e humanas com erudição de grande polígrafo. Dominando bem o grego e o latim, como a sua obra histórica o demonstra, justificou o seu ingresso na A.B.F. Sobre o autor, ver discurso de posse de Gladstone Chaves de Melo, publicado juntamente com o discurso de recepção feito por Serafim da Silva Neto, no livro *Conceito e método da filologia*, Rio de Janeiro, Organizações Simões, 1952.

Veja mais sobre [Jorge Henrique Augusto Padberg-Drenkol](#) na Internet.

JOSÉ CARLOS DE MACEDO SOARES

SOARES, José Carlos de Macedo (* 06/10/1883, São Paulo; + 28/01/1968, São Paulo.) Filho de José Eduardo de Macedo Soares e Cândida Sodré de Macedo Soares, José Carlos de Macedo Soares fez os estudos primários na Escola Modelo Caetano de Campos e os estudos de humanidades no Ginásio de São Paulo, bacharelando-se em Ciências e Letras, em 1901. Formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1905. Como advogado, político, intelectual, industrial e diretor de muitas empresas, gozou de enorme prestígio em seu estado natal, tendo tomado parte nos vários movimentos que culminaram com a Revolução de 30. Em 1932, convidado por Getúlio Vargas para gerir a pasta das Relações Exteriores, participou de várias missões diplomáticas em países europeus. Em 1933, foi eleito deputado à Assembleia Constituinte e, em 1934, nomeado Ministro das Relações Exteriores, cargo que exerceu até 1937, ano em que foi nomeado Ministro da Justiça. Exerceu a Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, compôs a Comissão Brasileira para a Codificação do Direito Internacional, foi professor da Faculdade de Ciências Eco-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

nônicas e Administrativas e da Faculdade de Direito da Universidade do Brasil, e da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. De 1945 a 1947, foi interventor federal no Estado de São Paulo. Nomeado novamente Ministro das Relações Exteriores no governo Juscelino Kubitscheck, em 1955, permaneceu no posto até 1958.

Homem de cultura e grande empreendedor, Macedo Soares foi membro e sócio honorário de várias agremiações brasileiras e estrangeiras da mais alta importância, entre elas a Academia Brasileira de Filologia, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a Academia Internacional de Diplomacia, a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnografia, o Liceu Literário Português, a Academia Paulista de Letras, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, a Academia Uruguaia de Letras, a Academia Argentina de Letras, a Academia das Ciências de Lisboa, a Real Academia de História de Portugal, a Sociedade de Geografia de Lisboa, o Instituto de Coimbra e a Academia Brasileira de Letras, onde ocupou a cadeira nº 12 e da qual foi Presidente em 1942 e reeleito em 1943.

BIBLIOGRAFIA

Psicologia e Pedagogia, 1912; *Escola de Fachada*, 1920; *Falsos troféus de Ituzaingó*, 1920; *Justiça*, 1925; *Acontecimentos de julho de 1924*, 1925; *A borracha*, 1927; *O Brasil e a Sociedade*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

das Nações, 1927; *As eleições presidenciais nos Estados Unidos*, 1928; *A política financeira do Presidente Washington Luís*, 1928; *O Banco do Brasil, como Banco Central de Emissão e Redesconto*, 1929; *Per Áspera ad Astra*, 1930; *Cidade Penitenciária*, 1937; *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial*, 1939; *Santo Antônio de Lisboa, Militar no Brasil*, 1942; *José Bonifácio, Economista*, 1945; *Tirso de Molina*, 1949; *Cervantes no Brasil*, 1949; *História dos Congressos Eucarísticos*, 1945; *Organização internacional da Paz*, 1945; *Fontes da história da Igreja Católica no Brasil*, 1954; além de inúmeros discursos e conferências.

REFERÊNCIAS

Luís Correia de Meio: *Dicionário de Autores Paulistas*; J. Galante de Sousa: *O Teatro no Brasil*, II; Henrique Perdigão: *Dicionário Universal de Literatura*; Aureliano Leite: *História de Civilização Paulista*; Anuário da Academia Brasileira de Letras, 1945; Revista da Academia Paulista de Letras, nº 41, 1948; Afrânio Coutinho: *Brasil e Brasileiros de Hoje*, II; Brasil, Ministério das Relações Exteriores: *Quem é Quem nas Artes e nas Letras no Brasil*; Raimundo de Menezes: *Dicionário Literário Brasileiro*, IV, São Paulo, INL/Saraiva, 1969.

Veja mais sobre [José Carlos de Macedo Soares](#) na Internet.

JOSÉ CARLOS LISBOA

Ocupante da Cadeira 28. Nasceu na cidade de Lambari, Minas Gerais, em 4 de novembro de 1902, um dos 14 filhos de João de Almeida Lisboa e de Maria Rita de Vilhena Lisboa, irmão da poetisa Henriqueta Lisboa e da pedagoga Alaíde Lisboa de Oliveira, iniciadora da Didática Nova. De sólida formação humanística e eclético conhecimento científico, formou-se em Farmácia e Direito. Por vocação, exerceu o magistério. Foi professor catedrático de Língua e Literatura Espanhola da então Universidade do Brasil, recebendo mais tarde o título de Professor Emérito da UFRJ, onde criou e dirigiu o Curso de Jornalismo, tendo sido, também, o seu primeiro Diretor. Hispanista, filólogo, escritor e pesquisador. Foi diretor de publicações e divulgação da Biblioteca Nacional; membro do Conselho Nacional de Cultura, fundador, diretor e professor do Ateneu García Lorca. Fundou e foi conselheiro do Instituto Brasileiro de Cultura Hispânica; foi ex-presidente do Centro de Estudos Hispânicos da Universidade do Brasil. Na UFRJ, fundou o Seminário Menéndez Pidal, da Faculdade de Letras. Foi professor catedrático de Língua e Literatura Espanhola da Faculdade de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais e um de seus fundadores. Sua obra intelectual é extensa.

Publicou pelo MEC:

- 1- Tirso de Molina, Criador de Don Juan;**
- 2- Teatro de Cervantes; Isabel a do “Bom Gosto”;**
- 3- A Casa do Bode** (peça folclórica), em coedição com Selo de Ouro;
- 4- Uma Peça Desconhecida sobre os Holandeses na Bahia** (1^a edição do texto espanhol, estudo, tradução, modernização da peça, de Juan Antonio Correa), em coedição com o INL.

Publicou pelo Instituto Nacional do Livro (INL):

- 1- O Brasil Restituído**, de Lope de Vega (estudo, tradução, modernização de peça);
- 2- Verde que te Quero Verde**, ensaio de interpretação do Romanceiro gitano, de Federico García Lorca, em coedição com Zahar Editor.

Publicou pela Editora Comunicação, em convênio com o INC / MEC:

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

1- A Rainha das Onças, romanceiro e teatro popular.

2- Filhos Partidos, novela em três pessoas.

Publicou pela Civilização Brasileira:

A Numância, de Cervantes (estudo, tradução, modernização da peça).

Publicou pelo Serviço Nacional de Teatro, em Coedição com a Ed. Dionisos:

García Lorca, Vida e Obra.

Publicou pela Biblioteca Nacional:

O Curso de Letras Neolatinas.

Publicou pela Editora Sedegra sua Tese de Cátedra:

García Lorca e “Bodas de Sangue”.

Publicou pela Livraria José Olympio sua última obra, em 1985.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Vicente e o Outro (romance).

Veja mais sobre [José Carlos Lisboa](#) na Internet.

JOSÉ DE ABREU ALBANO

Nasce em Fortaleza a 12 de abril de 1882 José de Abreu Albano. Filho do negociante José Albano Filho e de Maria de Abreu Albano; neto, pelo lado paterno, de José Francisco da Silva Albano e de Maria Liberalina da Silva Albano, Barões de Aratana, e, pelo lado materno, de Ildefonso José de Abreu e de Josefa Zulmira de Abreu.

José Albano estuda no Seminário Episcopal de Fortaleza em 1892 e 1893. Neste último ano, é mandado para estudar na Europa, onde completa a sua educação de humanidades, frequentando os melhores colégios: na Inglaterra, o Stonyhurst College; na Áustria, o Colégio Stella Matutina – ambos jesuítas e na França, o Colégio dos Irmãos da Doutrina Cristã.

Em 1898, regressa à terra natal, trabalha algum tempo na casa comercial do pai, deixando-a para fazer os preparativos no Liceu do Ceará e, bem jovem ainda, começa a publicar seus poemas no jornal “A República”. Transfere-se para o Rio de Janeiro, em 1902, com o propósito de estudar Direito. Interrompe o Curso

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

em 1904 e, de regresso à província natal, é nomeado professor de Latim no Liceu do Ceará.

No ano seguinte, é convidado pelo Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores, para trabalhar em seu gabinete no Itamarati.

Casa-se em 1906 com Gabriela da Rocha. Pai de cinco filhos: José Maria e Teófilo, mortos na infância, Maria José, Maria Justina e Ângela.

Em 1908, regressa à Europa para ocupar um cargo no Consulado brasileiro em Londres e lá permanece até 1912. Nesse ano, abandona o emprego público e viaja por Portugal, Espanha, França, Bélgica, Holanda, Alemanha, Hungria, Suíça, Itália, Romênia, Grécia, Turquia, Palestina, Egito.

Em 1914, doente – abalado mentalmente, regressa ao Ceará e, restabelecido, após intensivo três anos de tratamento, muda-se para o Rio de Janeiro.

Frequenta a Garnier. Convive com Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Mário de Andrade, dentre outros escritores.

Viaja definitivamente para a Europa, estabelecendo-se em Paris.

Falece em Montauban, na França, em 11 de julho de 1923.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Conta ainda Manuel Bandeira: “Certa noite, foi surpreendido por Graça Aranha num dos restaurantes mais caros da Rue Royale, sozinho a uma mesa, diante de uma garrafa de champañhe. À suspeita de uma censura, que aliás não lhe foi formulada, exclamou jovialmente:

— É apenas champanhe. Mas se vivêssemos numa sociedade bem organizada, nós poetas teríamos direito ao néctar!”

BIBLIOGRAFIA DO AUTOR

Rimas de José Albano – Redondilhas – nas oficinas de Fidel Giró, Barcelona, 1912. 31 páginas.

Rimas de José Albano – Alegoria – as oficinas de Fidel Giró, Barcelona, 1912. 30 páginas.

Rimas de José Albano – Canção a Camões e Ode à Língua Portuguesa – nas oficinas de Fidel Giró, Barcelona, 1912. 14 páginas.

Comédia Angélica de José Albano – Tipografia Moderna, Fortaleza, 1918. 102 páginas.

Four Sonnets by José Albano, with Portuguese prose-translation – Tipografia Hodierna – Fortaleza, 1918. 16 páginas.

Antologia Poética de José Albano – Tipografia Assis Bezerra – Fortaleza, 1918. 98 páginas.

BIBLIOGRAFIA SOBRE O AUTOR

1. RIMAS de José Albano – Edição organizada, revista e prefaciada por Manuel Bandeira – Pongetti, 1948. 261 páginas - contendo Redondilhas, Canção a Camões, Ode à Língua Portuguesa, Alegoria, Endechas, Four Sonnets With Portuguese prose-translation, Comédia Angélica, Triunfo, Dez sonetos escolhidos pelo Autor e outros sonetos.
2. José Albano. POESIA. Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, Nossos clássicos, 1958.
3. José Albano. RIMAS. Casa de José Alencar, Programa Editorial UFC, 1997.

Veja mais sobre [José de Abreu Albano](#) na Internet.

JOSÉ JÚLIO DA SILVA RAMOS

Nasceu no Recife, Pernambuco, a 6 de março de 1853, e faleceu no Rio de Janeiro, a 16 de dezembro de 1930. Diplomou-se em Direito pela Universidade de Coimbra; nessa permanência em Portugal frequentou a roda literária em companhia dos mais brilhantes espíritos lusitanos, em que se destacavam as figuras de Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, Cesário Verde, Fernando Leal. Cedo se mostrou voltado à poesia e em *Adejos*; publicados em Coimbra, em 1871, reuniu, aos dezoito anos, versos esparsos desde os dezesseis. Além de traduções em prosa, como a comédia de Milland *Péché vénier*, colaborou em revistas e jornais, como em *A Semana*, com o pseudônimo de Julio Valmor, *Renaissance*, *Revista Brasileira*, *Revista da Academia Brasileira*, *Revista de Filologia Portuguesa* (dirigida por Sílvio de Almeida e Mário Barreto), *Revista de Língua Portuguesa* (dirigida por Laudelino Freire), entre outros.

Desde cedo, retornando ao Brasil, se dedicou ao magistério particular e ao oficial, conquistado, por concurso, em 1907, a cátedra de Português do Internato do Colégio Pedro II, onde se fir-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

mou com fama de grande competência no conhecimento do idioma e exímio orador.

No magistério, despertou nos seus alunos o gosto do estudo da língua e o aperfeiçoamento expressivo do texto escrito, como o comprovam os testemunhos de Sousa da Silveira, Antenor Nascentes, Manuel Bandeira, Aloísio de Castro, Caio de Melo Franco, Castro Meneses, Paulo Araújo e tantos outros. Não sendo autor de muitos textos de natureza gramatical e filológico, Laudelino Freire reuniu-lhe esparsos numa coletânea a que deu o título *Pela vida fora*, em 1922. Foi um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras e escolheu para patrono da cadeira 37 o poeta português Tomás Antônio Gonzaga. Na Academia e fora dela foi fervoroso defensor da reforma ortográfica portuguesa de 1911.

Obras: *Adejos* (poesia), Coimbra, 1871; *Pela vida fora*, Rio de Janeiro, 1922; *Camilo Castelo Branco* (anotações por S. Ramos) – *Estante Clássica da Revista de Língua Portuguesa*, vol. VIII, Rio de Janeiro, 1922; *a Reforma Ortográfica e a Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, 1926.

Referência: Pereira de Carvalho, Os Membros da Academia Brasileira de Letras em 1915, Rio de Janeiro, 1916; Clóvis Monteiro, *Nova Antologia Brasileira*, 19^a ed., Rio de Janeiro, 1966.

Veja mais sobre [José Júlio da Silva Ramos](#) na Internet.

JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Filho de José Bernardino Pereira e D. Maria Moreira Pereira, nasceu em Dom Cavate (MG), aos 23 de setembro de 1946, tendo tido uma formação religiosa no Seminário dos Padres Vocacionistas (em Itambé – BA), em cuja Congregação chegou a fazer os votos de pobreza, obediência e castidade e onde começou sua carreira docente, lecionando no Colégio Gilberto Viana (1969-70).

Fez exames supletivos de primeiro e segundo graus e exames de suficiência para o ensino superior, tendo saído do exame de admissão no final de 1964 e admitido oficialmente como docente em 1969, com registro do MEC definitivo de 1970. Graduado em Letras pela FAHUCE em 1976, pós-graduado em Metodologia do Ensino Superior (UESA) e em Língua e Literatura do Século XVI em Portugal (UERJ) em 1982, fez mestrado (1987) e doutorado (1992) em Filologia Românica na UFRJ.

Tem participado de mais de uma centena de reuniões científicas, nacionais e internacionais, com produção acadêmica con-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

centrada basicamente nas especialidades de Ecdótica, Filologia, Língua Portuguesa, Língua Latina e Tradução.

Como docente, atuou no ensino de primeiro e segundo graus até 1997, principalmente no Rio de Janeiro, na rede pública e na particular. No ensino superior, iniciou na Veiga de Almeida (1988) e depois se fixou na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (desde 1990), tendo atuado como Professor Visitante na Universidade Federal do Acre e como membro de bancas de exame de mestrado, doutorado e concursos públicos para seleção de docentes de ensino superior na UFRJ, na USP e na UERJ.

Com uma vasta produção acadêmica, tem mais de 200 trabalhos publicados, considerando-se a sua totalidade, ora como editor, ora como autor, seja em forma de resumos de participações em reuniões científicas, textos integrais em anais de congressos ou em revistas especializadas e alguns livros que traduziu ou que produziu originalmente.

Destaquem-se os seguintes, que podem ser de maior interesse: Questões apologeticas: edição crítica (dissertação de mestrado de que foram editadas três versões resumidas: uma em livro – Língua e Inquisição no Brasil de Pombal, pela EDUERJ, e duas em revistas especializadas – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1987, e nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 1993); A Amazônia no século XVIII: um roteiro de viagem. Tese de doutorado publicada resumidamente

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

com o título de Roteiro da viagem da cidade do Pará até às últimas colônias dos domínios portugueses em os rios Amazonas e Negro; Autos da Devassa: prisão dos letrados do Rio de Janeiro (1794), Manual de Linguística Romântica, de Benedek Elemér Vidos (tradução); Ensaio sobre o belo, de Diderot (tradução e edição); Poesias de Gregório de Matos (Edição diplomática do códice 50, 3, 16 da Biblioteca Nacional); Ensaios de Fraseologia; O desenvolvimento da Linguagem; Ainda Há Esperanças: a Família e a Fé; Latim: elemento número 1 da Linguística Romântica de Édouard Bourcier (tradução).

Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq Crítica Textual e Edição de Textos, desde 1995; Diretor-Presidente do Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos desde 1997, reeleito para o biênio 2001-2002; Coordenador Geral do Congresso Nacional de Linguística e Filologia, desde 1998; Procientista da UERJ desde 1996, quando foi criado o programa; Segundo Secretário da Academia Brasileira de Filologia desde 2000; pertence ainda à Associação de Linguística Aplicada do Brasil (ALAB), à Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário (APML), à Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA), à Sociedade Brasileira de Língua e Literatura (SBLL) e à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Veja mais sobre [José Pereira da Silva](#) na Internet.

JOSÉ VENTURA BOSCOLI

Patrono da Cadeira nº 28. José Ventura Boscoli 2º, nasceu na cidade do Rio de Janeiro a 9 de abril de 1855. Foi funcionário público do Tesouro Nacional e professor de Língua Portuguesa, de Francês e de Inglês. Dirigiu a Escola Santa Isabel, então mantida pela Associação promotora da instituição a *Ordem da Rosa*, da qual foi cavaleiro, organização civil e militar brasileira de mérito, instituída em 1829, na época do Império, por ocasião do casamento de D. Pedro I com a princesa Amélia de Leuchtenberg e abolida em 1889, quando foi proclamada a República. A obra de José Ventura Boscoli 2º estende-se da dramaturgia à gramática; da ope-reta aos livros da gramática da puerícia, registrando a norma da língua vernácula das últimas décadas do século XIX São elas:

- a) *Língua vernácula, ortografia: estudo raciocinado segundo os princípios modernos da ciência*, Rio de Janeiro, é de 1885.
- b) *Noções de análise*, de 1888, é obra conjunta com o Prof. Manoel Pacheco da Silva e refere-se à análise fonética, etimológi-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

ca e sintática. Sua colaboração se adstringiu à parte sintática da obra.

c) *Gramática portuguesa*, em 1887, com a colaboração de João Zeferino Rangel de Paio.

d) *Gramática portuguesa: um estudo racionado segundo os princípios hodiernos da ciência da linguagem*, 1893/1894, em fascículos.

Veja mais sobre [José Ventura Boscoli](#) na Internet.

JOSÉ VIEIRA COUTO DE MAGALHÃES

(N. 01/11/1837 - F. 14/09/1898)

Nascido em Diamantina, Minas Gerais, Couto de Magalhães foi um infatigável estudioso dos nossos sertões e das línguas indígenas. Envolvido na política do império e filiado ao partido liberal, presidiu as províncias de Goiás, Pará, Mato Grosso e São Paulo. Atuou decisivamente na reconquista de terras da província mato-grossense, oprimidas por invasores durante a Guerra do Paraguai. Tão importante foi sua atuação que, embora na condição de civil, foi galardoado com o posto de Brigadeiro do Exército. Pesquisador dos povos indígenas, excursionou por sertões e selvas brasileiras estudando a vida dos índios. São suas obras mais importantes: *O Selvagem* (1876), tratado do idioma, dos costumes, mitos e usanças dos nossos índios; *Os Guaianases ou A Fundação de São Paulo* (1860); *Viagem ao Rio Araguaia* (1863); *Anchieta: as raças e línguas indígenas* (1897). Fiel à monarquia, Couto de Magalhães retraiu-se da vida pública após a proclamação da República em 1889, mas se manteve um vigilante corajoso contra

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

abusos e violências praticados na sociedade de seu tempo. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 61 anos de idade.

Veja mais sobre [José Vieira Couto de Magalhães](#) na Internet.

JÚLIO NOGUEIRA

NOGUEIRA, Júlio. Nasceu em Fortaleza, Ceará aos 15 de setembro de 1873. Seus pais Joaquim Nogueira de Holanda Lima e Mariana de Menezes Nogueira. Em sua cidade natal fez o curso primário e, em continuidade, ingressou no seminário episcopal. Não lhe foi possível fazer curso superior por lhe faltarem recursos para isso.

Em 1894, casou-se com D. Clotilde A. da Silva. Em 1895, mudou-se para Manaus onde ocupou cargos importantes, como secretário da biblioteca pública, oficial de gabinete do governador Silvério José Nery, diretor da imprensa oficial. Por concurso público, conseguiu as cadeiras de língua portuguesa e literatura nacional e portuguesa na escola normal e numa escola complementar. Colaborava em vários jornais do Estado.

Em 1915, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde retomou suas atividades docentes como regente de turmas da antiga escola Normal e no Colégio Pedro II, onde foi catedrático interino de portugueses, franceses e literatura.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em 1938, viu-se na contingência de deixar o Colégio Pedro II em razão de uma lei de desacumulação.

De seus concursos públicos, devemos ressaltar o que fez para a antiga escola Normal em 1916 e o do Colégio Pedro II, em 1917, onde obteve o segundo lugar.

No Rio, escreveu para vários jornais sobre assuntos de linguagem, especialmente no *Jornal do Commercio*.

A Academia Brasileira de Letras premiou-o três vezes por suas obras no campo do vernáculo e na difusão do ensino primário.

Além da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi seu sócio fundador (cadeira número 09), era membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do IBECC (Instituto Brasileiro de Educação e Cultura), do PEN-Club do Brasil.

Foi ainda professor do DASP onde organizou os primeiros cursos por correspondência.

De sua grande produção intelectual, foi possível registrar as seguintes:

A Linguagem – tese de concurso Amazonas, 1095.

O menor esforço na linguagem – tese de concurso, Rio, 1917, para o Colégio Pedro II.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O conceito de correção na linguagem. Ideias gerais sobre a formação literária luso-brasileira. Tese de concurso, Rio, 1935.

O exame de português. Rio, 1918.

A linguagem usual e a composição. Rio, 1929, prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira de Letras.

Breviário da grafia oficial. Rio, 1924.

Manual ortográfico brasileiro. Rio, 1921. Segundo Prêmio Alves da Academia Brasileira de Letras.

O programa de português – primeira e segunda séries (1938), terceira série (1939), quarta série (1941), quinta série (1942).

O programa de português (admissão).

O programa de português (gramática das 4^a séries).

O programa de português (antologia para terceira e quarta séries).

O programa de português (antologia para a primeira e segunda séries).

A difusão do ensino primário no Brasil. Rio, 1923, primeiro prêmio Alves da Academia Brasileira de Letras.

Do Rio de Janeiro ao Guaycacholi (estudo sobre a região do alto Paraná).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A madeira – Mamoré (monografia publicada pelo *Jornal do Commercio* e reproduzida em boletim do Ministério da Viação).

Veja mais sobre [Júlio Nogueira](#) na Internet.

JULIO NOGUEIRA

Nasceu em Fortaleza, Ceará, aos 15 de setembro de 1873. Seus pais Joaquim Nogueira de Holanda Lima e Mariana de Menezes Nogueira. Em sua cidade natal, fez o curso primário e, em continuidade, ingressou no Seminário Episcopal. Não lhe foi possível fazer curso superior por lhe falarem recursos para isso

Em 1894, casou-se com D. Clotilde da Silva. Em 1895, mudou-se para Manaus onde ocupou cargos importantes como Secretário da Biblioteca, Oficial De Gabinete do Governador Silvério José Nery, Diretor Da Imprensa Oficial. Por Concurso Público, conseguiu as cadeiras de Língua Portuguesa e Literatura Nacional Portuguesa na Escola Normal e numa escola complementar

Colaborava em vários jornais do Estado.

Em 1915, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde retomou suas atividades docentes como Regente de turmas da antiga Escola Normal e no Colégio Pedro II onde foi Catedrático Interino de Português, Francês e Literatura.

Em 1938, viu-se na contingência de deixar o Colégio Pedro II em razão de uma lei de desacumulação.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

De seus concursos públicos devemos ressaltar o que fez para a antiga Escola Normal em 1916 e o do Colégio Pedro II em 1917 onde obteve o segundo lugar.

No Rio, escreveu para vários jornais sobre assuntos de linguagem, especialmente no Jornal do Comércio.

A Academia Brasileira de Letras premiou-o três Vezes por suas obras no campo do vernáculo e na difusão do Ensino Primário.

Além da Academia Brasileira de Filologia, da qual foi seu Sócio Fundador (Cadeira Número 09), era Membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, do Ibuc (Instituto Brasileiro de Educação e Cultura), do Pen Club Do Brasil.

Foi ainda Professor do Dasp onde organizou os primeiros cursos por Correspondência.

De Sua Grande Produção Intelectual, foi possível registrar as seguintes:

A Linguagem – Tese de Concurso Amazonas, 1905.

O Menor Esforço na Linguagem – Tese de Concurso, Rio, 1917, para o Colégio Pedro II.

O conceito de Correção na Linguagem. Ideias Gerais sobre a Formação Literária Luso-Brasileira. Tese de Concurso, Rio, 1935.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

O Exame De Português. Rio, 1918.

A Linguagem Usual e a Composição. Rio, 1929, Prêmio Francisco Alves da Academia Brasileira De Letras.

Breviário da Grafia Oficial. Rio, 1924.

Manual Ortográfico Brasileiro. Rio, 1921. Segundo Prêmio Alves da Academia Brasileira De Letras.

O Programa de Português – Primeira e segunda Séries – 1938, Terceira Série- 1939, Quarta Série –1941, Quinta Série – 1942.

O Programa de Português (Admissão).

O Programa de Português (Gramática das 4 Séries)

O Programa de Português (Antologia para terceira e quarta séries).

O Programa de Português (Antologia para a primeira e segunda séries)

A Difusão do Ensino Primário No Brasil. Rio, 1923, Primeiro Prêmio Alves da Academia Brasileira de Letras.

Do Rio de Janeiro Ao Guaycacholi – (Estudo sobre a Região do Alto Paraná).

A Madeira – Mamoré (Monografia publicada pelo Jornal do Commércio e reproduzida em Boletim do Ministério da Viação)

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Obs. Impossível relacionar os numerosos artigos na imprensa do Rio e outros Estados sem uma aprofundada e demorada pesquisa.

Veja mais sobre [Júlio Nogueira](#) na Internet.

JUNITO BRANDÃO

Junito de Souza Brandão nasceu em Santo Antônio de Pádua, RJ, em 27 de abril de 1995. Destacou-se no mundo das Letras brasileiras pelo amor e devoção aos estudos clássicos. Seu primeiro trabalho acadêmico resume-se em um texto publicado em separata da *Revista Verbum*, de 1950, com o título de *A Tragédia de Sófocles: Édipo Rei*. Nessa época, Junito, um helenista promissor, contava apenas vinte e seis anos de idade. O artigo já revela o perfil de quem conhecia o mundo helênico não apenas pelas páginas dos livros, mas pelo contato pessoal com a cultura grega, já que, logo após sua licenciatura em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara, o jovem professor buscou aperfeiçoar-se em Arqueologia, Epigrafia e História da Grécia na Universidade de Atenas.

A opção pelas Letras Clássicas, entretanto, não foi pacífica, tendo em vista a forte resistência familiar, sobretudo do pai, Arthur de Souza Silvestre, que desejava ver o filho formado em Direito. Foi, assim, preparado para a vida jurídica numa escola secundária jesuítica, mas como não conseguiu evitar o seu pendor para as Letras, explorou, em várias obras publicadas, o seu pro-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

fundo estudo de grego, latim, sânscrito em bibliografia de língua alemã, inglesa, francesa, italiana, espanhola e portuguesa. Desde 1949, exerceu o cargo de Supervisor e Professor da área de Letras Clássicas (Latim, Literatura Latina, Grego e Literatura Grega) na PUC do Rio de Janeiro, onde coordenou a Sala de Pesquisa Padre Augusto Magne.

Sua profícua atividade docente desenvolveu-se também no Instituto de Educação, Colégio Jacobina, Colégio Pedro II, Universidade Santa Úrsula e Universidade Gama Filho, onde foi Diretor, Vice-diretor, Conselheiro na Câmara de Legislação e Normas e Docente Pesquisador. Exerceu também o cargo de Diretor da Academia Brasileira de Teatro do Rio de Janeiro no período de 1956 a 1971. Fundou e dirigiu o Instituto de Ensino Superior Celso Lisboa, onde atuou como titular entre 1972 e 1977. Em 1989, logrou ser aprovado em concurso para Professor Adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Em 1990, Júnito Brandão funda o Instituto C. G. Jung do Rio de Janeiro.

Dentre as instituições de pesquisa a que esteve vinculado, destacam-se a Sociedade Propagadora das Belas Artes, a Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos e o Instituto Internacional de Heráldica e Genealogia. Suas publicações abrangem preocupações didáticas com a gramática latina, como *O Latim para o Vestibular*, *Latim para o Ginásio* (3^a e 4^a séries), onde fica ressaltada a importância do estudo latino para o estudante brasileiro que venha a

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

conviver profissional e afetivamente com elementos herdados da Roma Antiga. O alcance de suas obras é do interesse de todos aqueles envolvidos com o texto escrito, tais como professores, atores, jornalistas, críticos de arte e artistas em geral.

Junito dedicou-se como poucos ao estudo da mitologia grega, que, em suas palavras, lhe conferira capacidade de compreensão das línguas grega e latina, bem como e sobretudo de suas respectivas literaturas. Publicou vários títulos referentes à cultura greco-romana: *Os Idílios, de Teócrito e As Bucólicas, de Vergílio, Empréstimos Gregos nas Éclogas de Vergílio; De Homero a Jean Coctean, Teatro Grego: Origem e Evolução e Teatro Grego: Tragédia e Comédia*. Refira-se também a suas traduções diretas do grego: *Édipo Rei* (Sófocles), *Hécuba, O Ciclope* (Eurípides), *As Rãs, As Nuvens e As Vespas*, (Aristófanes), *Os Persas* (Ésquilo), todas com introdução e comentário crítico esclarecedor, sobretudo para os iniciantes. Pela Editora Vozes, deixou bibliografia indispensável para o estudo da mitologia: *Mitologia Grega; Helena: o Eterno Feminino; Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega e Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana*, obras meritórias sob todos os aspectos. Junito Brandão faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 15 de maio de 1995.

Veja mais sobre [Junito de Souza Brandão](#) na Internet.

LAUDELINO DE OLIVEIRA FREIRE

Laudelino de Oliveira Freire nasceu em Lagarto, Sergipe, em 26 de janeiro de 1873, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ), em 18 de junho de 1937.

Laudelino Freire foi advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo; foi eleito, em 16 de novembro de 1923, para a cadeira 10 da Academia Brasileira de Letras, na sucessão de Rui Barbosa, tendo sido recebido, em 22 de março de 1924, pelo acadêmico Aloísio de Castro; na Academia Brasileira de Filologia, instaurou a cadeira 36.

Foi aluno da Escola Militar do Rio de Janeiro, tendo interrompido o curso por razões de saúde. Em 1902, formou-se em direito.

Além de advogar, exerceu cargos públicos, labutou no magistério e também no jornalismo, onde atuou sob os pseudônimos de Lof e Wulf.

Fixou residência no Rio de Janeiro, após cumprir três mandatos como deputado estadual na Assembleia Legislativa de

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Sergipe. Naquela oportunidade, foi professor catedrático do Colégio Militar do Rio de Janeiro, onde lecionou várias disciplinas (português, espanhol, geografia, história e geometria) e consolidou a sua carreira de escritor, jornalista e filólogo.

Na condição de jornalista, Laudelino Freire dirigiu a *Gazeta de Notícias* e colaborou com diversos jornais brasileiros, dentre os quais se destacam o *Jornal do Brasil*, *do Commercio* e *O País*, onde divulgou as suas ideias, dando mostras da sua ampla e diversificada bagagem cultural. Os artigos então escritos foram reunidos em *Notas e perfis*, obra de 11 volumes, composta entre 1925-1930, pela qual se comprova a alta qualidade da investigação, no campo dos estudos clássicos e filológicos brasileiros, realizada pelo autor.

Em 1918, fundou e dirigiu a *Revista da Língua Portuguesa*, espaço em que publicou trabalhos de sumo valor literário e filológico, como, por exemplo, a “Réplica de Rui Barbosa”. Os 68 volumes (até 1932) publicados dessa revista ainda hoje subsidiam os estudiosos da língua portuguesa; também fundou e dirigiu a “Estante Clássica”, cujo acervo conta com 15 volumes.

Laudelino Freire foi autor do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, elaborado com a colaboração de J. L. de Campos, Vasco de Lima e Antônio Soares Franco Júnior, publicado, postumamente, em 5 volumes.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

As questões referentes à simplificação da ortografia constituíram-se numa das grandes discussões com que o autor pautou o seu percurso de homem público de reconhecida e louvada qualidade.

Em 1920, Laudelino Freire, convidado pela Liga de Defesa Nacional, proferiu a conferência “A defesa da língua nacional”, dentro da programação em prol dos interesses brasileiros, em substituição a Olavo Bilac, intelectual precocemente falecido.

Sua obra, dada à luz por 40 anos de trabalho produtivo, varia em tema e área de interesse, incursionando pelas sendas da história, da crítica, filosofia, moral, pintura, filologia, literatura, fatos da língua, da linguagem e do estilo; a maneira com que divulgou a sua produção deixa clara a disposição do autor em partilhar generosamente as suas descobertas e reflexões de sorte a distribuir, indiscriminadamente, a quem por eles se interessasse, os tesouros da fortuna crítica, amealhados via pesquisa minuciosa e atenta. Mais que a gramática em que ele tão proficuamente operava, em diferentes níveis de discussão – desde os fazeres da Cátedra até os misteres jornalísticos –, a história, o desenvolvimento e o espírito da língua transplantada da Europa e aclimatada na *terra brasiliis* constituíram o seu compromisso maior e a sua mais proeminente paixão intelectual.

O acervo resultante da dedicação de Laudelino Freire aos assuntos concernentes aos fatos sociais, linguísticos e políticos do

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

seu tempo é expresso pelos seguintes títulos e campos de interesse:

a) antologia:

Sonetos brasileiros (1904); *Clássicos brasileiros* (1923);

b) crítica:

Sílvio Romero (1900); *Os próceres da crítica* (1911); *As suas contradições, resposta a Sílvio Romero* (1914);

e) ensaios:

Escritos diversos (1897); *Linhos de polêmica* (1901); *Rio Branco* (1918); *Clássicos brasileiros* (1923); *Discursos* (1925); *Livros de Camilo* (1925); *Notas e perfis*, em 11 volumes (1925-1930);

d) filosofia:

Estudos de filosofia e moral (1912);

e) história:

História de Sergipe (1900); *Um século de pintura* (1916);

f) linguística e filologia:

A defesa da língua nacional (1920); *Verbos portugueses* (1925); *Graças e galas da linguagem* (1931); *Seleta da língua portuguesa* (1934); *Linguagem e estilo* (1937); *Regras práticas para bem escrever* (1938; nova edição atualizada por Antônio Olinto, 2000); *Sintaxe da língua portuguesa* (1937).

Veja mais sobre [Laudelino de Oliveira Freire](#) na Internet.

LEODEGÁRIO AMARANTE DE AZEVEDO FILHO

Leodegálio A. de Azevedo Filho nasceu no dia 28 de janeiro de 1927, sendo registrado no dia 2 de fevereiro, no Recife, PE.

Mudou-se com a família, com pouco mais de um ano de idade, para o Rio de Janeiro, onde reside.

Bacharel em ciências e letras pelo Internato do Colégio Pedro II, em 1947, bacharel e licenciado em letras neolatinas pela atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em 1950 e 1951, respectivamente, doutor em letras (1962), bacharel em ciências jurídicas e sociais (1955), livre docente (1962), pela mesma universidade, onde foi professor titular, por concurso público de provas e títulos, chefe do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras, aposentando-se em 1990, após 33 anos de serviços prestados à Universidade. Fez estágio no Centro International de Estudos Pedagógicos em Sèvres, França, em 1961, frequentou o curso de linguística geral, na Sorbonne; curso do Instituto Latino-Americano de Linguística, em Montevidéu, em 1965; curso

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de pós-graduação em estudos sociais na Escola Superior de Guerra, em 1975.

Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, para ministrar cursos de pós-graduação, desde 1970. Professor visitante da Universidade Federal Fluminense – UFF, em curso de pós-graduação e exame e orientação de dissertações de mestrado. Professor visitante da Universidade de Coimbra, Portugal, em 1972, quando coordenou atividades universitárias no Instituto de Estudos Brasileiros. Coordenador da macroárea de letras vernáculas e membro da comissão de pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ.

Delegado permanente do Brasil junto ao Programa Interamericano de Linguística, Filologia e Ensino de Idiomas. Tem o título de professor emérito da UERJ. Exerceu inúmeros cargos e atividades em diversas áreas de educação e cultura em instituições estaduais e federais. Foi membro do Conselho de Cultura do Governo do Estado do Rio de Janeiro e vice-presidente do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC); diretor do Instituto Estadual do Livro (INE LIVRO); sócio correspondente da Academia Internacional de Cultura Portuguesa; acadêmico emérito da Academia Luso-Brasileira de Letras; membro do Conselho Estadual de Cultura; doutor *honoris causa* pela Universidade Fernando Pessoa, Porto – Portugal; e acadêmico correspondente da Academia das Ciências de Lisboa – Portugal; diretor da *Revista*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Brasileira de Língua e Literatura; membro da cadeira nº 33 e presidente da Academia Brasileira de Filologia; presidente eleito da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura; membro e presidente do Núcleo Internacional de Estudos Camonianos; membro da Academia Brasileira de Literatura; da Associação Brasileira de Educação; da Associação Brasileira de Imprensa; do PEN Clube do Brasil; da Association pour l'Étude et le Développement de la Traduction Automatique et de la Linguistique Appliquée; da Associação de Linguística e Filologia da América Latina; da Academia Brasileira de Língua Portuguesa; da Associação Galega da Língua (Espanha), e do Liceu Literário Português.

Tem participado de congressos, seminários e simpósios e é detentor de títulos honoríficos, prêmios e várias condecorações no Brasil e em outros países, sobretudo em Portugal, Espanha, França, Alemanha, dentre os quais se destacam a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, conferido pelo Governo de Portugal, a Medalha Anchieta, conferida pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, e o Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de obras, conferido pela Academia Brasileira de Letras, em 1995.

Além de mais de uma centena de artigos publicados em jornais literários e revistas especializadas na área de letras, mencionam-se os seguintes livros, selecionados num conjunto de mais de 70 títulos:

Alguns problemas do idioma, 1953;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Didática especial de Português, 1958;

A poética de Anchieta, 1962;

O verso decassílabo em Português, 1963;

A motivação e a orientação da aprendizagem no ensino da Língua Portuguesa, 1963;

Tasso da Silveira e seu universo poético, 1963 (Prêmio Sílvio Romero, de Crítica Literária, da Academia Brasileira de Letras);

As unidades melódicas da frase, 1964;

Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil, 1965;

Anchieta, a Idade Média e o Barroco, 1966 (Prêmio José Veríssimo, de Ensaio e Erudição, da Academia Brasileira de Letras);

Murillo Araújo e o Modernismo, 1967;

Gramática Básica da Língua Portuguesa, 1967;

Estruturalismo e crítica de poesia, 1970 (Prêmio Banco Regional de Brasília, no IV Encontro Nacional de Escritores);

Poesia e estilo de Cecília Meireles, 1970;

Para uma gramática estrutural da Língua Portuguesa, 1971;

Síntese crítica da Literatura Brasileira, 1971;

Ensaios de Linguística e Filologia, 1971;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

A técnica do verso em Português, 1971; *Poetas do Modernismo, 1971-1973* (com a colaboração de mais de 20 críticos literários sob sua coordenação, publicado em 6 volumes);

Uma visão brasileira da Literatura Portuguesa, Coimbra, Portugal, 1973;

Curso de Literatura Brasileira, 1975;

As Cantigas de Pero Meogo, 1974, editado na Espanha em 1995;

O cânone lírico de Camões, 1976;

A Lírica de Camões e o problema dos manuscritos, editado em Paris, 1978;

Um debate sobre o discurso literário, (em colaboração), 1982;

História da Literatura Portuguesa, vol. I: *A poesia dos trovadores galego-portugueses*, 1983;

As poesias de Anchieta em Português, 1984;

Os melhores poemas - Luís de Camões, 1984;

Manuel Maria Barbosa du Bocage – Poesia, 1985;

Lírica de Camões: vol. I: *história, metodologia, corpus*, Lisboa, Portugal, 1985;

Luís de Camões: a instabilidade da fortuna, 1985;

A obra de Anchieta e a Literatura Novilatina em Portugal, 1985;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Lírica de Camões: 1º Tomo dos Sonetos, Lisboa, Portugal, 1987;

Literatura Portuguesa: história e emergência do novo, 1987;

Iniciação em crítica textual, 1987;

Luís de Camões: ode ao Conde do Redondo, 1988;

Lírica de Camões: 2º Tomo dos Sonetos, Lisboa, Portugal, 1989;

Introdução à Lírica de Camões, Lisboa, Portugal, 1990;

Luís de Camões: 13 imagens e 1 poesia, Itália, 1990;

Estudos universitários de Linguística, Filologia e Literatura, 1990;

Camões, o desconcerto do mundo e a estética da utopia, 1995;

A configuração do real em Euclides da Cunha, 1996;

Lírica de Camões - Canções, III vol. 1995 – Odes, 1996, Lisboa, Portugal;

Lírica de Camões – Elegias em Tercetos, 1º tomo do vol. IV, 1998;

Ensaios de linguística, filologia eecdótica, 1998;

Obra em prosa de Cecília Meireles, 1º tomo do vol. II, 1999;

Lírica de Camões – Oitavas, 2º tomo do vol. IV, 1999;

Sobre o pensamento linguístico e filológico de Antônio Houaiss,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Obra em prosa de Cecília Meireles, *Crônicas de Viagem*, em três volumes. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1999;

Obra em prosa de Cecília Meireles, *Crônicas de Educação*, em 5 (cinco) volumes, Rio de Janeiro, 2000;

Apresentação do livro *A língua portuguesa e a unidade do Brasil*, de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 2000;

Três ensaios de literatura medieval galego-portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha, 2000;

Camões, épico, lírico e dramático. Rio de Janeiro, Editora Ágora da Ilha, 2001;

Lírica de Camões – Éclogas, tomo 1. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001;

Sobre o espaço da Nova Lusitânia. Agradecimento ao Governo de Portugal pela Comenda da Ordem do Mérito. Rio de Janeiro, ABRAFIL, 2002;

Guerra da Cal e a Estilística queirosiana. Rio de Janeiro, SBLL, 2003;

Análise de um poema da moderna literatura de Angola. Rio de Janeiro, ABRAFIL, 2003;

Melhores Crônicas de Cecília Meireles. São Paulo: Global Editora, 2003;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- O Contra-Iluminismo de Bocage.* Rio de Janeiro: SBLL, 2004;
- Os Sonetos de Camões.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004;
- Descrição e funcionamento da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2004;
- Base Teórica de Crítica Textual.* Rio de Janeiro, H.P. Comunicação, 2004;
- Debate sobre o discurso literário.* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2005;
- Estudos camonianos.* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2005;
- Camões: um soneto do corpus possibile.* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2005;
- Modernismos e pós-modernismos na literatura.* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2005;
- Castro Alves Redivivo.* Rio de Janeiro, SBLL, 2007;
- A narrativa de ficção em Clarice Lispector.* Rio de Janeiro, SBLL, 2007;
- Homenagem a Barbosa Lima Sobrinho.* Rio de Janeiro, SBLL, 2007;
- Ensaios de Literatura Brasileira,* Rio de Janeiro: H.P. Comunicação. 2007;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Os Lusíadas, de Luís de Camões. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2007;

Fernando Pessoa, seus heterônimos e a emergência do novo. Texto oferecido aos convidados presentes na solenidade de *Doutoramento Honoris Causa* pela Universidade Fernando Pessoa. Porto – Portugal, 2008;

Eça de Queiroz e o Romance Realista. Rio de Janeiro. Sociedade Eça de Queiroz, 2008;

Realismo e expressão do tempo na ficção de Machado de Assis. Rio de Janeiro, conferência realizada na Academia Brasileira de Letras, no dia 19 de agosto de 2008;

Machado de Assis: o Crítico Literário. Ensaio premiado pela Academia Brasileira de Letras – 1º lugar. Homenagem a Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro, 2009;

Dinamene: Alma minha gentil, que te partiste. Rio de Janeiro, 2009.

Obras de referência:

Estudos universitários de língua e literatura. Homenagem ao Professor Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993. Miscelânea de estudos com a colaboração

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

nacional e internacional de filólogos, linguistas, ensaístas e críticos literários. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1993.

Anais do Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literaturas de Língua Portuguesa. Comemorativo do 63º Aniversário da ABRAFIL e do 80º Aniversário do Professor Doutor Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro, Editora CCAA, 2008.

Veja mais sobre [Leodegário A. de Azevedo Filho](#) na Internet.

LINDOLFO GOMES³⁸

(Guaratinguetá, SP, 12/03/1875 – Rio de Janeiro, RJ, 15/05/1953)

Além de jornalista, exerceu o magistério de língua portuguesa e foi Inspetor de Ensino. A sua atividade intelectual foi intensa e variada, pois escreveu poemas, peças de teatro, romances, contos e ensaios. Foi também pesquisador, dedicando-se a investigações folclóricas.

Após a morte de J. L. de Campos, foi eleito para ocupar a cadeira nº 33 da Academia Brasileira de Letras, em 1945, com 70 anos. Também foi eleito para a Academia Carioca de Letras e para a Academia Mineira de Letras. Adotou o pseudônimo de Jaime de Faublas.

O principal estudo sobre a sua vasta e diversificada obra foi publicado por Joaquim Ribeiro: “A significação da obra de Lindolfo Gomes na cultura nacional”, Rio de Janeiro, Jornal do Commercio, 14 de fevereiro e 6 de março de 1932.

³⁸ Verbete redigido por Leodegário A. de Azevedo Filho

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Bibliografia:

Iriantes, 1894 (contos);

Alma em flor, 1896 (poesia);

Vida galante, 1896 (novela);

Rimance, 1897 (poesia);

Diorama, 1898 (poesia);

Marido conquistado, s. d. (narrativa de ficção);

Estudos de português, 1911 (filologia);

Festas escolares, 1912 (música);

O problema Crisfal, 1912 (ensaio de historiografia literária);

Folclore e tradições do Brasil, 1915 (folclore);

Contos populares, s. d. (folclore);

Nihil novi..., 1927 (folclore);

A autoria das cartas chilenas, 1932 (ensaio de historiografia literária);

45 sonetos, 1934 (poesia);

Folhas secas, 1939 (poesia);

Contos populares brasileiros, 1948 (folclore) e outras publicações sobre diversos assuntos e de menor interesse.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Além de estudioso do idioma, ficou mais conhecido como folclorista.

Veja mais sobre [Lindolfo Gomes](#) na Internet.

LUIZ CESAR SARAIVA FEIJÓ

Luiz Cesar Saraiva Feijó nasceu na Rua do Riachuelo, no bairro da Lapa, na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, em 3 de março de 1937. Filho de Cypriano Corrêa Feijó e Neide Dias Saraiva Feijó, é casado com Maria da Glória Costa Feijó com quem teve quatro filhos: Mônica Costa Feijó, advogada; Sílvio Costa Feijó, advogado; Luiz Cesar Saraiva Feijó Filho, Professor de Educação Física e Cláudio Costa Feijó, economista e químico têxtil.

Cursou o primário na Escola Pública Honduras, no bairro carioca de Jacarepaguá; ginásio, no Colégio Marista São José – internato; científico, no Colégio Souza Marques. É oficial da reserva R2, do curso de artilharia do CPOR/RJ, declarado aspirante a oficial, em 1959, Turma Olavo Bilac. É bacharel e licenciado em letras clássicas pela Universidade do Distrito Federal (UDF), hoje Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Por concurso de provas e títulos foi professor primário supletivo e de ensino médio do Estado da Guanabara, atual Rio de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Janeiro. Foi professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), lecionando linguística na graduação e pós-graduação do Instituto de Letras, e metodologia da pesquisa, no curso de mestrado da Faculdade de Direito. Lecionou inúmeras disciplinas do ciclo básico e profissional para os cursos de jornalismo, publicidade e propaganda, biblioteconomia, arquivologia e cinema, do Instituto de Artes e Comunicação Social, da Universidade Federal Fluminense, estando aposentado, desde 1996, como professor universitário adjunto nas duas universidades.

É mestre em comunicação, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi professor pesquisador, no segundo semestre de 1995, em Portugal, investigando a linguagem especial dos esportes de massa. Proferiu palestras em universidades portuguesas e em Bruxelas, Bélgica. É diplomado pela Escola Superior de Guerra (ESG), turma Oswaldo Aranha, de 1984. Foi diretor do setor de produção institucional da Televisão Educativa (TVE - Canal 2) do Rio de Janeiro, de 1980 a 1985. Ocupou uma das assessorias especiais do gabinete do secretário de justiça do Estado do Rio de Janeiro. Foi diretor-geral do Departamento do Sistema Penitenciário do Estado do Rio de Janeiro (DESIPE). Integrou o grupo de pesquisa do GOVERNO DO ESTADO / FAPERJ / SECRETARIA DE JUSTIÇA / UERJ, sobre a criminalidade no Estado do Rio de Janeiro. Foi professor de língua portuguesa em inúmeras escolas públicas e colégios de segundo grau do Estado

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

do Rio de Janeiro e no Colégio de Aplicação da UERJ, além de cursos preparatórios para engenharia e medicina, como Vetor e Miguel Couto. Atualmente é correspondente do jornal português, *O Progresso da Foz*, da cidade do Porto e leciona nos cursos de jornalismo, publicidade e propaganda do Centro Universitário UNIANDRADE, da cidade de Curitiba, onde reside. Dirigiu setores especializados em publicações, como Pesquisas Brasileiras, que editou várias obras filológicas, entre elas a *Miscelânea Filológica em Honra à Memória do Professor Clóvis Monteiro*, em 1965. Foi articulista no *Jornal dos Sports*, *Diário de Notícias* e *Jornal do Commercio*. Colabora em revistas especializadas sobre sociologia dos esportes de massa e faz parte da comissão editorial da revista *Pesquisa de Campo* do Centro de Sociologia do Futebol, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Foi condecorado com as medalhas Amigo da Marinha e Roquete Pinto, em Brasília e Rio de Janeiro, respectivamente.

Publicou as seguintes obras:

A – POESIA:

- 1- *Morro que morre*. Rio de Janeiro, Ed. Do Professor, 1964 (Prêmio Universidade do Ar - Gilson Amado, 3º lugar);
- 2- *Remorro*. Rio de Janeiro, Liv. Ed. Eldorado-Tijuca, 1968;
- 3- *Relírica*. Rio de Janeiro, 1970 (Prêmio Augusto Motta, 2º lugar);

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

4- *Poemas de cor e amor.* Rio de Janeiro, 1989.

B – DIDÁTICOS (coautoria):

- 1- *Lições de latim.* Rio de Janeiro, Gráfica Editora Rio São Paulo, 1961;
- 2- *Português em bases linguísticas.* Rio de Janeiro, Nobre Gráfica Editora, 1970;
- 3- *Português para o Curso Normal.* Rio de Janeiro, Nobre Gráfica Editora, 1970;
- 4- *Português pelo teste de múltipla escolha.* Rio de Janeiro, Apex Editora, 1970;
- 5- *Português no 2º Ciclo.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971;
- 6- *Português no 2º Grau.* São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1972;
- 7- *Português: gramática e exercícios.* V.I, II, III. Rio de Janeiro, Nossa Editora, 1973;
- 8- *Testes de Português para o vestibular.* Rio de Janeiro, Ed. Gernasa, 1973;
- 9- *Português - Vestibular - Vol. I e II.* Rio de Janeiro, Ed. Vetor, 1973.

C – DIDÁTICOS:

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

- 1- *Teoria da Comunicação I.* Rio de Janeiro, Gráfica Miguel Couto, 1975;
- 2- *Teoria da Comunicação II.* Rio de Janeiro, Gráfica Miguel Couto, 1975;
- 3- *Teoria da Comunicação III.* Rio de Janeiro, Gráfica Miguel Couto, 1975;

D – DIVERSOS:

- 1- *Um projeto para a implantação da Radio-escola do Colégio Estadual Gomes Freire de Andrade* (coautoria). Rio de Janeiro, 1972;
- 2- *Um estudo sobre Marfim Cererê de Cassiano Ricardo* (coautoria). Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1974;
- 3- *Um estudo sobre Espumas Flutuantes de Castro Alves* (coautoria). Rio de Janeiro, Edições Gernasa, 1974;
- 4- *A Rádio Relógio Federal, um meio quente de comunicação de massa* (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social). Rio de Janeiro, Escola de Comunicação da UFRJ, 1980;
- 5- *Desemprego, subemprego e emprego: suas dimensões como indicadores da avaliação da conjuntura brasileira atual* (Dissertação apresentada à ESG). Rio de Janeiro, Escola Superior de Guerra, 1984;

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

6- *A linguagem dos esportes de massa e a gíria no futebol.* Rio de Janeiro, UERJ/Tempo Brasileiro, 1994;

7- *Brasil X Portugal, um derby linguístico.* Rio de Janeiro, SBLL, 1998;

8- *Balançando o véu da noiva: a linguagem figurada do futebol,* 2001.

Veja mais sobre [Luiz César Saraiva Feijó](#) na Internet.

MANOEL CAVALCANTI PROENÇA

Manoel Cavalcanti Proença nasceu em Cuiabá, a 15 de julho de 1905, filho de Alexandre Leite Proença, que faleceu 15 dias após o nascimento do filho, e de Dona Esmeralda Deschamps Cavalcanti Proença. Proença fez o curso primário na Escola Barão de Melgaço em Cuiabá. Em 1918, estudou no Liceu Cuiabano, e, no ano seguinte, no Rio de Janeiro (GB), matriculando-se no Colégio Militar, onde tinha direito a bolsa de estudos por ser órfão de militar.

Quando criança incutiu-lhe a mãe o gosto pelos livros, lendo romances de escritores brasileiros para o filho, conduzindo-o ao hábito da leitura, o que o levou a frequentar biblioteca, e, entrando em contato com Camilo, Latino Coelho, Herculano, Garret, Eça de Queiroz, Machado de Assis e Euclides da Cunha. Ainda no 3º ano, começou a colaborar em *A Aspiração*, jornalzinho da escola. Em virtude, de suas atividades literárias, ganhou um concurso de contos, publicando sonetos e crônicas.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Em fins de 1923, voltou à terra natal, e, logo depois, ingressou na Escola Militar de Realengo (GB), onde o ambiente era bastante agitado, devido às revoluções de 1922 e 1924. Sendo desligado, foi para o IV Regimento de Cavalaria Divisionária, em Três Corações (MG). Seguiu depois para o Paraná, voltando a Três Corações, como terceiro sargento de cavalaria. Em 1930, casou-se com dona Esmeralda Cavalcanti Proença, carioca. Nesse ano, concluiu o curso da Escola Veterinária do Exército no Rio de Janeiro. Terminado o curso dedicou-se a estudos de biologia e publicou vários trabalhos de pesquisas em zoologia e esteve, durante quase dois anos, em missão cultural do Ministério do Exterior, no Paraguai. Voltando ao Brasil não abandonou a literatura, sempre lendo e escrevendo contos.

Esteve no Nordeste, em perseguição à Coluna Prestes, desceu o São Francisco, viajando pelo sertão de Minas, Bahia, Pernambuco, Piauí, Sul do Maranhão, até Natividade de Goiás. Em 1945, esteve no Paraguai, onde foi professor do Colégio Militar daquele país. Em 1950, recebeu primeiro prêmio no concurso de ensaios promovido pelo governo de São Paulo, com o *Roteiro de Macunaíma* a respeito da obra de Mário de Andrade. Em 1953, publicou o primeiro livro de contos, *Uniforme de Gala. Ritmo e Poesia – ensaios 1955. Nove anos de Praça, 1956. Augusto dos Anjos e outros ensaios. Manuscrito holandês, Malaquias e Corumbé. Nossos clássicos, nº 50, Agir, 1960. Interpretação e crítica*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

literária sobre José de Alencar (obras completas) Aguilar, RJ.
Iracema (ed. centenária) Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro,
1965. *Estudos Literários*, prefácio de Antônio Houaiss, ed. póstuma – Rio, 1971. Literatura de Cordel, São Paulo, 1971.

Veja mais sobre [Manuel Cavalcanti Proença](#) na Internet.

MANOEL PINTO RIBEIRO

O professor Manoel Pinto Ribeiro nasceu na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Pilares, aos doze de abril de mil novecentos e trinta e sete. Filho de Antônio Pinto Ribeiro, já falecido, natural do Porto, Portugal, e de Rosalina de Souza Ribeiro, filha de portugueses.

Sua formação escolar e universitária foi realizada apenas em entidades públicas. Cursou o *Colégio Pedro II* (ginásio e científico) Externato (Centro) – tendo sido submetido a provas escritas e orais, em concurso público. Bacharel em letras clássicas pela UEG (1960) – admitido em concurso de provas escritas e orais, em 1958. Licenciado em letras clássicas pela UEG (1961). Mestre de letras em língua portuguesa pela UFF (1978) – admitido em provas escritas, orais e de títulos, aprovado com conceito A, e doutor pela mesma universidade.

É professor titular de língua portuguesa do Centro Universitário Augusto Motta, onde leciona desde 1972, sendo o decano do Departamento de Letras dessa Instituição.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Professor assistente de língua portuguesa da UERJ – 1º colocado dentre 17 candidatos, em provas escrita, de aula e de títulos, em outubro de 1993, exercendo sua função de professor assistente, desde 14.3.1994. Foi examinado pelos professores doutores Olmar Guterres da Silveira, Horácio Rolim de Freitas e Rosalvo do Valle. Em 1990, 1991 e 1993, trabalhou como professor contratado, lecionando língua portuguesa, no Instituto de Letras e na de Comunicação Social da UERJ.

Foi coordenador do setor de língua portuguesa do Instituto de Letras da UERJ, no período de março de 1994 a fevereiro de 1996.

Autor de livros didáticos:

1. *Interpretação: pensamento, expressão, comunicação* (1973, esgotado), em coautoria com Danton Pedro dos Santos;
2. *A nova acentuação gráfica*, em duas edições: a primeira pela Editora Record, em 1975; a segunda em 1975, edição do autor;
3. *Gramática aplicada da língua portuguesa*, em 11^a edição (2^a tiragem em fevereiro de 2001). A primeira edição foi lançada em fevereiro de 1976. Em várias edições houve necessidade de reimpressão da obra, em virtude da grande aceitação do trabalho nos meios escolares, principalmente no grau médio de ensino. Nesse trabalho, que visa, em primeiro lugar, ao ensino de 2º grau, o Prof. Manoel se vale também das lições da linguística, destacando-se: 1.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

distribuição dos fonemas pelo grau de abrimento; 2. discussão de outros critérios para a classificação de vogais e consoantes; 3. distinção entre flexão e derivação; 4. estudo dos afixos derivacionais sob critério exclusivamente sincrônico; 5. conceito funcional de pronome; 6. visão sintagmática dos elementos frasais. Juntando-se à teoria gramatical, o livro apresenta cerca de 3.500 exercícios sobre os assuntos discutidos. O trabalho vem sendo utilizado em colégios oficiais e particulares de bom nível. Em algumas lições, como fonética, fonologia e morfologia, há conceitos que interessam ao ensino de 3º grau.

Em recente resenha (2000) sobre a Gramática aplicada da língua portuguesa, em sua 11ª edição, o acadêmico Amós Coêlho da Silva assim se expressa:

O Prof. **Manoel Pinto Ribeiro**, licenciado pela UERJ e com pós-graduação na UFF, sempre se preocupou com o ensino médio da língua portuguesa. Sua experiência, em salas de aula no segundo grau e em preparatórios para o vestibular, proporcionou-lhe um embasamento adequado para iniciar um trabalho mais acurado dos estudos gramaticais. Assim, publicou a primeira edição de sua obra em 1976. Hoje, após sucessivos acréscimos, o livro se encontra em décima primeira edição. É de se ressaltar que uma mesma edição, por inúmeras vezes, teve de ser reimpressa, tal o interesse pela maneira simples, correta e didática de seus ensinamentos.

Cedo ingressou no magistério de terceiro grau, sendo Professor Titular do Centro Universitário Augusto Motta e Professor Assistente da UERJ, por concurso de provas e títulos, em que conquistou o primeiro lugar entre os candidatos inscritos. E, ainda, membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, onde ocupa a cadeira número 18, cujo patrono é Carlos de Laet.

Sua experiência didática no ensino superior, com acompanhamento dos progressos da linguística, trouxe para sua principal obra um enriquecimento de conceitos emitidos por grandes nomes da pes-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

quisa acadêmica, quer do Brasil, quer de outros países, onde se procura desenvolver trabalhos de aplicação desses ensinamentos às línguas modernas.

Sem ultrapassar os limites da compreensão do fenômeno linguístico, o Prof. Manoel agasalhou dezenas de fatos descritos em obras de Mattoso Câmara Jr., Olmar Guterres da Silveira, Castelar de Carvalho, Leodegário Amarante de Azevedo Filho, Antenor Nascentes, Sousa da Silveira, Evanildo Bechara, Rocha Lima, Celso Cunha, Horácio Rolim de Freitas, Antônio José Chediak, Othon Moacir Garcia, Bernard Pottier, Roman Jakobson, Leonor Sciar Cabral, Dino Pretti, Ferdinand de Saussure, N. Troubetzkoy, para citar apenas alguns autores dentre muitos consultados.

Como ilustração de alguns assuntos da gramática, ressaltem-se: a dupla articulação da linguagem; teoria da comunicação – funções da linguagem; norma, disciplina gramatical, registros linguísticos; grammaticalidade e agramaticalidade; o léxico português, técnica de redação em base denotativa e conotativa; descrição do sistema da língua portuguesa nos planos fonético e morfossintático; noções de semântica sincrônica. Além disso, o livro apresenta sessenta textos, para análise e interpretação, e centenas de exercícios que acompanham a teoria exposta em dezesseis capítulos, num total de quatrocentos e quarenta e oito páginas.

Professor universitário desde 1972, vem participando de inúmeros congressos e simpósios de língua, linguística e literatura, sempre procurando aprimorar-se. Ressaltem-se, como ilustração: *Curso de Linguística e Língua Portuguesa* (1972), *As correntes modernas da Linguística, Modernismo da Literatura Portuguesa*, *Linguística aplicada ao ensino da Língua Portuguesa* (1973), *Semântica textual e estrutural* (I e II, 1974), *Fundamentos da Linguística moderna, Literatura moderna no Brasil e em Portugal, O verbo na doutrina estruturalista* (1974), *Congresso Nacional de estudos de Linguística e Literatura* (doze congressos, realizados de 1976 a 1987, no Centro Universitário Augusto Motta), *Semanas de Letras* (no total de nove, realizadas de 1981 a 2000, no Centro

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Universitário Augusto Motta), *Simpósio internacional de Língua Portuguesa em África e no Oriente* (Liceu Literário, de 24 a 28.4.1995), *1ª Semana de estudos de Língua Portuguesa* (Liceu Literário, de 23 a 27.10.1995), *1º Encontro Nacional de Filologia* (UERJ, 07 a 10.10.1996), *XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura* (UERJ, de 22 a 26.07.1996), *Fórum de estudos linguísticos* (na UERJ, num total de cinco, de 1996 a 2000), *XXIX Congresso Brasileiro de Língua e Literatura em Língua Portuguesa* e *1º Congresso internacional de estudos camonianos* (21 a 25.7.1997, na UERJ), *1º Seminário de filologias clássica e romântica* (UERJ, de 05 a 06.11.1997), *XXX Congresso nacional de Língua e Literatura* (UERJ, de 27 a 31.7.1998).

Veja mais sobre [Manoel Pinto Ribeiro](#) na Internet.

MANUEL SAID ALI IDA³⁹

Manuel Said Ali Ida nasceu em Petrópolis, aos 21 de outubro de 1861 e faleceu no Rio de Janeiro, aos 27 de maio de 1953. Embora não tivesse exercido o magistério de língua portuguesa, foi o mais original investigador dos fatos gramaticais do idioma, desenvolvendo teses até então desconhecidas no domínio da pesquisa linguística em nosso país. Apoiado em mestres alemães, especialmente Wundt, Paul, Gabelentz, Brugmann, Osthoff, Sievers, além de Sayce, Bourdon e Saussure, não dissociou dos estudos da linguagem o indivíduo falante, a sua intenção comunicativa, o que fez praticar, *avant la lettre*, a interpretação estilística na sua mais nobre e enriquecedora acepção. Os três ensaios publicados na *Revista Brasileira* em 1895 (Estudos de Linguística: I – Os verbos sem sujeito; II – A colocação dos pronomes pessoais; III – A acentuação segundo publicações recentes), estudos que ampliados iriam constituir capítulos das *Dificuldades* (1908), fugiam completamente da orientação vernaculista e purista dominante na maioria dos estudiosos da época, na trilha dos consultórios gramaticais de

³⁹ Verbete redigido por Evanildo Cavalcante Bechara.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Cândido de Figueiredo, Professor, catedrático, por concurso, de alemão da Escola Militar (1890) e do Colégio Pedro II, dedicou-se também ao ensino da geografia, para cujo domínio escreveu, em 1905, o *Compêndio de Geografia Elementar*.

Exerceu o magistério em colégios particulares, regendo as cadeiras de alemão, geografia, francês e inglês. Preparou livros originais e adaptações de autores alemães para esta área: *Gramática alemã*, e livros didáticos de Ploetz, Hausknecht, Kuhn, Rossman-Schmidt, que integravam a série Ensino Moderno de Línguas Vivas, da Livraria Laemmert, no Rio de Janeiro. Comissionado pelo governo, foi à Europa estudar a organização do ensino secundário e particularmente o das línguas vivas, de cuja missão resultou, em 1896, um *Relatório* apresentado ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, órgão a que o ensino estava vinculado. Resumo deste relatório é o artigo *Metodologia e Ensino*, saído na *Revista do Pedagogium*, em maio do mesmo ano. Colaborou em revistas especializadas e jornais sobre temas linguísticos e literários. Para a Livraria Laemmert, a partir de 1985, prefaciou edições de autores brasileiros: Casimiro de Abreu; Gonçalves Dias e Castro Alves, bem como a tradução das *Primeiras Noções sobre as Ciências*, de Th. Huxley. Convidado por Capistrano de Abreu, preparou-se para a Melhoramentos, de São Paulo, a série de gramáticas da língua portuguesa. Said Ali, nessa coleção de gramáticas, pôs em prática dicotomias saussurianas, pela primeira vez utilizadas

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

em língua portuguesa, como o conceito de sincronia e diacronia; por esta razão, por exemplo, compôs uma gramática histórica sem começar pelo latim, mas sim partindo de sincronias mais próximas, que são o português arcaico e o português dito clássico (séc. XVI e XVII). A novidade nem sempre foi entendida à época. Até pouco antes de falecer, pesquisava e publicava artigos para a *Revista de Cultura*, do cônego Tomás Fontes, na área da sintaxe, da semântica, da história das palavras e da versificação latina e portuguesa. Conquistou 3 vezes o prêmio Francisco Alves, promovido pela Academia Brasileira de Letras.

Só há uma forma para resumir o preparo profundo, a leitura inteligente dos textos e a perspicácia do investigador deste notável filólogo, linguista e pedagogo brasileiro. É o que dele disse, com muita felicidade, Capistrano de Abreu: Said Ali não é dos que se compararam, é dos que se separam.

Obras de filologia e linguística portuguesas:

Vocabulário Ortográfico, Rio de Janeiro, 1905;

Dificuldades da Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1908;

Lexeologia do Português Histórico, São Paulo, 1921;

Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, São Paulo, 1923 (reunidas estas duas obras na 2^a ed., com o título *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, São Paulo, 1931);

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Gramática Secundária da Língua Portuguesa, São Paulo, 1923;

Gramática Elementar da Língua Portuguesa, São Paulo, 1923;

Meios de Expressão e Alterações Semânticas, Rio de Janeiro, 1957;

Investigações Filológicas (Org. e estudo de Evanildo Bechara), Rio de Janeiro, 1976.

Referências:

Evanildo Bechara, *M. Said Ali e sua Contribuição para a Filologia Portuguesa*, Rio de Janeiro, 1963;

J. Mattoso Câmara Jr., “Said Ali e a Língua Portuguesa”. In *Vozes*, Petrópolis, ano 55, jun. de 1961;

I. G. Dimitriu, “Manuel Said Ali Ida”. In *Orbis*, Louvain, tome VIII, nº 2, 1959;

Sacramento Blake, *Dicionário Bibliográfico Brasileiro*, 6º volume, Rio de Janeiro, 1900;

Sílvio Elia, *Ensaios de Filologia e Linguística*, 2ª ed., Rio de Janeiro, 1975;

Maximiano de Carvalho e Silva, “Advertência aos leitores da Sexta Edição”. In Said Ali, *Dificuldades da Língua Portuguesa*, 6ª ed., Rio de Janeiro, 1966;

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Maximiano de Carvalho e Silva, “Fontes para o Estudo da Vida e Obra de Manuel Said Ali”. In *Confluência*, nº 5, Rio de Janeiro, 1993;

Evanildo Bechara, “Princípios Ecos de F. de Saussure na Gramatografia de Língua Portuguesa”. In *Actas do IV Congresso Internacional de Língua Galego-Portuguesa na Galiza*. Em Homenagem a Ferdinand de Saussure, AGAL, Vigo, 1996 (1993).

Veja mais sobre [Manuel Said Ali Ida](#) na Internet.

MARIA EMÍLIA BARCELLOS DA SILVA

Maria Emilia Barcellos da Silva, primogênita de Nelly Angelo Barcellos e de Júlio de Magalhães Barcellos, nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul, onde passou o seu primeiro ano de vida. Mudou-se para Porto Alegre (RS), por força de mudança da sua família nuclear, em 1940, e lá permaneceu até 1958, quando se casou com o oficial de engenharia Darzan Neto da Silva; transferiu-se, então, para Cachoeira do Sul, onde residiu até 1961. Nesse período, nasceram-lhe dois filhos – Paulo Guilherme e Thais Helena.

Maria Emilia prestou concurso público para o quadro único dos servidores civis do estado do Rio Grande Sul, no qual, por sucessivas provas chegou a oficial administrativo, cargo final da carreira encetada. Em virtude dessa titulação e enquadramento, durante toda a sua estada nas terras cachoeirenses, exerceu as suas atividades funcionais na secretaria do tradicional Colégio Estadual João Neves da Fontoura.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Em virtude da profissão do seu esposo, Maria Emília residiu em várias localidades, o que lhe impedia de retomar os estudos, interrompidos quando de seu matrimônio.

Em 1971, então no Rio de Janeiro, nasceu o terceiro filho do casal, Otávio Henrique.

Em 1973, Maria Emília prestou exames vestibulares para Universidade Federal do Rio de Janeiro, ingressando na Faculdade de Letras. Em 1974, nova transferência, desta vez para Porto Alegre (RS), ensejou fosse a Universidade Federal do Rio Grande do Sul a instituição que lhe concederia, em 1977, os diplomas de nível superior – em língua e literaturas de língua portuguesa e língua e literatura latinas.

Em meio a sua graduação, a professora foi convidada para trabalhar no primeiro grau do Colégio Anchieta de Porto Alegre, onde permaneceu por um ano letivo.

Já novamente residindo no Rio de Janeiro, mais uma vez em virtude de transferência do marido, Maria Emília prestou exames para ingresso no curso de mestrado em língua portuguesa. Naquela oportunidade, na Letras/UFRJ, teve a oportunidade de ser aluna e orientanda do professor Celso Ferreira da Cunha, de quem recebeu os mais exemplares ensinamentos nas diversas disciplinas que o insigne mestre lhe ministrou.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Concomitante ao curso de mestrado, a professora foi convidada a ministrar aulas no Colégio Andrews, militando no primeiro e no segundo graus, por 11 anos; naquela escola, então sob a direção do professor doutor Edgar Flexa Ribeiro, Maria Emilia implantou um laboratório para o ensino de redação, coordenando uma equipe de seis monitores, seus alunos da Faculdade de Letras/UFRJ, estabelecimento de ensino onde passara a lecionar, como colaboradora, por indicação do professor doutor Celso Ferreira da Cunha e convite do setor de língua portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas.

Em 1981, a professora defendeu a sua dissertação de mestrado, intitulada *O Chimarrão: uma Vivência Gaúcha*, sob a orientação acadêmica do professor Celso Ferreira da Cunha: aprovada, por unanimidade da banca julgadora, com menção *excelente*, conquistou o seu título de mestre; em virtude dessa titulação, foi promovida a assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A dissertação citada foi publicada pela editora UFRJ, recebendo edições sucessivas, hoje esgotadas.

Em 1983, a professora Maria Emilia prestou exame de seleção para o doutorado em língua portuguesa, onde, mais urna vez, foi aluna e orientanda do emérito professor Celso Ferreira da Cunha. Defendeu a sua tese intitulada *O Homem e o Mar da Região dos Lagos/RJ* em 1988, recebendo menção *excelente*, por unanimidade da banca julgadora; em virtude da titulação obtida, a pro-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

fessora foi promovida, a partir de 1989, a professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro, lotada na Faculdade de Letras daquela Instituição.

Na qualidade de professora de 40 horas e dedicação exclusiva, a docente cumpriu a exigência acadêmica de realizar pesquisa que justificasse e cobrisse parte da sua carga horária: para tanto se engajou na equipe encarregada do *Projeto do Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro*, juntamente com outros professores do seu setor de trabalho, sob a coordenação do professor Celso Cunha.

Em tomo desse projeto, a docente desenvolveu a sua vida acadêmica, variando, por vezes, o nível linguístico enfocado em seus estudos, porém usando dos dados levantados durante os trabalhos de estruturação do *corpus* da pesquisa, que constituiu um rico acervo da fala popular oral em se que disponibilizava, para a comunidade científica nacional e estrangeira, um arquivo magnetoftônico de rara especialidade. Decorrem desse interesse, de cunho eminentemente dialetológico e sociolinguístico, com ênfase nos estudos de natureza lexicológica, lexicográfica, léxico-semântica e terminológica, as participações em cerca de duas centenas de eventos acadêmicos, tanto em nível nacional quanto internacional, quer como conferencista, palestrante, comunicadora ou debatedora em mesas redondas.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Tendo dedicado a sua vida profissional ao magistério em toda a sua plenitude, a professora conta, em seu *curriculum*, inúmeras orientações acadêmicas, tanto de mestrado quanto de doutorado, além de dezenas em nível de graduação, onde, indiscutivelmente, se aprimoram vocações e se moldam comportamentos. Muitos de seus alunos e orientandos hoje ocupam cargos de destaque no magistério público e particular, atestando não ter sido em vão o esforço despendido pela docente no sentido de formar os profissionais que hão de responder pelo ensino no País.

A professora Maria Emilia Barcellos da Silva desempenhou várias funções administrativas tanto na Faculdade de Letras quanto em entidades afins, das quais destaca a de coordenadora do setor de língua portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas, Superintendente adjunta da editora da UFRJ, coordenação do Grupo de Trabalho da Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, representante do Centro de Letras e Artes no Conselho Superior de Pós-graduação da UFRJ, diretora adjunta de pós-graduação em Letras/UFRJ, assessora *ad hoc* dos órgãos de fomento do ensino superior, assessora do Programa Nacional de Livros Didáticos do Ministério de Educação e Cultura, além de compor bancas para elaborar provas de concursos públicos realizados pela UFRJ e por órgão competentes.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Destacam-se, a seguir, as principais publicações da professora doutora Maria Emilia Barcellos da Silva:

O chimarrão; uma vivência gaúcha. 1^a, 2^a e 3^a ed. Rio de Janeiro, UFRJ, 1987, 182 p.

O homem e o mar da Região dos Lagos/RJ. Rio de Janeiro, UFRJ / Faculdade de Letras, 1988. (polic.) 550 p.

“A criação figurativa na linguagem do pescador artesanal”. In: PEREIRA, Cilene da Cunha *et alii. Miscelânea in memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1995, p. 399-408.

Competência e perspectivas dos estudos de base lexical. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico; lexicologia lexicografia terminologia*. Campo Grande, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Editora UFMS, 1998, p. 115-122.

Lexicologia, lexicografia e terminologia: questões conexas. Anais do 1º Encontro Nacional do Gt de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL. Recife, Rio de Janeiro, Editora Universitária UFPE, 1998. 223 p.

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Academia Brasileira de Letras. 1^a e 2^a ed. Rio de Janeiro: S/A Academial, Bloch Editores S.A, Imprensa Nacional, 1998. 795 p. (responsável pela inserção de verbetes da p. 01 à p. 44).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

“A fala dos profissionais da pesca; indícios de um fazer”. In: DUARTE, Francisco; FEITOSA, Vera (Orgs.). *Linguagem e Trabalho*. Rio de Janeiro, COPPE/UFRJ, Centro de Cultura e Atualização Profissional do Rio, Editora Lucerna, 1998. p. 170-179. 240 p. (ISBN 85-869-30-03-2)

“Dicionário: memória lexical da sociedade”. In: SILVA, José Pereira da. (Org.). *Estudos lexicais*. UERJ, Caderno CNLF, série III, nº4, setembro de 2000. p. 55-64.

“Do léxico ao social: a palavra e o preconceito”. In: SILVA, José Pereira da. (Org. e editor). *Artes do léxico*. UERJ, Caderno CNLF, série IV, setembro de 2000. p. 9-18.

“A variação léxica em uma sociovariante profissional”. In: GÄERTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHÖNBERGER, Axel (Eds.) *Estudos de sociolinguística brasileira e portuguesa*. Frankfurt am Main: TFM, 2000. p. 225-239. 248 p. ISBN 3-925203-74-5; ISSN 1432-4393.

“Traços fonéticos como identificadores grupais”. **ACTAS DO XIX CONGRESO INTERNACIONAL DI LINGUÍSTICA E FILOLOXIA ROMANICAS (separata) SECCION VI. GALLEGOS, SECCION VII ROMANIA NOVA.** LORENZO, Ramón. (public.) Espanha, Coruña, Universidade de Santiago de Compostela, 1989, Fundación “Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1994. p. 681-90.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

“Da estruturação de vocabulários de línguas de especialidades”.

ACTAS DEL X CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE LA AMERICA LATINA.

México, Vera Cruz del 11 a 16 de abril de 1993. p. 115-118. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1996.

“Estudo lexical de uma sociovariante profissional”. **ACTAS DO XI ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA (VOL. I)** *corpora*. (Orgs, NASCIMENTO, Maria Fernanda Bacelar do; RODRIGUES, Maria Celeste ; GONÇALVES, José Bettencourt). p. 297-308. Lisboa, setembro 1996.

“Estudo léxicosemântico em sociovariantes artesanais”. **ATTI DEL XXI CONGRESSO INTERNAZIONALI DI LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA ROMANZA** (Vol. III) (A cura de Giovanni Ruffino) *Lessicologia e semantica delle lingue romanze – sezione III – Centro di Studi Filologici e Linguitici siciliani*, Università di Palermo, novembre 1998. p. 958-965. 1032 p. (ISBN 3-484-50363-7)

“As inovações lexicais da variação brasileira do português”. Edição CASA DE ANGOLA, AFROLETRAS – Revista de Artes, Letras e Ideias – publicação trimestral - n° 4 (18-21), junho 2000.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

“Dicionário: memória lexical da sociedade”. In: SILVA, José Pereira da. (Org.) *Estudos lexicais*. UERJ, Caderno CNLF, série III, nº4, setembro de 2000. p. 55-64.

“Do léxico ao social: a palavra e o preconceito”. In: SILVA, José Pereira da. (Org. e editor). *Artes do léxico*. UERJ, Caderno CNLF, série IV, setembro de 2000. p. 9-18.

“A fala dos pescadores da Região dos Lagos/RJ”. **OMNIA**, 2/3:19-26. Rio de Janeiro, SEPE / Sociedade Educadora Pedro II / Sociedade Educacional São Paulo Apóstolo, 1983-1984.

“De pescador a operário do mar: travessia”. **ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E O MAR, 3**. Coletânea de trabalhos apresentados. Org. DIEGUES, Antônio Carlos. USP / FUNDACAO FORD. São Paulo, 1989. p. 175-83.

“Para o estudo léxicosemântico de uma língua de especialidade”. (coautoria com PEREIRA, Cilene da Cunha) **CONFLUÊNCIA**. Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Liceu Literário Português (3), 1º semestre de 1992. p. 53-60.

“A geografia linguística e os estudos dialetológicos no Brasil” Org. FERREIRA, Maria Imerentina Rodrigues. **UFRJ / FACULDADE DE LETRAS. III ENCONTRO INTERDISCIPLINAR DE LETRAS**, iniciativa: Pós-graduandos-UFRJ. Rio de Janeiro, 1992. p. 268-278.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

“A importância dos estudos léxicosemânticos para países de língua transplantada”. **ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM, ASSEL/RIO. ANAIS DO II CONGRESSO.** Rio de Janeiro, 1993. p. 233-246.

“Aplicação de primados lexicais como estratégia de ensino”. **ANAIS DO IV CONGRESSO da ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (ASSEL).** Rio de Janeiro, Instituto de Letras/UFF, 1995. p. 25 8-264.

“A importância dos estudos lexicais para o ensino em comunidades periféricas”. **ANAIS DO I ENCONTRO DE LÍNGUA FALADA E ENSINO.** Universidade Federal de Alagoas, Pós-Graduação em Letras, 1995. p. 274-281.

“A dinâmica doméstica dos grupos pesqueiros das lagunas fluminenses”. **Revista INTERFACES I** (2): 53-66 (agosto de 1995) Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, outubro de 1996.

“Tendências e rumos dos estudos de base lexical”. **ANAIS DO V CONGRESSO da ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM (ASSEL):** estudos da linguagem, perspectivas, memórias e atualidades – 18 a 20 de outubro de 1995. p. 475-480. Universidade Federal do Rio de Janeiro, outubro de 1996.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

“Estudos lexicológicos: pressupostos e procedimentos”. Investigações; linguística e teoria literária. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, setembro de 1977. v. 7 p. 221-230. ISSN 0101-1320.

“Os estudos de base lexical: propostas e procedimentos”. In: BERNARDO, Sandra Pereira; MENEZES, Vanda Cardozo (Orgs.). *Estudos da linguagem: renovação e síntese*. Anais do VIII Congresso da ASSEL/RIO - Rio de Janeiro, 03 a 06 de novembro de 1998. Rio de Janeiro, Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro, UFRJ/FL, 1999. p. 704-710. (925 p.)

Veja mais sobre [Maria Emilia Barcellos da Silva](#) na Internet.

MARINA MACHADO RODRIGUES

RODRIGUES, Marina Machado - (Rio de Janeiro, 24/12/1952) Filha de Oscar Maria Silva de Araujo Leite e Maria José Neves de Araujo Leite, é pesquisadora e professora dos ensinos Fundamental e Universitário. Formou-se pelo Instituto de Educação do Rio de Janeiro, em 1972. Em 1976, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, concluindo o bacharelado em Português-Literaturas, em 1979. No ano seguinte, ingressou na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde concluiu a Licenciatura em Português-Literaturas, atendendo à vocação para o magistério que mostrara desde cedo. Prosseguindo os estudos na área de Letras, especializou-se em Língua e Literatura Portuguesas do séc. XVI, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1982, quando também iniciou seu Curso de Mestrado. Em 1988, obteve o título de Mestre em Letras Vernáculas, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a Dissertação “*Pode um Desejo Imenso: A (Des)Realização da Utopia*”, que trata do estabelecimento crítico da ode VI de Camões, “Pode um Desejo Imen-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

so”. Membro da Escola Camoniana Brasileira, dedica-se ao estudo da crítica textual, aplicado à obra lírica de Luís de Camões, desde 1981.

Foi professora de Português da Rede Estadual do Rio de Janeiro, aprovada em concurso público (provas escrita e de títulos), entre os anos de 1985 e 1989. É docente do Colégio Pedro II, aprovada em concurso público (provas escrita e de títulos), desde 1985. Atualmente, é Professora Assistente de Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), aprovada em concurso público (provas escrita, de aula e de títulos), em 1995, no qual obteve o 1º lugar. Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação dessa Universidade, onde tem orientado inúmeros projetos de pesquisa, nos âmbitos da graduação e da pós-graduação.

Na área da pesquisa universitária, foi auxiliar de pesquisa no Projeto “A Lírica de Camões”, coordenado e executado pelo Prof. Dr. Leodegário A. Azevedo Filho, de 1981 a 1988. Desenvolveu os seguintes projetos de pesquisa, todos relativos à lírica de Camões: “Confronto entre os sete exemplares conhecidos das *Rhythmas* de Camões”, “Confronto entre a *Appendix Rhythmarum* e a 2ª edição das *Rimas* de Camões”. Atualmente, dá prosseguimento aos seguintes projetos: “A reprodução diplomática interpretativa do Manuscrito da *Real Academia da História de Madrid*” e o “Estabelecimento do *corpus addititum* da lírica de Camões”.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Foi membro da Comissão Executiva dos XXIX Congresso Brasileiro de Língua e Literatura e I Congresso Internacional de Estudos Camonianos, UERJ/1997; Secretária Geral dos: XXX Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, realizado no Instituto de Letras, UERJ/1998; Congresso Internacional – Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa, realizado no Instituto de Letras, UERJ/1999, e Congresso Internacional de Lexicografia e Literaturas no Mundo Lusofônico, realizado na Universidade Estácio de Sá/2000. Atualmente, é membro da Diretoria da Academia Brasileira de Filologia e Coordenadora da Especialização em Literatura Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Participou de várias Comissões Examinadoras, dentre as quais, destacam-se: Concurso Público para Professores de Ensino de 1º e 2º Graus do Colégio Pedro II, nos anos de 1994 e 1996; Exame de seleção para candidatos ao Curso de Pós-Graduação (*lato sensu*) em Literatura Portuguesa – UERJ/ 1997 e 1998; Concurso Vestibular – UERJ/ 1998, 1999, 2000, 2001.

É membro da Comissão Editorial da *Coleção Clepsidra*, publicação da pós- graduação em Literatura Portuguesa, Instituto de Letras/UERJ, EDUERJ, Rio de Janeiro; Membro do Conselho Editorial do Jornal *O Correio* desde junho de 1999; membro da Comissão Editorial das *Atas do I Congresso Internacional de Estudos Camonianos*, publicadas em 1999 e das *Atas do Congresso Internacional Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa*, publicadas

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

em 2000. Foi coordenadora da Coluna Nossa Tempo, do Jornal *O Correio*, de junho de 1998 a janeiro de 2001.

Publicou os seguintes ensaios e artigos em livros e revistas especializados nas áreas de Língua e Literatura Portuguesas: “Breve Estudo Comparativo entre os Sete Exemplares das *Rhythmas de Camões*”. Coimbra, *Biblos* (volume LXIV - 1988), em Miscelânea em homenagem ao Dr. A. J. da Costa Pimpão; “Apresentação” do livro *Lírica de Camões*, Tomo II, Oitavas, de Leodegálio A. de Azevedo Filho. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1999; “José Régio – *Trinta Anos*”. Comemorativo dos 30 anos de morte do poeta. Resposta ao Inquérito. Boletim do Centro de Estudos Regianos – Câmara Municipal de Vila do Conde, Portugal, jun/dez de 1999, nº 4-5, p. 16-17; “O Sim e o Não”. In: *Estudos Universitários de Língua e Literatura, Tempo Brasileiro*, 1993, em Miscelânea em homenagem ao Prof. Dr. Leodegálio A. Azevedo Filho; “Liberalismo, Romantismo e o Espírito de Missão em um conto de Herculano”. In: *O que é um pai*. Rio de Janeiro, EDUERJ, 1997. Col. Clepsidra, vol.2, p. 23 a 47; “Sobre a Constituição do *Corpus Addititium* na lírica de Camões”. In: *XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Anais*. Rio de Janeiro, Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, 1997, p. 81-92. “Um olhar sobre o Memorial do Convento – Saramago: o Primeiro Nobel da Língua Portuguesa”. In: *Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ágora da Ilha, 2000. *Atas do Con-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

gresso Internacional - Brasil: 500 Anos de Língua Portuguesa; “Uma Contribuição aos *Novos Subsídios para uma Edição Crítica da Lírica de Camões*, de Maria Isabel S. Ferreira da Cruz”. *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, ano V, nº 11, 1º e 2º semestres de 1983; “Paixão e Fim e/ou o Labirinto”. Resenha crítica do romance *Paixão e Fim de Valério Caluête*, de João Guilherme de Aragão (Rio de Janeiro, Agir, 1978.). *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, ano VI, nº 12, 1º e 2º semestres de 1984; “A ressurreição para além do texto”. Resenha crítica do livro de contos de Luiza Martinez *Sem Ressurreição ao Terceiro Dia* (Rio de Janeiro, Presença, 1983). *Revista Brasileira de Língua e Literatura*, ano VII, nº 14, 1º e 2º semestres de 1986; “A máscara e o rosto”. *Revista Idioma*, nº 15, do Instituto de Letras da UERJ, 2º semestre de 1990; “Crítica autoral e crítica textual na lírica de Camões: dois problemas”. *Revista Camonianiana*, 2ª série, vol.10, São Paulo, 1997; “Confronto entre a *Appendix Rhythmarum* e a 2ª edição das *Rimas de Camões*”. *Revista Brasileira* – Fase VII- outubro/novembro/dezembro de 1998 – Ano V – nº 17 – Academia Brasileira de Letras; “Crítica autoral e crítica textual na Lírica de Camões”. *Revista Philologus*, ano VI, nº 17, maio/agosto de 2000. Rio de Janeiro, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos.

Publicou as seguintes crônicas em jornal: “Não existem mais Carolinas”. Jornal *Correio* – Ano I, nº XXII, 15/02 a

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

28/02/97. Coluna Nossa Tempo, p. 4; “Toda mulher é urna Maria”. Jornal *O Correio* – Ano I, nº XXVII, 26/04 a 10/05/97. Coluna Nossa Tempo, p. 4; “Velho já era?” Jornal *O Correio* – Ano I, nº XLIV, 20/11 a 05/12/97. Coluna Nossa Tempo, p. 4; “Para que servem as fantasias? Jornal *Correio* – Ano II, nº LXVII, 14/02 a 28/02/98. Coluna Nossa Tempo, p. 4; “Eleições, tempo de esperança”. Jornal *O Correio* – Ano II, nº LXV, 17/10 a 30/10/98. Coluna Nossa Tempo, p. 4; “Cidadania, uma questão meramente semântica”. Jornal *O Correio* – Ano II, nº LXIX, 12/12 a 25/12 de 1998. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Humilhados e ofendidos”. Jornal *O Correio* – Ano II, nº LXXII, 23/01 a 5/02 de 1999. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A violência na ordem do dia”. Jornal *O Correio* – Ano II, nº LXXV, 6/03 a 21/03 de 1999. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Sinal dos tempos e o velho jogo político”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº LXXXVII, 21/08 a 04/09 de 1999. p. 6; “Discriminação ou preconceito social?” Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCIII, 13/11 a 26/11 de 1999. Coluna Nossa Tempo. P. 4; “A graça da fé no milagre brasileiro”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCV, 11/12 a 24/12 de 1999. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A crise da reforma de uma nova época”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCVI, 25/12 a 07/01 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “O espelho falante do século XX”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCVII, 08/01 a 21/01 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A presença de Deus no Rio de Janeiro”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCVIII, 22/01 a 04/02 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

pólicia defende o Estado, não o cidadão”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº XCIX, 05/02 a 18/02 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Celebrando o privilégio da escrita”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº 100, 19/02 a 03/03 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “O maior espetáculo da Terra”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº 101, 04/03 a 17/03 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Fábulas da fauna política nacional”. Jornal *O Correio* – Ano III, nº 102, 18/03 a 31/03 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A desalmada propaganda do consumo”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 108, 10/06 a 23/06 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Amizade é quase amor”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 112, 04/08 a 18/08 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Um espetáculo inacreditável”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 102, 18/03 a 31/03 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Filhos de omissos, violentos são”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 114, 01/09 a 16/09 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A questão do ser ou não ser”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 116, 30/09 a 13/10 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “O mistério da criação artística”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 118, 28/10 a 10/11 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “A ferramenta do destino”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 119, 11/11 a 24/11 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Adeus à romântica amazônica”. Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 120, 25/11 a 08/12 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4.; “O que é ser *fashion* atualmente?” Jornal *O Correio* – Ano IV, nº 121, 09/12 a 22/12 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4; “Tecendo um novo tempo”. Jornal *O Cor-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

reio – Ano IV, nº 122, 13/01 a 23/01 de 2000. Coluna Nossa Tempo. p. 4. Concluídos e aguardando publicação urna antologia sobre a poesia portuguesa do século XVI, intitulada *Camões e os poetas do séc. XVI* e uma coletânea de textos escritas para o jornal *O Correio*, intitulada *Nosso Tempo e Psicanálise*.

Dentre os prêmios e distinções recebidas, destacam-se o Diploma de Sócio Titular da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, pelos relevantes serviços prestados à causa da cultura no Brasil, 1982 e a Medalha *Oskar Nobiling*, conferida pela Sociedade Brasileira de Língua e Literatura pelos relevantes serviços prestados à causa do ensino e da pesquisa científica nos domínios da Linguística, da Filologia e da Literatura, em nível universitário, 1991.

Veja mais sobre [Marina Machado Rodrigues](#) na Internet.

MÁRIO CAMARINHA DA SILVA

SILVA, Mário Camarinha da. (RI, 21/03/1918 – RJ, 10/02/1990). Ensaísta, diplomado em Filosofia (1957), professor universitário, jornalista. Exerceu o magistério na UFRI, tendo lecionado na Faculdade de Letras e na Escola de Comunicação, atuando na graduação e na pós- graduação, onde participou de bancas examinadoras e orientou dissertações e teses. Na FL-UFRJ, foi Titular de Língua e Literatura Espanhola. Ocupou a cadeira nº 4 da Academia Brasileira de Filologia, cujo patrono é o filólogo maranhense Francisco Sotero dos Reis.

Bibliografia: Teses para concursos: *Introdução ao estudo das origens do romance brasileiro*, cátedra de Literatura Brasileira do Instituto de Educação – RJ, A Casa do Livro, 1941; *Análise geracional da exposição da poesia argentina em 1927*, cátedra de Literatura Hispano-Americana da Faculdade Nacional de Filosofia, 1955; *Destino e concentração: uma teoria da arte do conto de Jorge Luis Borges*, cátedra de Literatura Hispano-Americana da FNF, 1957; *O Uruguai*, de José Basílio da Gama, fixação do texto e comentários, Col. Nossos Clássicos, AGIR, 1964 (com sucessivos comentários).

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

vas reedições); *Normas técnicas de editoração - teses, monografias, artigos, papers* (com Sonia Brayner), Ed. UFRJ, 1982.

Veja mais sobre [Mário Camarinha da Silva](#) na Internet.

MÁRIO PENNA DA ROCHA

Não encontramos dados sobre sua formação profissional. Depois de longas buscas encontramos um livro seu na Biblioteca Nacional, contendo um curso prático de Português – dez aulas, transmitidas através da rádio escola Municipal (PRD-5). Em combinação com PRA-2 do Ministério da Educação, RJ, 1939.

Cedendo a antigo convite que nos fez a Secção de Museus e Radio-Difusão, da Diretoria de Educação de Adultos e Divisão Cultural – (Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal) moveu-nos apenas o desejo de experimentar até que ponto seria possível contar-se em nossa terra dentro de um plano que se não restringisse a simples palestra ou preleção.

Nosso intuito envolvia uma tentativa: a de prolongar, na atividade de rádio- estudante, por um processo conjugado de esforços, o exame de assuntos determinador. Não apenas a palestra, repetimos. Mas a aplicação, em trabalhos previamente organizados, e distribuídos de quanto em si, de seus livros, das lições ouvidas,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

pudesse dar ao aluno dessa nova escola, de tão acentuada necessidade entre nós.

Foi um simples ensaio, que nos deixou, entretanto, positivados, pela reação produzida; não somente a aceitação de tais cursos, quando bem organizados, mas também a segurança de sua eficiência quanto aos reclamos do ensino subjetivo. Demos-lhe o aspecto de um curso de orientação parcial, do estudo da nossa língua, especialmente dedicado ao magistério primário e aos alunos das séries superiores de nossas escolas técnicas secundárias.

Realizamo-lo à margem de absorvente atividade, em palestras semanais, de trinta minutos, com a fadiga da hora, numa estação... fadiguíssima.

De tudo colhemos conclusões que nos afirmam que o rádio pode, deve ser, num país como o Brasil em que a cultura tão difficilmente se dissemina a escola das multidões.

Publicando nossas lições – tais como foram desenvolvidas ao microfone de PRA – do Ministério da Educação – temos o intento de dar modesto, mas sincero testemunho de quanto a respeito se pode fazer pela cultura popular brasileira.

O autor aconselha os colegas a utilizarem exercícios baseados em textos literários, afirmando que o estudo é indispensável ao desenvolvimento mental do aluno e à aquisição de conhecimentos linguísticos.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Suas aulas abordaram temas de interpretação, questões gramaticais, tais como derivados, verbos compostos, concordância, pronomes etc. A publicação se compõe de 116 páginas.

Veja mais sobre [Mário Penna da Rocha](#) na Internet.

MAURO DE SALLES VILLAR

VILLAR, MAURO DE SALLES (14 de julho de 1939 –), lexicógrafo brasileiro. Em 1957, ingressou na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Entre 1962 e 1965, foi professor concursado da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Em 1962, tornou-se redator da *Encyclopaedia Britannica Editors*, no grupo que elaborava a *Enciclopédia Barsa* brasileira (lançada em 1964). Em 1963, bacharelou-se em Direito e, entre 1964 e 1966, trabalhou no departamento de relações públicas e depois como representante e como redator da J. Walter Thompson Company do Brasil. De 1966 a 1968, foi redator da *Grande Encyclopédia Delta-Larousse*, lançada em 1968 em dez volumes e depois em 15, pela Editora Delta. É autor, nessa obra, de 25.793 linhas de texto, segundo cômputo da seção de Planejamento e Controle da editora, nela funcionando ainda como editor iconográfico e assistente de superintendência editorial. Por novo interregno, voltou à redação de publicidade na J. Walter Thompson, ali ficando de 1968 a 1970. De janeiro de 1971 a abril de 1975, trabalhou com Antônio Houaiss no projeto da *Encyclopédia Mirador Inter-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

nacional, lançada em 1975, em 20 volumes, pela Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda. Foi também o responsável pela iconografia da obra. Nos anos de 1975 e 1976, fez parte do grupo que elaborou, também sob o comando de Antônio Houaiss, o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras, publicado por Bloch Editores em 1981. Em 1976, trabalhou na Arthur D. Little, na edição dos guias de implantação e rotinas do Hospital da Universidade do Brasil na ilha do Fundão, Rio de Janeiro. Ainda em 1976, colaborou na redação da *Enciclopédia Delta Universal*, em 15 volumes, publicada nesse mesmo ano pela Editora Delta, e na da *Enciclopédia Ilustrada do Brasil*, em 10 volumes, lançada por Bloch Editores também em 1976. De dezembro de 1976 a janeiro de 1986, foi editor-executivo do Reader's Digest em Lisboa, Portugal, época em que prosseguiu nos estudos de lexicografia sob a orientação informal de Lindley Cintra. Em 1979, traduziu diversos livros do espanhol, inglês e italiano para a Companhia Nacional do Livro Lda. – Cel-brasil e colaborou na tradução de 22 títulos da coleção “Grandes Temas” para as Publicações Alfa, S.A.R.L., em Lisboa. Voltou ao Brasil em 1986 para iniciar com Antônio Houaiss os trabalhos de seu dicionário de âmbito lusofônico, mas, em 1992, foi suspensa a coleta de dados que se fazia por escassez de recursos para financiar a obra. Em 1989, Villar lançou o *Dicionário Contrastivo Luso-Brasileiro*, de sua autoria, publicado pela Editora Guanabara. Em agosto de 1995, começou a colaborar na 3^a edição do *Dicionário*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOGRIA

Aurélio, publicada em 1999. Trabalhou basicamente na área de lusismos e religiões e liturgias afro-brasileiras, passando a fazer parte do grupo interno do dicionário em abril de 1996. Tal associação durou até dezembro de 1996. No ano de 1997, acrescentou 3.500 novos vocábulos ao *Dicionário e Encyclopédia Koogan-Houaiss* para sua edição desse mesmo ano. No mês de março, com Antônio Houaiss e Francisco Manuel de Mello Franco, fundou o Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, no Rio de Janeiro, que retomaria a feitura do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, interrompida havia cinco anos. É coautor e planejador dessa obra, tendo dirigido seu plantel de lexicógrafos e colaboradores especialistas até 2000, ano em que o dicionário se completou. Entre 1999 e 2001, desenvolveu os projetos e elaborou com grupos especiais o *Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a lançar em 2001, e o *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos*, para vir a lume em 2002. Desde 1997 é diretor do Instituto e desde 2000, membro da Academia Brasileira de Filologia, eleito para a cadeira 14, que foi de Houaiss.

Veja mais sobre [Mauro de Salles Villar](#) na Internet.

MAXIMIANO DE CARVALHO E SILVA

Eleito em 1978 membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia, para ocupar a vaga de Humberto de Melo Nóbrega na Cadeira nº 1, de que é Patrono o Padre José de Anchieta e fundador o Padre Augusto Magne . Nascido na cidade do Rio de Janeiro, a 5 de julho de 1926: filho de Osvaldo Monteiro de Carvalho e Silva e de Garlinda Amaral de Carvalho e Silva. Professor e pesquisador com atuação nas áreas de Linguística Portuguesa, Crítica Textual, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa, e inúmeros trabalhos publicados. Fez os estudos primários, secundários e superiores no Rio de Janeiro, tendo recebido em 1946 o título de bacharel e em 1947 o de licenciado em Letras Neolatinas pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Anos mais tarde, obteve outros títulos: diplomado pela Escola Superior de Guerra (1975); livre-docente em Filologia Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense (1981). Realizou estágio de pesquisador em Portugal, com bolsa de estudos concedida pelo Instituto de Alta Cultura do Ministério da Educação Nacional (1974), e fez viagens de estudos e pesquisas patrocinadas pela ESG a diferentes

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

pontos do território brasileiro e a cinco países africanos (1975). Exerceu o magistério regular até o ano de 1989: como professor de ensino secundário, de 1945 a 1970, em vários colégios na cidade do Rio de Janeiro, entre os quais o Colégio Pedro II e o Colégio de Aplicação da Faculdade Nacional de Filosofia; como professor de ensino superior, nos cursos de Jornalismo e de Letras da Pontifícia Universidade Católica (de 1953 a 1968), e nos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense (de 1957 a 1989), onde foi Titular das disciplinas de Língua Portuguesa, Orientação de Estudos e Pesquisas, Filologia Crítica Textual) e Estudo de Problemas Brasileiros. Foi ainda, de 1959 a 1961, professor de cursos aperfeiçoamento do magistério promovidos pela campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura (CADES), realizados nas cidades de São Carlos, Campinas, Goiânia, Belém, Curitiba e João Pessoa; de 1963 a 1965, professor de Língua Portuguesa do curso pioneiro pela televisão “Artigo 99 no 9”, na TV Continental - Canal 9, como inicio no Rio de Janeiro da TV Educativa. Em 1984, foi professor visitante de Língua Portuguesa e Cultura Brasileira na Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto (Japão). Aposentado no serviço público em 1989, continuou a exercer atividades de ensino e pesquisa em cursos avulsos (como os que ministrou na Biblioteca Nacional e os que organiza atualmente como integrante do grupo de fundadores e dirigentes do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português de que é Dire-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

tor-Bibliotecário). Na Universidade Federal Fluminense exerceu a partir de 1965 vários cargos e funções de direção, assessoramento e colaboração: Chefe do Departamento, coordenador dos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras, Diretor do Instituto de Letras, membro do Conselho do Centro de Estudos Gerais e do Conselho Universitário, Vice-Presidente da Comissão Executiva de Pesquisa e Pós-Graduação (onde foi autor de numerosos pareceres e relator de oito processos de criação dos primeiros cursos de mestrado em diferentes áreas, nos anos de 1970 a 1974), integrante de inúmeras comissões especiais designadas pelo Reitor, Diretor da Coordenação Superior de Estudos Brasileiros; Coordenador do acordo de intercâmbio estudantil entre a UFF e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Kyoto. Foi Diretor do Centro de Pesquisas e Centro do Conselho Consultivo da Fundação Casa de Rui Barbosa (de 1970 a 1980) e membro do Conselho Administrativo-Fiscal na Fundação Oliveira Viana, em Niterói (de 1973 a 1976). Participou de numerosas bancas examinadoras, entre as quais as de concurso público para a carreira do magistério; de programas de conferências e debates e sessões de estudos, de trabalhos de consultoria e de congressos no Brasil ou no estrangeiro, entre os quais as cinco primeiras Reuniões Internacionais de Camonistas em Lisboa, Niterói, Coimbra, Ponta Delgada e São Paulo), o Congresso Internacional de Estudos Camilianos e o de Estudos Anchietanos (promovidos pela Universidade de Coimbra). Integrou em 1972 a Comissão Especial designada pelo Governo brasileiro para

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

organizar e dirigir o programa de comemorações do quarto centenário de *Os Lusíadas* de Luís de Camões. Organizou e presidiu em 1973 a Comissão Diretora do Programa Especial UFF-FCRB, que promoveu 20 cursos de extensão universitária, o Congresso Internacional de Filologia Portuguesa e a II Reunião Internacional de Camonistas, o Ciclo de Estudos Fluminenses e o Ciclo de Estudos Ruianos, bem como o lançamento de mais de 20 publicações. Fundou em 1982 a Sociedade Sousa da Silveira / Centro de Cultura Humanística e de Estudos de Língua Portuguesa e Crítica Textual, com sede no Instituto de Letras da UFF em Niterói. Promoveu e coordenou de 1986 a 1990 as atividades do Projeto Manuel Bandeira, para a comemoração do centenário do Poeta. Fez parte das seguintes associações, algumas nelas hoje desativadas: Centro Dom Vital, sob a presidência de Alceu Amoroso Lima; Centro de Estudos de Língua Portuguesa dirigido por Sousa da Silveira (sócio fundador e membro da primeira diretoria), Sindicato de Escritores do Estado da Guanabara dirigido por Plínio Doyle (sócio fundador e membro da primeira diretoria); Círculo Linguístico do Rio de Janeiro dirigido por Sílvio Elia (sócio fundador), Associação Internacional de Lusitanistas criada em Poitiers, França, pelo professor R.A. Lawton (sócio fundador), Associação Japonesa de Estudos Luso-Brasileiros (com sede em Tóquio, Japão, na Universidade Sofia). De 1972 a 1997, frequentou as reuniões de escritores na residência do bibliófilo Plínio Doyle, os chamados saba-doyles, onde conheceu e se tornou amigo do seu antecessor na Ca-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

deira nº 1 da Academia Brasileira de Filologia, o ensaísta, poeta e romancista Humberto de Mello Nóbrega. Recebeu como distinções especiais: os títulos de sócio honorário do Liceu Literário o Português (1991) e de conferencista honorário e sócio benemérito do Real Gabinete Português de Leitura (1996); a Medalha Oskar Nobiling conferida pela Sociedade Brasileira e de Língua e Literatura e a medalha Rui Barbosa conferida pela Fundação Casa de Rui Barbosa (1998).

BIBLIOGRAFIA: ENSAIOS E ESTUDOS HISTÓRICOS E FIOLÓGICOS - *Cadernos MEC - Português 3: Antologia, Gramática, Exercícios* (1967); *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra - Sua Contribuição a Crítica Textual no Brasil* (1984); *O Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa* (1972); *Problemas Demográficos: Uma Política de População Para o Brasil* (1975); *Homenagem a Manuel Bandeira, coletânea de poemas, depoimentos e estudos especiais* (1989); *Um Pioneiro dos Estudos de Tecnologia dos Alimentos no Brasil: Vida e Obra de Osvaldo Monteiro de Carvalho e Silva* (2000).

- **EDIÇÕES CRÍTICAS:** *Dom casmurro*, de Machado de Assis (1966); *Ubirajara* (1970), *O Tronco do Ipê*, *O Sertanejo* e *Til* (1973), de José de Alencar; e *Amor de Perdição*, de Camilo Castelo Branco (1983).

- **EDIÇÕES QUE ORGANIZOU, COM O TEXTO REVISTO E ESTUDOS PRÉVIOS:** *Dificuldades da Língua Portuguesa*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

guesa (1957) e *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali (1964); *Lições de Português* (1964) e *Dois Autos de Gil Vicente* (1973), de Sousa da Silveira; “*Os Lusíadas*” de Luís de Camões Comentados, de Epifânio Dias (1972); *Estudos Camonianos de autores brasileiros já falecidos* (1974); *Camões e o Jau*, de Casimiro de Abreu (1980); *Camões – Discurso Pronunciado a 10 de Junho de 1880*, de Joaquim Nabuco (1980); *História de um Pintor Contada por Ele Mesmo*, de Antônio Parreiras (1999).

- **EDIÇÕES QUE PROMOVEU, DIRIGIU E PREFACEOU:** *Obra Crítica de Nestor Vitor*, Volume II (1973); Emilio Federico Moran, *Rui e a Abolição* (1973); Américo Jacobina Lacombe, *Roteiro das Obras completas de Rui Barbosa* (1974); Manuel Diegues Júnior e outros, *Literatura Popular Em Verso: Estudos* (1973); Gilberto Mendonça Teles, *Camões e a Poesia Brasileira* (1973); Hamilton Elia, *Camões e a Literatura Brasileira* (1973); Jayro José Xavier, *Camões e Manuel Bandeira* (1973); Cleonice Berardinelli, *Estudos Camonianos* (1973); José G. Herculano de Carvalho, *Crítica Filológica e Compreensão Poética* (1973).

- **ENSAIOS DISPERSOS**, publicados em jornais e revistas especializadas ou como estudos prévios nas edições citadas, sobre Crítica Textual e aspectos da vida ou da obra de Luís de Camões, Padre José de Anchieta, Camilo Castelo Branco, José de Alencar, Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Manuel

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Bandeira, Pedro Nava e outros, e a vida e obra ou os trabalhos filológicos de Sousa da Silveira, Manuel Said Ali, Serafim da Silva Neto, Epifânio Dias, Leite de Vasconcelos e Hernâni Cidade.

- REFERÊNCIAS: Gladstone Chaves de Melo, *Iniciação à Filologia e à Linguística Portuguesa* (1981); Sílvio Elia, *Ensaios de Filologia e Linguística* (1975); Pedro Nava, prefácio de *Sousa da Silveira: o Homem e a Obra* (1984); Wilson Martins, “Mestres Filólogos” (*Jornal do Brasil*, 12/1/1986); Ivo Castro, “Camilo: Questões de Gênese” (*Atas do XIII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa*, 1990); Homero Senna, *História de Uma Confraria Literária: o Sabadoyle* (1985).

Veja mais sobre [Maximiano de Carvalho e Silva](#) na Internet.

MIGUEL DALTRO SANTOS⁴⁰

Nasceu em Paraíba do Sul - RJ, em 26 de fevereiro de 1878 e faleceu em 10 de junho de 1953, filho do Dr. Francisco Joaquim de Oliveira Santos, médico, e de dona Guilhermina Daltro Santos, ambos baianos.

Efetuou os primeiros estudos na terra natal (Escola Primária de dona Lúcia, no Colégio das Irmãs de Caridade e no Colégio Riedel). Depois, em Vassouras (no Colégio Alberto Brandão) e, em seguida, na Corte (Mosteiro de S. Bento) Frequentou o Seminário Menor S. José (no Rio Cumprido). De 1896 a 1900, cursou a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

Deixou as seguintes obras: *Obelisco* (1900), poesias; *Gilda*, (1902) drama, *Taça partida*, (1902) poesias; *José Bonifácio*, (1919), conferência; *Palavras à Juventude* (1924); discursos e conferências; *Fundamentação da grafia simplificada*, Laemmert, s.d.

⁴⁰ Verbete redigido por Antônio José Chediack.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Fez parte do corpo docente do Colégio Militar durante quarenta e dois anos (de 1 de maio de 1901 a 14 de agosto de 1942, o que lhe conferiu o título de coronel honorário.

Foi professor do Ginásio Pio Americano de 31 de janeiro de 1913 a 12 de abril de 1936.

Lecionou no Colégio Batista de 9 de março de 1914 a 31 de dezembro de 1934.

Fez parte do magistério da antiga Escola Normal, desde 25 de abril de 1916, até que foi obrigado a desacumular, em 1937.

Aposentou-se no magistério em 1942.

Tomou parte, como examinador, nos seguintes concursos:

- Em outubro de 1909, na Diretoria de Contabilidade do Ministério da Guerra.
- Em setembro e outubro de 1910, na Caixa Econômica.
- Em julho de 1918, na Diretoria de Saúde da Guerra.
- Em outubro de 1920, na Diretoria de Instrução Municipal, para vagas de professor-adjunto na Diretoria do Ensino Profissional; foram companheiros de banca os professores Agliberto Xavier e Gastão Ruch, entre os candidatos encontravam-se Otelo de Souza Reis e Mendes Viana.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

- Em janeiro e fevereiro de 1921, no Colégio Militar, para a cadeira de História Geral, tendo desistido de prosseguir o capitão Ângelo Mendes de Moraes.
- Em novembro de 1928, na Diretoria de Instrução do Distrito Federal, tendo como companheiros de banca os professores Júlio Nogueira, Cristiano Franco e Pedro Peres. Foram Classificados, entre outros, os professores Clóvis do Rego Monteiro, Cândido Jucá (filho), Celso Octávio do Prado Kelly, Ernesto de Faria Jr., Joaquim Mattoso Câmara Junior e Mário Penna da Rocha.
- Em novembro e dezembro de 1934, na Diretoria de Educação do Distrito Federal, tendo como companheiros de banca os professores José Oiticica, Sousa da Silveira, Hahneman Guimarães, sob a presidência de Mário Paulo de Brito. Foram aprovados Cândido Jucá (filho) e Pedro Augusto Pinto.
- Em agosto de 1936, na Diretoria de Educação Municipal, tendo como companheiros de banca o professor Álvaro Fernandino Sousa da Silveira. Foram classificados na seguinte ordem: Sílvio Edmundo Elia, Carlos Nogueira Branco, Carlos Henrique da Rocha Lima, Ismael de Lima Coutinho, Almir Câmara de Matos Peixoto.
- Em Janeiro de 1940, no Colégio Militar, em diversas funções.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Participou da banca de outros concursos, mas os enumera-dos são suficientes a comprovar o conceito de que Miguel Daltro Santos desfrutava no magistério carioca.

Devo ressaltar, aqui, que o prof. Daltro Santos foi o redator do verbete inicial do Dicionário da Língua Portuguesa, da Academia Brasileira de Letras e procedeu à revisão do texto da Antologia Nacional de Fausto Barreto e Carlos de Laet, com acréscimo de 16 escritores e 930 anotações à 25^a edição, da Livraria Francisco Alves, em 1945.

Veja mais sobre [Miguel Daltro Santos](#) na Internet.

MODESTO DIAS DE ABREU E SILVA

Modesto Dias de Abreu e Silva, vigorosa personalidade, prosador e poeta, nasceu aos 15 de junho de 1901, em São Gonçalo, no Estado do Rio de Janeiro, filho de Leopoldo Dias e de Ledorina de Abreu e Silva. Seus estudos primários, iniciou-os o escritor no município de nascimento, concluindo-os já então no Distrito Federal, na Escola (hoje Instituto Profissional 15 de Novembro), onde se distinguiu como aprendiz de tipógrafo e chegando, mesmo, a contramestre da oficina. O curso secundário, iniciado a seu turno no Colégio Pedro II, terminou-o o poeta no Instituto de Educação de Niterói.

Na esfera dos altos estudos, temo-lo: “agronomo-prático” pelo curso especial do Ministério da Agricultura, com sede em Deodoro (Governo Wenceslau Braz, 1916-1917); doutor em Filosofia pela Faculdade de filosofia do Rio de Janeiro (dirigida pelo General Moreira Guimarães), 1929-1931, bacharel em direito, curso iniciado na Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, à Rua do Catete.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Jornalista, de uma fecundidade assombrosa, a sua atuação tem sido das mais destacadas e eficientes de quantos se dedicam à profissão. Assim, sobressaiu-se o modestíssimo Modesto de Abreu: revisor d'*O Paiz* (diretor João Lage), 1920, repórter do *Rio-Jornal*, 1921; redator-político e crítico teatral de *Vanguarda*, 1921-1923 (desde a fundação); redator de *Boa Noite*, 1921-1922 e *A Pátria*, 1922-1925; chefe de reportagem d'*O Dia*, de Azevedo Amaral, 1923; diretor e redator-chefe das revistas *Início*, 1918-1920; *A Falena*, 1921; *Auto-Sport*, 1916-1928; *Revista do Ensino*, 1930-1931; colaborador (várias épocas) de: *O Jornal*, *Correio da Manhã*, *O Malho*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Correio do Brasil*, *Vida Nova*, *A Folha*, *Boletim de Ariel*, *Folha Nova*, *A Crítica*, *Jornal do Commercio*, *Dom Casmurro*, *Belo Horizonte*, *Brasilidade*, *Alterosa* e muitos outros órgãos da Capital e dos Estados.

Teatrólogo, estreou com a revista *A Bahia não dá mais coco*, em 1920, autêntico sucesso da temporada, no Teatro Recreio; teve representadas várias comédias, burletas e revistas em vários teatros e várias épocas (1920-1929) pelas companhias Otília Amorim, Cristiano de Sousa, Chaves Florence etc., além de grupos de amadores e pelo rádio (a última foi *Linda Flor*, comédia em 3 atos, na Rádio Mayrink Veiga, em 1943, atuando Cordélia e o saudoso Plácido Ferreira, Abigail Maia, Hortência Santos, Armando Louzada e outros artistas). Tem preparados o libreto de

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

uma ópera com música de Assis Republicano e um bailado com José Siqueira.

No magistério, não menos fértil tem sido a sua extraordinária atividade. Professor da Escola 15 de Novembro (1918-1926); de diversos ginásios e colégios particulares; do Colégio Pedro II (desde 1936), tendo aí examinado o concurso de Português em que foi vencedor Clóvis Monteiro, atual Secretário da Educação e Cultura da municipalidade; da Faculdade de Filosofia (do curso anexo da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro), onde tem anualmente examinado o vestibular; examinou, por igual, em juntas, de português, francês, latim e inglês, tendo por companheiros examinadores a Henrique Lagden e ao Padre Olímpio de Melo, entre outros, isso durante a Reforma Rocha Vaz (1925-1930), nos Estados de São Paulo, Minas, Rio de Janeiro e Distrito Federal. Nos últimos três anos, e em missão oficial do Itamarati, lecionou língua portuguesa no “Instituto Uruguaio-Brasileiro”, de Montevidéu, de onde nos chega, não sem antes haver fundado e consolidado em bases sólidas de substancial programa de real aproximação espiritual e intelectual dos dois povos amigos, a “Alianza Cultural Uruguay-Brasil”.

Pertence às seguintes instituições lítero-culturais: - Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (onde foi, várias vezes, membro da Diretoria); “Associação Brasileira de Imprensa”; “Academia Carioca de Letras” (presidente em 1934); “P.E.N. Clube do Bra-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

sil”; “Academia Brasileira de Filologia” (fundada em 1944), tendo sido seu 1º secretário etc.

BIBLIOGRAFIA – Publicou Modesto de Abreu: POESIA – *Juventude*, 1922; *Poemas rebeldes*, 1926; *Poemas escolhidos*, 1937. CONTOS E CRÔNICAS – *Dentro da vida*, 1926; *Exumação*, 1933. ENSAIOS – *Machado de Assis: o homem e a obra*, 1939; *Biógrafos e críticos de Machado de Assis*, 1939. DISCURSOS E CONFERÊNCIAS – *A origem do homem e sua evolução*, q935; *Pela glorificação nacional de Machado de Assis*, 1939; *Mello Nóbrega, saudação* (posse, na Academia Carioca de Letras), 1941; *La raza negra y su contribución a la cultura brasileña*, Montevidéu, 1947. TEATRO – *O Ermitão da Glória*, libreto da ópera de Assis Republicano. Miscelânea – *Poetas contemporâneos*, 1938. TRADUÇÕES – *Tupã* (poesias, de Henri de Lanteuil), 1938; *Os vivos mortos*, de Eduardo Zamacoís, romance, 1943; *O delito de todos*, de Eduardo Zamacoís, romance, 1945. DIDÁTICA – *Français, le année; Lectures Françaises; Correção de textos*; *Admissão*, em 4 volumes; *Idioma pátrio*, série antiga, em 5 volumes, série nova, em 3 volumes; e *Filosofia*.

É fora de dúvida, dos nossos mais lídimos homens de letras.

Rio de Janeiro: Brasil-Portugal, 7 de setembro de 1947.

Veja mais sobre [Modesto de Abreu](#) na Internet.

MODESTO DE ABREU

Modesto Dias de Abreu e Silva (pseudônimos: Pafúncio Bagnafanfa, Sênior Júnior e Tomé Eros Buda), filho do pescador e negociante Leopoldo José Dias e D. Ledorina Dias de Abreu e Silva (prima em segundo grau do autor de *As Primaveras*, Casimiro de Abreu) nasceu em Maricá (município de São Gonçalo), Estado do Rio de Janeiro, no dia 15 de junho de 1901.

Começou seus estudos primários na escola estadual de Piratininga, mas só pôde concluir os na Escola Profissional 15 de Novembro, em Quintino, na cidade do Rio de Janeiro, porque a escola de Piratininga havia sido fechada por falta de verbas. O curso secundário, iniciado no Colégio Pedro II, foi concluído no Instituto de Educação de Niterói, tornando-se agrônomo prático através de um curso especial do Ministério da Agricultura (1916-7). Formou-se em Direito em 1923, na Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro, doutorando-se em Filosofia em 1929-31, pela Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro.

Contista, biógrafo, crítico, jornalista, poeta, teatrólogo, professor e diplomata, teve brilhante vida acadêmica, participando de diversas associações culturais, como membro e como fundador.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Aos 16 anos, como Tenente-Coronel aluno da Escola Militar, foi chamado pelo Diretor Franco Vaz para substituir um professor que havia adoecido, iniciando assim sua atividade docente.

Também como aluno fundou o Grêmio Literário Franco Vaz, o Teatrinho União e uma revista trimestral composta e impressa nas oficinas tipográficas da própria escola.

Lecionou ainda nos colégios Frederico Ribeiro, Rabelo, Mallet Soares, Mello e Souza, Andrews, Méier, Metropolitano, Pio Americano e Pedro II, no Instituto Superior de Preparatórios, na Universidade da Capital Federal e na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro e foi o fundador do Colégio Modesto de Abreu e participou da fundação do Ginásio Piedade, que serviu de base à organização da Universidade Gama Filho. Além disso, desempenhou missão cultural do Itamaraty no Uruguai, dando cursos de Português e Literatura, no período de 1945 a 1947, juntamente com sua esposa, Galdina Brito de Abreu.

No jornalismo, trabalhou como revisor, repórter e redator, tendo publicado também diversos artigos assinados em *A Crítica*, *A Falena*, *A Folha*, *A Noite*, *A Pátria*, *Alterosa*, *Auto-Sport*, *Boa Noite*, *Belo Horizonte*, *Boletim de Ariel*, *Brasilidade*, *Correio da Manhã*, *Dom Casmurro*, *Falena*, *Folha Nova*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Brasil*, *Jornal do Commercio*, *O Dia*, *O Globo*, *O Jornal*, *O Malho*, *O País*, *Revista das Academias de Letras*, *Revista do Ensino*, *Revista Filológica*, *Rio Jornal*, *Vanguarda*, *Vida Nova*.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Na imprensa falada, colaborou em várias rádios: Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Mayrink Veiga, Educadora, Nacional, MEC, Petropolitana e Leopoldinense.

Participou como fundador de diversas sociedades culturais: Academia Brasileira de Teatro, Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Jornalismo e Academia Brasileira de Filologia, além de ter pertencido à Academia Carioca de Letras, Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, à Associação Brasileira de Imprensa, à Ordem dos Jornalistas do Brasil, ao PEN Clube do Brasil e outras.

Com variada produção literária, é autor de mais de 50 livros didáticos de português, latim e francês e outros tantos de literatura (ensaios, poesia, teatro, contos e crônicas, traduções, memórias, discursos e conferências), entre os quais destacaremos alguns, aleatoriamente, em ordem alfabética: *A Bahia não dá mais coco* (revista representada em 1920), *A origem do homem e sua evolução* (conferência, 1935), *A tragédia dos pracinhas* (teatro, 1961), *Admissão* (didático, em 4 volumes), *Análise léxica e sintática*; síntese gramatical, modelos e exercícios (didático, 1957), *Bajo dos bandeiras (Sob duas bandeiras)* (sainete, 1943), *Batalhão Feminino* (revista, em coautoria com Feliciano Lobo, 1921), *Biógrafos e críticos de Machado de Assis* (ensaio, 1939), *Cem trovas sem travos* (poesias, 1967), *Coroa de espinhos* (poesia), *Correções de textos para exames e concursos* (didático, 4^a ed. em 1956), *Curso de*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

português (série didática para o curso colegial, 1951), *Dentro da vida* (contos, 1926), *Diplomata no Rio da Prata* (diário romanceado), *Dois irmãos* (comédia infantil, 1919), *Ester* (tradução do drama de Racine, 1991), *Estilo e personalidade de Euclides da Cunha* (ensaio, 1963), *Exumação* (1933), *Feição educativa e cultural do Teatro* (1936), *Filosofia* (didático), *Français: 1e année* (didático), *Goiabada Campista* (revista, em coautoria com Feliciano Lobo, 1922), *Guararapes* (ópera, música de Assis Republicano, 1955), *Haja o que houver* (revista, em coautoria com Benedito Silvestre, 1922), *Idioma pátrio* (didático, em 5 e em 3 volumes), *Irineu & Cia.* (revista, em coautoria com Benedito Silvestre, 1924), *Juventude* (poesia, 1922), *La raza negra y su contribución a la cultura brasileña* (conferência, em Montevidéu, 1947), *Lectures françaises* (didático), *Lindaflor* (comédia, 1943), *Machado de Assis: o homem e a obra* (ensaio, 1939), *Saudação a Melo Nobreaga* (oratória, 1941), *Meus 80 anos* (memória, 1981), *O delito de todos* (tradução do romance de Eduardo Zamacoís, 1945), *O ermitão da glória* (ópera, música de Assis Republicano, 1943), *O heroísmo de Maria Quitéria* (peça histórica), *O simpático Matias* (farisa, 1921), *O último credor* (revista, 1924), *Os vivos mortos* (tradução do romance de Eduardo Zamacoís, 1943), *Pela glorificação nacional de Machado de Assis* (conferência, 1939), *Piedade – magna cum laude* (1995), *Poemas rebeldes* (poesias, 1926), *Poesias escolhidas* (poesias, 1937), *Poetas contemporâneos* (miscelânea, 1938), *Português vestibular*, de acordo com a nova nomen-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

clatura gramatical, para os exames vestibulares de todas as faculdades do Brasil (didático, 1960), *Quando o coração quer* (comédia representada em 1926 e publicada no *Boletim SBAT*, nº 277, 1954), *Quando os extremos se tocam* (comédia-farsa, 1983), *Regência verbal* (didático, em coautoria com Gomes de Moura, 1957), *Tupan* (tradução de poesias de Henri de Lauteil, 1938), *Verbos conjugados, quadros completos acompanhados de sua filiação histórica, notas ortográficas, significados e indicações quanto ao emprego* (didático, em coautoria com Gomes de moura, 1957), *Versos reversos* (poesias, 1971), além de numerosos artigos, como, por exemplo: Aspectos estéticos da obra de Machado de Assis. In: *Anais do Congresso das Academias de Letras e Sociedades de Cultura Literária do Brasil*. (Rio de Janeiro, 1936, p. 39-45).

Veja mais sobre [Modesto de Abreu](#) na Internet.

NÉLSON ROMERO

NÉLSON ROMERO (Rio, 1890 – Rio, 1963). Filho de Sílvio Romero. Formou-se pela Universidade Gregoriana, de Roma, em 1913. Exerceu o magistério: em 1927 era catedrático de Filosofia do Colégio Pedro II. Também foi catedrático do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, e professor da Universidade do antigo Distrito Federal, de 1933 a 1935. Foi Diretor-Geral do Departamento Nacional de Educação, em 1951. Foi membro da Academia Carioca de Letras, da Academia Sergipana de Letras e da Academia de Filosofia do RJ.

Títulos honoríficos: Cavalheiro da Ordem da Coroa (Itália); Gran Cav. da Ordem de Isabel a Católica (Espanha); Oficial da Ordem Leopoldo II (Bélgica).

Principais obras: *Determinismo Psíquico e Livre Arbítrio; Direito e Legítima Defesa; Lógica do Verbo; A Filosofia no Curso Secundário; O Sexto Livro da “Eneida”; A Concordância e os Casos em Latim: Os Grandes Problemas do Espírito; O Latim no Ginásio; O Latim no Colégio, O Argumento Histórico e a Pronúncia do La-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tim; Silvio Romero (trechos escolhidos) “Nossos Clássicos”, AGIR.

Veja mais sobre [Nelson Romero](#) na Internet.

OLMAR GUTERRES DA SILVEIRA

SILVEIRA, Olmar Guterres da – (N. 10/06/1922, Niterói, RJ; f. 26/05/1999, Rio de Janeiro, RJ). Barachel em Ciências Jurídicas e Sociais, trilhou, a partir de sua graduação em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal, atual UERJ, em 1951, um longo percurso do magistério. Professor Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na qual ingressou com a defesa de *Orações Subordinadas sem Conectivo* e tornou-se Professor Catedrático com a tese *Prefixos e Não Prefixos Portugueses*, começou muito cedo a sua inclinação para a educação, simbolizada no título de Aluno-eminente do Colégio Pedro II, onde se efetivou como Professor Catedrático através de uma tese *Grammatica de Fernão D'Oliveira*. Por mais de cinquenta anos, atuou como diretor e como professor de português e latim não só em educandários particulares e na rede oficial do governo como também, no terceiro grau e na pós-graduação, em Mestrado e Doutorado de Língua Portuguesa e Latim, ministrando aulas, e muitas vezes presidindo bancas de Concurso Público, orientando e examinando candidatos ao Mestrado, ao Doutorado, à Livre-docente e à condição de Pro-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

fessor Catedrático. Frequentou múltiplos congressos e simpósios com atenção científica voltada para textos portugueses e latinos e sua base filológica e linguística. Expandiu seus estudos com palestras e conferências em Universidades do Brasil e onde era membro, como a Sociedade Brasileira de Romanistas, a Academia Brasileira de Filologia, Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro e o Círculo Linguístico do Rio de Janeiro, do qual é fundador. Marcou em seus numerosos artigos e traduções latinas os comentários filológicos e linguísticos, tratando de temas preocupados com o ensino do português e do latim. Toda essa contribuição foi reunida em *A Obra de Olmar Guterres da Silveira*, editada em 1996, pela Metáfora. Seu trabalho de pedagogo foi reconhecido pelo governo estadual e pelo Ministério da Educação através de distinções, prêmios e condecorações.

Olmar Guterres da Silveira, pelo seu empenho, conseguiria o título de Aluno-eminente do Colégio Pedro II em 1990. Barachel em Ciências Jurídicas e Sociais em 1946, mas seguindo a sua inclinação natural, o Professor Olmar Guterres formou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Distrito Federal – atual UERJ: Universidade do Estado do Rio de Janeiro – em 1952 e obtendo, de imediato, com a tese *Orações Subordinadas sem Conectivo*, a Livre-docência e Doutorado em Letras pela UERJ – onde conquistaria o posto mais alto

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

de magistério: Professor catedrático de Língua Portuguesa e lhe seria concedido em 1994 o título de Professor Emérito.

A sua atuação no magistério em Língua Latina e Portuguesa se fez presente não só em múltiplos educandários particulares e importantes no cenário nacional, como na rede oficial de ensino municipal e estadual, além de Professor Catedrático, com a tese *A Grammatica de Fernão D'Oliveira*, do Colégio Pedro II, que sempre fora apontado na história como ensino padrão do Brasil. No ensino superior, militou na graduação e pós-graduação, com numerosas orientações e bancas examinadoras de candidatos a Mestrado, Doutorado, Livre-docência à condição de Professor Catedrático.

Além de publicações e inéditos sem data, como o artigo *Nota sobre a classificação das vogais*, in Idioma, nº. 11 – Centro Filológico Clóvis Monteiro, do Departamento III, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; artigo *Onde fica a concordância?*, – in Estudos em Homenagem a Cândido Jucá (filho) – Editora Organizações Simões; “*Nomen*” no gramático *Virgílio Marão* – texto constituído de uma versão levemente revista de uma palestra proferida na IX Semana de Estudos Clássicos, realizada na Faculdade de Letras da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro e *Carta de Plínio, o Moço*, tradução e comentários semânticoestilísticos, o Professor Olmar Guterres da Silveira, nascido em Niterói – RJ, aos 19 de junho de 1922 e falecido aos 26 de maio de 1999

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

no Rio de Janeiro – RJ, contribuiu com os seguintes artigos: em 1965: *Análise de alguns regressivos* – in *Misclânea Filológica* em homenagem a Clóvis Monteiro, Rio, Editora do Professor; em 1967: *O ensino universitário da língua portuguesa*, do relatório apresentado no 1º. Simpósio de Língua e Literatura Portuguesa, realizado na Universidade do Estado da Guanabara – publicação: Rio de Janeiro: Edições Gernasa; em 1968: *Fundamentos da análise morfológica*, do evento referido antes e publicado na mesma editora; – in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; – ibidem; em 1969: – in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; em 1968: *Norma Gramatical Brasileira*, do relatório do 2º. Simpósio de Língua e Literatura, Universidade do Estado da Guanabara, realizado em janeiro de 1968 – publicação: Edições Gernasa; – in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; em 1970: *Morfologia e estruturalismo* – de uma comunicação – in 1º. Congresso de Língua e Literatura, no Auditório do Instituto de Educação do Estado da Guanabara; publicação: Edições Gernasa; in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; em 1971: in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; *A Filologia no Brasil* – in 2º. Congresso de Língua e Literatura, no Auditório do Instituto de Educação do Estado da Guanabara, realizado em julho de 1970 – Rio de Janeiro: Edições Gernasa, – in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro, – ibidem; *Evolução do Ensino de Língua Portuguesa* – in 3º. Congresso de Língua e Literatura, no Auditório do Instituto de Educação do Estado da Guanabara, realizado em julho de 1971 –

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Rio de Janeiro: Edições Gernasa; em 1973: – *in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro*; em 1974: – *in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro*; em 1975: *Padrões frasais do Português* – *in 6º Congresso de Língua e Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro*, realizado em julho de 1975. Rio de Janeiro: Novacultura Editora, *Os fonemas em Português*, *in 7º Congresso de Língua e Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro*, realizado em julho de 1975 – Rio de Janeiro: Novacultura Editora; em 1978: *Panorama atual do ensino do Português no Brasil*, *in 9º Congresso de Língua e Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro*, realizado em julho de 1977 – Rio de Janeiro: Salamandra Editora; em 1980: *Aveço* – *in Miscelânea em honra de Rocha Lima* – Rio de Janeiro: Oficinas Gráficas do Colégio Pedro II; em 1981: *Clóvis Monteiro* – *in Idioma*, nº. 1, publicação do Centro Filológico Clóvis Monteiro, Do Departamento III, Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro; em 1982: *Antenor Nascentes* – *in Idioma*, nº. 3, publicação do Centro Filológico Clóvis Monteiro e publicado anteriormente no Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro; em 1983: *Do meu caderno de notas* – *in Idiomas*, nº. 6, publicação do Centro Filológico – *in Miscelânea Filológica* em homenagem a Clóvis Monteiro, Rio, Editora do Professor – *in Boletim do Colégio Estadual Bento Ribeiro*, *O velho Fernão d'Oliveyra, Um velho sempre novo professor* – em 1968, *A morte de um gigante, Análise de um texto latino* (Catulo) – em 1969, *Jesuítas e educação* – em 1970, *Acordo ortográfico, A escola huma-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

nizada, A Fábula – em 1971, Sexagenário – em 1973, Crônica de livros – em 1974.

Veja mais sobre [Olmar Guterres da Silveira](#) na Internet.

ORLANDO DA FONSECA PIRES

ORLANDO DA FONSECA PIRES foi o segundo ocupante da cadeira número 18. Nasceu o eminente filólogo em 10 de agosto de 1922 em São Luís do Maranhão. Como se sabe, o clima histórico e cultural dessa cidade propicia uma vocação natural para o estudo de humanidades.

Em primeiro lugar, salientamos sua formação militar: Escola Preparatória de Cadetes de Fortaleza, Academia Militar das Agulhas Negras, Escola Superior de Guerra. Isto não o afastou das atividades literárias, a exemplo de outros militares, também escritores, como o Visconde de Taunay, Euclides da Cunha, Manuel Cavalcanti Proença.

Foi professor do Colégio Militar do Rio de Janeiro e desempenhou importantes funções nas áreas da educação e da cultura – Chefe de Gabinete do Secretário Fernando Barata, Membro do Conselho Estadual de Cultural, Diretor do Departamento do Ensino Médio.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Livre Docente pela UERJ, lecionou, principalmente, Teoria da Literatura nessa universidade, e Literatura Portuguesa na Faculdade de Humanidades Pedro II.

Em Lisboa teve a oportunidade de frequentar diversos cursos de extensão universitária, destacando-se Teoria da Literatura, Literatura Portuguesa nas fases medieval e moderna, estudos camonianos, linguística românica e moderna, cultura portuguesa.

Medalha do Mérito Timbira – Governo do Estado do Maranhão / Medalha Sousândrade, do Mérito Universitário – Universidade Federal do Estado do Maranhão / Medalha Roquete Pinto – Departamento de Cultura, do Estado da Guanabara / Medalha Oskar Nobiling – Sociedade Brasileira de Língua e Literatura / Medalha Marechal Trompowsky – Instituto dos Docentes, do Magistério Militar / Medalha Marechal Hermes – Aplicação e Estudo – 1º lugar no concurso para professor do Magistério Militar / Ordem do Mérito Militar / Medalha do Pacificador / Agraciado com o título de Cidadão Carioca, pela Assembleia Legislativa do Estado da Guanabara.

HOMENAGEM PÓSTUMA

Foi realizada, em 05.11.1994, na Academia Brasileira de Filologia, na Faculdade da Cidade, sítio na Avenida Epitácio Pessoa, 1664, Lagoa, às 16h, uma sessão especial para reverenciar a me-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

mória do acadêmico Orlando da Fonseca Pires. O orador foi o acadêmico Jairo Dias de Carvalho. Compareceram vinte e uma pessoas, entre convidados e acadêmicos.

Veja mais sobre [Orlando da Fonseca Pires](#) na Internet.

OSWALDO FERREIRA SERPA

Oswaldo Ferreira Serpa, um dos fundadores da Academia Brasileira de Filologia, nasceu em 1895 e veio a falecer em 1978, ocupando a Cadeira número 31, cujo patrono é o professor Carlos Porto Carreiro.

Um dos mais representativos nomes do ensino do inglês no Brasil, o professor e Acadêmico Oswaldo Serpa ligou sua vida ao magistério da língua de Shakespeare e Edgar Allan Poe. Foi professor de inglês do Colégio Pedro II, Professor Titular de Língua Inglesa do Instituto de Educação do Rio de Janeiro e catedrático de Fonética Inglesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, posteriormente integrante da atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ.

Sua inestimável contribuição aos estudos da língua inglesa pode ser aquilatada pela sua extensa produção bibliográfica, da qual destacamos as seguintes obras: *Modern english gramar*, saindo a lume pela Francisco Alves em 1937; *Elementos de gramática inglesa*, com uma edição por nós conhecida de 1945; *Dicionário es-*

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

colar inglês-português / português-inglês, com a primeira edição em 1956; *Gramática da língua inglesa*, publicada em 1957 pela Companhia Nacional de Material de Ensino; *Idiomatismos da Língua Inglêsa ao Alcance de Todos*, obra de 1971; *Dicionário de expressões idiomáticas inglês-português*, de 1972 e publicado pela FENAME.

Em conjunto com Machado Silva publicou, dentre outros, os títulos *Intensive english*, em 1955, pela Francisco Alves; *Elementary english*, em 1958 e *Advanced english*, publicado em 1962 pela mesma Francisco Alves.

No tocante ao Inglês Comercial podemos arrolar como mais significativos trabalhos os livros *Antologia Inglêsa 4ª Série do Ensino Comercial – Curso Básico, de 1947; Inglês para 1º e 2º Ano dos Cursos Comerciais Técnicos, Inglês Comercial*, com uma edição de 1971 pela Companhia Editora Nacional.

Chegou a publicar um *English For Children - Cartilha First Book, em 1944, pela Francisco Alves*, obra voltada diretamente ao público infantil.

Com essa simples listagem não se pode fazer jus a importância do labor de Oswaldo Serpa para os estudos de inglês no Brasil. Importa, pois, saber, que gerações de estudantes, hoje docentes, tiveram nas publicações do mestre do Colégio Pedro II a base e o es-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

tímulo necessários para chegarem à docência daquele idioma. Eis o que verdadeiramente significa o legado de Oswaldo Serpa.

CADEIRA N° 24.

Veja mais sobre [Oswaldo Ferreira Serpa](#) na Internet.

OTHELO DE SOUSA REIS

REIS, Othelo de Sousa. Formou-se Bacharel em Ciências e Letras e em Ciências Jurídicas. Foi Professor substituto da cadeira de Geografia Geral, Corografia do Brasil e Elementos de Cosmografia do Colégio Pedro II, de 14/8/1918 até 31/7/1919. Prestou concurso e posse em 1º/8/1919. Docente efetivo de Geografia na Escola Normal do D. Federal. Lecionou Grego como catedrático interino do Internato do Colégio Pedro II. Professor da Escola de Aperfeiçoamento e funcionário da Diretoria Geral de InSTRUÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL. Exerceu o magistério em vários estabelecimentos particulares de ensino.

Obras publicadas: Livro de Previdência; *Manual de Geografia* (curso médio e complementar); *Noções de História do Brasil*; *Quadros murais para o ensino da leitura*; *Nova cartilha infantil*; *Manual de Geografia Elementar e Noções de Fisiografia*; *Evolução das Formas Litorais* (tese de concurso); *Seiscentas expressões fracionárias*; *A leitura oral*; *Álgebra – primeiros passos*; *Breviário da conjugação dos verbos*; *Europa, Ásia, África, Oceania e América de hoje*; *Corografia do Distrito Federal*; *Guia para al-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

gumas dificuldades de análise léxica; Longitude e tempo; Mapas mudos: do Brasil e seus Estados, Europa, América do Sul, Planisférios.

Colaborador: do *Dicionário Geográfico, Histórico e Etnográfico do Brasil*, publicado pelo Instituto Histórico, em 1922; do *Calendário Atlas*; da revista *O Estado*; dos diários: *A União* e *A Pátria*; da *Revista Social* e da revista pedagógica *Escola Primária*.

Instituições Culturais: membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e da National Geographia Society de Washington.

Veja mais sobre [Otelo de Souza Reis](#) na Internet.

OTHON MOACYR GARCIA

O filólogo e crítico literário Othon Moacyr Garcia nasceu em Mendes, Estado do Rio de Janeiro, no dia 19 de junho de 1912; e faleceu no dia 1º de junho de 2002. Formou-se em Direito pela Universidade do Brasil, em 1937; e Letras Clássicas pela antiga Universidade do Distrito Federal, em 1938. Nos Estados Unidos da América, realizou curso de pós-graduação em Literatura e Educação pela Universidade da Flórida. Foi professor do Colégio Pedro II e do Instituto de Educação do Rio de Janeiro, dois estabelecimentos de ensino de extraordinária importância para a própria história da educação no Brasil. Pertenceu à Sociedade Brasileira de Romanistas, à Sociedade Brasileira de Línguas e Literatura e à Academia Brasileira de Filologia, nesta última tendo ocupado a Cadeira nº 21, que tem como patrono Silva Ramos, o famoso autor de *Pela vida fora*, e como primeiro ocupante o nome de Sousa da Silveira, de gloriosa memória filológica.

No que se refere à obra de Othon Moacyr Garcia, todos sabem que ele foi grande renovador dos estudos estilísticos e da crítica literária brasileira, tendo recebido o Prêmio Sílvio Romero,

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

de Crítica Literária, da Academia Brasileira de Letras, em 1963, e a Medalha Oskar Nobiling, da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura, em 1976. A sua obra de autêntico precursor de novos caminhos em estilística e crítica literária abrange: *Esfinge clara*, ensaio, 1955; *Luz e fogo no lirismo de Gonçalves Dias*, ensaio, 1956; *A janela e a paisagem na obra de Augusto Meyer*, ensaio, 1958; *A página branca e o deserto, luta pela expressão em João Cabral de Melo Neto*, ensaio, 1958/59; *Cobra Norato, o poema e o mito*, ensaio, 1962; *Comunicação em prosa moderna*, ensaio, 1967; e *Exercícios de numerologia poética*, ensaio, 1978. Deixou vários artigos dispersos em vários periódicos, que bem podiam ser reunidos em livro por algum editor inteligente. Fez várias traduções e participou da elaboração do *Dicionário Koogan-Larousse*, em 1977.

Em síntese, o valor de suas aulas como professor é hoje atestado por numerosos ex-alunos de grande representação em nosso magistério superior. E a sua posição de precursor da nova crítica no Brasil, como procuramos indicar no livro *Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil* (1965), caracteriza-se pela renovação de nossos estudos estilísticos, na linha da escola estilística espanhola, com Damaso Alonso, Amado Alonso e Carlos Bousoño, e pelas ideias que, após o curso de pós-graduação realizado na Universidade da Flórida (USA), trouxe para a crítica literária brasileira. Na época, nossa crítica estava dominada pelo impressio-

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

nismo, como mais tarde acentuaria Afrânio Coutinho, que entre nós sistematizou o *new criticism* anglo-americano, após retornar dos Estados Unidos da América, deixando assim o terreno preparado para o aparecimento posterior do primeiro grande crítico da nova crítica brasileira, que foi Eduardo Portella, no dizer de mestre Alceu Amoroso Lima. De tudo isso, será fácil concluir que não há qualquer divisão em compartimentos estataques entre a crítica filológica e a crítica literária, pois ambas são necessariamente complementares. Como exemplo, citemos *Cobra Norato*, de Raul Bopp, livro atualizado por Othon Moacyr Garcia, em plano verdadeiramente universitário. No caso, foi estudado o poema, o mito, a geografia sem-fins, as árvores grávidas e a paisagem sonolenta, com a seguinte conclusão: “O mito da Cobra Norato, mito etiológico e sincrético de origem amazônica, na sua feição de símbolo de fecundação, de símbolo de poder criador ou gerador, de símbolo de nascimento ou de maternidade, ideias que lhe são implícitas ou que dele decorrem pelos seus acidentes – digamos, ecológicos, como águas e árvores e toda a paisagem de um modo geral – oferecia ao poeta um conjunto de ideias – temas ricos pelo conteúdo poético, férteis em sugestões e adequadíssimas à veiculação das ideias – tese do movimento modernista”. Como se vê, a valoração literária do poema, com ampla visão filológica e com perfeita análise estilística, não é de ordem meramente impressionista, pois repousa em segura análise filológico-literária.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

Veja mais sobre [Othon Moacyr Garcia](#) na Internet.

PACHECO DA SILVA JÚNIOR

Manuel Pacheco da Silva Júnior, de nome completo Manuel Pacheco da Silva Júnior, nasceu no Rio de Janeiro, aos 15 de abril de 1842, e faleceu nesta mesma cidade, aos 27 de fevereiro de 1899; é filho de Pacheco da Silva, médico do Imperador Pedro II e reitor do então Imperial Colégio de Pedro II. Bacharel em belas-letras, foi oficial da secretaria do antigo Ministério de Estrangeiros. Desde cedo dedicou-se ao magistério: lecionou inglês no liceu de Artes e Ofícios e, por concurso, alçou o cargo de professor de Português e História Literária do Imperial Colégio de Pedro II. Estava a par da melhor bibliografia estrangeira corrente na época sobre Linguística e História Literária. Apontado com justiça como o iniciador da moderna orientação dos estudos de linguagem no Brasil, é, talvez, ao lado de Manuel de Mello e Aureliano Pimentel, o mais completo exemplo de Filólogo de seu tempo. Aplicou-se a quase todos os domínios dos estudos gramaticais, chegando a preparar um livro de semântica, ideado antes da obra de Michel Bréal (Paris, 1897), mas que só saiu postumamente, em 1903, com o título *Noções de semântica*.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

De temperamento inquieto, que o levou a travar azedas polêmicas, como a que manteve com João Ribeiro, recolhida por este no livro *Estudos filológicos* (nova edição, 1902). Neste particular, é válido o comentário da Redação da *Revista Filológica* (ano II, n.º 3, fevereiro de 1941): “(...) não se em enumerando o farto desperdício do generoso talento que poderia ter aproveitado na construção de obra muito mais valiosa, senão extraordinária”.

Obras: estudos de língua vernácula: *Fonologia* (1878); *Gramática Histórica da língua portuguesa* (1878); *Noções de gramática portuguesa* (1887; chegou à 4^a edição), em parceria com Lameira de Andrade; *Noções de análise fonética, etimológica e sintáctica* (1888), em parceria com José Ventura Bóscoli; *Prontuário do escritor português* (1887); *Dicionário gramatical*, de João Ribeiro (“2^a edição aumentada pelo distinto filólogo M. Pacheco da Silva Júnior”, 1887); Graeser, *Novo método prático e fácil de F. Ahn*, modificado e adaptado à língua portuguesa por P. Júnior (Rio de Janeiro, 1873); *Noções de semântica* (1903). Deixou inacabado um *Dicionário etimológico*, que parece ter-se perdido. Vários artigos seus acham-se estampados em revistas e jornais.

Fontes de referência: Sacramento Blake, *Dicionário bibliográfico brasileiro* (6.º vol., 1900; nova edição 1970); Laudelino Freire, *Clássicos brasileiros* (com retrato; 1923); Rui Almeida, *Revista filológica* (ano II, n.º 3, fevereiro de 1941); Evanildo Bechara, “Manuel Pacheco da Silva Júnior e sua contribuição para os

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

estudos filológicos no Brasil” (in: *Littera*, n.º 15, ano VI, 1976, 72-77).

Anexo:

Professor José Pereira da Silva, via postal, enviarei ao seu endereço, amanhã, fotocópia do registro de óbito do professor Manuel Pacheco da Silva Júnior, ocorrido em 27 de fevereiro de 1900, e que obtive na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

Quanto ao relatório que lhe citei, está ele publicado no jornal O Fluminense (que está microfilmado na Biblioteca Nacional sob o número PRC SPR 38), edições de 07/07 a 09/08/1896. Sobre a parte de educação, está nas edições de 15 e 16/07/1896, em que não só relata suas propostas e diz o que fez, como conclui com uma crítica severa aos legisladores: A Villa de São Gonçalo faz lembrar o célebre e chistoso dito de Erasmo: "Não há burro que se julgue infeliz por não saber gramática".

Na edição de 07/07 de O Fluminense, o tesoureiro da Câmara, José da Costa Correia, faz sérias acusações de irregularidades a Pacheco Júnior e, na edição de 10/07, ele as responde. Destaco: foi acusado de superfaturar preços dos livros comprados para a biblioteca municipal por ele criada, e Pa-

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

**checo responde que seus editores fizeram várias doações de
graça, além, é claro, de negar o superfaturamento.**

**O anúncio fúnebre da morte de Pacheco Júnior está no
Jornal do Brasil de 28/02/1900, p. 4; e a notícia da missa está
na Cidade do Rio, de 05/03, p. 3; e no *Jornal do Commercio*, de
05-03, p. 6, e 06/03, p. 2.**

Bom dia para o senhor e sua família,

Jorge Cesar Pereira Nunes

(jorgecpn6@hotmail.com)

Veja mais sobre [Pacheco da Silva Júnior](#) na Internet.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

VIEIRA, Pe. Antônio (* 06/02/1608, Lisboa; + 18/07/1697, Salvador, BA.) Filho de Cristóvão Vieira Ravasco e Maria de Azevedo, com seis anos veio com os pais para Salvador onde, no Colégio dos Jesuítas, fez todos os seus estudos. Em 1623 iniciou o noviciado na Companhia de Jesus, dedicando-se à tarefa de doutrinação de povo indígena nos arredores de Salvador. Em 1627 regreu em Pernambuco, no Colégio de Olinda, a cátedra de Retórica, tendo sido encarregado de redigir a *Carta Anua*, relativa a 1624 e 1625, enviada ao Geral da Companhia de Jesus, em razão de seu exímio conhecimento de latim. Foi ordenado em 1635, mas desde 1633 vinha pregando na Bahia os seus primeiros sermões, um dos quais perante uma Irmandade de Pretos de Engenho, tendo-se revelado um defensor de ideias abolicionistas, pelas suas considerações a respeito do sofrimento dos escravos e desumanidade dos senhores (*Sermão XIV*, da Série *Maria, Rasa Mística*). Em 1640, por ocasião da campanha de resistência contra a invasão holandesa, pregou um dos sermões mais veementes que produziu, o *Ser-*

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

mão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as da Holanda.

Em 1641, com trinta e três anos, Vieira retornou a Portugal, onde foi recebido por D. João IV e junto ao qual passou a exercer ação política de grande influência. A partir de 1642 impôs-se como o maior orador da Corte, impressionando a todos pela clareza na exposição do pensamento e pela escolha dos temas que abordava, fossem políticos ou religiosos. Preocupado com o empobrecimento do reino, após o difícil período da Restauração, chegou a sugerir ao rei medidas a favor da reintegração dos judeus: abolição do confisco dos bens e a liberdade de culto. No plano econômico, propôs a criação de duas companhias de comércio, uma Ocidental e outra Oriental, para concorrer com o poderio holandês nos mares. Era assim uma personalidade de grande importância no reino, pois além das qualidades de orador, participava da cúpula que, junto ao rei, tomava as decisões balizadoras do destino de Portugal. Sua voz nunca se calou diante das injustiças, da opressão e da corrupção, tendo proferido o *Sermão do bom ladrão* no púlpito da Igreja da Misericórdia, diante do rei e dos maiores dignitários do reino, e fazendo de sua pregação um respiradouro da opinião pública, num tempo em que não havia imprensa ou tribuna política. A partir de 1646 passou a atuar como embaixador de Portugal, tendo participado de importantes missões diplomáticas na Holanda, na França e em Roma.

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Em 1653, voltou ao Brasil para trabalhar em atividades missionárias no Maranhão, Amazonas, Pará e Ceará, destacando-se na defesa da liberdade dos índios, vítimas da escravidão que lhes era imposta pelos colonizadores. Numa missão na ilha de Marajó, conseguiu pacificar os índios nheengaíbas, garantindo aos portugueses a posse do norte do Brasil. Nestas ações missionárias sacrificou a saúde e pôs em risco a própria vida, na medida em que teve de enfrentar forte oposição dos colonos, interessados na escravização dos índios. É dessa época o *Sermão da Sexagésima* e o *Sermão de Santo Antônio*, dois dos mais famosos que proferiu, e ainda as duas obras de profecia que escreveu: *História do Futuro* e *Clavis Prophetarum*.

Em 1661, retorna a Portugal, expulso pelos colonos maranhenses. Dois anos mais tarde, fragilizado politicamente em virtude da morte de D. João IV, seu amigo e protetor, foi processado pelo Tribunal do Santo Ofício, em Coimbra, por crime de heresia profetista (defesa do culto do sebastianismo), tendo ficado preso, incomunicável, durante mais de dois anos. Em 1668 foi perdoado, alcançou a liberdade e pôde viver uma fase de intenso prestígio. Em Roma, para onde se deslocou em 1669, a fama de seus sermões, o carisma de incansável defensor da liberdade dos índios, bem como o reconhecimento pelo fato de ser considerado um grande confessor, permitiram-lhe compensações para todos os revéses que sofrera até então. De volta a Portugal, em 1675, iniciou

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

a edição de seus *Sermões*, obra que, depois de completa, chegou a dezesseis volumes. Em 1681, veio definitivamente para Salvador, onde faleceu, em 1697, aos 89 anos de idade.

Vieira não foi apenas um dos mestres da língua, um dos maiores oradores e epistológras da literatura portuguesa e brasileira; foi, sobretudo, uma das grandes personalidades da cultura do século XVII, em razão de sua atuação nos grandes acontecimentos políticos, sociais e religiosos de sua época, além da inteligência e profundidade com que, como escritor, discutiu esses problemas. Na verdade, não é possível compreender o século XVII, na Europa e no Brasil, sem a leitura da obra de Vieira. Não há dúvida de que coube a Antônio Vieira definir a língua portuguesa clássica no plano da expressão da prosa.

BIBLIOGRAFIA

Sermoens, Oficina de Joan da Costa, Lisboa, 1679; *História do Futuro*, Oficina de Antônio Pedroso Galram, Lisboa, 1718; *Cartas Seletas*, J. J. Roquette & J. P. Aillaud, Paris, 1838; *Obras do Pe. Antônio Vieira*, J. M. C. Seabra & T. Q. Antunes, Lisboa, 1854 – 1858 (25 vols.); *Cartas*, edição ilustrada para Portugal e Brasil, Empresa Literária Fluminense, Rio de Janeiro, 1885 (2 vols.); *Sermões*, Livraria Chardron, Lisboa, 1907 (15 vols.); *Cartas*, coordenadas e anotadas por J. Lúcio de Azevedo, Imprensa da

DICIONÁRIO BIOBIBLIOGRÁFICO

Universidade, Coimbra, 1925 (3 vols.); *Sermões*, reprodução facsimilada da edição de 1679, Editora Anchieta, São Paulo, 1944 – 1945 (16 vols.); *Obras escolhidas do Pe. Antônio Vieira: Cartas, Obras várias e Sermões*, edição coordenada por Antônio Sérgio e Hernâni Cidade, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1951 (10 vols.); *Defesa Perante o Tribunal do Santo Ofício*, coordenada por Hernâni Cidade, Universidade da Bahia, 1957 (2 vols.); *Sermões*, edição preparada por F. O. Pessoa de Barros, Pe. A. Charbel e Luiz Felipe Baêta Neves, Edeibra, Erechim, BR, 1998 (12 vols.); *Padre Antônio Vieira: Sermões*, volume organizado por Alcir Pécora, São Paulo, Hedra, 2000; *Padre Antônio Vieira Clavis Ptophetarum*, Livro III, edição crítica, fixação de texto, tradução e glossário de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000; *Antônio Vieira: História do Futuro* (Livro Anteprimeiro), edição crítica, prefaciada e anotada por J. van der Besselaar, 2 vols., Münster, Aschendorffsche Verlagsbuchhandlung, 1972; *Editio minor: Livro Anteprimeiro da História do Futuro*, edição crítica, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.

REFERÊNCIAS

AMORA, Antônio Soares. *Vieira: Introdução, Seleção e Notas*, Editora Assunção, São Paulo, 1946.

DA ACADEMIA BRASILEIRA DE FILOLOGIA

AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antônio Vieira*, Livraria Clássica, Lisboa, 1921, 1^a edição, e 1931, 2^a edição (2 vols.).

BESSELAAR, J. van der. *Antônio Vieira*, Catálogo do Acervo da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura / Biblioteca Nacional / Eduerj, 1999.

_____. *Antônio Vieira: o homem, a obra, as ideias*, Biblioteca Breve (vol. 58), Lisboa, Instituto de Cultura e Língua Portuguesas, 1981.

CANTEL, Raymond. *Les Sermons de Vieira – Études sur son Estyle*, Ediciones Hispano-Americanas, Paris, 1959.

_____. *Prophetisme et Messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira*, Paris, 1960.

CAREL, Ernest. *Vieira, as Vie et sés Oeuvres*, Gaume e Cie, Paris, 1879.

CIDADE, Hernâni. *Padre Antônio Vieira*, Divisão de Publicações e Biblioteca Agência Geral das Colônias, Lisboa, 1940 (4 vols.).

LINS, Ivan. *Aspectos do Pe. Antônio Vieira*, Livraria São José, Rio de Janeiro, 1956.

_____. *Para conhecer melhor Antônio Vieira*, Edições Bloch, Rio de Janeiro, 1974.

Veja mais sobre [Padre Antônio Vieira](#) na Internet.